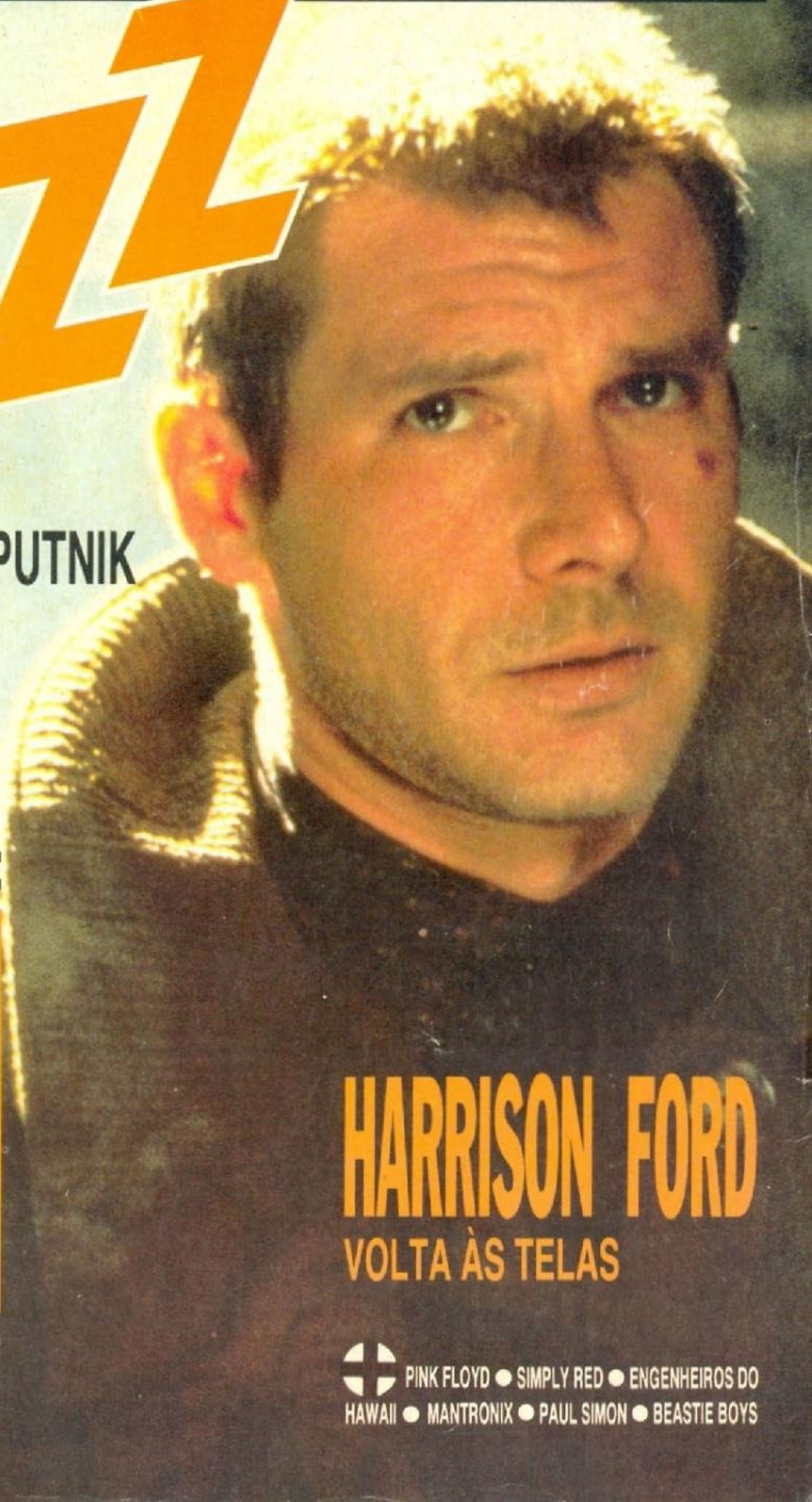
ENTREVISTAS: RENATO RUSSO, ULTRAJE A RIGOR, A-HA, RAMONES

EDITORA AZUL
N.º 21
Abril 1987
Cz$ 40,00

BIZZ



SIGUE SIGUE SPUTNIK
A HISTÓRIA COMPLETA

ÁFRICA
UM SAFÁRI MUSICAL

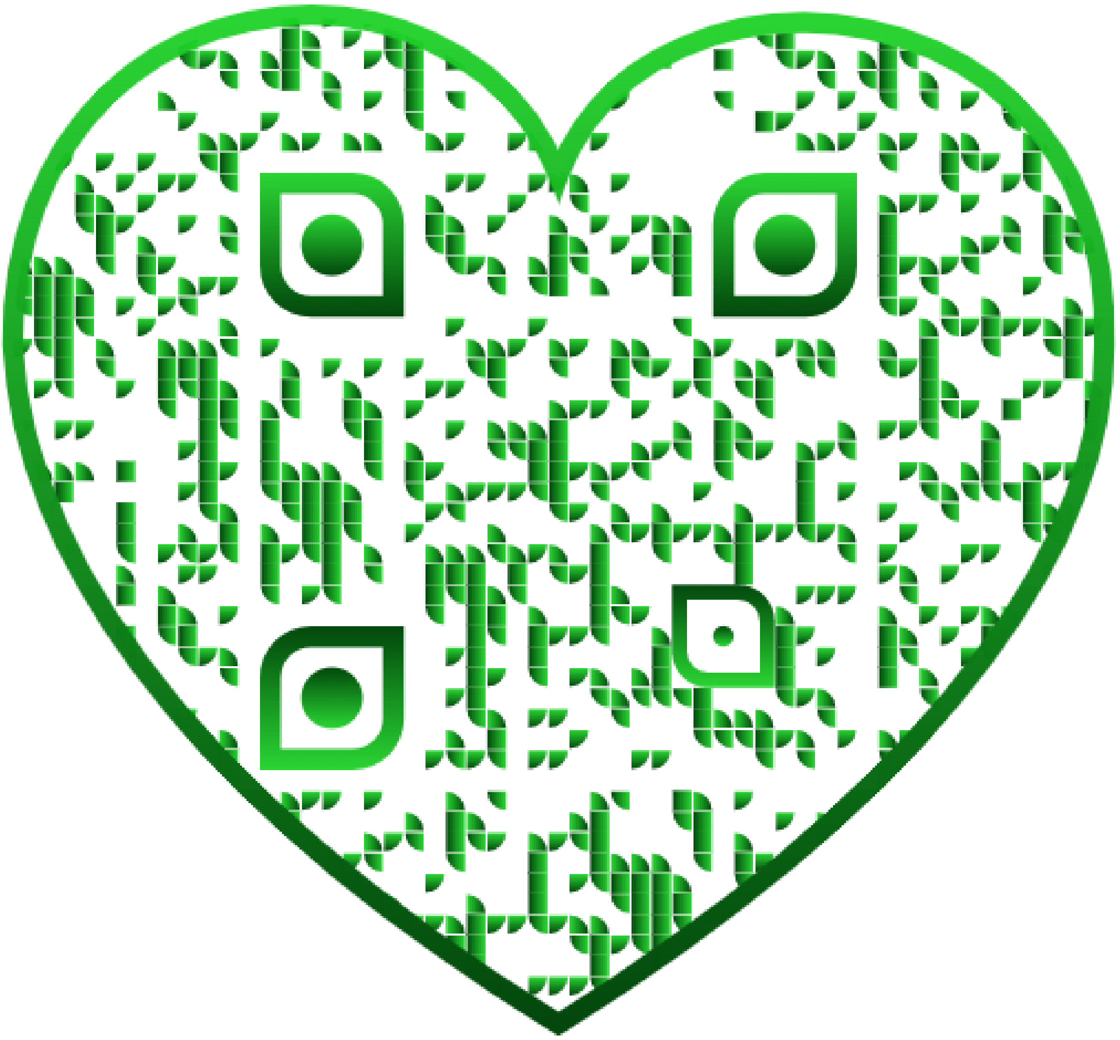
EDIÇÃO DUPLA:

TUDO SOBRE A TURNÊ DO
C U R E

HARRISON FORD
VOLTA ÀS TELAS

+ PINK FLOYD ● SIMPLY RED ● ENGENHEIROS DO HAWAII ● MANTRONIX ● PAUL SIMON ● BEASTIE BOYS

Altamira, Boa Vista, Macapá, Manaus, Rio Branco, Santarém (via aérea) Cz$ 52,00 - 5561



QUEEN LIVE
VOCÊ NÃO VAI PERDER ESTE SHOW!
AIR HANSON
QUEEN
G-OHTL
A kind of Magic
QUEEN
chegou!
NOVO LP e K-7
QUEEN LIVE MAGIC
GRAVADO AO VIVO
EMI
ONE VISION • A KIND OF MAGIC • ANOTHER ONE BITES THE DUST • I WANT TO BREAK FREE
• RADIO GA-GA • WE WILL ROCK YOU • WE ARE THE CHAMPIONS E MUITOS OUTROS SUCESSOS

BIZZ

Foto Irmo Celso · Abril

Um nigeriano e seu talking drum*. Todos os tambores da África estão na página 52*

Suspirai, legião feminina! Ele está aqui: o intrépido arqueólogo Indiana Jones, o incansável detetive John Book, o *blade runner* Rick Deckard. Todos num só, concentrados numa das mais brilhantes e prolíficas carreiras em cinema dos últimos anos, a de **Harrison Ford.** O repórter **Donald Ranvaud,** da revista francesa **Starfix,** capturou nosso herói às vésperas do lançamento de **Mosquito Coast** e extraiu dele revelações inéditas e reflexões profundas sobre o trabalho do ator.

Também lá de fora **Max Bell** mandou uma entrevista com os garotos do **A-ha,** o furacão norueguês que está superando o bacalhau na lista de exportações de seu país. Pelo julgamento de seus fãs, são um tanto mais apetitosos, e menos salgados.

Hermano Júnior voltou suas superligadas antenas para a **África** e o **Caribe** e saiu-se com uma das análises mais completas e iluminadoras da influência dos ritmos negros sobre o pop internacional. É simplesmente uma pequena gema de jornalismo. Não perca.

Enquanto isso, **Sônia Maia** presenciou o novo despertar do **Ultraje a Rigor,** imóvel desde o megassucesso do álbum **Nós Vamos Invadir Sua Praia.** Continuará a tropa de Roger totalmente ultrajante? Corra à página 40 e descubra o que ela constatou.

No Rio Grande do Sul nosso **Marcel Plasse** investigou seus conterrâneos **Engenheiros do Hawaii.**

Mas o tento maior foi perpetrado por **Bia Abramo,** que conseguiu arrancar três horas de conversação com o vocalista-compositor da banda eleita a melhor do ano pela crítica e pelos leitores de BIZZ, **Renato Russo,** da **Legião Urbana.** Sem dúvida, não foi tempo perdido...

Também nessa edição, **Arthur G. Couto Duarte** conta sobre a trajetória do **Simply Red,** entrando em seu segundo álbum.

Thomas Pappon tenta descobrir a razão do sucesso dos maluquetes do **Sigue Sigue Sputnik** e **Jean-Yves de Neufville** papeia com **Joey Ramone.**

E no **FlashBizz,** com exclusividade, a última foto de **John Lennon.**

José Emílio Rondeau

ESTE MÊS

28 **RENATO RUSSO**
O que vai pela cabeça do letrista da Legião Urbana > *Bia Abramo*

36 **SIGUE SIGUE SPUTNIK**
Os truques da quinta geração do rock > *Thomas Pappon*

40 **ULTRAJE A RIGOR**
Inúteis ou não, eles voltaram à cena > *Sônia Maia*

44 **RAMONES**
Uma conversa com o velho guerreiro Joey > *Jean-Yves de Neufville*

46 **ENGENHEIROS DO HAWAII**
Perto do sucesso > *Marcel Plasse*

48 **SIMPLY RED**
A raposa de alma negra > *Arthur G. Couto Duarte*

52 **TUDO SOBRE A ÁFRICA**
O dossiê completo sobre o som negro > *Hermano Vianna*

60 **A-HA**
O bem-comportado Morten Harket, numa entrevista exclusiva > *Max Bell*

TODO MÊS

6 **SHOWBIZZ**
Notas, notícias e boatos

12 **PARADA**
Estados Unidos, Grã-Bretanha e Parada do Leitor

16 **LANÇAMENTOS**
Discos quentinhos da boca do forno

24 **VÍDEO**
Uma garimpada no acervo das locadoras

64 **AO VIVO**
Mantronix, Paul Simon, Stevie Ray Vaughan, Rota 87

72 **CINEMA**
Entrevista exclusiva com *Harrison Ford, A Cor do Dinheiro, Os Filhos do Silêncio* e *Platoon*

84 **CLIP**
"The Boy in the Bubble", *Paul Simon*

86 **PORÃO**
Beastie Boys, Dents Kents e *Harry*

90 **LETRAS**
"Sambadrome", *Big Audio Dynamite*

92 **MEU INSTRUMENTO**
Marçalzinho

94 **DISCOTECA BÁSICA**
As obras-primas. Nesta edição, *Dark Side of the Moon,* de Pink Floyd

96 **CARTAS E SERVIÇOS**

98 **FLASHBIZZ**

Foto de capa: Weber Sipa-Press Foto de capa do Suplemento Especial: Tom Sheehan LFI Foto Flashbizz: Annie Leibovitz

Bruce Brasil

Pela primeira vez nos últimos dez anos, um LP chegou ao primeiro lugar nos Estados Unidos na primeira semana de lançamento. Trata-se da nova caixa de cinco LPs gravados ao vivo por Bruce Springsteen. Enfrentando neve e frio intenso, multidões se aglomeraram diante das lojas desde as 5 horas da manhã em todas as grandes cidades americanas, no dia em que saiu o estojo que traz a retrospectiva das gravações ao vivo de Bruce feitas entre 1975 - 1985. Toda a primeira prensagem feita pela CBS foi esgotada nas primeiras horas da manha, numa venda que hoje atinge 3,5 milhões de caixas, totalizando 17,5 milhões de LPs. Segundo a imprensa americana, este fenômeno nunca ocorreu na história da música popular, nem mesmo com os lançamentos de Michael Jackson, Beatles ou Elvis Presley.

UM MEGA-SUCESSO AGORA EM TODAS AS LOJAS DO BRASIL.

CAIXA COM 5 LPs
Gravações ao vivo de shows realizados entre 1975/1985

DISCO 1
Lado A
Thunder road
Adam raised a cain
Spirit in the night
4th of July, Asbury Park
Lado B
Paradise by the "C"
Fire
Growin' up
It's hard to be a saint in the city

DISCO 2
Lado A
Backstreets
Rosalita (come out tonight)
Raise your hand
Lado B
Hungry heart
Two hearts
Cadillac ranch
You can look
(but you better not touch)
Independence day

DISCO 3
Lado A
Badlands
Because the night
Candy's room
Darkness on the edge of town
Racing in the street
Lado B
This land is your land
Nebraska
Johnny 99
Reason to believe

DISCO 4
Lado A
Born in the U.S.A.
Seeds
The river
Lado B
War
Darlington county
Working on the highway
The promised land

DISCO 5
Lado A
Cover me
I'm on fire
Bobby Jean
My hometown
Lado B
Born to run
No surrender
Tenth Avenue freeze-out
Jersey girl

CBS

EXTRA!
LIVRETO DE 36 PÁGINAS
A CORES COM TODAS AS LETRAS DA
MÚSICAS E FOTOS DOS SHOWS

VERA EM BERLIM

Foto Luciana de Francesco/ Tatu

Sandra e Lou, das Mercenárias, no filme que domou o urso

O filme brasileiro *Vera*, de **Sérgio Toledo,** se deu bem no Festival Internacional de Cinema de Berlim. A fita agradou muito à crítica presente e fez com que a protagonista **Ana Beatriz Nogueira,** de apenas vinte anos, faturasse o Urso de Prata pela sua interpretação.

Vera, que está para entrar em cartaz por aqui, aborda a história de uma jovem homossexual que enfrenta sérios problemas em instituições educacionais (*Pixote*, de Hector Babenco, tem uma temática semelhante e virou *cult movie* na Europa e Nova York. Parece que o tema menor/violência agrada lá fora). O que poucos sabiam: um dos pontos altos do filme é a cena em que as **Mercenárias** aparecem tocando "Me Perco Neste Tempo".

A MORTE DE BOLA SETE

Ele era negro como a bola sete do jogo de bilhar, daí o apelido. Djalma de Andrade — **o Bola Sete** — faleceu no dia 13 de fevereiro em Greenbrae, Califórnia, aos 63 anos de idade, vítima de pneumonia e câncer pulmonar. Foi um dos maiores violonistas/guitarristas que o Brasil já produziu, e só não era muito conhecido entre as gerações mais novas porque vivia, desde 59, nos EUA.

Antes de sair do Brasil — para se apresentar nos hotéis da cadeia Sheraton — o carioca Bola Sete tocou em várias rádios nacionais, venceu concursos de violão e acompanhou gente como Lamartine Babo e Dolores Duran. Lançou alguns LPs no Brasil, mas seus melhores trabalhos — inclusive seus últimos LPs, contendo peças eruditas — foram lançados nos EUA.

Bola Sete tocou com Dizzy Gillespie e Vince Guaraldi. Entre seus admiradores estavam o violoncelista Pablo Casals, o crítico de jazz Leonard Feather e uma vasta parcela de instrumentistas nacionais. Ele também foi um dos grandes destaques da famosa noite da bossa-nova no Carnegie Hall, Nova York, onde, em 62, revelou-se ao mundo o talento de gente como Tom Jobim, João Gilberto, Agostinho dos Santos, Sylvia Telles.

NOVO FILME DE MADONNA

Foto Kevin Mazur

Madonna e Griffin Dunne: filmando juntos

O novo filme de Madonna deve ser curioso. Trata-se de uma comédia chamada *Slammer* — ops, peraí, nossos informantes relatam que os produtores estão em dúvida sobre o nome do filme, e pode ser que ele venha a se chamar *Who's That Girl?*. A história é manjada: Madonna é uma garota que é presa por um crime que não cometeu. O elenco promete. O vilão é interpretado por Coati Mundi (ou Andy Hernandez), aquele baixinho careca que toca xilofone, faz acrobacias e canta no Kid Creole & the Coconuts (já estiveram no Brasil). O advogado de nossa heroína é interpretado por Griffin Dunne, o protagonista pobre coitado de *Depois de Horas*. A direção de *Slammer/Who's That Girl?* é de James Foley (que fez o clip de "Papa Don't Preach", e dirigiu o maridinho Sean Penn em *At Close Range*).

A UNIÃO FAZ A FORÇA

Foto Paul Cox LFI

Echo & the Bunnymen: de volta e (finalmente) gravando Doors

Oba! Finalmente o **Echo & the Bunnymen** resolveu gravar uma música dos **Doors.** "People Are Strange" foi a canção escolhida, e, para dar um ar de ressurreição pra coisa toda, eles convidaram nada mais nada menos que **Ray Manzarek** (tecladista dos Doors) para produzir o disco. Beleza pura!

Está se dando bem nas paradas lá fora o single "Soul Man", uma regravação de um antigo sucesso da dupla **Sam & Dave** — que fazia muito sucesso na década de sessenta — nas vozes de **Sam Moore** (o Sam da dupla) e **Lou Reed** (!). A canção é tema de um filme homônimo. Apesar do sucesso da regravação, Sam Moore andou declarando por aí que não ficou nada impressionado com o talento de Lou Reed. Aliás, ele acha que Lou não canta nada.

CHAPMAN ABRE O JOGO

Mark Chapman, o assassino de **John Lennon,** rompeu um silêncio de seis anos e concedeu uma bombástica entrevista à revista semanal americana *People*. Em sua edição de 23 de fevereiro está publicado, em dez páginas, o primeiro capítulo da matéria. Chapman fala de sua infância, sua adolescência e sobre a forte inspiração que lhe causou o livro *O Apanhador no Campo de Centeio*, de J.D. Salinger. Ele também explica por que começou a pensar em matar algumas personalidades, e a lista é longa: **George Ariyoshi** (governador do Havaí quando Chapman vivia lá), **Johnny Carson** (apresentador de TV), **Jackie Onassis, Paul McCartney, Elizabeth Taylor, George C. Scott** e **Ronald Reagan.** Ele escolheu Lennon porque — ouça essa! — "ele era o mais acessível".

GIL LANÇA SELO

Foto Flávio Ciro/Abril

O presidente da Fundação Gregório de Mattos: novos projetos

Gilberto Gil concretizou um antigo sonho seu: o de fundar um selo próprio, independente. Chama-se *Geléia Geral* (o primeiro lançamento foi o LP *Gil em Concerto*). É mais ou menos a mesma transa que envolve o selo Fiction do Cure e a gravadora Polygram — o selo grava, recebe pela matriz pronta e a gravadora distribui e promove.

E, enquanto se prepara para tocar no Festival Internacional da Canção de Cuba — realizado ao ar livre na praia de Varadero —, ele continua agitando como secretário da Cultura de Salvador. Trouxe o **Casiopea**, um grupo japonês de jazz-rock, para uma turnê no Brasil, durante o mês de abril, e prometeu a vinda dos **Wailers** (oba!), o grupo que acompanhava **Bob Marley**.

GRANDES DESCOBERTAS

Foto Camera Press

Cole Porter, falecido em 64: um dos compositores americanos mais populares do século

Grandes descobertas andam agitando os meios musicais americanos. O mais importante foi o achado de oitenta caixas com manuscritos e partituras — muitas delas inéditas e outras consideradas perdidas — de vários dos maiores compositores populares americanos das décadas de trinta e quarenta. Na verdade as caixas foram encontradas há cinco anos pelo historiador musical **Robert Kimball,** quando ele vasculhava alguns depósitos da Warner Brothers em Secaucus, a cinco quilômetros de Nova York. A notícia só foi divulgada recentemente por problemas ligados aos direitos autorais sobre o material encontrado.

As caixas incluíam partituras de musicais e canções inéditas de **Jerome Kern, Cole Porter, Richard Rodgers** e **Lorenz Hart, George** e **Ira Gershwin, Vincente Youmans, Victor Herber** e outros. Alguns dos musicais serão encenados brevemente nos EUA, para delírio de historiadores, músicos e do grande contingente de fãs do gênero.

Outra grande descoberta foi a dos rolos perdidos do filme *Go Johnny Go*, de 1959. A importância da fita reside nas participações de **Chuck Berry, Ritchie Valens, Eddie Cochran, Jackie Wilson, The Cadillacs** e **The Flamingos,** todos eles grandes figuras do rock'n'roll dos anos cinqüenta e sessenta. Os distribuidores americanos já prometeram lançar o filme em vídeo ainda este ano.

Foto Harrison Funk/Sara Press

Stevie Winwood: finalmente um Grammy

GRANDES DESCOBERTAS

Foi uma longa noite. Afinal, era a premiação de 68 categorias, todas ligadas à produção musical do ano de 86. Foram premiados cantores, compositores, arranjadores, produtores, grupos e solistas de gêneros que iam do rock, pop, jazz, rhythm'n'blues, música erudita à música latina, música country, polca (!) e música mexicano-americana (!). A entrega dos Grammys, comandada pelo engraçado (para os americanos) **Billy Crystal,** foi recheada de boas apresentações, como as de **Janet Jackson, Bobby McFerrin, Simply Red,** a reunião de blues men do primeiro time (**B.B. King, Willie Dixon, Ry Cooder** e outros) e o *grand finale* com **Ben E. King** comandando a patota toda numa interpretação confraternizadora de "Stand by Me". Enfim, eis os principais resultados...

Melhor álbum: *Graceland*, de **Paul Simon.** Melhor canção: "That's What Friends Are For", de **Burt Bacharach** e **Carole Bayer-Sager.** Melhor disco: *Higher Love*, de **Steve Winwood.** Melhor cantora pop: **Barbra Streisand.** Melhor cantor de rock: **Robert Palmer.** Melhor cantora de rock: **Tina Turner.** Melhor grupo de rock: **Eurythmics.** Melhor cantor de rhythm'n'blues: **James Brown.** Melhor cantora de rhythm'n'blues: **Anita Baker.** Melhor grupo de rhythm'n'blues: **Prince & the Revolution.** Melhor artista novo: **Bruce Hornsby & the Range** (Hornsby é irmão de **Huey Lewis**). Melhor clip: Brothers in Arms, dos **Dire Straits.**

DESCANSE EM PAZ

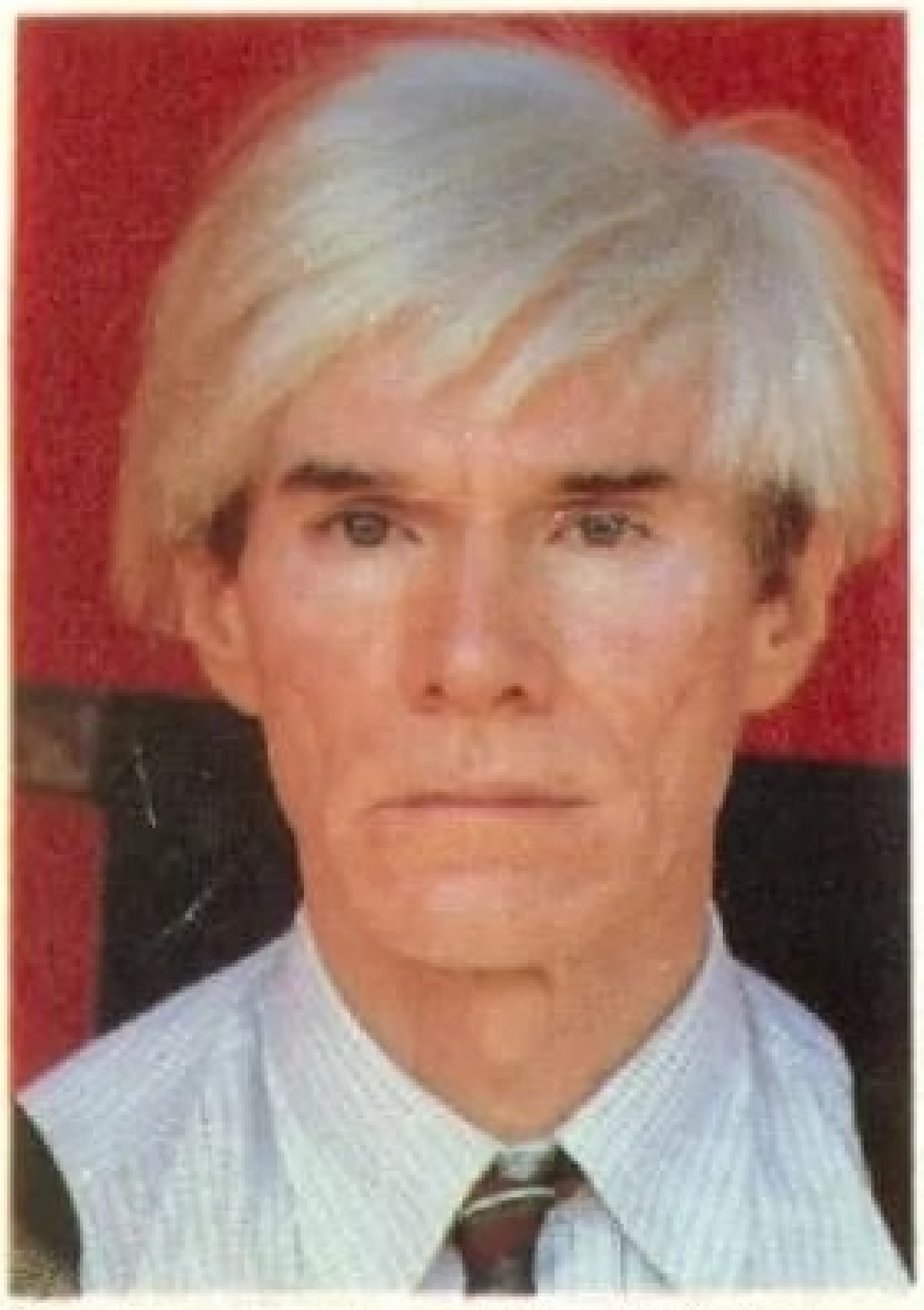


Foto Gamma Sigla

O pai da pop-art e padrinho do Velvet

Hospitalizado para uma operação na vesícula, **Andy Warhol** sofreu uma parada respiratória fatal no dia 22 de fevereiro. O mundo perdeu, assim, talvez a última figura-chave para as artes no século.

Um dos únicos herdeiros dignos do dadaísta Marcel Duchamp seu golpe de mestre foi a implosão das Belas Artes e a aproximação com as artes *pop* — cinema, rock'n'roll, iê-iê-iê, televisão e mídia e multimídia em geral.

A história do rock'n'roll deve a ele um capítulo à parte. Seu apadrinhamento do **Velvet Underground** não só salvou a banda de um provável destino obscuro como fez de suas apresentações o verdadeiro ponto de partida para o rock teatral: o *Exploding Plastic Inevitable,* espetáculo multimídia com o Velvet e Nico, foi o maior agente catalizador do *underground* americano, percorrendo o país inteiro e colocando certas minhocas em certas cabeças, como Jim Morrison e Iggy Pop.

Além disso, sua capa para o primeiro disco da banda é um clássico das artes gráficas: uma banana que descascada revela um sutil objeto fálico (com uma idéia semelhante, Andy também fez a capa para *Sticky Fingers* dos **Stones**). Por essas e outras, **David Bowie** compôs a memorável homenagem "Andy Warhol" (gravada em *Hunky Dory,* LP de 71).

Descanse em paz, Andy. Sem você, o mundo ficou bem mais burro e menos bem-humorado.

OUÇA ESSA !

"Madonna foi uma profissional excelente, mas Sean Penn foi um chute no saco"

George Harrison, ex-Beatle e produtor do filme *Shangai Surprise,* com Madonna e seu marido Sean Penn

BEATLES EM CD

Os **Beatles** estão de volta! (Ah, não! De novo esse papo furado!) Calma, que dessa vez estamos falando do lançamento da discografia do saudoso quarteto de Liverpool em compact disc. A EMI Music, Worldwide colocou os primeiros quatro discos *(Please Please Me, With the Beatles, Meet the Beatles* e *A Hard Day's Night)* nas lojas e já montou um esquema de marketing perfeito pra coisa toda: o lançamento do antológico *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band* (vide Discoteca Básica da BIZZ 1) será no dia 1.º de junho próximo, data que coincide com a do lançamento do LP há vinte anos. O evento promocional do lançamento do CD tem como título o trecho (cantado por Paul McCartney) da letra que abre o disco: "Hoje faz vinte anos que o Sargento Pimenta ensinou sua banda a tocar".

O ex-produtor dos Beatles, **George Martin,** foi o responsável para que estes CDs saíssem em mono (de acordo com a concepção original dos LPs), contra a vontade da EMI, que queria reprocessar as matrizes em estéreo. Martin ouviu os CDs e ficou impressionado com a quantidade de sons existentes na gravação original, que ele nunca tinha identificado nos LPs.

Os CDs já foram aprovados pelos ex-Beatles e por Yoko Ono. Os disquinhos mágicos (lidos por raio laser) estão vendendo horrores e já se fala numa nova onda da beatlemania. Vários clips extraídos dos filmes *A Hard Day's Night* e *Help!* estão rodando com freqüência na MTV.

IKE PERDOADO

Foto Abril

Ike & Tina Turner, há 21 anos

É um best-seller o livro que Tina Turner escreveu — chamado *I, Tina* — sobre seu tumultuado relacionamento com o ex-marido Ike Turner (com quem formava a dupla Ike & Tina Turner). No livro ela relata os espancamentos e abusos de que foi vítima, promovidos pelo violento ex-companheiro. Mas águas passadas não movem moinhos, e parece que Tina resolveu perdoar o bruto. Ike já está até compondo algumas canções para o próximo LP de Tina. Será que a dupla vai voltar? Nelson Rodrigues tinha mesmo razão?

Em tempo: outra instituição americana está escrevendo sua autobiografia. É o cantor country Willie Nelson, que já recebeu um adiantamento de um milhão de dólares para agilizar o empreendimento.

COMPRANDO HITS

Foto Kobal Collection

Brigitte Nielsen (no filme Red Sonja*): gravando com Moroder*

Enquanto uns vão da música pop para o cinema, outros fazem o inverso (infelizmente). **Sylvester Stallone** alugou os serviços e o estúdio de **Giorgio Moroder** para que este, a exemplo do que fez com o Sigue Sigue Sputnik, transforme sua esposa, a atriz **Brigitte Nielsen,** numa estrela da música pop. Assim como o irmão de Stallone, **Frank,** sua esposa também manja pouco de música, e Moroder foi obrigado a indicar um compositor de sucessos brega-pop, um alemão chamado **Dieter Bohlen.** Stallone imediatamente encomendou um hit ao alemão, pela quantia de 450 mil dólares. Nada mau para fazer uma baba qualquer.

OUÇA ESSA II

"Quanto mais você aprende a tocar, mais você aprende a enganar; enquanto que, se você não sabe tocar, não pode mentir. Isso é algo que só o Velvet Underground entendia"
Holger Czukay (ex-baixista do **Can,** agora em carreira solo)

PAUL SIMON FUROU O BOICOTE?

Continua a polêmica sobre a gravação do premiado e largamente admirado LP *Graceland*, de **Paul Simon.** Afinal, ele rompeu ou não o boicote cultural promovido pelo Comitê Anti-Apartheid das Nações Unidas, que pede para que artistas estrangeiros não assumam nenhum tipo de compromisso cultural ou comercial com a África do Sul?

Vejamos. Simon resolveu gravar com músicos sul-africanos quando ouviu a fita *Gumboots Accordion Jive Vol. 2.* Aparentemente, não estava a par dos ítens do boicote e alugou, por várias semanas, um estúdio de gravação em Johannesburgo. Contratou uma série de músicos locais (o que também fura as regras do boicote) e, mais tarde, completou as gravações em Nova York. Disso tudo resultou o *Graceland*, um disco que abriu um precedente inadmissível para o Congresso Nacional Africano (frente sul-africana, liderada por Nelson Mandela, que combate o regime racista), que manifestou publicamente o seu apoio a um possível boicote à excursão européia e americana de Paul Simon.

Simon, que no disco não cita uma vírgula sobre o repúdio ao regime racista sul-africano, se justificou numa carta envida às Nações Unidas. Declarou que é contra o regime de apartheid e que está em sintonia com a política de boicote cultural à África do Sul. Para afirmar suas boas intenções, ele promoveu um concerto em Harare, Zimbabwe (país vizinho à África do Sul), com **Hugh Masekla** e **Miriam Makeba,** dois artistas sul-africanos exilados há vários anos por suas atividades contrárias ao apartheid, e ainda excursionou com eles na Europa e EUA.

Esfriados os ânimos, Simon recebeu uma carta do Congresso Nacional Africano que legitima o LP e o isenta de qualquer culpa no caso. Mas a polêmica segue, pois vários setores engajados no boicote cultural promovido pelas Nações Unidas sustentam que Simon acabou dando uma força ao regime de Pieter Botha, pois seu disco é um sucesso nas rádios sul-africanas e reforça a (falsa) imagem de que existe uma cultura local dinâmica e produtiva, sem conotações políticas e impulsionada pelo regime racista.

Foto Gamma: Sigla

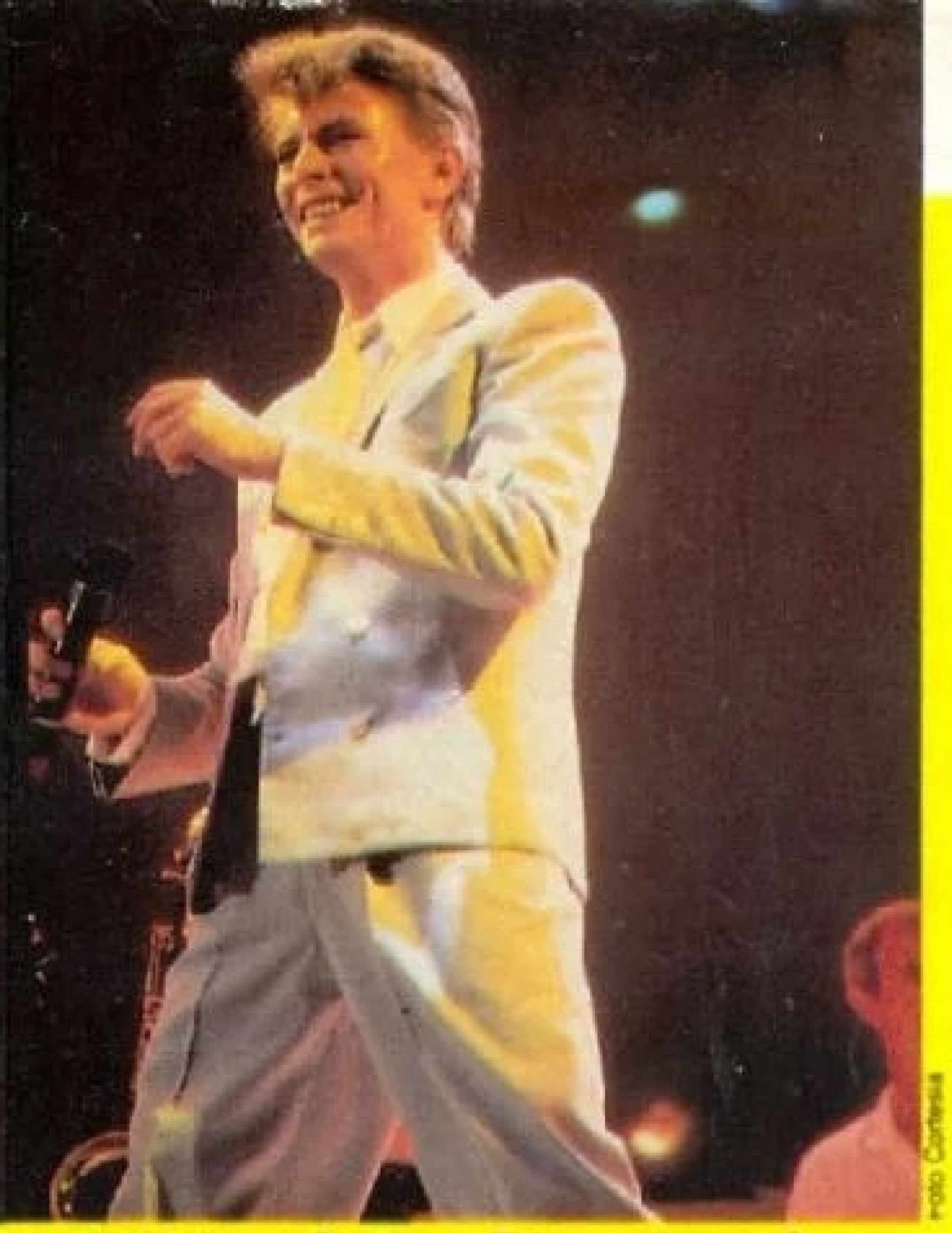


Foto Cortesia

"The Voice" e o cantor/ator que interpretará o jovem Sinatra na TV: semelhanças?

ROCK'N'CINE

Mais uma enxurrada de astros da música pop arrisca na sétima arte. **Stewart Copeland** faz o papel de um mão-leve de coração mole na série de televisão *The Equalizer.* **Branford Marsalis,** saxofonista da banda de Sting, foi escalado para atuar em *School Days,* de **Spike Lee. Ted Nugent** vai interpretar um papel difícil — o de Ted Nugent — no filme *State Park.* E, finalmente, está confirmado o cast da minissérie sobre a vida de **Frank Sinatra,** que será rodada para a TV americana. **David Bowie** vai mesmo interpretar o jovem Sinatra e **Robert DeNiro,** o velho. A filha de Frank, **Tina Sinatra,** está envolvida na produção do seriado. Falta ainda o acerto de um detalhe: se Bowie vai cantar ou apenas dublar as magníficas interpretações de "The Voice".

OS MELHORES DA NEW MUSICAL EXPRESS

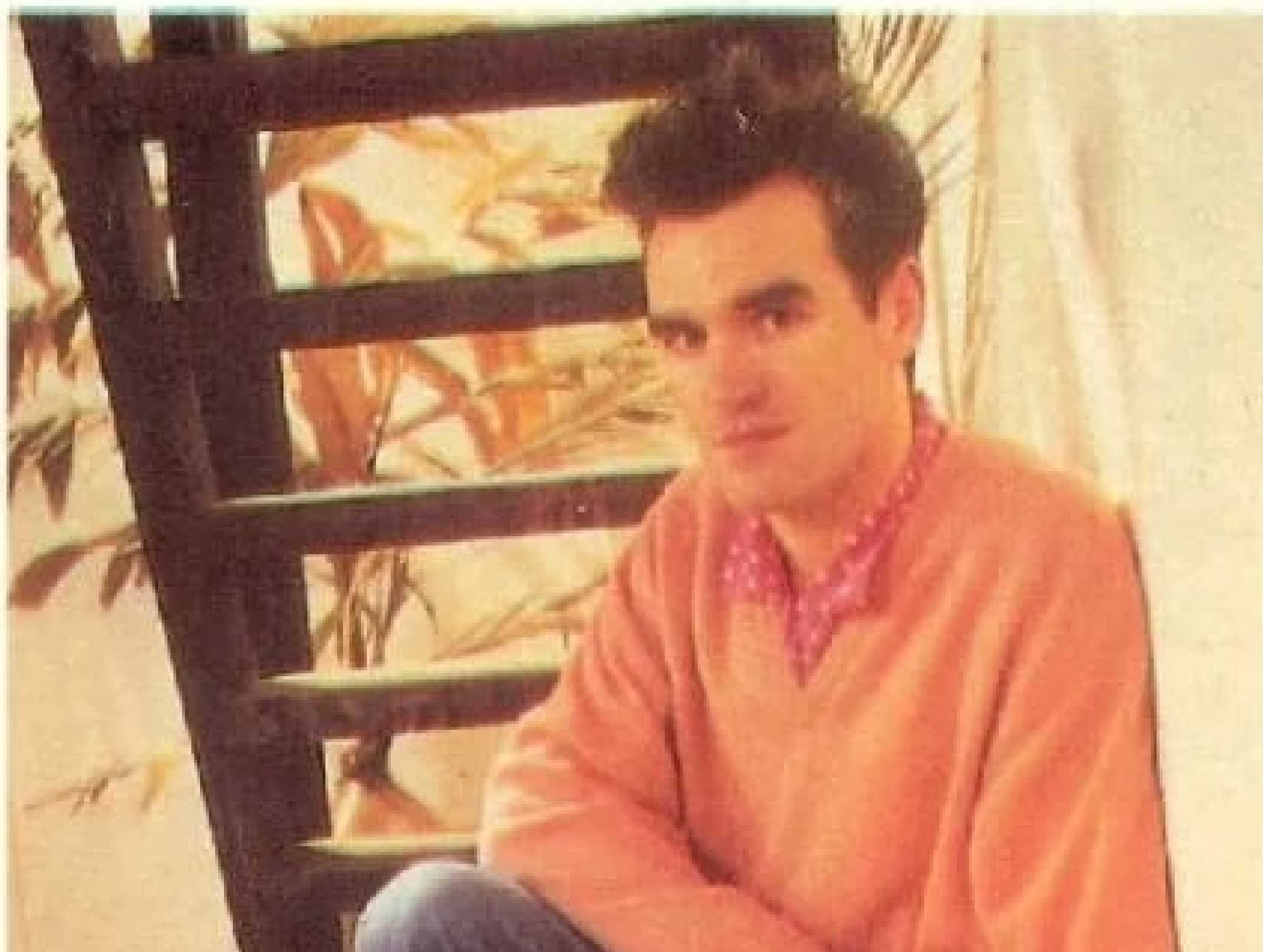


Foto A.Catlin: LFI

Segundo os leitores da NME, o ser mais maravilhoso da terra

O **New Musical Express,** conceituado semanário musical londrino, também publica anualmente a lista dos melhores do ano segundo a opinião dos seus leitores (espalhados pelo mundo inteiro). Eis os principais resultados:

Melhor música:
1. "Panic" **(Smiths)**
2. "Kiss" **(Prince)**
3. "Heartland" **(The The)**

Melhor LP:
1. *The Queen Is Dead* **(Smiths)**
2. *London O.Hull 4* **(Housemartins)**
3. *Brotherhood* **(New Order)**

Melhor cantor:
1. **Morrisey** (Smiths)
2. **Elvis Costello**
3. **Paul Heaton** (Housemartins)

Melhor cantora:
1. **Liz Frazer** (Cocteau Twins)
2. **Kate Bush**
3. **Anita Baker**

Melhor grupo:
1. **Smiths**
2. **Housemartins**
3. **The Fall**

Ser Humano Mais Maravilhoso (!!):
1. **Morrisey**
2. **Billy Bragg**
3. **Bob Geldof**

Ameaça do Ano (!!):
1. **Aids**
2. **Ronald Reagan**
3. **Chernobyl**

INÉDITOS INCRÍVEIS

Birthday Party: Nick Cave e Tracey Pew (falecido em nov/86)

Strange Fruit é o nome de uma gravadora independente inglesa que está lançando uma série de gravações inéditas de grupos como Siouxsie & the Banshees, Joy Division, Gang of Four, New Order, Birthday Party, The Specials e uma série de outras bandas importantíssimas. "Mas como?", perguntariam os mais incrédulos. É simples: eles adquiriram os direitos sobre as famosas **Peel Sessions**, que são as sessões gravadas em estúdio, custeadas pela BBC, especialmente produzidas para o programa de rock do conhecido radialista **John Peel**. Todo esse material é histórico, porque foi gravado, em sua maioria, há anos atrás e com qualidade excelente de som. E agora a Strange Fruit está prometendo o lançamento em cassete de coletâneas reunindo músicas de todos esses grupos. O mais interessante desse projeto deverá ser o esquema de distribuição. Aparentemente, os cassetes serão vendidos em postos de gasolina e supermercados, lugares de fácil acesso para toda a moçada.

ENTRADAS E SAÍDAS

Essas coisas acontecem sempre: gente que fica insatisfeita com seu papel em determinado grupo e resolve partir pra outra. Foi o que aconteceu com **John Carruthers,** que nós tivemos oportunidade de conhecer quando **Siouxsie & the Banshees** vieram ao Brasil. Carruthers era o guitarrista. Resolveu sair porque queria continuar tocando ao vivo, coisa que os Banshees estão tentando evitar neste ano. O grupo, cansado de tantas trocas de guitarristas, ainda não decidiu se vai procurar outro. Quanto a Carruthers, correm boatos de que ele estaria entrando na banda de **Pete Wylie.**

Outro conhecido dos brasileiros foi posto pra fora de seu grupo: **Kevin DuBrow,** vocalista do **Quiet Riot.**

Ao que tudo indica, os integrantes do Quiet Riot se cansaram dos estrelismos e das imposições de Kevin e, então, mandaram um "valeu, bicho, aquele abraço" pro sujeito. DuBrow, um dos fundadores do Quiet Riot, vai se dedicar a sua carreira solo.

Athos Costa, baterista do **Zero,** foi mais um que resolveu respirar novos ares. Ele saiu da banda para ser o baterista oficial de **Rita Lee.** O Zero já tem o substituto: é o experiente **Malcolm Oakley,** que tocou no **Voga** e foi companheiro de **Eduardo Amarante** (guitarrista do Zero) nos tempos do **Azul 29.**

A VOLTA DO FAUST

O Faust, um dos mais importantes grupos do rock experimental alemão da década de 70, está de volta. Juntamente com o Can, eles foram pioneiros na exploração de efeitos eletrônicos e música espontânea para a criação de sons climáticos e "viajantes" Eles surgiram em 71 e encerraram suas atividades em 76. Reuniram-se recentemente em Hamburgo e decidiram voltar à ativa lançando um LP que mescla gravações antigas e recentes. *Return of a Legend — Munich and Elsewhere* é o nome do disco. Boatos acrescentam que também o Can, a banda de origem de Holger Czukay e Jaki Liebezeit, poderia voltar à ativa.

OUÇA ESSA III

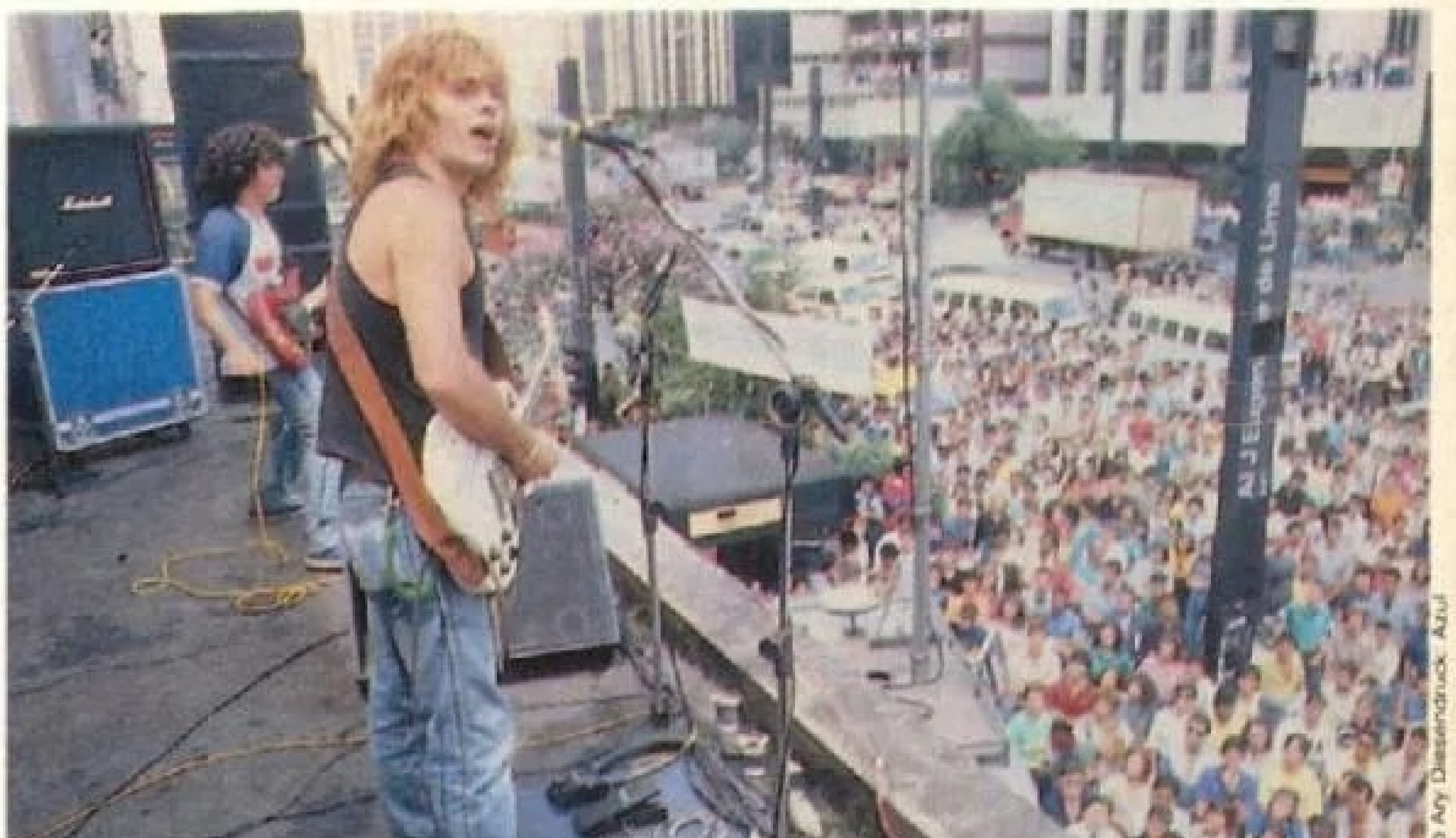
"Sabe de uma coisa? Eu também sou mórmon!"

Wayne Hussey, cantor/guitarrista do **Mission,** ao encontrar **Donny Osmond** numa festa.

"Sim, eu sei. Já ouvi falar sobre vocês..."

Osmond, respondendo.

FECHANDO O TRÂNSITO



19 de março, meio-dia. Ainda havia pistas livres na Paulista...

A idéia foi do próprio grupo: fazer show de lançamento do seu segundo LP, **Sexo!**, em cima da marquise do Top Center, na avenida Paulista, bem na hora do almoço. Resultado: duas mil pessoas se aglomeraram nas duas pistas de uma das mais movimentadas avenidas de São Paulo para alegria dos transeuntes e desespero dos motoristas. O público, formado em sua maioria por estudantes, office-boys, secretárias e executivos, dançou, cantou e curtiu adoidado. Durante uma hora, o Ultraje tocou músicas do novo LP ("Eu Gosto é de Mulher" foi reprisada três vezes) e — atendendo aos insistentes pedidos da platéia — uma série de sucessos do primeiro LP, como "Ciúme", "Inútil" e "Nós Vamos Invadir Sua Praia".

Hot Foot
Canvas Manufatura de Calçados Ltda.
Avenida Adhemar Pereira de Barros, nº 2171
Fone PABX (016) 723-7677 - Cx. Postal 427
CEP 14400 - FRANCA - SÃO PAULO

VINTE ANOS, VIM TE BUSCAR.

VIM TE BUSCAR, VINTE ANOS. ESTOU DE LEGGING DE MALHA PRETA E COM CAMISÃO BRANCO COM ESTAMPAS EM PRETO NAS COSTAS, COMO GOSTAS. DEPOIS A GENTE CHEIRA CAMÉLIAS E SAI POR AÍ, INCERTOS COMO INSETOS NÃO CLASSIFICADOS PELA CIÊNCIA. AOS VINTE ANOS, VIVER SERÁ SEMPRE A ÚLTIMA CONSEQÜÊNCIA.

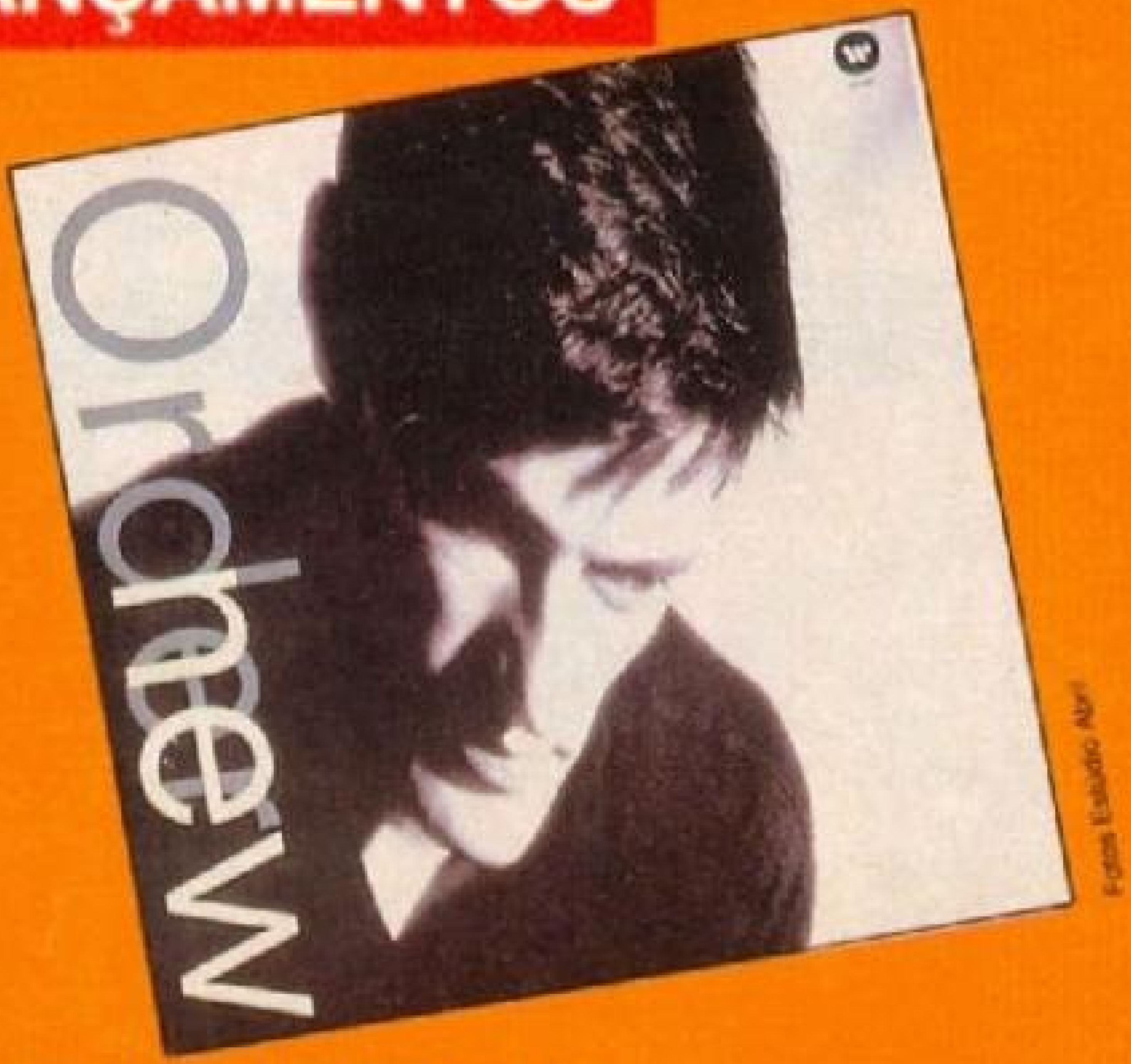
Camisa - **570,** Legging - **450,**

ALTERNATIVA®

MUDA SE VOCÊ NÃO MUDAR

Promoção válida até 16/05/87

EXCLUSIVIDADE
MESBLA



Fotos Estúdio Abril

Low Life — New Order (WEA)

Um lançamento importantíssimo. É o primeiro LP da Factory — gravadora independente inglesa que goza do privilégio de ter todos os discos do Joy Division em seu catálogo — lançado no Brasil. Um precedente que vai alterar nossos hábitos: em vez de assistir TV, poderemos relaxar nossos sentidos ouvindo as impressionantes obras de gente como Durutti Column, A Certain Ratio, Quando Quango e — para os momentos mais intensos — Joy Division.

O New Order, que é o grupo da Factory que mais discos vende, tem uma trajetória invejável. Evoluíram de músicos que mal sabiam fazer acordes e que desconheciam as técnicas de estúdio para músicos com domínio completo sobre seu equipamento high-tech de última linha e sobre técnicas e conceitos de gravação. Ouvir os últimos discos do New Order, para mim, é padecer de vergonha. Afinal, tudo parece tão simples e soa tão sofisticado...pô, porque é que todo mundo não trabalha assim?!?! *Low Life* foi lançado em 85.

É o penúltimo disco deles (o último é o *Broterhood*, de 86) e, como todos os discos do grupo, tem um som de primeira, com as tradicionais inovações técnicas e sonoras. É o primeiro disco deles em que Barney Sumners, com sua vozinha frágil, consegue *cantar* de fato. Todos os integrantes manejam seus instrumentos com precisão (destaque para os ritmos — mistura de baterias eletrônicas e acústicas — de Stephen Morris) e os timbres são desbundantes. Tudo tem peso e balanço, os arranjos são belíssimos e a qualidade de som (tecnicamente falando) é de uma pureza cristalina. Impossível não mexer as ancas com músicas como "The Perfect Kiss" ou "Sub-Culture", e não se impressionar com a melodia de "Elegia" e a letra de "Love Vigilants". Uma paulada.

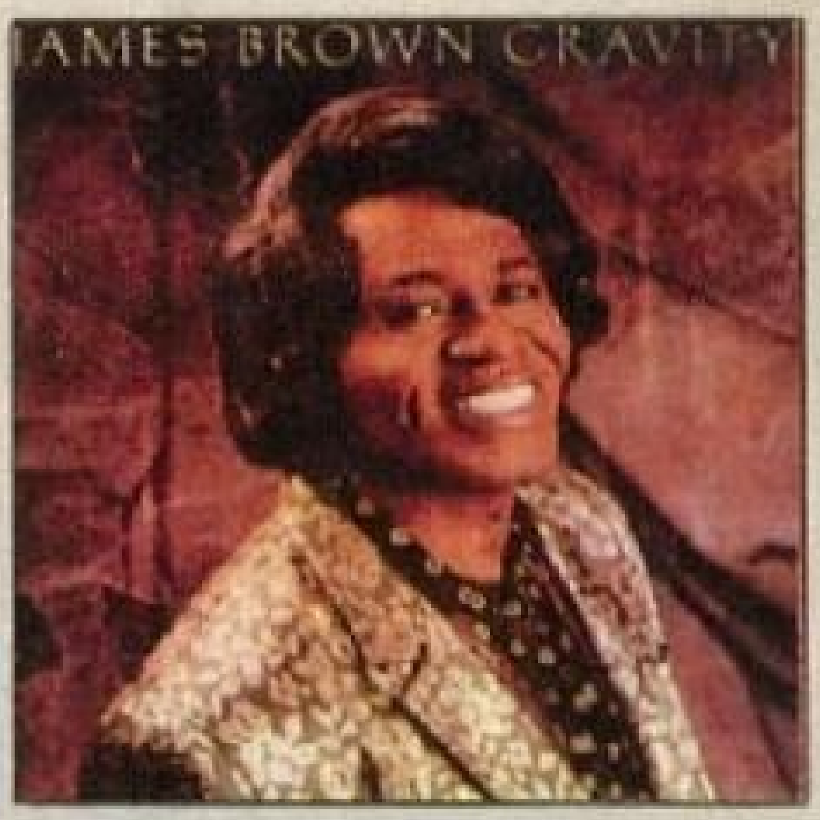
Thomas Pappon

Raising Hell — Run DMC (Polygram)

Este é o terceiro LP do grupo que vem literalmente abalando as paradas de sucesso mundiais e acabando de vez com a fronteira (puramente racial) que separava o som funk do bom rock. É o disco que tirou definitivamente do gueto o hiphop (funk super pesado e eletrônico) e revigorou de tal modo a pálida e cansada cena pop atual que desde já pode ser considerado histórico. E ele é apenas o começo de uma coisa mais forte e duradoura que está por vir.

O que sai dos sulcos do vinil é forte o bastante para convencer qualquer um que tenha um mínimo de sensibilidade. Basta ouvir a arrasadora seqüência que inclui "It's Tricky"/"My Adidas" e "Walk This Way" (precisa falar mais sobre ela?) para perceber o que tento dizer. *Funk this way*.

T.L.



Gravity — James Brown (CBS)

Há 20 anos era "Say It Loud, I'm Black and I'm Proud", autêntico hino do movimento negro americano. Hoje é "Living In America", canção-tema do filme *Rock IV*. Assim caminha a humanidade. No ano que vem, James Brown completará 60 anos. Fôlego pra soprar as velinhas não lhe falta. Ele continua uma frenética *Sex Machine*. Porém, depois de três anos sem um novo LP, é perturbador encontrá-lo reduzido ao papel de dublê de Dan Hartman, compositor, guitarrista, tecladista e produtor de *Gravity*.

Superado o susto — e os vocais "American Dre-eams" — o disco revela-se competente. Quente para a pista de dança e pro bolso do *Padrinho do Soul*. Com, pelo menos, uma rasgação: o docemente desesperado blues "Return To Me", única faixa em que James toca um instrumento — órgão.

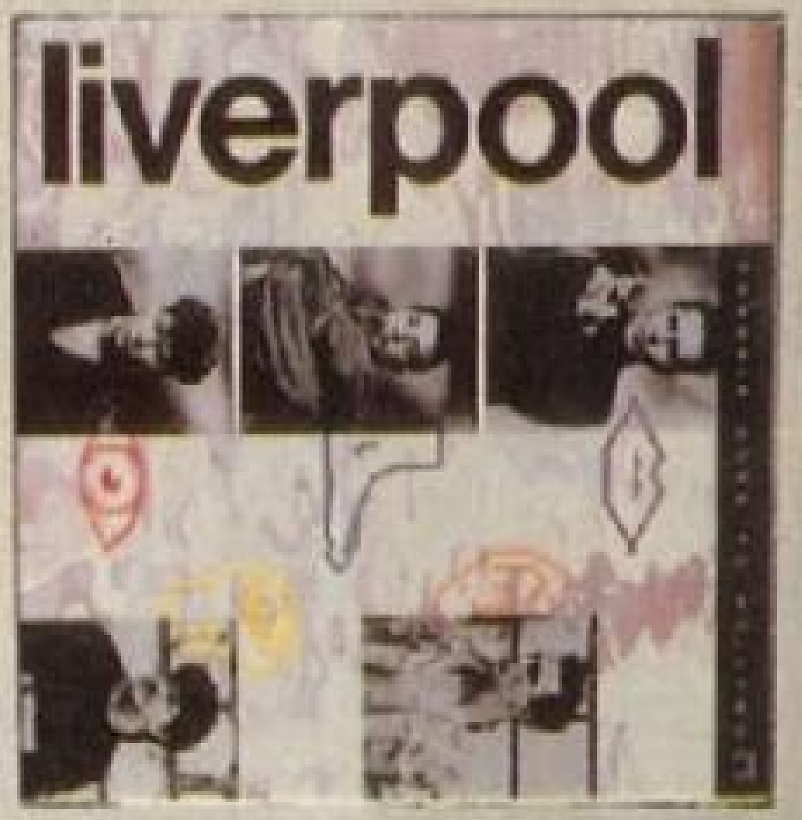
O LP também conta com as participações de Steve Winwood, Alyson Moyet, T. M. Stevens (o novo baixista dos Pretenders), e uma afiada sessão de metais. Funciona, roda e tem um furinho. Mas antigamente era melhor

M.P.

Control — Janet Jackson (Polygram)

Esqueça Michael, esqueça a camarilha dos cinco irmãos prodígios. Ouçam Janet como se fosse a primeira vez que o sobrenome Jackson tivesse pintado. Aqui está uma artista no fulgor da juventude, com tudo a conquistar e nada a perder. Janet é uma faísca ainda indômita, felizmente. Apoiada, é claro, pela dupla de produtores Jimmy Jam e Terry Lewis, ambos defecções do Time. Basta um pequeno passeio por "Nasty" para se ver que a sonoridade desse disco arremete o funk para o futuro.

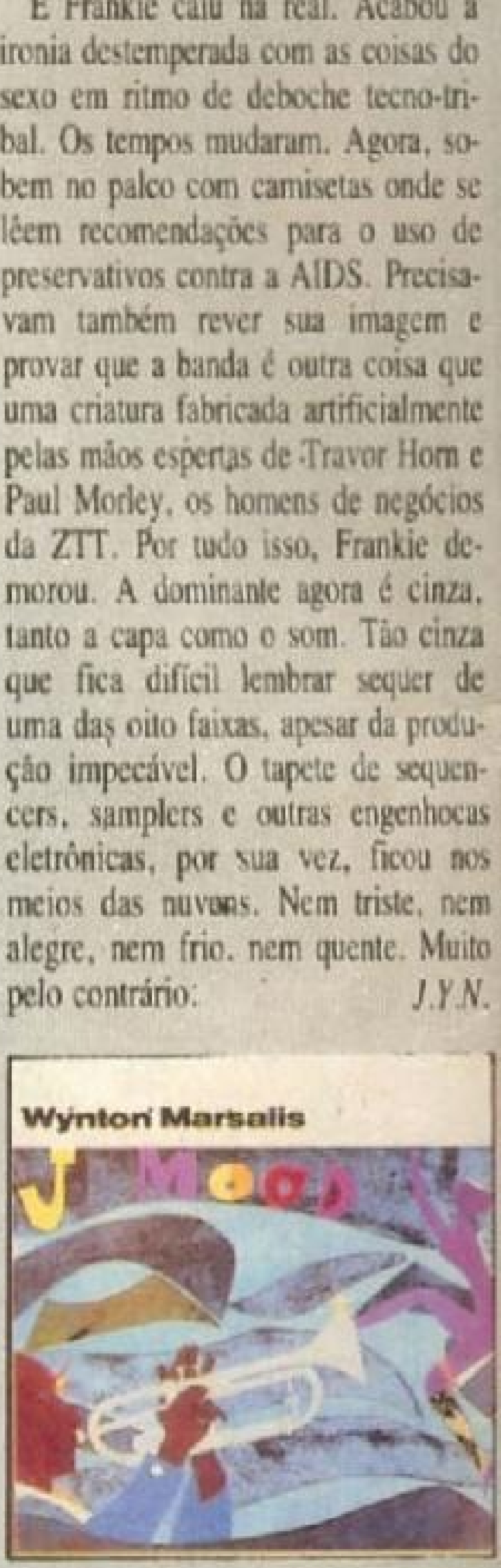
J.E.R.



Liverpool — Frankie Goes To Hollywood (WEA)

E Frankie caiu na real. Acabou a ironia destemperada com as coisas do sexo em ritmo de deboche tecno-tribal. Os tempos mudaram. Agora, sobem no palco com camisetas onde se lêem recomendações para o uso de preservativos contra a AIDS. Precisavam também rever sua imagem e provar que a banda é outra coisa que uma criatura fabricada artificialmente pelas mãos espertas de Travor Horn e Paul Morley, os homens de negócios da ZTT. Por tudo isso, Frankie demorou. A dominante agora é cinza, tanto a capa como o som. Tão cinza que fica difícil lembrar sequer de uma das oito faixas, apesar da produção impecável. O tapete de sequencers, samplers e outras engenhocas eletrônicas, por sua vez, ficou nos meios das nuvens. Nem triste, nem alegre, nem frio, nem quente. Muito pelo contrário.

J.Y.N.



J Mood — Wynton Marsalis (CBS)

De repente, no meio da pasmaceira em que anda o jazz contemporâneo, um pequeno príncipe sobe ao palco e vence, movido pela sobriedade dos ternos com colete e pela sobriedade não menor de um som polido e virtuoso — mas extremamente frio. Há, neste disco, belos temas, como "Skain's Domain", ou a melancólica "After", onde uma harmonia cuidadosamente construída serve de base para um pistom fundo e nostálgico. A técnica, em tudo aqui, não é nada desprezível, mas fica a sensação final de que faltou estômago — para se atirar na vanguarda ou se estabelecer num território mais melódico. O pequeno príncipe preferiu o meio do caminho.

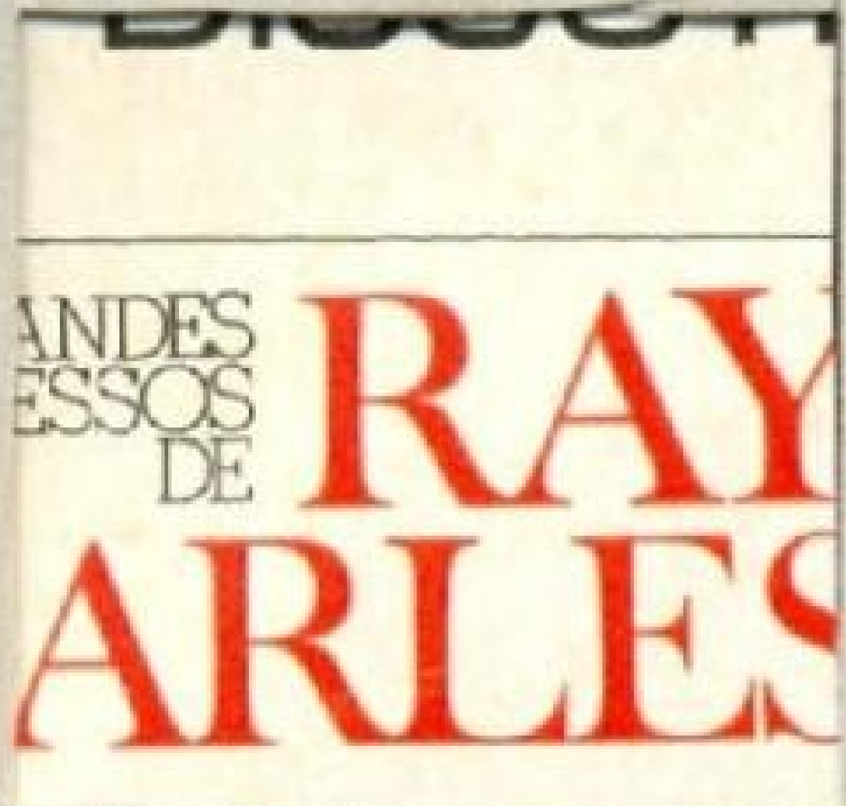
J.E.M.

N.º 10, Upper St. — B.A.D. (CBS)

Melodias hipnóticas que se insinuam no córtex feito um esparadrapo sujo, refrões rasgados por intervenções de vozes em off, reggaes desengonçados passados no liquidificador tecno-pop...Mick Jones e seus quatro gangsters foragidos de um western-spaghetti estão de volta para a felicidade de todos. Só que desta vez, por um punhado de dólares a mais, o malandro Joe Strummer, aquele mesmo que expulsou Jones do Clash, se enfiou no estúdio feito macaco velho, co-assina mais da metade das faixas e co-produz o álbum injetando seu veneno no explosivo coquetel. Isso explica que os melhores momentos do disco se banhem num estranho suco de rock épico com molho sintético e mutante a la BAD (confira em "C'mon Every Beatbox", pastiche do clássico "Come On Everybody"), que lembra por vezes os primeiros trabalhos dos Talking Heads, aliando o bom velho rock'n'roll ao moderníssimo hiphop, versão combate rap nas trincheiras dos guetos novaiorquinos. Uma dinamite que tem pavio curto.
J.Y.N.

Slippery When Wet — Bon Jovi (Polygram)

Um hard típico que visa as FMs americanas. É o chamado rock arena, bem produzido demais. O LP faz um sucesso incrível em alguns países "lá de cima", e até teve sua capa original censurada para auxiliar a divulgação. Apesar da altíssima produção, do vocal charmoso de Jon e da guitarra de Sanbora, o que se ouve lembra Van Halen com Journey (em suas fases anteriores). Nada contra...nem a favor.
L.R.



Huntington Beach — UK Subs (Continental)

Onde começa o punk? Onde termina o heavy metal? Onde está o hard? Hoje é difícil localizar. Os radicais sempre acham que fusão trai, dilui e degenera o movimento. Estupidez e ingenuidade. Muitos grupos que trabalham com fusão têm muito a dizer. E o UK Subs é uma prova disto.

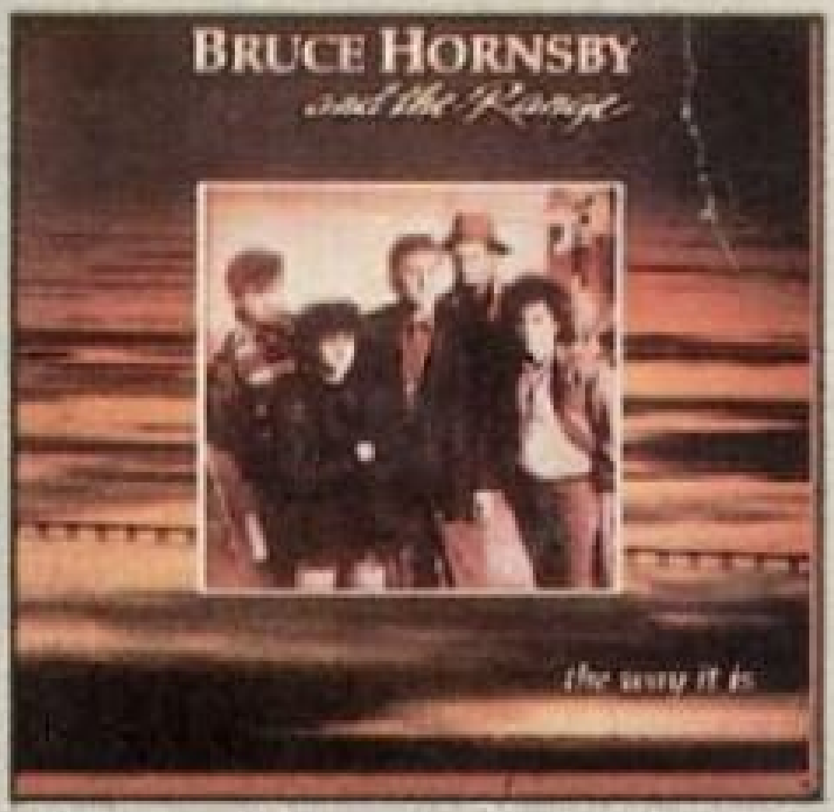
Este é o 11.º LP de uma banda que está na estrada desde 79. Carrega a mistura de várias tendências: punk, heavy, hard e country. Eles extraíram as boas características destas alas e realizaram um ótimo trabalho: rock'n'roll firme, rápido, com *punch* e peso. A mixagem é crua, sem efeitos e fiel aos timbres. Letras irônicas na voz aguda de Charlie Harper e overdose de vigor nas competentes guitarras de James Moncur. Se você não está preocupado com rótulos e sim com qualidade, o UK Subs é essencial.
C.G.

Cama de Gato (Som da Gente)

O jazz no Brasil sempre exibiu fragilidade e superficialidade. A profundidade deve ser procurada em outras plagas. Os músicos costumam perder-se em fáceis improvisos motivados por ritmos já dados pela tradição. Daí nascem melodias insípidas. O Cama de Gato surge para corroborar a situação. Formado pelo saxofonista Mauro Senise, o tecladista e vocalista Rique Pantoja, o baterista Arthur Maia, o grupo reúne cobras instrumentais e lagartos jazzísticos. Samba e maracatu fundidos não fogem dos chavões já inventados por Wagner Tiso e César Camargo Mariano. A resultante é agradável, mas não faz jus aos ótimos músicos.
L.A.G.

August — Eric Clapton (WEA)

Em muitas faixas deste novo trabalho do outrora considerado Deus temos a impressão de estarmos ouvindo alguma coisa de Phil Collins ou do Genesis atual (tudo a mesma josta). A grande diferença é que Clapton não tem a voz irritante de Collins e toca guitarra bem melhor que muitos por aí. Motivo dessa semelhança: o disco é produzido por Collins. Mas os fãs perdoarão. Afinal, até ele precisa ganhar algum dinheiro de vez em quando. Para ser curtido sem maiores compromissos.
T.L.



The Way It Is — Bruce Hornsby and The Range (RCA)

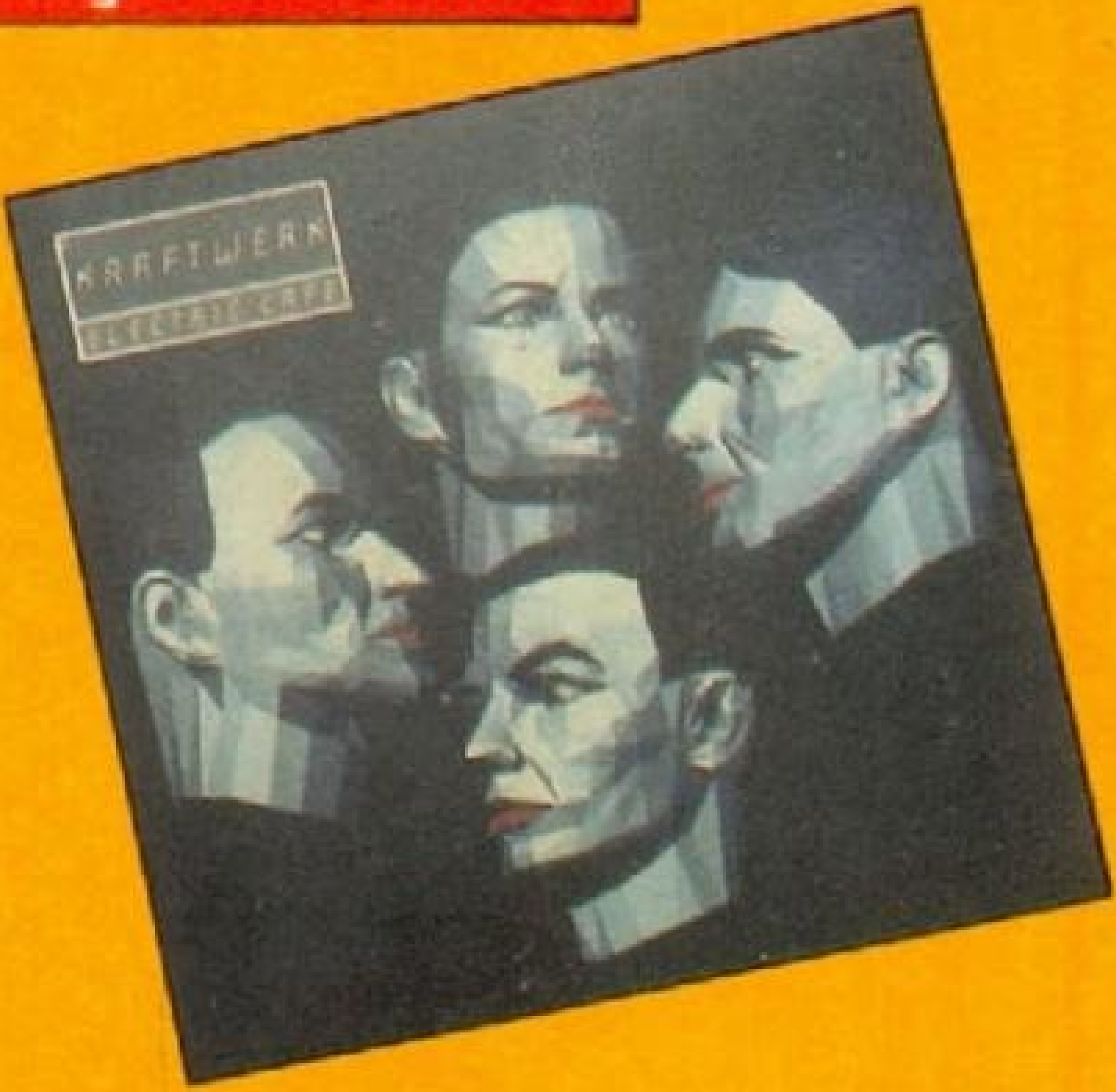
Regularmente surgem nos Estados Unidos determinadas bandas que parecem saídas do nada direto para o estrelato. Esse é o caso, por exemplo, do soft-rock countryficado do afiado quinteto liderado pelo segundo Bruce mais famoso do atual firmamento rock. Em menos de um ano, o grupo passou a competir com a tropa de elite que habita os paradões, movidos exclusivamente pela força da faixa-título deste álbum, uma tocante saga sobre racismo.
J.E.R.

Vânia Bastos (Copacabana)

A vanguarda paulistana dos anos 70 deixou, a partir dos 80, as ousadias primevas, pôs de lado Bartok e adotou o *Balanço da Bossa* de Augusto de Campos como guia. Por isso, a turma vanguardista partiu para uma espécie de bossa nova eficiente e boa-moça. Perceberam seus membros que a rota de colisão com o mercado não era útil. O primeiro LP da cantora Vânia Bastos testemunha a fase atual da ex-vanguarda. Cheio de bossa, boas canções e humor, o disco enfeixa dez faixas com sambas, choros e baladas sofisticadas. A voz de Vânia é aguda e *cool*, interpretando cada música com personalidade.

O já hit "O Gato", de Arrigo Barnabé e Roberto Riberti, é sambinha de várias surpresas só, linguagem de meios-tons, musical e verbal. O velho pavilhão da vanguarda, "Sabor de Veneno", recebeu uma leitura bossa nova de Vânia, em arranjo para violão e bateria. Há também duas versões de músicas americanas: "Eu Sou É do Papai" ("May Heart Belongs to Daddy"), de Cole Porter por Carlos Renó, e "Além do Arco-Íris" ("Over The Rainbow"), de Arlen e Harburg, por Augusto de Campos. Em sambas, Vânia mostra-se dona de muitos talentos. No disco ela prova por que é a melhor cantora da antes vanguarda.

Luís Antonio Giron



Electric Cafe — Kraftwerk (EMI-Odeon)

Boing Boom Tschak!! Tremei, vendilhões do rock-pop eletrônico, marreteiros dos sintetizadores. Os mestres estão de volta. Cinco anos depois do último LP (*Computer World*), três do EP *Tour de France*, a Usina de Força promove uma aula/manifesto, reintroduzindo a inteligência no mundo dos seqüenciadores. Lição de casa: a tecnologia não deve escravizar o músico, deve é libertá-lo. (''O pós-computador é o neo-primitivismo'', diz Half Hutter. O automatismo libera todo o tempo para a experimentação...)

''Boing Boom Tschak''/''Techno Pop''/''Musique Non Stop'' é uma suíte, todo um lado costurado por motivos recorrentes e uma fina ironia. Especificando o que é *música repetitiva* — há um bom e um mau sentido...— o Kraftwerk expia suas culpas em ser ''o pai do tecno-pop'', cutucando os filhos bastardos (já que dos legítimos — hip hop, Bowie fase *Low*, Art of Noise entre mil outros — só há motivos para orgulho). ''The Telephone Call'' traz uma das mais brilhantes edições de teipes de todos os tempos, com ruídos telefônicos (já explorados, mais pobremente, pelo OMD) alimentando um funk de beat irresistível. Mensagens impessoais em inglês, francês, alemão e espanhol amarram um outro plano rítmico e obsessivo, nessa e nas outras faixas.

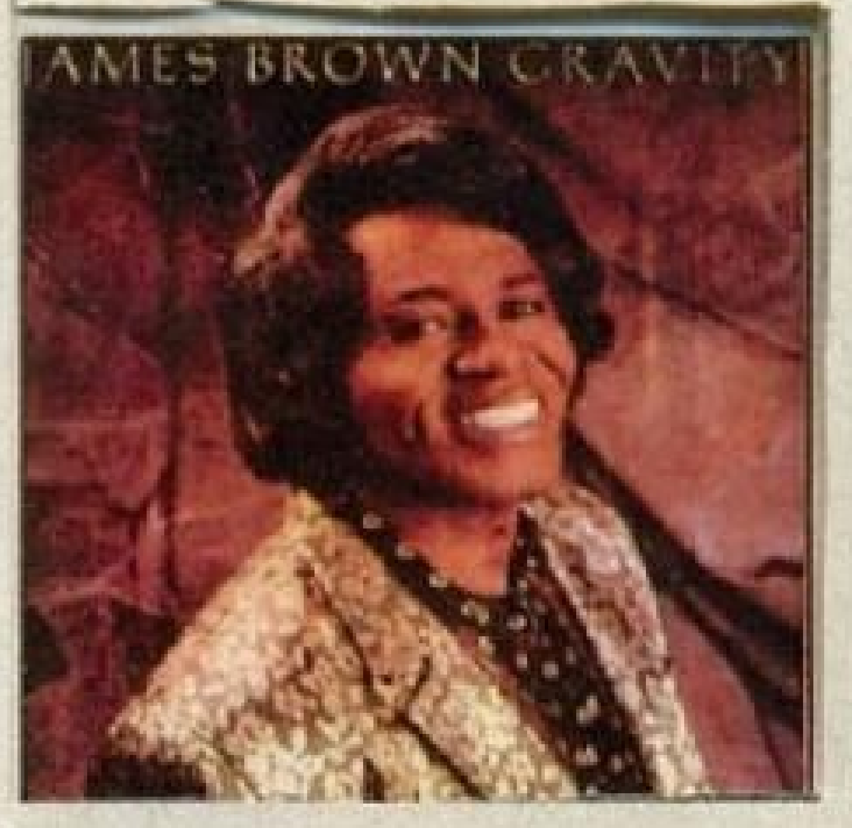
''Sex Object'' e ''Electric Cafe'' investem em planos já propostos na *Tour de France*: seções melódicas mansas, paisagem cuidadosamente disposta ao longo dos trilhos de um groove infalível. Maravilha nas pistas de dança. Os ruídos sintéticos — marca registrada da banda em seu início — convivem muito à vontade com os modernos *samplers* de cordas, guitarras e baixo estilingado. *Hip hoppers*, progressivos remanescentes, vanguardistas renhidos, tecnos, *poppies*: rendam-se. O que dizer quando esses (es)cultores do som não só quebram o jejum de meia década, como o fazem com o *melhor de seus discos?*

Alex Antunes

Claudio Zoli (CBS)

Você pode não dar um tostão furado pela capa do disco. Mas ao ouvir as dez faixas tocadas e cantadas pelo guitarrista e cantor carioca — ex-integrante do finado Brylho — sua surpresa será completa. Zoli sintetizou uma poção original para a música pop negra brasileira que ombreia com as de Tim Maia e Paralamas. Em funks eufóricos como ''Livre Para Viver'' ou reggaes líricos ao feitio de ''Ironia'', Zoli arquiteta arranjos eficazes para *drum machine*, percussão e guitarra, solo consistente para *scats* e roucos vocais. A melhor faixa é um rock negro, ''Deuses Atrozes'', onde o refrão tem moldura de baquetas percutidas à moda das escolas de samba.

L.A.G.



The Joshua Tree — U2 (WEA)

Um disco inusitado. Ainda que Steve Lillywhite (produtor dos primeiros discos da banda) mixe quatro faixas, nenhuma das canções deste quinto LP do U2 lembra hits como os de *War* — a não ser pelo tema *político* de ''Mothers Of The Disappeared''. A maioria é lenta, e o acabamento traz à mente a preocupação em criar ambientes de Brian Eno, que, com Daniel Lanois, está produzindo o grupo de novo.

O LP começa com um órgão de Igreja e ameaça ficar no tom gospel, com o eloqüente Bono no estilo ''Todos juntos, dêem as mãos e vamos cantar''. Eno e Lanois devem ter batido na mãozinha do rapaz pro disco ir em frente. E aí aparecem os climas country, reminiscências floydianas e alguns possíveis hits. De qualquer forma, ele não está gritando tanto. O forte do disco são as guitarras. The Edge aparece até usando distorção e tocando solo — em ''Bullet The Blue Sky'', mix de Zeppelin e Crimson com ''The Gift'', a canção discursiva do Velvet Underground.

Isto é incrível! *M.P.*

Almir Satter (3M)

O compositor, cantor e instrumentista perpetrou o pior dos seus quatro LPs. É uma pena, uma vez que Almir havia mostrado todo o seu talento no disco *Instrumental*, de 1985. Ali Almir sugeria um percurso estético original e chegava a criar uma nova linguagem para a viola caipira. Agora, fez um LP com todos os defeitos possíveis de produção: repertório mal concatenado, arranjos horríveis para teclados e pouca renovação.

L.A.G.

Franz Liszt — Música tardia de câmara, com Reinbert de Leew (piano), Vera Bethe (violino e viola), Anner Bijlsma (violoncelo), Gerda Ockers (harpa) e Bob Zimmerrman (harmônio) (Philips)

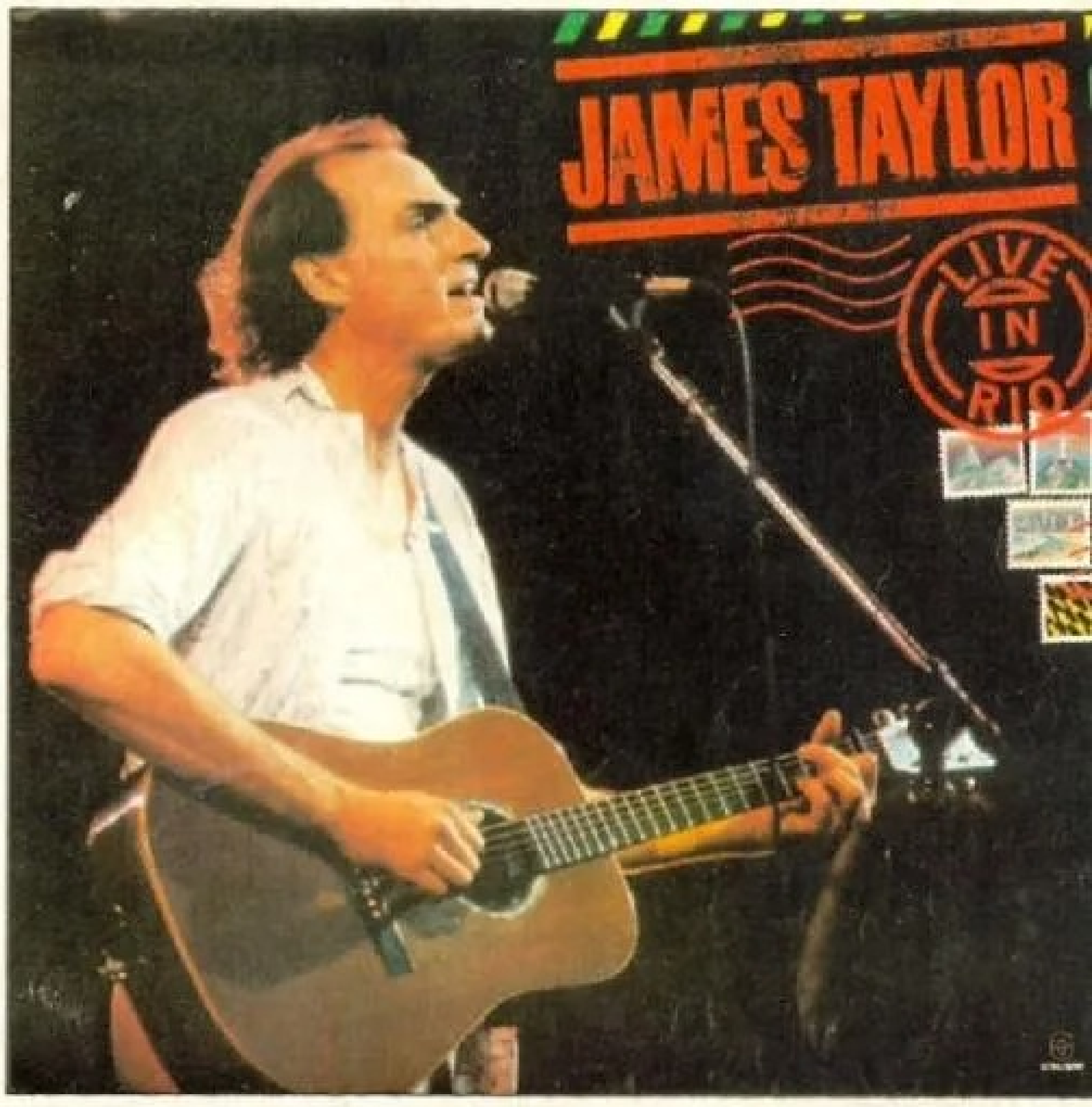
Um homem de cabelos e idéias tempestuosas, pianista de técnica assombrosa e passional, mas compositor mediano do Romantismo. Esta imagem consagrada de Franz Liszt (1811-1886) é inteiramente rasurada por este LP. Contendo cinco obras — ora para combinações inusitadas, como cello, piano, harpa e harmônio, ora para habituais, como violino e piano —, o LP exibe a inspiração terminal do compositor. Essas peças, cheias de lirismo doentio somado a avançadas experimentações, encontram parentes só na virada do século, com Scriabin e Berg. Liszt prova ser um músico politonal e contemporâneo. Interpretadas com rigor vivo, estas obras guardam formas nunca ouvidas. *L.A.G.*

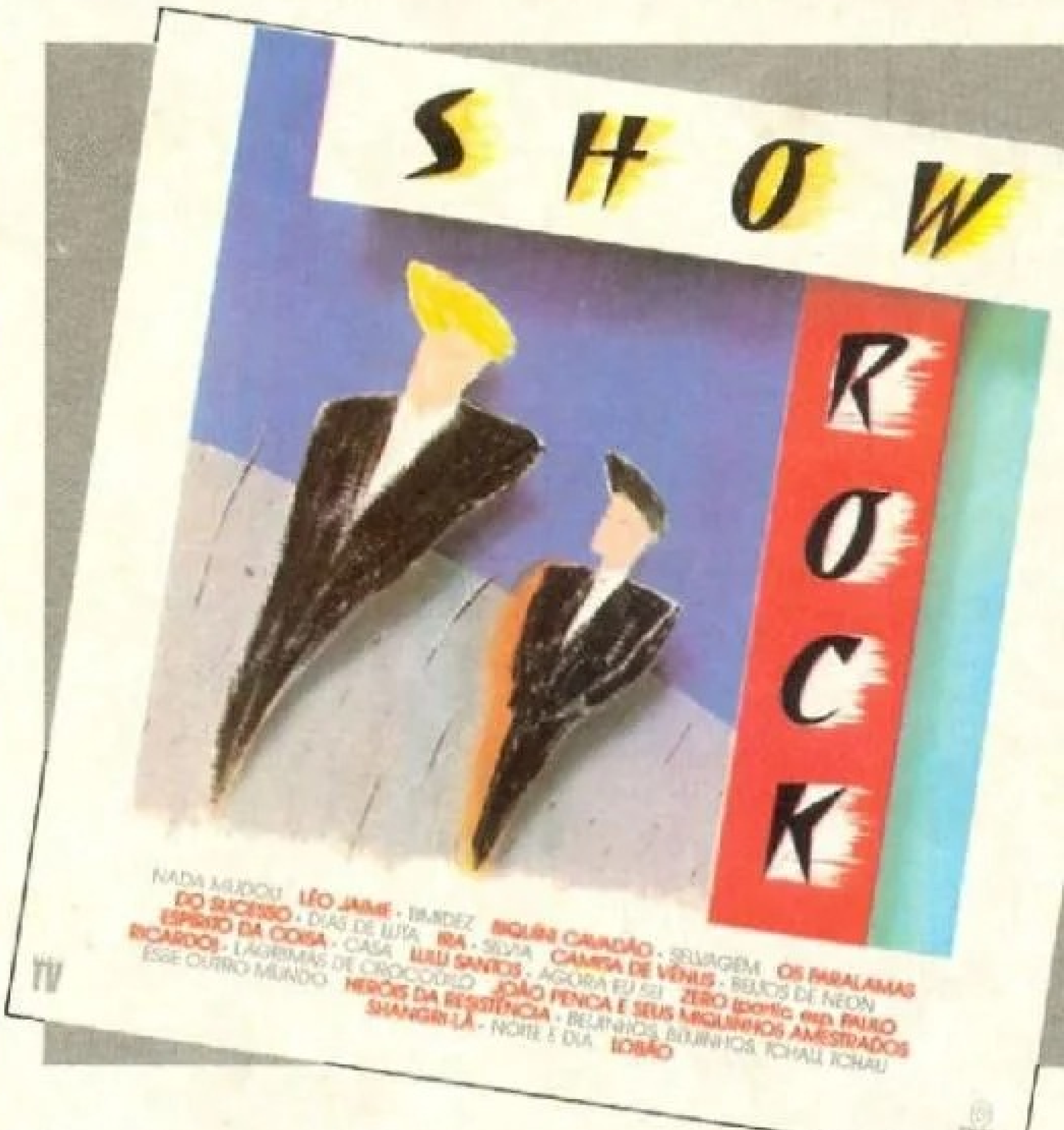
Balãozinho — Eduardo Gudin (Continental)

O oitavo LP do compositor e violonista não poderia ser mais preciso. Além de arranjos refinados, Gudin deu aos teclados um lugar discreto, em equilíbrio com cordas, bateria e guitarra. O diapasão do disco vibra na dimensão da bossa nova, única fórmula de MPB que resiste aos tempos. Os arranjos ficaram a cargo de Gudin, Arrigo Barnabé e Hermeto Paschoal. ''Bem-Bom'' e ''Choros'' são bossas detalhadas em melodias com mais de sete notas. A valsa ''Cidade Oculta'', recebeu uma versão definitiva e mórbida, como para mostrar que este LP desperta a MPB de uma coma profunda.

L.A.G.

DISCOTECA BÁSICA



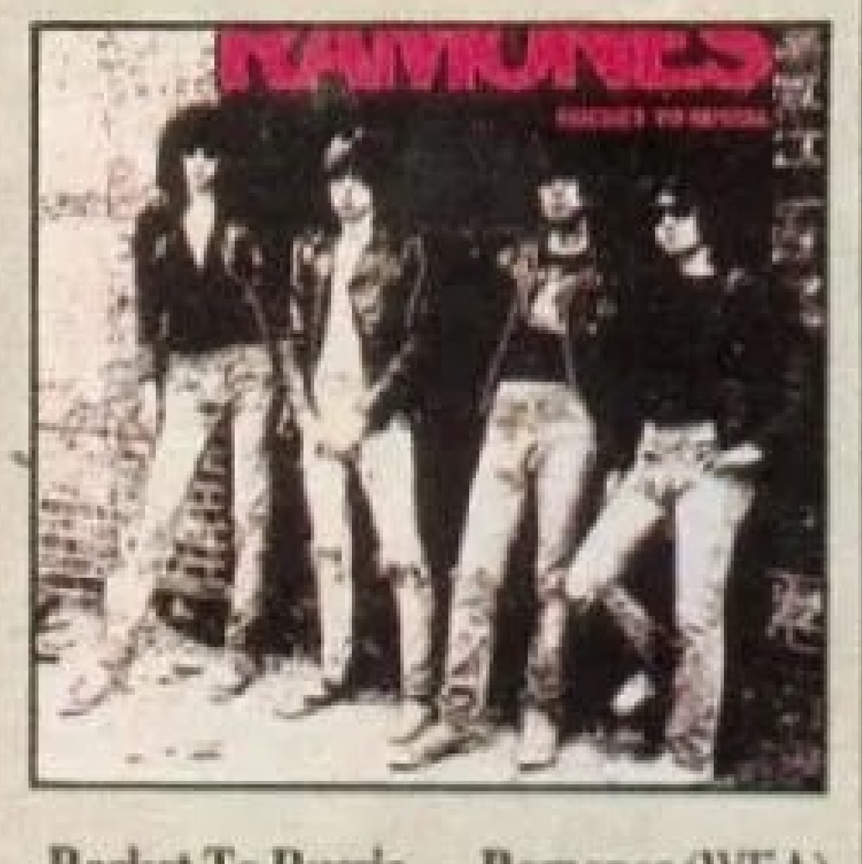


EM DISCOS E FITAS

SOM LIVRE

The Lace — Benjamin Orr (WEA)

Ele declara: "Há muito a ser dito sobre o romantismo e sobre as fantasias que as pessoas colocam nele". Esse papo é manjado. É a justificativa de Ben Orr, incluída no release do disco, para fazer um LP solo (o primeiro) comercial bem chulé. Os Cars, grupo americano de sucesso onde Orr tocava baixo e cantava, eram comerciais mas não apelavam, pelos menos nos primeiros discos, para as baladas à la Michael McDonald ou Chris de Burgh. *The Lace* é bem produzidinho, e as músicas "Too Hot to Stop" e "Spinning" são legais e dançáveis, num pique meio Cars. Mas falta Ric Ocasek, o compositor e líder dos Cars, pois as músicas restantes de Orr não convencem. *T.P.*



Rocket To Russia — Ramones (WEA)

O álbum data de 77. São dez anos de atraso, mas nenhum para os Ramones. Este é o seu terceiro LP e, um marco fundamental para o que viria a seguir — um terremoto punk dos dois lados do continente. Portanto, este LP soa absolutamente sujo e contemporâneo.

Os Ramones lidam com a simplicidade, velocidade e eficiência. Individualmente, não são grandes instrumentistas. Mas, juntos, elaboram uma das sonoridades mais peculiares do rock. Destaque para a voz inconfundível de Joey e os rifes e conduções da guitarra de Johnny. As canções não têm solos — são retas e diretas. Ironizam, criticam e satirizam a adolescência americana em todos os seus habitats. Recomendo "Teenage Lobotomy" e "We're a Happy Family". E, claro, a regravação do clássico dos 60, "Surfin Bird". Indispensável! *Charles Gavin*

Women and Men — Simply Red (WEA)

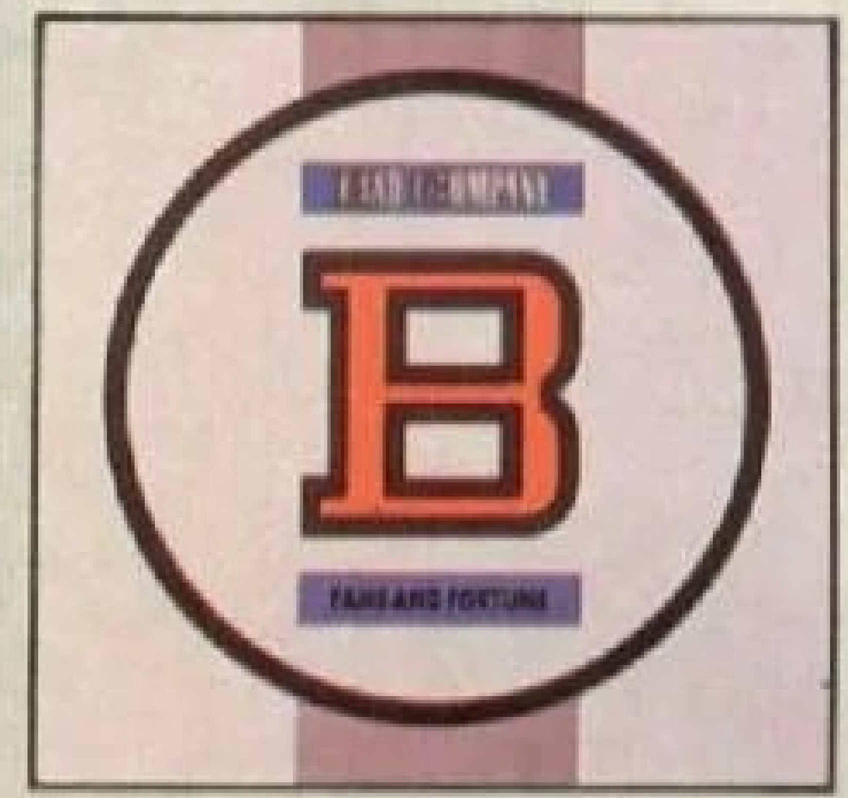
Pode tirar a brilhantina do armário, o talco e os sapatos de cromo alemão: Mick "Red" Hucknall está de volta no seu Cadillac "meia três" reluzente, com dez hits em potencial, boa parte talhada no mais autêntico soul, com carimbo "aprovado pela Tamla Motown". Isto posto, ninguém se sinta obrigado a curtir um som tirado do baú. Para quem pensa assim, a raposa ruiva tem outros coelhos na cartola — com um olho nas pistas de dança, amarra um par de funks elegantes ("Let Me Have It All", "Move On Out") e dá um grande golpe: já que conquistou o mercado americano, Red volta um pouco no tempo para tomar o lugar dos Bee Gees. E se isso não bastar, ainda sobra a produção suntuosa, com aquele verniz pseudo-sofisticado que as FMs adoram. Tudo fica formal, bem feito, estereotipado. Nada como a nostalgia conservadora para mascarar a falta de criatividade dominante... *J.Y.N.*

Conspiracy Of Hope (Polygram)

Sob um título um tanto apelativo (a conspiração da esperança), trata-se da contribuição de onze artistas (Steve Winwood, Peter Gabriel, Elton John, Tears For Fears, Howard Jones, Paul McCartney, Dire Straits, John Cougar Mellencamp, Simple Minds e Bryan Adams) em prol da Amnesty International, que comemorou no ano passado seu 25.º aniversário. Ainda aparece o Sting com a inédita "Strange Fruit", o clássico de Billie Holiday gravado especialmente para a circunstância, melhor momento de um disco que vale muito mais que uma simples compilação. *J.Y.N.*

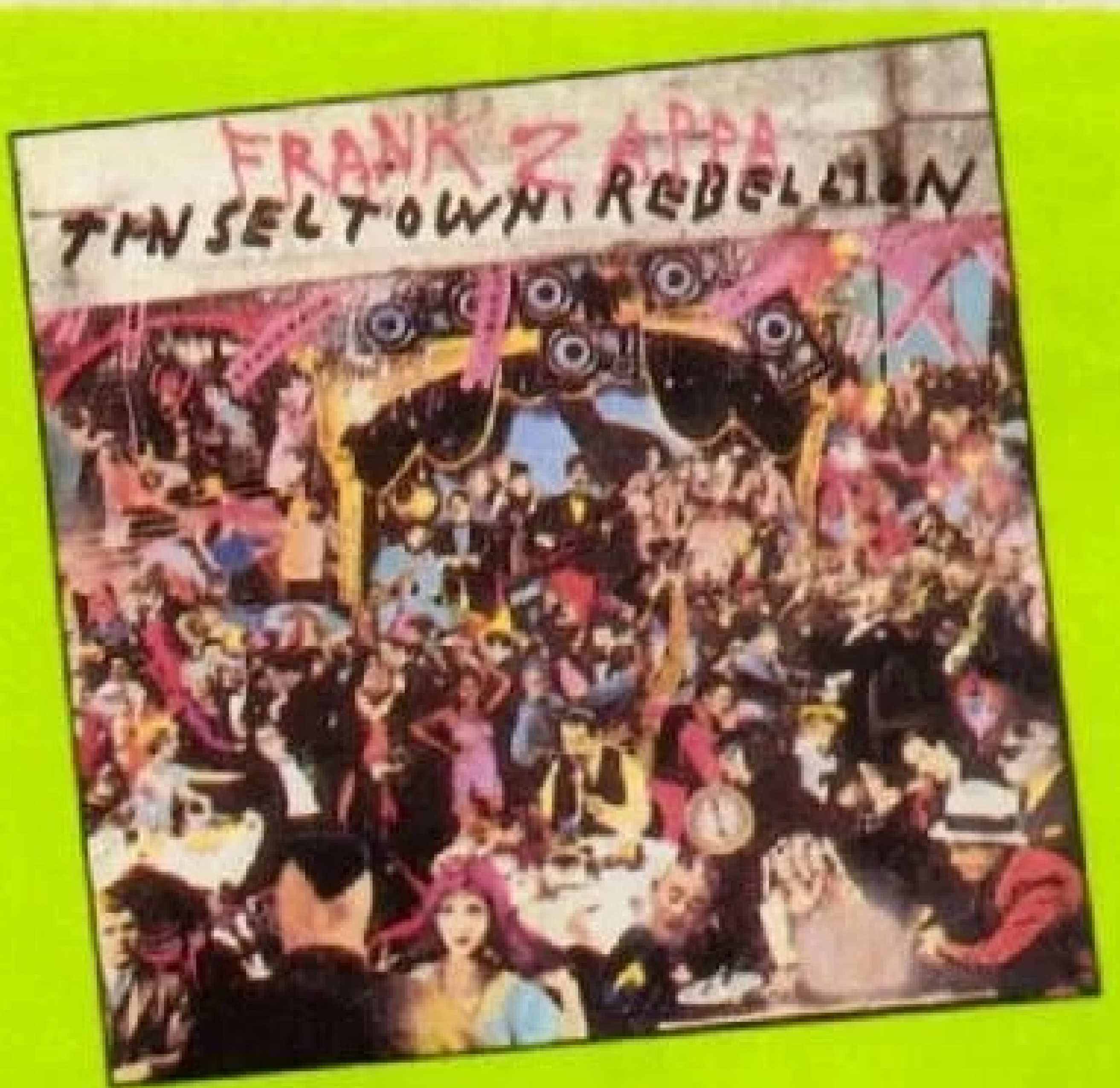
Between Two Fires — Paul Young (CBS)

Paul Young é mais um cantor inglês que gostaria de ter nascido negro — se não na pele, pelo menos na voz. Ele se esforça para alcançar climas dos grandes *soul singers*, e se não consegue a perfeição, chega muito perto. Paul possui bela voz, transmite emoção e se preocupa bastante com a qualidade do produto final. Por isso, este disco poderia ser mais um dentro do infestado universo de bobagens pop, mas escapa por pouco e consegue interessar a quem quer apenas ouvir belas canções. *T.L.*



Fame And Fortune — Bad Company (WEA)

O Bad Company é outro bom grupo dos anos 70 que volta para ganhar novos fãs e matar a fissura de tocar. O responsável pelo reagrupamento foi o guitarrista Mick Ralphs, que conseguiu convencer o baterista Simon Kirke e o baixista Boz Burrell — da formação original — e agitou cantor e tecladista novos. É uma volta mais feliz que a do Deep Purple, por exemplo, que sujou seu santo nome em vão. A voz de Paul Rodgers faz falta, mas o som dá pra segurar. Melhor que os Bostons da vida. *T.L.*



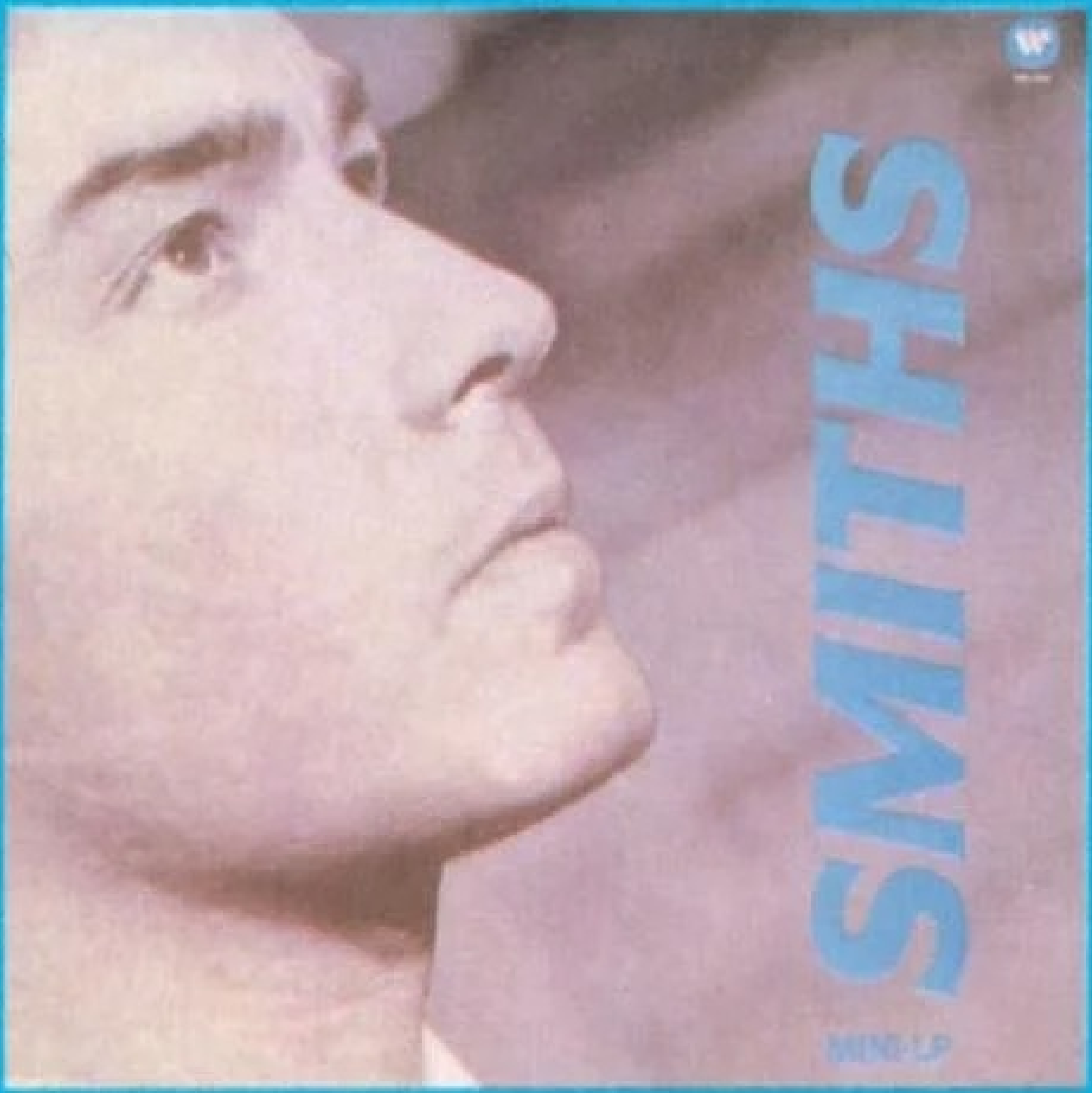
Tinseltown Rebellion — Frank Zappa (EMI-Odeon)

Talvez você seja um daqueles que sacam o revólver quando ouvem falar em "gênios do rock". Mas cá entre nós, um homem que foi capaz de botar mais de 40 discos em 21 anos de carreira, que literalmente inventou o álbum duplo, o primeiro a ter seu selo independente, aquele que não hesitou a trazer para o rock influências de compositores eruditos como Varèse e Berio, e ainda aquele que mais infernizou a vida dos caretas com suas sátiras peludas, este homem não pode ser de todo ruim.

A melhor prova está neste álbum duplo de 81 (inédito no Brasil), resultado de uma turnê americana e outra inglesa. Aqui, tio Zappa mostra sua predileção para os concertos, em que apresenta criações inéditas e passa em revista seus clássicos. A seleção é coerente e divertida — confira com "Fine Girl" e "Bamboozled By Love", arrasadoras. Recheado de ousadias musicais, este disco oferece o melhor de sua obra, sem esquecer a parte de ultrajes que lhe valeram sua reputação de papai perverso. Quer um exemplo? Empurre então a agulha até "Panty Rap" e descubra a única banda do planeta capaz de organizar com sucesso uma coleta de calcinhas em pleno show...

Jean-Yves de Neufville

Este disco não é sério
Chama-se Forever o novo Lp do Kool and The Gang. Um disco que foi feito para você dançar, dançar, dançar. Mais do que cobra em areia quente. Em matéria de ritmo, Forever não faz por menos. Confira, se tiver fôlego.
KOOL THE GANG
Forever
PolyGram

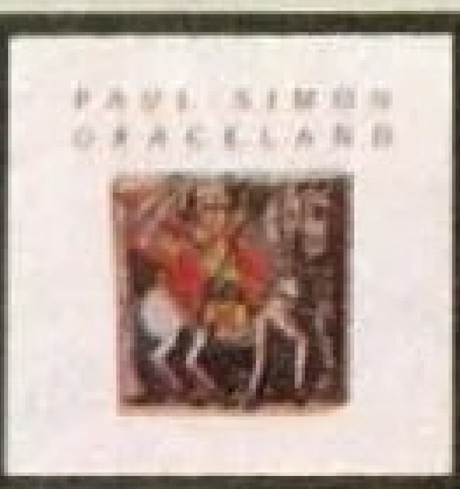
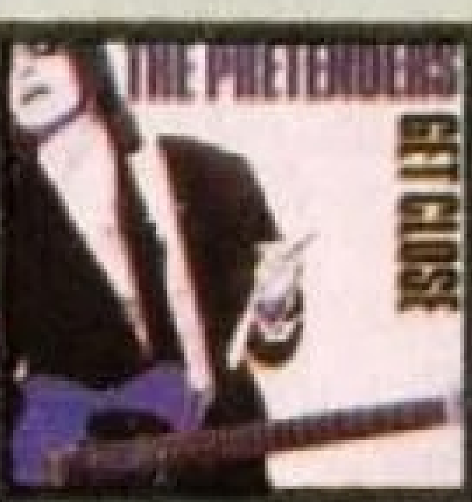


RÁPIDO & RASTEIRO   RÁPIDO & RASTEIRO   RÁPIDO &

Este R&R é dedicado aos boco-mocos de paletó e gravata que mergulharam o país na situação econômica que todos conhecem. Rápidos, os aumentos (inclusive dos preços dos discos). Rasteiros, permanecem nossos salários. Assim, não é mero acaso se pouco peixe ruim sobrou na rede, este mês. Pelo contrário, temos três mini-LPs capazes de dizer, no espaço de uma a três faixas, o que tantos não conseguem num LP inteiro. Madame **Nina Hagen,** a hippie incurável, manda um cartão-postal chamado WORLD NOW (CBS). O recado: só o amor pode salvar o mundo, que vai muito mal. É tão raro ouvir isso hoje em dia que chega a ser escandaloso ⊗ WAR (CBS) é uma faixa extraída da monumental caixa de cinco LPs do gigante **Bruce Springsteen,** que a gravadora vai arremessar por aqui em breve. Neste clássico dos anos 60, o mesmo refrão: a guerra não vale pra nada ⊗ Com PANIC (WEA), os **Smiths** assinam seu hit de maior sucesso comercial. O tema pode parecer mais fútil, mas chegou a provocar revolta e indignação, até na imprensa paulista: "Enforquem o disc-jóquei, que nunca toca as músicas de que eu gosto". Morrissey canta alto e bonito o que muitos pensam calados. No lado B, a conhecida "Vicar in a Tutu" e a inédita "Draize Train", um brilhante exercício guitarrístico de Jonny Marr. Um tira-gosto antes da chegada do mais novo LP dos Silvas, a compilação *The World Won't Listen* ⊗ Entre os peixes um tanto indigestos que sobraram na malha fina da redação, deu Brasil 3, Estados Unidos 3. **Pedrinho Mattar** com o LP PIANO STAR (RGE) ganha disparado o troféu do melhor disco de muzak do mês, que deverá fazer a felicidade dos donos de restaurantes, hotéis, bares, pianos-bares e salas de espera em geral (os dentistas sádicos vão adorar) ⊗ No mais, *Lula Martins* com BAIANO ROQUEIRO (Beverly) —, que recebe o troféu da capa mais feia do mês — deve ser esquecido rapidamente ⊗ Mesma coisa para o *Steve Miller Band* com o LP LIVING IN THE 20th CENTURY (EMI-Odeon), *Gwen Guthrie* com GOOD TO GO LOVER (Polygram) e para a trilha do filme ABOUT LAST NIGHT (EMI-Odeon). É assim que se enfrenta uma crise...

J.Y.N.

BOLSA DE DISCOS

						
	GRACELAND Paul Simon (WEA)	INSIDE STORY Grace Jones (EMI-Odeon)	KID VINIL & OS HERÓIS DO BRASIL (3 M)	GET CLOSE Pretenders (WEA)	NOTORIOUS Duran Duran (EMI-Odeon)	CIDADE OCULTA Arrigo Barnabé (Polygram)
Carlos Arruda	Sublime	Bom	●	Bom	Razoável	●
Alex Antunes	Bom	Lixo	Razoável	Interessante	Lixo	Razoável
Thomas Pappon	Bom	Razoável	Razoável	Interessante	Razoável	●
Marcel Plasse	Sublime	Razoável	●	Razoável	Lixo	Interessante
Luiz Antonio Giron	Sublime	Lixo	Razoável	Bom	Razoável	Bom
José Emílio Rondeau	Sublime	Razoável	Razoável	Bom	●	Razoável
Jean-Yves de Neufville	Sublime	Razoável	Razoável	Interessante	Razoável	Interessante

Sublime · Bom · Interessante · Razoável · Lixo

JT Racing Brazil

Industrializado, usando padrão e técnica internacional.
Confeccionado em lona com detalhes em camurça, monobloco de borracha e solado vulcanizado garantindo resistência e durabilidade.
Desenvolvido especialmente para seus movimentos radicais e criativos, o tênis que lhe dá proteção contra choques, graças ao sistema exclusivo de contraforte de borracha.

Escritório e fábrica - SP
(011) 65-0549 - 872-8543

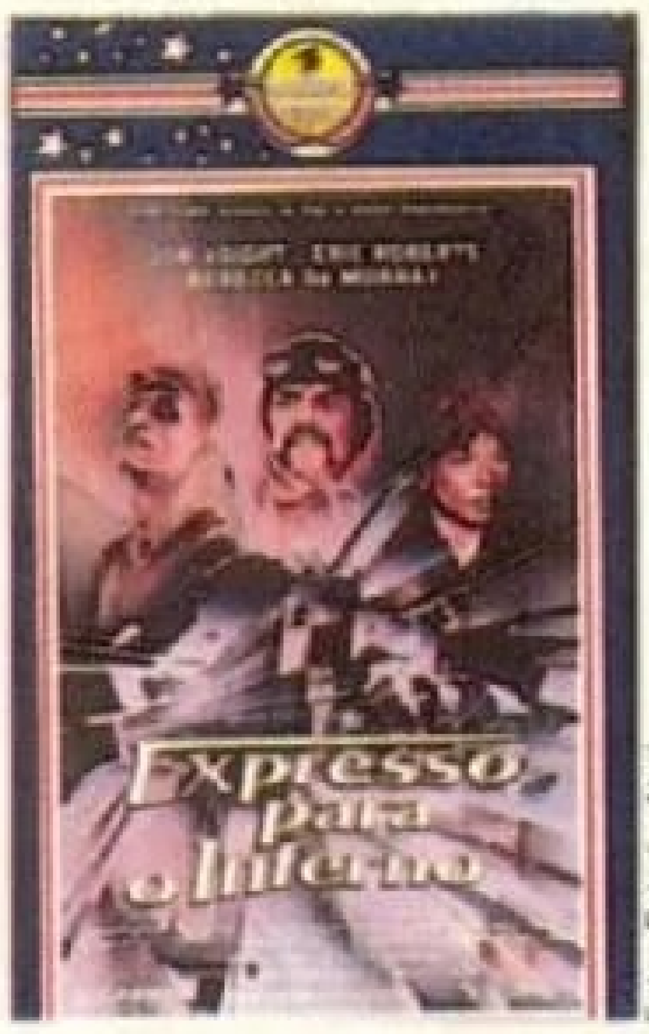
Representantes: RS/SC - Henrique Tel: (0512) 95-4362 RJ - Rubens Tel: (021) 329-6967

Produtos fabricados com a qualidade:
QUIMISINOS Indústrias Químicas
omega s.a. artefatos de borracha
STICLE ALGODÃO 100%

À venda nas lojas: **São Paulo:** DALAS - Shopping Matarazzo/ZERONINE - Galeria Pagé • **Rio de Janeiro:** MARIO'S SPORT - Centro, Tijuca, Meier, Madureira e Campo Grande • **Minas Gerais:** CINDERELA - Juiz de Fora

LANÇAMENTOS

EXPRESSO PARA O INFERNO (Runaway Train, 1985)



Fotos Estúdio Abril

Direção: Andrei Konchalowsky. Com John Voight, Eric Roberts, Rebecca de Mornay. America.

Novo filme americano do diretor soviético de *Os Amantes de Maria*, com roteiro de Akira Kurosawa. Ou seja, mais uma das perturbadoras alquimias étnicas de Konchalowsky, desta vez em ritmo de aventura. Voight é um bandidão orgulhoso que foge de uma prisão de alta segurança no Alasca, atraindo um jovem detento e a perseguição doentia do diretor do presídio. Só que os fugitivos se metem em um trem descontrolado, filmado por Konchalowsky como um verdadeiro monstro urrando através da nevasca. Imagens belíssimas e eletrizantes. *A.A.*

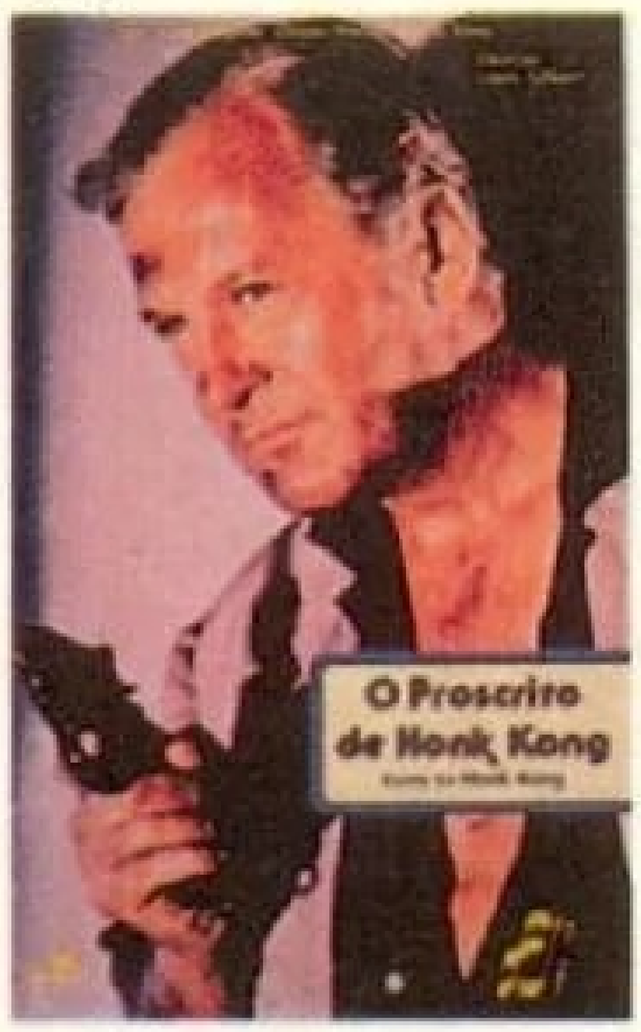
CORONEL REDL (Redl Ezredes, 1985)

Foto Polivídeo

Direção: Istvan Szabó. Com Klaus Maria Brandauer, Jan Niklas. Polevídeo.

Depois do ótimo *Mephisto*, sobre a relação de um ator ambicioso com o nazismo, a dupla Szabó/Brandauer se reúne outra vez em mais um filme denso sobre a corrupção. Grosso modo, é a mesma idéia de *Mephisto*, só que nos últimos dias do império austro-húngaro, pouco antes da Primeira Guerra Mundial. Brandauer é um filho de camponês que faz uma brilhante carreira no exército, não sendo "impecável" só porque não consegue deixar de ser homossexual. Mesmo com este conflito, é um filme frio, mas muito interessante. *C.G.L.*

O PROSCRITO DE HONG KONG (Ferry to Hong Kong, 1958)



Direção: Lewis Gilbert. Com Curt Jurgens, Orson Welles. J. F. Lucas.

Simpática aventura à antiga, com direito ao vagabundo de bom caráter (Jurgens), à professorinha apaixonada (Sylvia Syms) e ao capitão irascível (Welles, em um raro papel cômico). O *ferry boat* do título original é a barca que faz a ligação Hong Kong/Macau (possessão portuguesa na China). O bêbado encrenqueiro é expulso de Hong Kong, só que em Macau ele não é aceito, e o capitão que o transportou não consegue mais desembarcá-lo... Mas não faltarão ocasiões para ele provar seu heroísmo. *A.A.*

FOR YOUR LOVE ONLY (75)

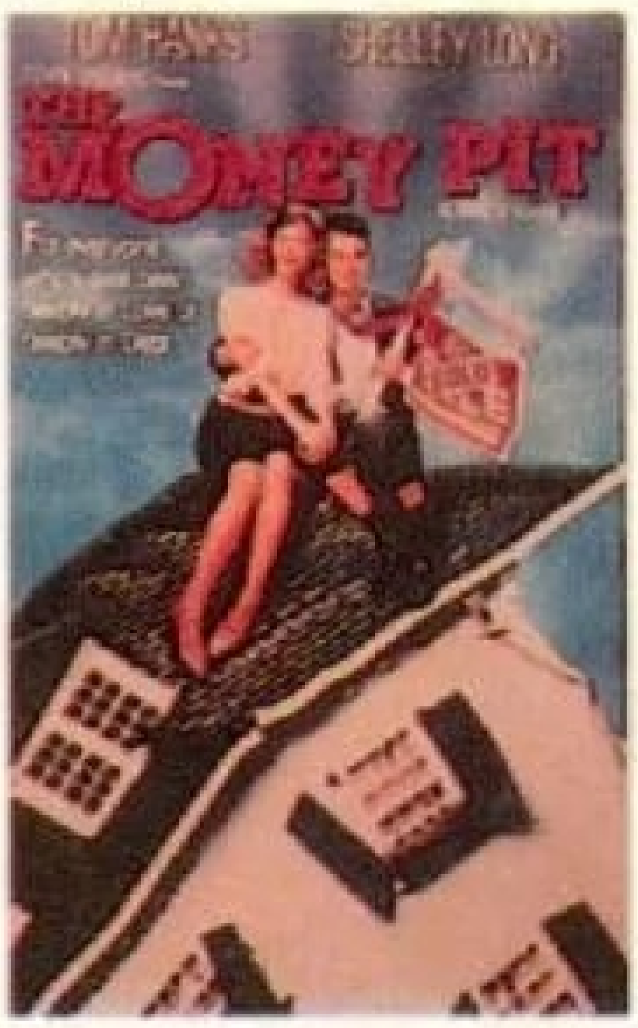
Foto J.F. Lucas

Direção: Wolfgang Petersen. Com Nastassja Kinski, Christian Quadflieg. J.F. Lucas.

Lastimável essa reunião de Petersen (o talentoso diretor de *História sem Fim* e *Inimigo Meu*) e a adorável Nastassja, ambos em seus primeiros passos. É um novelão com arroubos de *thriller*, produzido originalmente para a televisão alemã. O roteiro e a direção de Petersen são perfeitamente obtusos, encontrando em Nastassja uma "canastrinha" à altura. Mas vale como curiosidade, só para conhecer o franjão na testa de *Nasty* ao catorze aninhos, e os diálogos rigorosamente estúpidos. *A.A.*

COMÉDIA

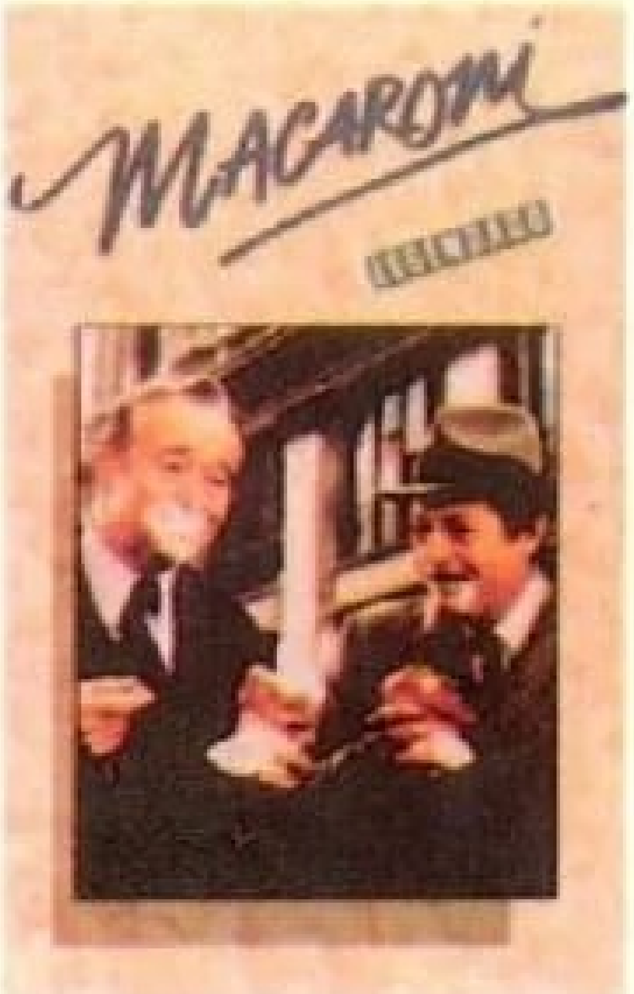
UM DIA A CASA CAI (The Money Pit, 1986)



Direção: Richard Benjamin. Com Tom Hanks e Shelley Long.

Comédia sem grandes lances, mas com produção de Spielberg, o que já é um bom motivo para matar a curiosidade. Um casal de namorados, Hanks e Long, passa uma temporada na casa do ex-marido dela, enquanto ele viaja. O maestro (Alexander Godunov, o próprio) volta repentinamente, e o casal acaba comprando um casarão, por uma ninharia, por não ter onde morar. A casa está caindo aos pedaços e "apronta" mil armadilhas. Hanks, o par de Daryl Hannah em *Splash*, é o único realmente divertido. *C.G.L.*

MACARONI (1985)

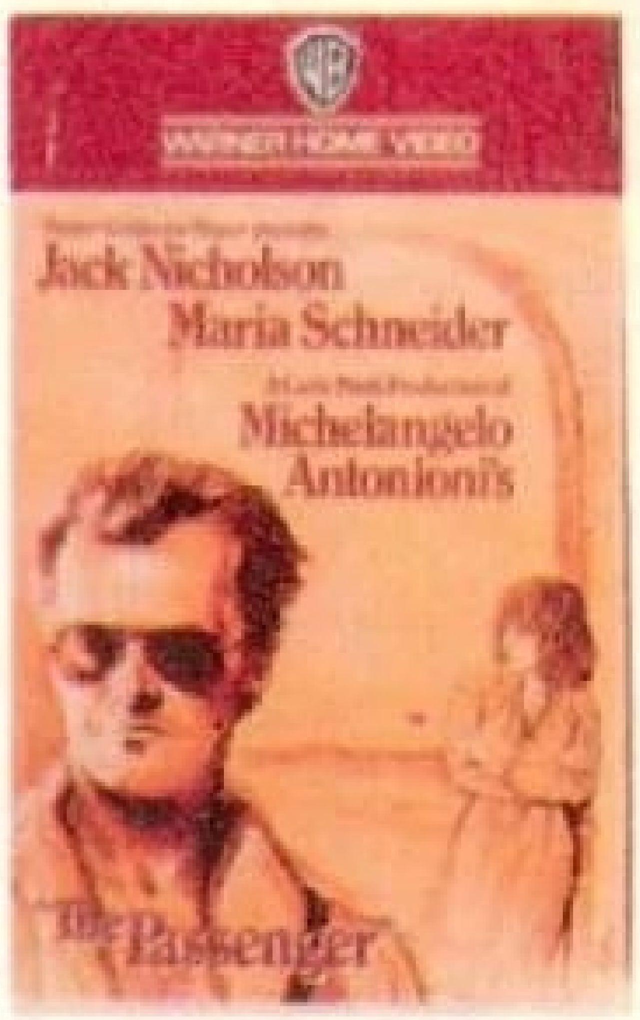


Direção: Ettore Scola. Com Jack Lemmon, Marcello Mastroianni.

Um roteiro inteligente, num filme sem tanta agilidade. Lemmon é um executivo de uma companhia aérea que volta à Itália depois de quarenta anos. Um homem (Mastroianni) procura por ele, identificando-o como noivo de sua irmã. O executivo pensa que é um engano, mas outras pessoas também dizem conhecê-lo, comentando as cartas que ele mandava para elas. A solução do mistério rende ótimas piadas sobre a Itália e os Estados Unidos. Confira. *C.G.L.*

DRAMA

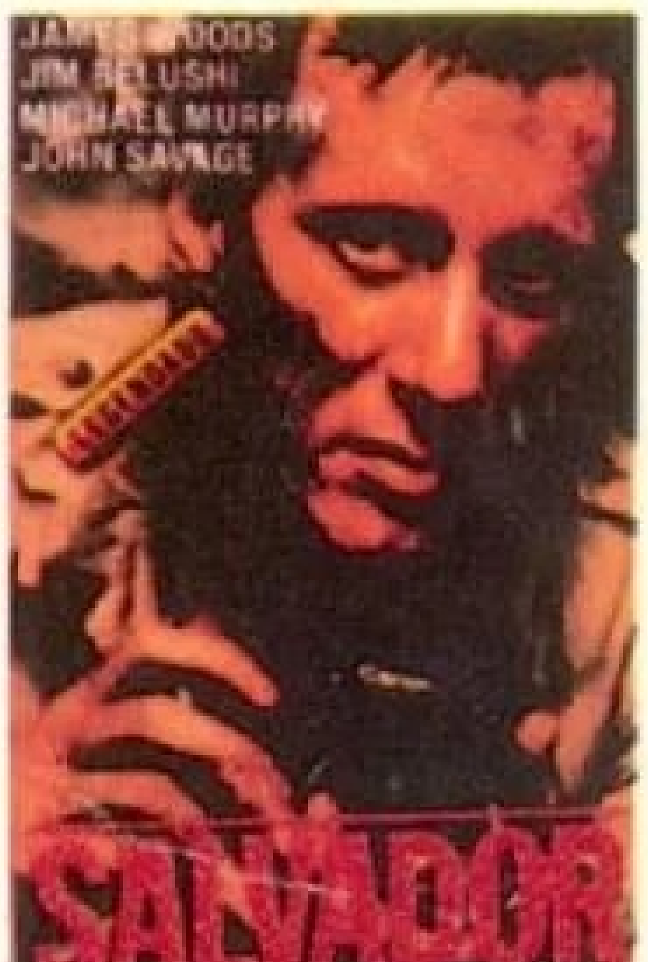
O PASSAGEIRO (The Passenger, 1975)



Direção: Michelangelo Antonioni. Com Jack Nicholson e Maria Schneider.

Antonioni mostra, em alto estilo, por que foi chamado de "o cineasta da incomunicabilidade" e "o poeta do tédio". A partir de uma trama de elementos mínimos, bastante curiosa — um famoso repórter (Nicholson) que se apropria da identidade de um homem morto, deixando o cadáver como se fosse o seu —, Antonioni constrói um drama vago, explorado em planos longos e angustiosos. O homem se livra de sua vida sem sentido, mas não o encontra na vida do outro. O que ele consegue é uma namorada nova (Schneider) e contatos perigosos... *A.A.*

SALVADOR (1986)



Direção: Oliver Stone. Com James Woods, James Belushi, Elpedia Carrillo, John Savage.

Stone é o diretor de *Platoon*, sensação do Oscar 87. Já neste seu filme anterior, ele faz uma linha abertamente anti-Reagan, contando a história recente de El Salvador. Episódios reais, como o assassinato do arcebispo Romero e das freiras americanas, são vistos por um fotógrafo americano (Woods). Ele também tem dilemas pessoais, com uma vida destroçada e um pé na marginalidade, e é no calor da revolução que vai recuperando o moral. Um excelente filme político, francamente favorável à guerrilha salvadorenha. *A.A.*

O PORTEIRO DA NOITE (Portiere di Notte, 1974)

Foto Abril

Direção: Liliana Cavani. Com Dirk Bogarde, Charlotte Rampling.

O tema é incômodo: a paixão da vítima e seu torturador. As cenas de sexo e tortura se intercalam numa associação digna do Marquês de Sade. Rampling ficou muito marcada pelo papel, e o filme foi pichado como um certo elogio ao masoquismo. Nem tanto: o amor deles não tem saída. É um reencontro anos depois do campo de concentração. O torturador agora é o porteiro do hotel onde ela se hospeda por acaso. O passado é uma vertigem que os une. Os nazistas que restaram procuram eliminar as testemunhas. O filme é doloroso, mas talvez necessário. *C.G.L.*

UMA MULHER EM FOGO (Die Flambierte Frau, 1983)

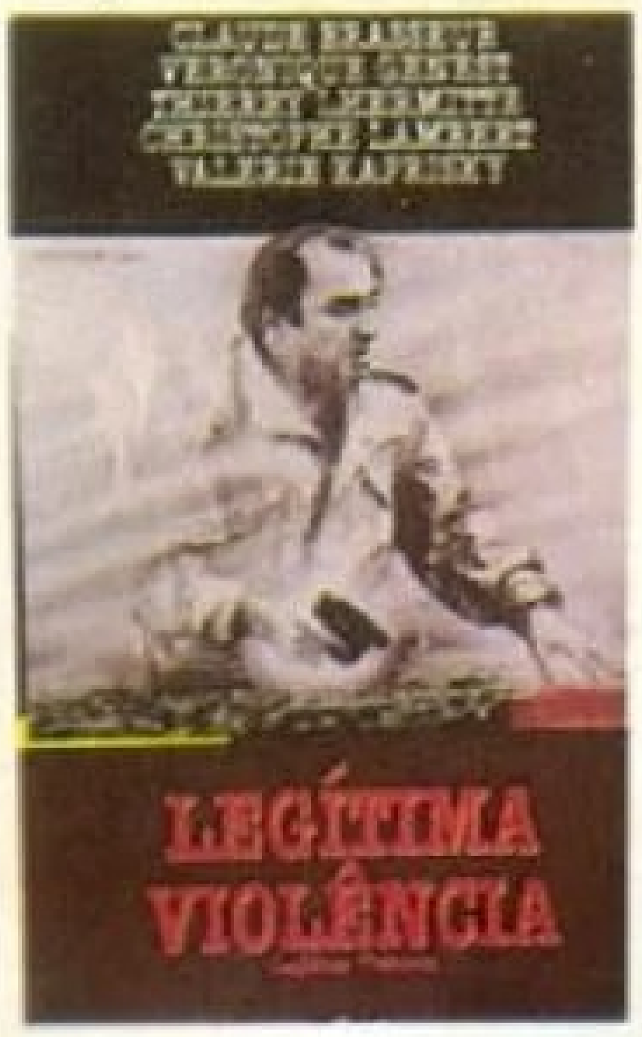
Foto Abril

Direção: Robert van Ackren. Com Gudrun Landgrebe, Mathieu Carrière.

Landgrebe e Carrière fazem um casal que se prostitui. Ele é um ex-estudante de Administração de Empresas, ela uma ex-dona de casa e estudante de Literatura. A prostituição é a maneira mais fácil e rentável que encontraram para sobreviver. A possessividade, no caso, torna-se absolutamente contraditória. O final é estranho, cínico. O diretor Ackren tem sido comparado a Fassbinder, mas seus personagens não têm tanto fatalismo. Parecem padecer de uma certa indiferença alemã, mas isso não os faz mais fortes. *C.G.L.*

POLICIAL

LEGÍTIMA VIOLÊNCIA (Légitime Violence, 1982)



Direção: Serge Leroy. Com Claude Brasseur, Véronique Genest, Christophe Lambert.

Uma história bem realizada, que começa com o assassinato de um político numa estação de metrô, simulado como um assalto. Genest faz a única testemunha dos crimes, além de Brasseur, no papel do homem que perde toda a família, só lhe restando o pai. A polícia não faz nada, e o homem se envolve com um grupo direitista a favor da pena de morte, que passa a defendê-lo. O final dá o tom político do filme, muito bem equilibrado com ação. Lambert, em começo de carreira, é um dos assassinos. Valerie Kaprisky faz uma ponta. *C.G.L.*

SUSPENSE

A MOSCA (The Fly, 1958)

Direção: Kurt Neumann. Com Al Hedison, Vincent Price, Herbert Price, Patricia Owens.

Primeira versão do conto de Georg Langelaan, publicado em 57, refilmado recentemente com direção de David Cronenberg. Um cientista inventa uma máquina capaz de transportar matéria sem precisar locomovê-la. Quando ele mesmo participa da experiência, mistura por acidente suas moléculas às de uma mosca, transformando-se em um ser metade humano, outra inseto, o que acaba provocando um assassinato. Uma das conclusões do filme é que tudo com que o homem não sabe lidar deve ser extinto. Um pouco supersticioso para um filme de ficção. Curioso... *C.G.L.*

AVENTURA

GREYSTOKE, A LENDA DE TARZÃ (1984)

Foto Prod. DB

Direção: Hugh Hudson. Com Christophe Lambert, Ralph Richardson, Andie Macdowell.

Trigésima quinta filmagem da lenda de Tarzã, aproximadamente. Hudson partiu do original de Edgar Rice Burroughs, contando a história de um *lord* (o próprio Tarzã) que, por circunstâncias várias, nasce na África e é criado por macacos. Esta versão se preocupa com o impasse de Tarzã ao tomar contato com a civilização, seu "choque cultural" depois de tantos anos na selva. Lambert tem um ar triste, pouco expressivo, mas se adequa ao papel. A melhor seqüência é a do museu, em Londres, ainda que a cena com o macaco na árvore seja um pouco grotesca. *C.G.L.*

Vídeos cedidos pelas distribuidoras America Vídeo, Polevídeo e F.J. Lucas, e pelas locadoras 2001 (284-8019/ 8788, SP) e Rentacon (826-4399, SP)

CHRISTOPHE LAMBERT

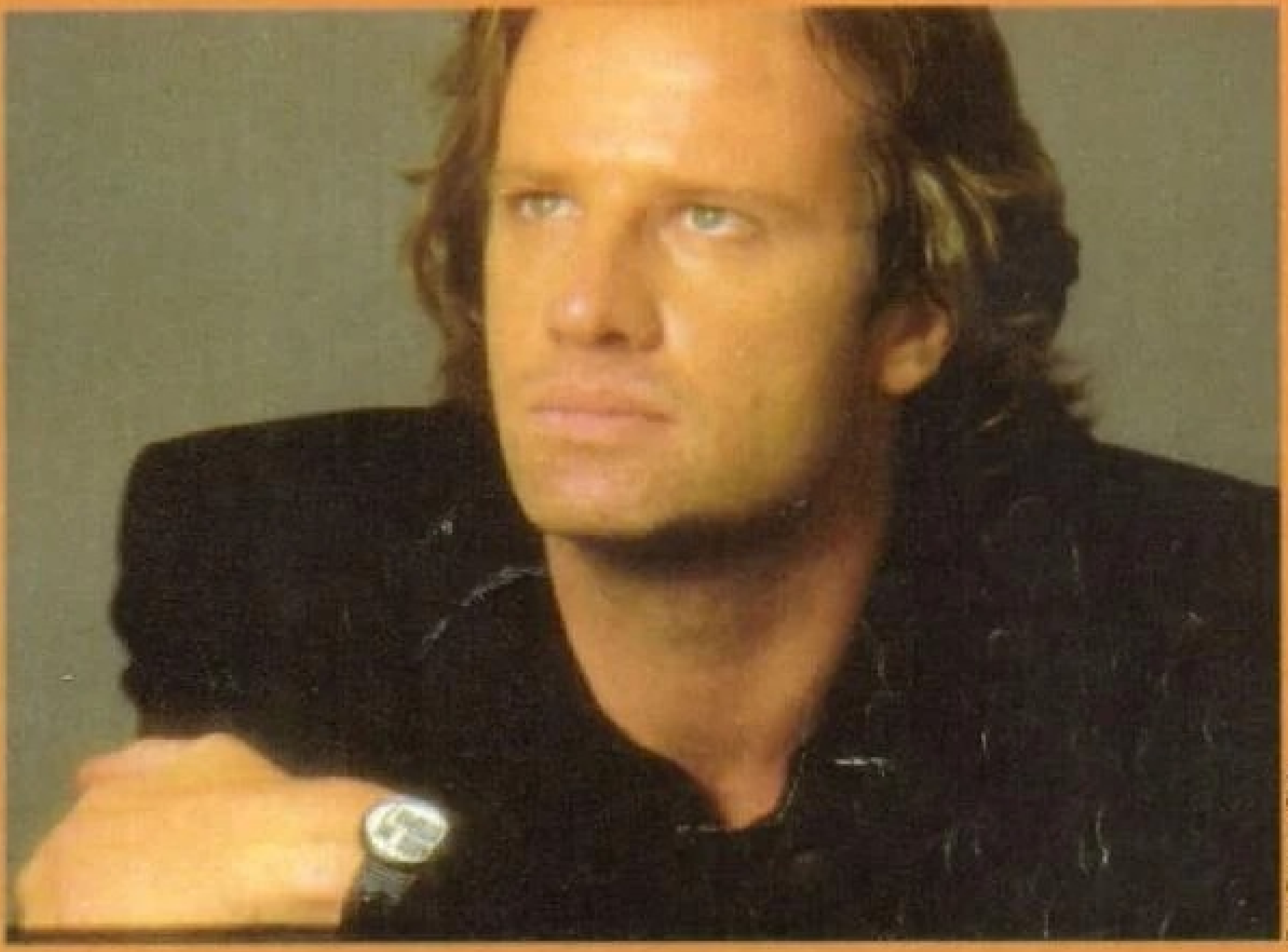


Foto Gamma/ Sigla

"Depois do herói e do anti-herói, chegou o herói arrasado", anunciou a revista francesa *Première*, falando de Christophe. Em 86, ele ganhou o César, o Oscar francês, por seu trabalho em *Subway*, no papel de um ladrão de casaca com cabelos descoloridos — uma espécie de mistura entre Sting e Belmondo... Ainda que seja identificado como francês, ele nasceu em Nova Iorque, em 29 de março de 1957, signo de Áries, o símbolo dos desafios que ele coincidentemente encarna em papéis como MacLeod (*Highlander*) ou Tarzã (*Greystoke*).

Seu pai já foi diplomata da ONU, ligado à assistência de países subdesenvolvidos, e a mãe, pedagoga especializada no trabalho com crianças deficientes mentais. Não era sonho deles que o filho fosse ator. Por conta disso, o jovem Lambert-Lamont acabou trabalhando como corretor da Bolsa de Valores em Londres. Ele vinha de Genebra, onde passou a maior parte da vida, e seu último objetivo era estudar arte dramática em Paris. Embarcou para lá ainda com o pretexto de ser corretor, mas uma greve na Bolsa decidiu por ele, que se matriculou no Conservatório de Arte Dramática. Ligou para o pai avisando e conseguiu dois anos de trégua: depois, perderia a mesada. Lambert logo começou a procurar uma brecha no mercado cinematográfico, insatisfeito com as análises intelectuais sobre o modo de representar da escola, onde participou da montagem de algumas peças clássicas — não era esse o estilo que ele procurava. Espalhou, então, fotos pelas produtoras de cinema, fez testes, até que surgiu a oportunidade para fazer *Confidences pour Confidences*, do diretor Pascal Thomas. Mas Lambert se recusou a tirar os óculos ("Sou míope como uma toupeira", disse depois) e acabou não participando do projeto, ainda que o motivo pareça inacreditável... Enquanto a "grande chance" não aparecia, trabalhou na loja de uns amigos, o que parecia mais um divertimento, segundo ele.

Quando era criança, uma vidente previra: "Esse garoto será famoso". Cumprindo a profecia, ele acabou escolhido para ser o último (?) Tarzã, em Greystoke, dirigido por Hugh Hudson (*Carruagens de Fogo*), mesmo não sendo musculoso o suficiente para o papel. Depois disso, virou ídolo moderno, dirigido por Luc Besson (*Subway*) e Russell Mulcahy (*Highlander*), ambos em ritmo de clip. Em *I Love You*, de Marco Ferreri, ele faz um fetichista apaixonado por um chaveiro com a voz gravada de Greta Garbo dizendo "I love you". Seu novo filme, *Le Sicilien*, foi dirigido por Michael Cimino (*O Ano do Dragão*), com roteiro baseado no livro de Mário Puzo. Quem sabe é mais uma história do bem e do mal, como gosta Lambert? *Cesar Garcia Lima*

FILMOGRAFIA COMPLETA *(os filmes assinalados com um * são disponíveis em vídeo)*: *Le Bar du Teléphone* (1980); *Asphalte* (1980); *Une Sale Affaire* (1980); *Putain d'Histoire d'Amour* (1981); *Légitime Violence* * (*Legítima Violência*, 1982); *Greystoke, the Legend of Tarzan, Lord of the Apes* * (*Greystoke, a Lenda de Tarzã*, 1984); *Paroles et Musique* (1984); *Subway* * (*Subway*, 1985); *Highlander* * (*Highlander, O Guerreiro Imortal*, 1986); *I Love You*, (1986); *Le Sicilien* (inédito, 1986).

Promoção válida até 31/03/87.
QUALIDADE GARANTIDA PELO FABRICANTE DOS RELÓGIOS DUMONT
ALTERNATIVA®

ENGRAÇADO, É ANTIQUÁRIO OU FUTURISTA? PÓS-MODERNO OU PRÉ-ANTIGO? É UMA QUESTÃO DE TEMPO. E VOCÊ TEM TODO O TEMPO DO MUNDO. ALTERNATIVA QUARTZ. MASCULINO OU FEMININO. PENSE NISSO.

TEMPOS MODERNOS

1.700,

EXCLUSIVIDADE

MESBLA

A FACE OCULTA DE RENATO RUSSO

Ele não queria conceder uma entrevista sem o resto da banda de jeito algum. Telefona de cá, argumenta de lá; afinal, Renato Russo e *Bia Abramo* se encontraram para um verdadeiro *face to face.* Acompanhem as trilhas tortuosas das idéias do vocalista e letrista do grupo eleito pelos leitores de BIZZ como o melhor de 86

Fotos Frederico Mendes

RENATO RUSSO

BIZZ — *Renato, agora a Legião Urbana está fazendo sucesso. O que mudou na sua vida pessoal em função deste sucesso?*

Renato — Nada. Quer dizer, o que mudou é que agora eu tenho mais segurança e confiança; menos dúvidas sobre as coisas nas quais eu acreditava. Se você trabalha com sinceridade e dignidade, se tenta ser íntegro e seguir o que você acredita, sem se deixar levar por pressões, você acaba conseguindo. Sei lá, a gente criou uma base que não vai mais embora, não é aquela coisa de fazer sucesso e, de repente, ter que ficar provando porque fez sucesso. Bem, uma coisa que mudou é que agora eu conheço muito mais gente. É uma coisa bacana conhecer milhões de pessoas superfabulosas, mas fabulosas de verdade — pessoas que valem a pena, que te dão aquela coisa, poxa, eu não estou sozinho. Quer dizer, todo mundo está sozinho, mas pelo menos...

BIZZ — *A crítica, ao falar do trabalho do Legião, destaca sempre as suas letras. Você acha que, de fato, as letras são a coisa mais importante?*

Renato — Não. Existem tantas coisas... mas eu não gosto de falar do Legião. A melhor coisa é: nós quatro, do jeito que somos, termos conseguido fazer o que fizemos. Gente, nós éramos uma banda *underground!* Eu gostaria que a coisa mais importante fosse aquilo que as pessoas escrevem nas cartas para a gente: "Vocês são legais porque são que nem a gente". Bom, eu acho que isso é uma romantização... essa é a imagem do Legião, mas as pessoas percebem que nós somos quatro amigos que fazem música. Não mudou nada. Até hoje eu não sei tocar direito... A gente é super não-profissional, é amador no bom sentido, de quem ama o que faz. O importante é isso, mas as pessoas ficam em cima — Rolling Stones/Mick Jagger, RPM/Paulo Ricardo... e não é Legião/Renato Russo. É *Legião*. Só que eu falo mais — eu sou muito ambicioso —, dou sempre um jeito de falar a coisa certa na hora exata. As letras só tentam provar que alguma coisa é possível... mas as letras são feitas em cima do que os quatro vivem. Quando a gente começou era assim: vamos fazer uma banda? Vamos. Então decidia o nome, as turnês, mas nem sabia tocar... Mas é isso, quem mais sonha é quem mais faz, eu acredito muito nisso, e também que quem espera sempre alcança. Eu vivo dizendo isso, são as máximas de Renato Russo... Era divertido, *é* divertido, se não for *fun*, não tem graça nenhuma. Ultimamente estava ficando meio pesado, daí eu dei uma parada para ficar divertido de novo *(pausa)*. Eu diria que é o seguinte: embora as letras sejam importantes, elas são um meio e não um fim.

BIZZ — *E qual é o fim?*

Renato — Não existem fins, existem meios. Eu sempre penso em começos, nunca em fins.

BIZZ — *O fato de ter abandonado o show no meio em Belém (27/02) tem a ver com essa coisa que você disse de estar ficando pesado?*

Renato — Eu não abandonei o show. Acontece o seguinte: eu não tenho que ficar recebendo lata de cerveja na cabeça e continuar cantando por causa do meu salário. Ah, mas não tenho *mesmo!* O público fica naquela euforia mas eles não respeitam. Qual é, será que eles não percebem que nós estamos do lado deles? Que a gente está cantando coisas positivas, não está falando "taquem uma garrafa de cerveja na cabeça da gente, porque eu sou mau". A gente está falando: "Brigar para quê/se é sem querer". Já tinha tido um incidente com o Arnaldo (dos Titãs) e eu falei: podem tacar uma bolinha de papel, se

"Tem que tocar nada, eu faço o que quero! Que eles estão pensando? Não é showbiz, é rock'n'roll!"

foi feito com má intenção, eu paro! 'Tá pensando o quê? Eu não sou mártir, não tenho que ficar agüentando moleque mal resolvido. Se é porque o show está ruim tudo bem, mas estava todo mundo adorando, estava tudo bem... e me tacaram uma bela de uma sandália Samoa. Ainda bem que não foi uma garrafa! Depois me falaram que o Paulo Ricardo leva garrafa na cabeça — eu não sei se isso é verdade — e continua cantando, que isso é uma coisa que acontece sempre e ninguém teve esse ataque de estrela. Tudo bem, mas eu é que não vou ficar satisfazendo público que quer ouvir "Eduardo e Mônica" exatamente como está no disco, isso não é rock'n'roll! "Ah, mas tem que tocar." Tem que tocar nada, eu faço o que eu quero! O que eles querem? Não é showbiz, é rock'n'roll. Showbiz é aquela coisa — *the show must go on*. Rock'n'roll não, a gente continua se quiser... E as pessoas não sabem, eles acham que rock'n'roll é produção. O gozado é que a garotada entende quando eu falo que eu faço o que eu quero, eles acham legal, é isso que eles querem ouvir. Para mim, rock'n'roll é tocar, se divertir, fazer o maior auê e ir embora. Quer dizer, basicamente, a gente tenta fazer a coisa de modo que ela seja sincera, porque senão a gente não segura. Se não estivermos cem por cento ligados no que estamos fazendo, não sai, vai entrar todo mundo em pânico. E tem outra, neste país a mídia está muito desenvolvida, mas, por outro lado, não entendem nada... E também você não tem o respaldo de uma estrutura já pronta, tem que se matar de fazer show e o próprio pessoal da mídia não reconhece. Eles só pisam e pisam... Se vocês são tão importantes e rock'n'roll é tão vulgar, por que falam tanto de rock'n'roll? Por que precisa citar Adorno e Walter Benjamin para provar que não vale a pena falar disso? Eu acho que a maior falta de juízo é discutir com alguém que não tem juízo. É sempre aquela coisa, você tem que ficar pacientemente mostrando, gente, não é por aí. As pessoas vêm me pedir entrevistas para me perguntar coisas que não têm nada a ver: o que eu acho da venda de ingressos do Sambódromo para o Carnaval... Pelo amor de Deus! Pô, vem me perguntar rock'n'roll, que pelo menos eu conheço um pouco, e mesmo assim tenho minhas dúvidas... O que acontece no Brasil é que, se você chega num certo nível, você passa a ter autoridade para tudo. Às vezes isso dá medo. E se você tenta explicar o negócio do rock'n'roll... Eu tenho problemas até em casa, eles acham que eu sou exagerado. Se eu fico três dias com uma letra, eles falam: "Ô, Júnior *(o nome real de Russo é Renato Manfredini Jr.)*, deixa de fazer drama, de ser fresco". Mas isso já está mudando, graças a Deus. O que mais incomoda é quando você recebe uma sandália, quando as pessoas exigem certas coisas que são o oposto do que você está fazendo. Essas coisas tipo concurso pra banda de rock, como as gravadoras estão fazendo. Me diz, você está fazendo rock'n'roll, vai se submeter a julgamento organizado? Isso prova que as pessoas não sabem direito onde estão pisando. Se você está trabalhando seriamente, aquele sério bom, vai correr atrás da informação. Quem sabe um pouquinho da história dos Rolling Stones ou dos Beatles, que todo mundo tem que saber, não cai em arapuca de gravadora. Aí o cara chega e fala: "Pô, rock'n'roll é uma barra, é um trabalho". Trabalho o c*! No dia que rock'n'roll for trabalho, então não é mais rock'n'roll. Eu tinha três empregos para ter dinheiro para comprar uma guitarra porque a única coisa que eu

Ele fala com as mãos, anda pela sala, fuma como uma chaminé e, às vezes, é difícil acompanhar a trajetória de suas idéias: é Russo dando entrevista

queria fazer na vida era ficar com a minha guitarra brincando o dia inteiro, não era uma barra. Pô, vai explicar isso para as pessoas, elas vão dizer que eu sou pedante. Agora é essa coisa, briguinhas, cada um por si — como dizem os Titãs: "Cada um por si e Deus contra todos". Vocês nunca passaram pela fase de ir para a casa dos amigos e ficar trocando disco? Só vai para frente quem é fã. Às vezes, os caras não são realmente fãs, não têm aquela coisa de ficar colecionando tudo, recortando sobre o seu ídolo favorito *(pausa)*. Eu acho isso uma coisa tão bacana, porque permite uma ligação com a inocência, de quando você é criança e acredita mesmo nas coisas... Rock é isso. Mas quando ficam te tacando sandália e fazendo exigências absurdas... Para provar o quê? Que rock'n'roll é rebeldia? Se fosse rebelde realmente, não estaria fazendo rock'n'roll hoje em dia. Tem que ter o pé no chão, as pessoas não percebem que quando as coisas vêm fácil, elas também vão embora fácil. Sei lá, de repente, hoje em dia, até os pais estão querendo que você tenha uma banda de rock... Agora, é claro — e isso é um recado para todo mundo —, se você tem talento, se você acredita no que faz, não tem problema, pode ter zilhões de bandas por aí que vai dar certo. Mas as pessoas embolam tudo, ficam duvidando e aí você começa a duvidar também. Será que o Legião está mentindo? Ainda mais que tem o sucesso, antes era só reconhecimento, agora é sucesso mesmo... Isso é que é foda... Aí esperam que você tenha mudado e você não mudou nada. Claro que a gente sempre muda, né? Mas eu acho que sou a mesma pessoa... E o bacana do rock'n'roll é isso, é você não crescer nunca. Eu gosto do Menudo e pronto, eu quero me divertir! As pessoas ficam achando que eu sou meio bestinha, que eu não sou assim. Mas eu sou *assim*, eu sou meio bobalhão mesmo. O mais importante — puxa, eu não te disse que eu falava pra caramba? — é você tentar lidar com isso da melhor maneira possível. Mas é uma coisa muito complexa... Ao mesmo tempo que as pessoas não têm a mínima noção de como as coisas acontecem, elas têm acesso às coisas mais modernas... Então está todo mundo vendo *9 1/2 Semanas de Amor* — aliás, eu detestei esse filme...

BIZZ — *É, eu também não gostei. E cinema, o que você tem visto?*

Renato — Ah, eu gosto de ver vídeos... eu adoro filme de terror. Em geral, eu gosto muito de produções americanas desconhecidas e de filmes ingleses... E filmes que têm aquela coisa humana — eu gosto muito do Renoir e do Truffaut. Truffaut é o máximo. Sabe, o *Jules e Jim*, que não é nada, mas é cinema, é bem feito e te mexe por dentro. Eu gosto do Spielberg, se bem que ele pega isso e faz aquela parafernália. Eu não tenho tido muito tempo de ir ao cinema. Outro dia eu revi *Um Lobisomem Americano em Londres* — eu adoro esse filme — para mim não é só uma história de lobisomem, é uma estória de amor belíssima. Cinema... eu gosto muito. Terror também me atrai muito. Acho que hoje em dia é um paralelo perfeito com o mundo em que a gente está vivendo. Adoro a mitologia do vampiro... Eu

RENATO RUSSO

acabei de ler um livro, *The Vampire Lestat*, que eu achei bárbaro. Eu gosto muito de ler.

BIZZ — *Do que você gosta em literatura?*

Renato — Ultimamente, eu não tenho lido muita ficção, eu tenho lido biografias, eu gosto muito de biografias. Bem, Shakespeare eu sempre leio. Mas, virtualmente, eu leio qualquer coisa... Histórias de feiticeiros, de terror, Stephen King, eu adoro... Bem subliteratura mesmo, adoro coisas bem horripilantes. Mas também leio coisas sérias para estudar a linguagem. Ultimamente, eu leio muito Drummond, pode escrever aí — eu amo o Drummond, para mim só existem dois: o Fernando Pessoa e o Drummond.

BIZZ — *E prosa?*

Renato — Prosa eu não conheço. Eu gosto de acompanhar o trabalho do Caetano, presto atenção na construção gramatical, na divisão de sílabas. Até pouco tempo atrás, eu estava estudando sonetos, aí eu lia Camões e tentava fazer os meus... Ih, que bobo que eu sou... tão pedante... Porque um dos meus planos é, quando eu estiver com uns 40, 50 anos, escrever ficção. Eu tenho a minha vida toda planejada.

BIZZ — *Quais são os planos?*

Renato — Rock'n'roll, cinema e literatura. Cinema é muito difícil. Mas literatura eu já quero treinar agora, porque, quando eu tiver já uma carga de vida, aí eu posso escrever. Eu acredito que você tem que passar pelo tempo para poder escrever como o Drummond, o García Márquez, o Thomas Mann...

BIZZ — *Mas o Thomas Mann começou a escrever muito jovem...*

Renato — Eu sei, mas meu plano é dominar a técnica para depois escrever minhas historinhas. Mas é difícil, a língua portuguesa é *muitíssimo dificílima (risos)*. Muitíssimo dificílima é péssimo... Meu plano é ser maior do que o Shakespeare... Ah, é bacana, né? Você vai querer ser o quê? O Zezinho que escreve lá uns romancezinhos? Ora bolas, o plano do Legião era ser que nem os Beatles... É sempre bom ter um sonho. Eu estou guardando todas as pequenas histórias, talvez você se veja numa das personagens... Uma coisa para a qual eu estou me esforçando é ter uma disciplina mental, não no sentido besta da palavra, mas para organizar e tentar lembrar coisas que eu gostaria de escrever... Como foram as nossas primeiras viagens para o Rio e São Paulo... Algo que nem em *The Catcher in the Rye*, quando o Holden fala que ele gosta de um livro se depois ele fica querendo que aquela pessoa existisse e fica com vontade de conhecê-la. Eu gostaria de criar personagens assim.

BIZZ — *De certa forma, o seu trabalho com as letras já traz um pouco dessa visão romantizada. Por exemplo, o que é aparentemente político, eu percebo como uma maneira de falar da condição de jovem no mundo, mais do que o aspecto político mesmo...*

Renato — É, eu não percebo como sendo político, para mim é a minha vida. Se a gente falava dessas coisas era porque estavam acontecendo com a gente. Eu só consigo falar do que sinto e do que vejo, não tenho muita capacidade para inventar. É sempre a partir do Renato Russo. Detesto ficar falando Renato Russo... é tão chato...

BIZZ — *O Júlio César também falava de si mesmo na terceira pessoa...*

Renato — É, eu sei, mas o que a gente vai fazer?

BIZZ — *É, porque você está falando de uma persona.*

Renato — Quando eu estou falando aqui, *eu* estou falando, mas, às vezes, é o Renato Russo que tem que falar

"Quem não deve não teme. Eu acredito nisso, mesmo. Mas é uma dificuldade, eu sou um monstro...

(pausa). Esse nome é fortíssimo...

BIZZ — *De onde você tirou esse nome?*

Renato — É porque, desde pequeno, eu tinha minhas bandas imaginárias. Ainda mais que eu sou fã do Fernando Pessoa e, quando descobri que ele tinha os heterônimos*, eu inventei logo os meus. Eu tinha uma banda chamada Forty Second Street Band, que era até com o Jeff Beck e com o Mick Taylor, eu era um cara chamado Eric Russel. Eu achava esse nome a coisa mais linda do mundo e aí eu era louro e lindo e cheio de gatinhas... Depois, tinha o Rousseau*, o Jean Jacques, eu gostava daquela coisa do nobre selvagem... Daí tinha o Henri Rousseau, um pintor que eu amo...e o Bertrand Russell, que eu acho um cara muito legal. Ele escreveu uma coisa bacana, a *História da Filosofia Ocidental*. Ele fala — não sei se é ele ou o Toyubee — que a grande contribuição do século XX — e o rock'n'roll está incluído — vai ser a união de todas as nações numa só. *(pausa)*. Acho que o grande mal da civilização ocidental é não ter contato com a oriental. Todo esse pessoal proclama *verdade, verdade, verdade* e não chega a solução nenhuma... Daí vem o Lao Tsé e fala: *(Renato imita a voz do Mestre, do seriado* Kung Fu) "Certo, não há resposta para nada porque há resposta para tudo".

BIZZ — *Você bebe nessa fonte oriental?*

Renato — É tão difícil... Foi o que me segurou... As coisas mais básicas são as seguintes: quem acredita sempre alcança, respeito ao próximo, não faça aos outros aquilo que você não quer que te façam... é meio por aí. No fundo, é o que o I Ching fala, é o que Buda fala, Cristo e Krishna também... *Todo mundo* falou, mas *ninguém* ouviu...

Se você tem a intenção de ter um coração puro e tenta seguir o negócio do trabalho e da amizade — ter um trabalho digno e tentar cultivar os amigos —, você não tem o que temer. Quem não deve não teme. Eu acredito nisso, mesmo. Mas é uma dificuldade... Eu sou um monstro, né, eu sou arrogante egoísta, ambicioso, pedante, ah, eu me acho o máximo... Aí eu penso: tá, Renato, você está dando uma de bonzinho, mas no fundo isso é vaidade, você é pior do que todo mundo... Meu Deus, e se for verdade? O Grande Arquiteto do Universo lá é que sabe... Eu tento. Eu sou muito jovem, isso realmente vem com o tempo, eu já não fico mais tão nervoso. Mas eu ainda sou desbocado, impulsivo, impaciente, ansioso, violento, ciumento... Mas eu também arrisco bastante, e isso é uma coisa positiva. Eu sou tipo assim: ah, é para cortar o braço? Pronto, cortei, e agora? Eu não tenho medo de fazer certas coisas. Às vezes, você se queima, mas é uma qualidade. O que eu quero é ter disciplina, controlar o lado das emoções desenfreadas, o mau humor. Eu percebo que as pessoas que se amam de verdade conseguem isso. Eu fico na dúvida: será que eu já amei alguém de verdade? *Have I ever loved anyone?* Sim e não; aquela coisa de respeito mútuo, de respeitar o outro como parte de você e ao mesmo tempo como um ser totalmente diverso, é quando pinta o amor de verdade, que é cada vez mais raro. Mas é uma coisa que eu quero trabalhar. A partir do momento que você consegue isso com uma pessoa, você vai estendendo para as outras. Energia chama energia, dize-me com quem andas que eu te direi quem és... Mas falar é tão lindo, eu vou sair daqui e vou fazer a estupidez de sempre. Eu gostaria de disciplinar esse plano, de ser uma pessoa forte, no

DS 1(
SINTETIZAD
POLYPHONICO PROGRAMÁ

O primeiro sintetizador polifônico de oito vozes totalm
programável produzido no Brasil, com tecnologia *DIGITONE* exclu
32 *PRESETS* prontos de fábrica, 64 memórias não volateis. Você pode criar seus pró
programas e guardá-los em presets. Todos os comandos são digitais (controlados por um único disp

Solicite nosso catálogo. DIGITONE
Av. do Café, 383/387 - São Paulo - SP
Fone (011) 577.3622

Digitone
DIGITAL KEYBOARD

RENATO RUSSO

sentido de ter segurança... Se você quer ter alguém em quem confiar, confie em si mesmo. Sei lá, muitas vezes você entra em cada depressão por causa de babaquice... Eu estava ouvindo uma música do Los Lobos que diz o seguinte: "Life is a fight/and then die/don't worry baby/it's gonna be all right" (A vida é uma luta/e então morrer/não se preocupe baby/vai ficar tudo bem). Se preocupar com quê? Mas às vezes eu me preocupo com as coisas mínimas e faço a maior confusão na cabeça.

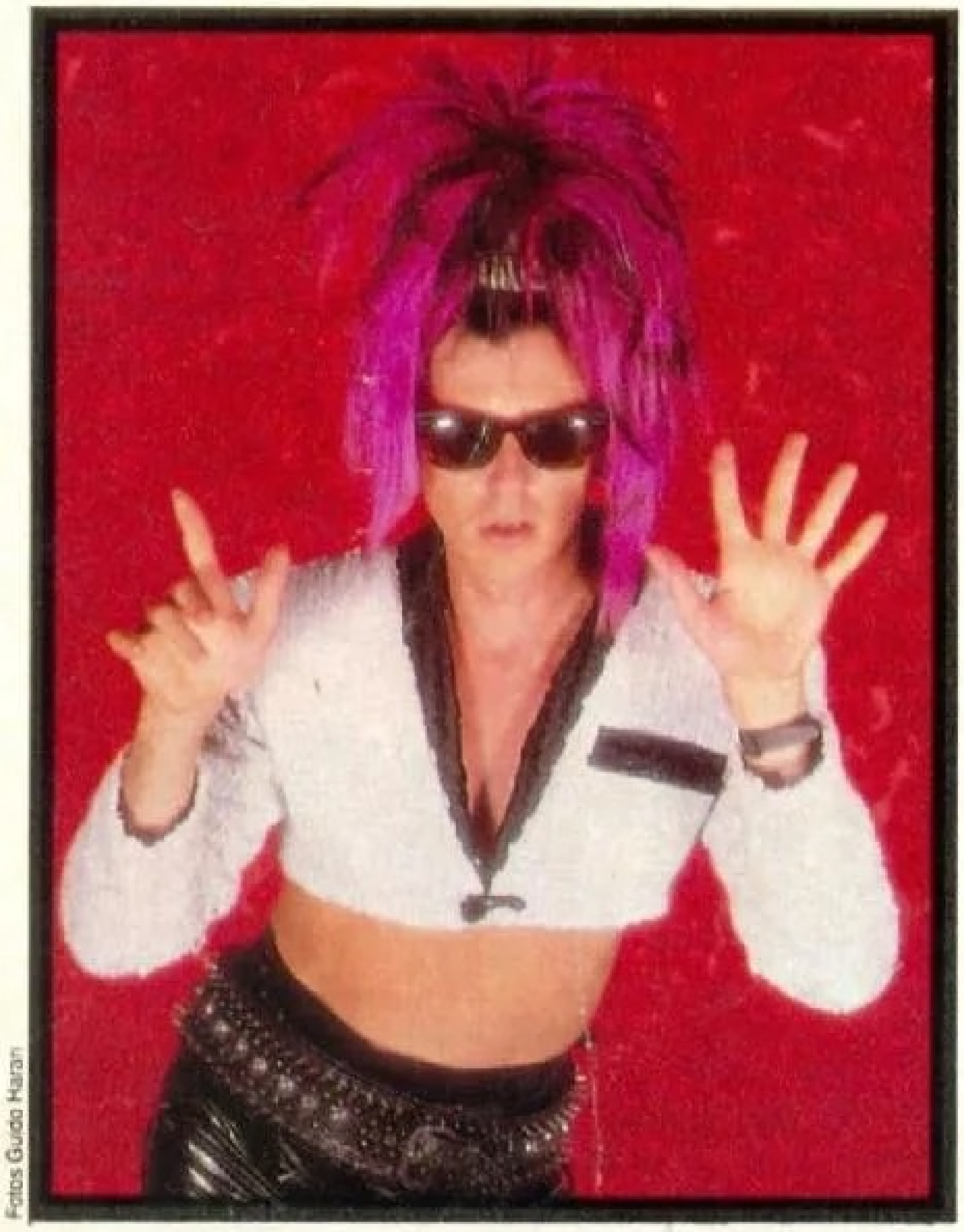
Na verdade, eu deveria estar disciplinando isso e pegando todas essas coisas boas que me foram oferecidas e usufruir delas... de ter conseguido o que queria... Gente, a única coisa que eu queria era ter uma banda de rock'n'roll. Sério! Eu sempre tive trauma de ser feio, e eu achava que tinha direito a ter um ponto de vista e as pessoas riam da minha cara. E agora é: viu, Renato, você estava certo. E eu não sou nenhum Paulo Ricardo, nenhum John Taylor, mas eu dou lá minhas reboladinhas e as meninas gritam: "Lindo! Lindo!" Eu tenho um lar, amigos, um bom emprego, eu estou num país fudido da porra mas eu tenho casa e tenho emprego. Sei lá, quando chegar alguém meio mal, poder oferecer um sorriso... sabe, esse negócio cafona, que ninguém dá valor... Só que hoje em dia existe a mitologia da violência... Bom, tem que ter um pouco de pimenta, senão fica aquela coisa babaca, mas, sei lá, poder dar umas boas risadas...

BIZZ — *É daí que vem sua postura messiânica nos shows?*

Renato — Eu não falo porque eu queira salvar ninguém, eu falo porque eu gosto. Quem sou eu para salvar alguém, eu é que tenho que me salvar. O que eu falo é: não tenham medo de se achar diferentes. É a coisa mais importante que eu aprendi com o rock'n'roll. Por mais diferente que você seja, você não está errado, você não é anormal. Eu senti muito isso porque todo mundo colocava na minha cabeça que eu era anormal. Como o Bob Dylan fala: "Eu me esforço tanto para ser como sou e fica todo mundo querendo que eu seja como eles". Eu falo o seguinte: estamos todos aqui, não temos lugar para ir, meninos e meninas, estamos todos aqui... E vocês não precisam ter medo, vai sempre ter alguém para dar uma força. Vocês podem fazer o que quiserem, são jovens, agora é hora. Se o rock não der certo, no ano quem vem eu posso inventar uma nova vida para mim. O bacana do Legião é que a gente chega e fala: olha, vocês *podem*. Quem nem os Pistols: olha, qualquer um pode tocar, ter uma banda. Só que, por causa da situação do Brasil, a gente estende um pouco mais. Se eu, com óculos, desse jeito, sou quase tão adorado quanto o Paulo Ricardo... se eu posso, meu irmão, você também pode. E são essas pessoas que são mais rechaçadas que têm mais a oferecer, como o James Dean, o Elvis, todo mundo ria, mas são essas pessoas que têm aquela coisa especial que as outras pessoas vão admirar. É só a pessoa ter chance de trabalhar.

A MAIOR BANDA
DE ROCK DO MUNDO...
THE PRETENDERS
GET CLOSE
EM DISCO E FITA wea

A ASCENSÃO DO SIGUE SIGUE SPUTNIK



Fotos Guido Haran

Mas é possível isso? Um grupo surge do nada e já se autodenomina de "a quinta geração do rock'n'roll". Eles mal sabem tocar e habitualmente se chamam de *deuses*. Mal lançaram o primeiro LP e já têm fãs no mundo todo (inclusive no Brasil, onde o LP vendeu mais de 120 mil cópias). Será que o anti cristo chegou? Será que os leitores de BIZZ — aqueles que os escolheram como revelação do ano — foram vítimas de hipnose coletiva? *Thomas Pappon*, um de nossos repórteres-detetive, foi investigar os podres do truste *Sigue Sigue Sputnik*...

Tudo começou há cinco anos atrás, quando o baixista Tony James saiu do Generation X, banda punk que tinha Billy Idol nos vocais. Frustrado, James passou um bom tempo sentado em bares e tecendo pensamentos sobre uma banda imaginária *perfeita*. A perfeição que ele buscava não era tão relativa. James pensava numa banda estimulante, diferente e que acima de tudo lhe assegurasse um grau ilimitado de diversão (dinheiro ainda era uma questão menor).

James passou meses vagando pelos mais exóticos bairros londrinos à procura de tipos estranhos e fascinantes que combinavam com suas idéias. Chegou a cogitar a formação de um grupo com o ex-Sex Pistols Steve Jones, mas sabia que não seria esta a banda dos seus sonhos. James queria sangue novo, rostos diferentes e, de preferência, pessoas que não soubessem tocar uma nota sequer. Acreditava piamente que o conhecimento musical, adquirido de forma tradicional, poderia restringir a imaginação. Segundo James, a essência do rock'n' roll estava na *vontade* de tocar, de formar um grupo e de se divertir — seria este o ideal do grupo que estava para nascer.

Através do amigo de um amigo, ele conheceu Neal X, seu primeiro companheiro de grupo. Neal tinha um visual diferente, com seu enorme topete oxigenado, e compartilhava dos mesmos ídolos musicais de James: Eddie Cochrane, Gene Vincent e Elvis Presley.

Juntos, eles andaram dias atrás de um cantor ideal. Teria que ser alguém muito, mas muito extravagante, capaz de chamar todas as atenções sobre si em todas as frentes de batalha: no palco, nos vídeos, na imprensa, nas festas mais badaladas e até na rua. Em uma loja de roupas no porão do Kensington Market, eles conheceram um tipo que não só preenchia todas as condições como também adotava um visual que acabaria inspirando toda a estética do embrionário conjunto: Martin Degville. Ele era o dono da loja, juntamente com uma garota que também acabaria entrando na jogada, graças ao seu visual de loura platinada: Yana Ya Ya. Ambos eram estilistas de moda, e eram tão temperamentais que anunciavam, em um cartaz pregado na porta da loja, que não era permitida a entrada de mulheres gordas ("Detesto mulheres, em especial

Martin e Yana eram donos de uma boutique proibida para "gordinhas"

SIGUE SIGUE SPUTNIK

as gordas", declararia Martin Degville na edição de 15/03/86 da revista inglesa *N.º 1*).

Para completar o grupo foram chamados Ray Mayhew e Chris Cavanaugh, que deveriam tocar bateria, mesmo sem nunca terem sentado numa. Por fim, escolheram o nome. James tinha lido no *International Herald Tribune* sobre uma gangue de rua em Moscou, chamada Sigue Sigue Sputnik (traduzido do russo significa "queime, queime, satélite"). Juntou isso à lembrança de quando Little Richard jogou fora suas jóias e desistiu de cantar porque soube do feito do Sputnik — o primeiro satélite a completar a órbita terrestre — e, *voilá*, estavam batizados.

Os primeiros dois anos de ensaios foram duros e divertidos. Com Tony James e Neal X nas guitarras, martelavam versões de clássicos dos anos 50 e 60, até que cada um descobrisse seu potencial instrumental e performático. Antes mesmo de terem suas próprias composições, já eram conhecidos e falados por toda Londres. Foram capa de vários semanários musicais ingleses e receberam convite para gravar uma demo-tape para a CBS. Mal sabiam tocar, e uma demo ainda não estava em seus planos. Queriam entrar na indústria do disco em grande estilo, não queriam se limitar à música. Eles queriam, segundo Degville, "que o Sigue Sigue Sputnik fosse a maior banda de rock'n roll, tão legendária como Elvis ou Gene Vincent. Este grupo vai unir música, moda e cultura jovem. Vamos criar um movimento total. Vai ser mais do que apenas música, tem que ser assim" (*Melody Maker*, 24/08/85).

Finalmente, em meados de 85, eles fizeram sua estréia ao vivo, no Electric Screen de Londres. Todas suas músicas soavam como uma só, mas o público se divertiu à beça. Com símbolos, emblemas e letras evocando sexo, violência e as mais variadas referências à tecnologia moderna, o grupo conquistou os corações da molecada e dos agentes das gravadoras mais importantes. Antes de assinar com a EMI, Tony James avisou: "Vamos exigir o dobro do que ganharam Sade e Spandau Ballet". Resultado: receberam um adiantamento de quatro milhões de libras esterlinas (equivalentes a 180 milhões de cruzados) da nova gravadora.

Tudo correu conforme o planejado. Lançaram um single, "Love Missile F1-11", e mostraram ao mundo o seu "novo" conceito de música. "Love Missile F1-11" parece mais uma trilha sonora de um violento filme de ficção científica do que qualquer outra coisa. Tony James confessou que "nossa maior influência musical são trilhas sonoras de filmes, porque eles têm a emoção das imagens. É por isso que chamamos Giorgio Moroder (produtor e criador da disco-music eletrônica) para produzir o compacto"(*N.º 1*,15/03/86).

Moroder gastou seis horas para produzir o single. James explicou o método de composição do grupo: "Achar um título é fácil, uns trechos de letras também, o problema é tentar acertar o tom certo. É um problema grave. É aí que entra Martin. Ele é o afinador do grupo"(*New Musical Express* ,08/03/86).

O single estourou de imediato na Europa e Japão. A conquista do mercado americano veio quando lançaram um clip promocional produzido por eles, em condições bem modestas. O vídeo utiliza imagens de filmes como *Apocalypse Now* e *O Exterminador do Futuro*. O clip também fez muito sucesso e aumentou a avidez do grupo em investir em multimídia (estão escrevendo um roteiro de um longa-metragem chamado *Ação, Sexo e Violência*, e já entraram em contato com a Golan & Globus para acertar a produção da fita).

Os shows na Inglaterra se sucederam, muitos com incidentes violentos. Degville e membros da equipe foram feridos várias vezes por copos e garrafas atiradas pelo público, e o esquentado Ray Mayhew acabou aparecendo nos jornais depois de ferir alguns espectadores ao retribuir as gentilezas dos arremessadores de objetos.

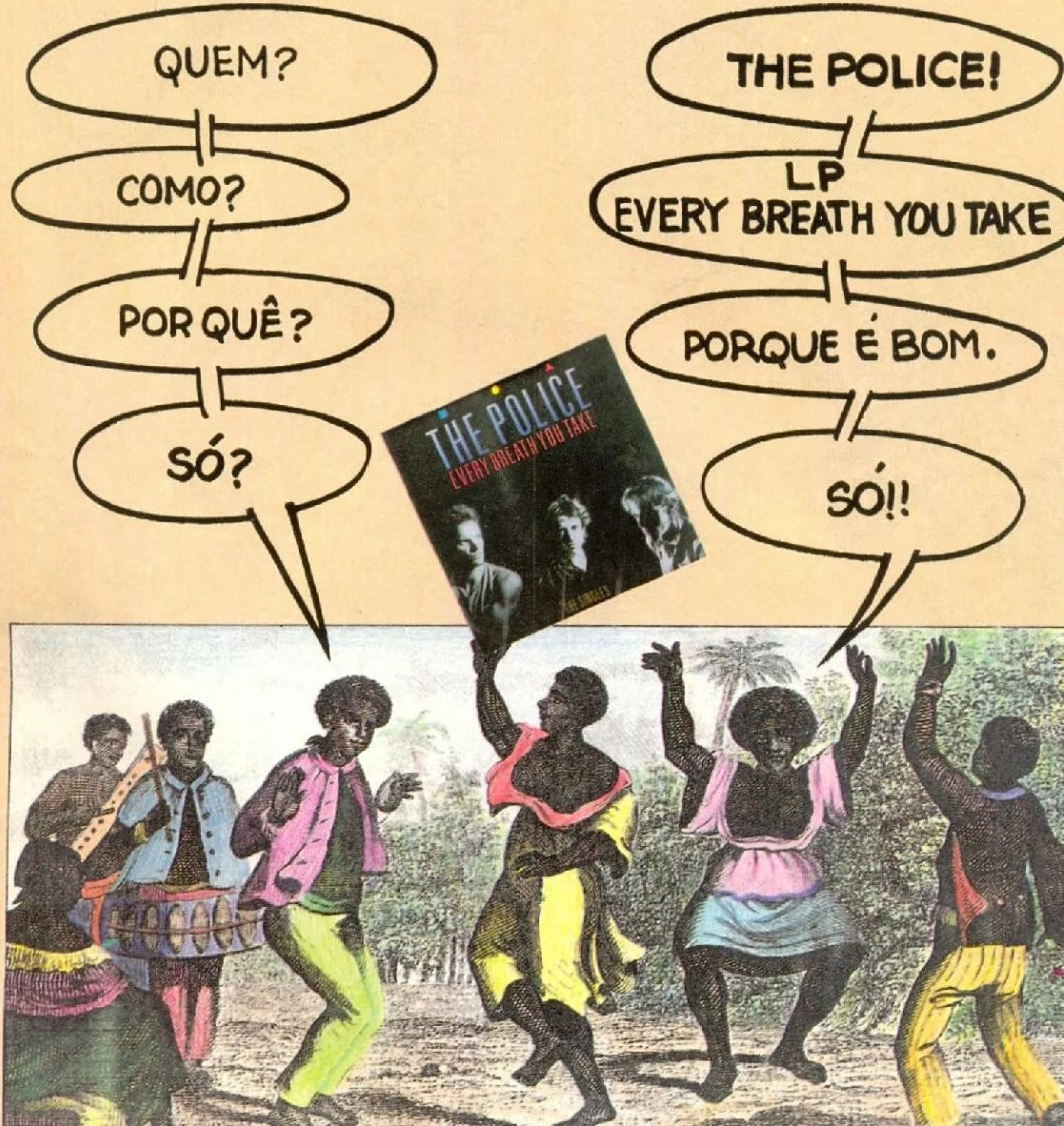
Acusado de incentivar a violência, o grupo se justificou. Tony James: "A violência de que nós falamos é a do tipo que só aparece em filmes, é como quando um helicóptero explode em glorioso technicolor. O grupo não está tentando encorajar qualquer tipo de violência real" (*Melody Maker*, 08/03/86).

Em junho de 86, saía o LP *Flaunt It*, gravado em quatro dias. É pratricamente uma sucessão de versões de "Love Missile F1-11", com títulos diferentes. O LP reitera o caráter de *corporação* do Sigue Sigue Sputinik, pois demonstraram uma rara habilidade comercial. Para o mercado europeu, venderam os espaços entre as faixas do disco para anunciantes e "que têm a ver com a linha de consumo do grupo" (como fabricantes de vídeo-game ou spray para cabelo). O LP (importado) ainda acompanha um livrinho de fotos e ilustrações sobre o grupo.

Aproveitando a onda, o Sigue Sigue Sputnik lançou na seqüência o segundo single e o clip correspondente (filmado no Japão): "21st Century Boy".

Hoje, eles andam sumidos da imprensa, que aliás não põe muita fé em mais um empreendimento "inovador" do grupo. Estenderam seus horizontes (Tony James trabalhou como vídeo jóquei da MTV americana durante algumas semanas) e prometeram livros, filmes e mais um LP (que está sendo gravado) ainda para este ano. A expectativa é grande: vão deixar de ser repetitivos? Será que vamos aguentá-los por muito tempo? Não duvidem de nada. Tudo neles foi cuidadosamente planejado: os estereótipos, os figurinos, os vídeos, a promoção, as frases arrogantes, os lemas e os fatos que se sucederam ao longo de sua carreira. O fim deles ainda não está previsto, mas anotem aí: enquanto o SSS for uma corporação lucrativa, eles ainda estarão se divertindo.

Disco de Ouro em três semanas!



MAIS DE 120 MIL BRASILEIROS PENDURARAM OUTRO DISCO DE OURO NA VIDA DO POLICE. SÓ FALTA VOCÊ.

PolyGram

"Eu te am
Porra
OMPANHIA
LETICA

"O QUE EU VOU FAZER SEM SEXO?"

ULTRAJE A RIGOR

Eles deram um tempo porque estavam de saco cheio de virar o *dial* do rádio e só ouvir Ultraje. Isso foi em 85, lembram? Agora eles voltam com menos política e mais sexo... Por *Sônia Maia*

Esta matéria foi feita em duas etapas. A primeira, em dezembro de 86, ocorreu num clima de mau humor e descaso por parte do grupo. Motivo provável: a denúncia de um possível plágio publicada na BIZZ 6. E quem estava lá, entrevistando os rapazes, era a mesma repórter que descobrira a incrível semelhança entre "Rebelde sem Causa" e "L'Aventurier", do grupo francês Indochine. Barra pesada!

A segunda etapa foi em fevereiro deste ano, bem às vésperas do Carnaval. Como as coisas já tinham ficado mais ou menos esclarecidas na primeira entrevista, esta transcorreu num clima mais agradável. Com a saída de Carlinhos (ex-guitarrista solo do grupo) e a entrada de Serginho Serra, mais a invasão da música "Eu Gosto de Mulher" nas rádios, muita coisa precisava ser atualizada desde o primeiro encontro.

Carlinhos se afastou do Ultraje porque entrou no *Advanced* — curso máximo entre os trinta melhores alunos da GIT (Guitar Institute of Technology), de Los Angeles. No lugar dele, Maurício sugeriu Serginho Serra porque, como ele mesmo diz, "além de ótimo guitarrista, tem experiência de palco, domínio de estúdio e, principalmente, é nosso amigo". A primeira pessoa a chegar no estúdio para a segunda entrevista foi Serginho. "Os caras (o resto do pessoal do Ultraje) estão lá no bar", disse ele. Vamos lá, então.

No bar do Geraldo estavam Maurício (baixo), Leospa (bateria) e Roger (vocal/flauta e guitarra). Maurício foi logo contando, entusiasmado, que estava produzindo o novo disco dos Garotos Podres, que deve sair pela Continental. Roger estava no carro, ouvindo "Eu Gosto de Mulher", que tinha acabado de aparecer na rádio Cidade em uma fita pirata, sem permissão. Tudo bem! Só que a gravadora teve de correr em tudo que é rádio para distribuir o material, para ninguém ficar com dor de cotovelo.

Depois de tomar uns copos de cerveja e atualizar a entrevista anterior, fomos para o carro ouvir a fita do disco, já mixada. O resultado é um autêntico Ultraje a Rigor, depois de passar por várias estradas, experimentar e se profissionalizar. Mais peso, arranjos mais arrojados e um deboche mais alfinetante ainda. Os anos 60 estão em evidência porque, como diz Roger, é de lá que o rock traz suas características mais autênticas — alegria, diversão, ritmo dançante e rebeldia. "Só que esta rebeldia não é localizada, porque você corre o risco de ficar tão reacionário quanto o contrário", diz Roger.

Enfim, quem curte o estilo e o velho Ultraje que iniciou carreira com uma das pérolas do nosso rock — "Inútil" — vai se arrepiar. Às entrevistas, então, começando pelo mais novo integrante...

BIZZ — *Você tocava com o Leo Jaime, não?*

Serginho — Fiz a tourné de 84 e fui até o final de *Sessão da Tarde* (Saí para montar o grupo Os Melhores, mas, devido a um desentendimento de linha musical, esse também não

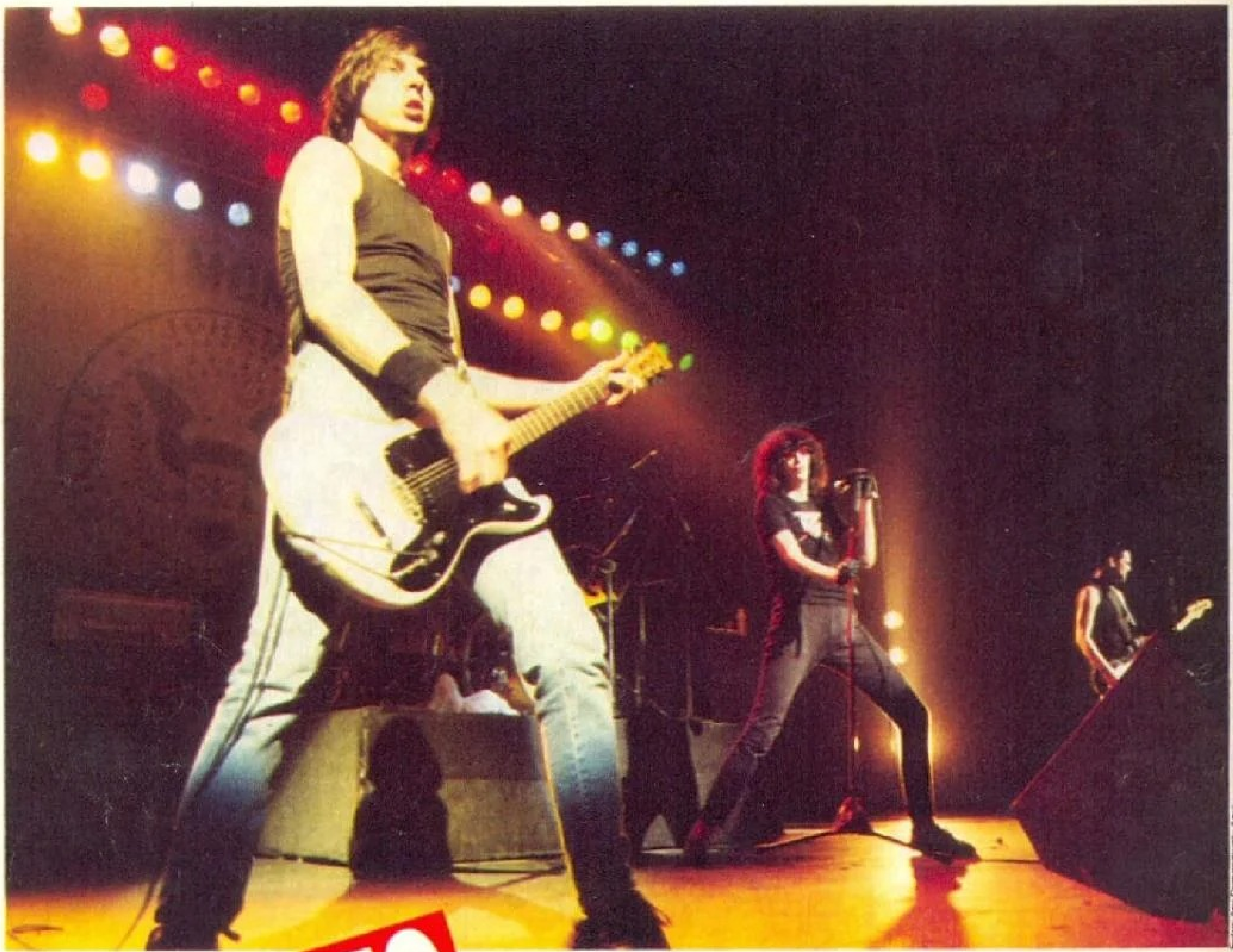
Fotos Rui Mendes

foi adiante.
BIZZ — *Você estava falando desse seu novo grupo (cujo nome talvez seja Risco no Disco), e que seu coração está lá. Por que, então, você não ficou trabalhando com eles, ao invés de vir para o Ultraje?*
Serginho — É que não rolava nada de concreto e comecei a desanimar. O Ultraje me chamou e eu topei. Gosto das letras do Roger — são engraçadas, sem o "engraçadinho" de um Dr. Silvana, por exemplo. São poucos os que sabem escrever nessa linha — debochado/crítico sem ser contestador barato. Me dá um desgosto essa tendência panfletária que está por aí!
BIZZ — *Vamos falar um pouco do disco* Sexo?
Roger — Começando pela faixa-título. Não fala de sexo exclusivamente. É mais sobre moralismo e censura. Tem uma frase que diz: "Quem essa besta pensa que é para decidir?" E... todo mundo esquece que faz... sexo. E é grave, esse negócio da AIDS, por exemplo. *("O que eu vou fazer sem sexo?", diz o refrão.)* Tinha de se falar mais abertamente... Você viu o que fizeram com *Poltergeist*, que passou na Globo? Mutilaram o filme. Pô, tem coisas mais fortes...
Maurício — O *Jornal Nacional* é mais pesado que qualquer filme.
BIZZ — *E esta invasão nas rádios antes do tempo?*
Roger — É, a fita foi parar, não se sabe como, na rádio Cidade. Essa música, "Eu Gosto de Mulher", que já estava destinada a ser a de trabalho, causou até uma certa polêmica... É uma ode às mulheres, que estavam meio em baixa *(risos)*. Pô, eu gosto de mulher! Normal você ser viado, comunista, macho... Eu não sou viado. É uma opção. E o rebu que pintou por causa de uma brincadeira... Não temos nada contra quem é viado e espero que não tenham nada contra o fato de não sermos.
BIZZ — *E a faixa censurada?*
Roger — "Prisioneiros"... A censura encanou com a frase que abre: "Nunca soube o que é Constituição"... Eles querem dar um ar de que a Constituição vale para c* aqui, e censuraram...
BIZZ — *E por onde vocês andaram todo este tempo em que estiveram parados?*
Roger — Uns foram para os EUA, outros para o Caribe, outros para Ubatuba... Estamos fazendo ginástica, todo mundo está malhando... Compramos equipamentos, ficamos nos masturbando com eles, fizemos músicas novas, temos um disco novo e vai ser um puta sucesso *(risos)*...
Leospa — Lançamos o primeiro LP e, por termos demorado muito para lançar, a expectativa era muito grande. Quando saiu, estourou uma música atrás da outra. Encheu o saco, porque você ia virando o *dial* do rádio e era uma atrás da outra.
Roger — E o principal é a gente curtir, se divertir, tocar... Quando começa a virar pressão, trabalho pesado, de escritório, perde a graça. A gente chegou a ficar meio esquecido de propósito!
BIZZ — *Vocês disseram que o primeiro disco (compacto com "Mim Quer Tocar" e "Inútil") não vendeu nada. Mas tem alguma coisa estranha aí. Porque todo mundo que ouvia "Inútil" se identificava e curtia. Será que não teve um problema de divulgação...?*
Roger — Acho que teve.

"A indústria nacional é muito ruim. Não faz nada que preste. Nem coisas simples, como palheta..."

Maurício — A qualidade do compacto estava muito ruim.
Roger — E rock não era moda, entendeu? A música estava meio mal gravada. Tinha um erro estratégico também. Porque a gente vendia mais na zona sul, porque era onde a gente tocava mais. E na zona sul não vende compacto, compacto vende na zona norte. E foi feito sem dinheiro. Era uma experiência da WEA. Ela estava arriscando uma leva nova — Titãs, Ira!, Ultraje, Azul 29, Magazine e Agentss.
BIZZ — *Contem o que vocês viram lá nos EUA.*
Maurício — Eu fui lá ver os estilos que eu mais gostava dentro do rock. Vi Chuck Berry, Saxon — uma banda de heavy-metal — Johnny Winter. Quando voltei, vi show do Camisa, Capital e uns outros. Gostei, achei legal... Mas da última safra eu não gosto de quase nada! Ouvi uma dos Engenheiros do Hawaii, e o cara canta parecido com o Roger... Está tudo muito folk, britânico. A 89 FM virou uma coisa só. Não consigo ouvir... O cenário do rock brasileiro está frau!
Roger — *(discordando)* Tá legal... A indústria musical é muito ruim. Não faz nada que preste. Nem coisas simples como palheta, baqueta, cordas... Em termos de música, a gente tem de pensar no país que a gente mora, entendeu? O tipo de público que tem, o tipo de cultura, de postura, show... Se a gente fosse tocar nos EUA, Inglaterra, por pior que fosse nosso nível em relação ao deles, as pessoas veriam como uma coisa diferente daquilo que tem lá. Mesmo sendo rock, tem uma cadência diferente, uma postura diferente... é outro papo. Numa comparação direta, é como se um grupo americano de samba viesse tocar aqui... Não tem nada a ver.
BIZZ — *Vocês acham que o trabalho de vocês contribuiu para que o público participasse ativamente nos shows?*
Roger — Sim... Não está tudo ensaiadíssimo, tipo ganhando muito dinheiro, um *negócio*... E o público gosta de ver que está rolando uma coisa ali, no ato, espontânea, sem ensaio... Esse que é o papo, e o disco novo está nessa linha... Não estamos falando tanto de política. Estamos falando de sexo, que no fundo é a mesma coisa.
Maurício — A política é o sexo dos anjos *(risos)*.
Roger — Pode crer! É a mesma masturbação *(risos)*.
BIZZ — *E o plágio de que falamos na BIZZ, da banda Indochine?*
Roger — Já estamos processando os caras *(risos)*.
Leospa — Eu não conheço nenhuma banda francesa.
Roger — Nem a França.
Leospa — É uma puta coincidência.
Maurício — A gente nunca ouviu o Indochine. Achamos que vocês estavam querendo derrubar a gente.
Roger — Que não tinham o que fazer. Imprensa nanica marrom *(risos)*. Vamos falar sobre revista de rock no Brasil. As reportagens são sempre muito enxugadas, entendeu? Fica aquele papo de sensacionalismo, parece revista de fofoca, normal... Sem falar em pessoas do tipo Pepe Escobar, que chupa, traduz reportagens e coisas assim. E ainda é uma revista mensal que você lê num dia, na banca mesmo.
BIZZ — *Os fãs devem estar com saudades. Dêem uma mensagem de retorno para eles.*
Maurício — Aí, tesão! Vamos voltar para te comer...

CURLY
CURVE
ALCANCE-NOS SE PUDERES
PRANCHAS À VELA SÃO CRIADAS DE FORMAS DIFERENTES.
COMPARE QUALIDADE, PERFORMANCE E TRADIÇÃO DO FABRICANTE... E UM NOME ESTÁ ACIMA DOS OUTROS.
CURLY CURVE, O TRADICIONAL FABRICANTE DE PRODUTOS NÁUTICOS ESTÁ PROVOCANDO UM FORTE IMPACTO NO MEIO DO WIND-SURF.
VEJA NOSSOS NOVOS MODELOS: CURLY CURVE MARESIAS E CURLY CURVE NAISH
HIGH SURF AREA
OAHU CIVIL DEFENSE AGENCY
AV. DO RIO BONITO, 1560 - CEP 04776 - FONES: 523-1842/246-6634 - SOCORRO - SANTO AMARO - SÃO PAULO



RAMONES

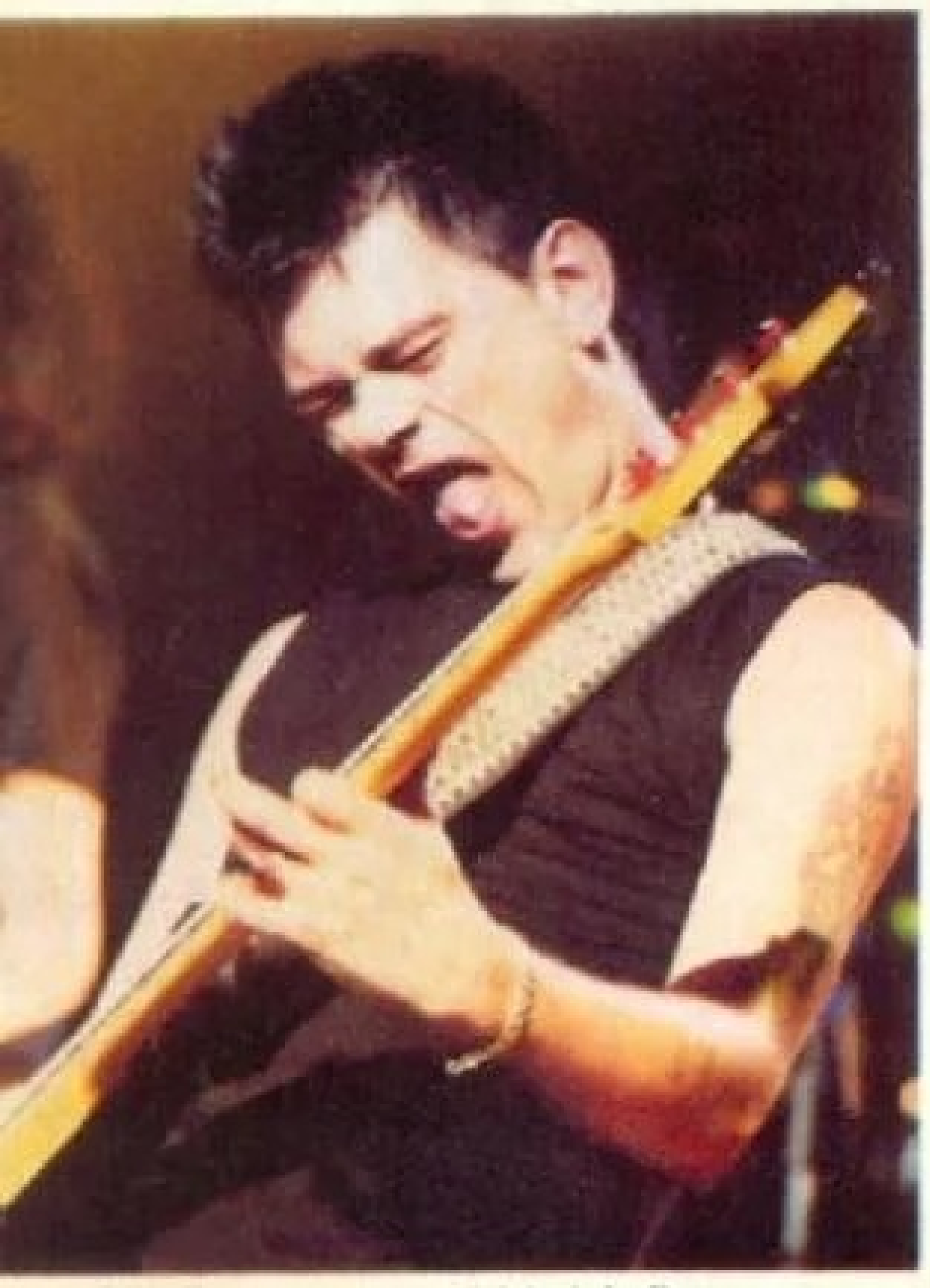
CHUTE NO FORMIGUEIRO

Eles chegaram com onze anos de atraso para sacudir a casa de porcelanas paulista — o luxuoso Palace. *Jean Ives de Neufville* foi papear com o patriarca, Joey Ramone

Uma das últimas bandas remanescentes dos tempos áureos do famoso CBGB de Nova York — Joey Ramone, Dee Dee Ramone, Johnny Ramone e Richie Ramone —, os irmãos Dalton do rock em pessoa desembarcando para três shows em SP, no finalzinho de um tedioso mês de janeiro...

Era mesmo de provocar uma das piores enchentes da história da cidade. O Anhembi transformado em piscina, as toneladas de caixas de som foram transportadas para o pequeno Palace, que tinha acabado de receber as lindas modelos do Grupo São Paulo de Moda em sofisticado desfile. A partir daquele momento a curiosidade passou a conviver com a apreensão. Afinal, um elefante estava entrando na loja de porcelanas. Sábado, 31 de janeiro, 21 horas. *One, two, three, four...* Apertem os cintos. Um rock'n'roll implacável, cuspido, gemido, implodido até o curto-circuito, derrama uma quantidade de decibéis sobre os cinco mil aventureiros presentes na sala. O público está dividido. Há os augustos representantes da velha guarda que — uma lágrima no canto do olho — se emocionam diante da LENDA viva. Já os recém-nascidos assistem, espantados e atentos, à aula de hardcore.

Lenda viva, os Ramones? Ou um simples grupo decadente? *Jean-Yves de Neufville* foi conversar com Joey (o altão que toca microfone) para saber o que se esconde por trás da fumaça do palco.



Dee Dee, onze anos fiel à sigla Ramones

BIZZ — *Vocês foram os primeiros a reinjetar uma certa energia no rock'n'roll, energia que explodiu do CBGB de N.Y. para o mundo, por volta de 76/77...*

Joey — Na verdade, começamos em 74. Tocávamos um rock básico. Naquela época existia um grande vazio. Sentimos que precisávamos dar um grande chute no formigueiro.

BIZZ — *Um grande vazio, mesmo com o estouro de grupos como Iggy Pop & the Stooges e New York Dolls?*

Joey — Eles eram bons. Tinham uma certa energia, mas era doentia, monótona, previsível demais. Não... Em 74 não havia mais nada. O que se fazia não passava de fórmulas repetidas até a exaustão.

BIZZ — *Por que esse nome para o grupo, usado como sobrenome por cada um de vocês? Ramones... parece um nome mexicano...*

Joey — (Contrariado) Mexicano é a mãe. Na França dizem que parece francês. Nossa intenção com esse nome sempre foi chamar a atenção do público para a unidade, a democracia que sempre existiu na banda. Uma coisa ao mesmo tempo comum e única, original e diferente.

BIZZ — *Vocês são mais populares na Inglaterra e na Europa toda do que em seu próprio país. Como você explica isso?*

Joey — É verdade. Fizemos nossa primeira turnê na Inglaterra em 76. Os *kids* em massa foram ver a gente e gostaram bastante. Acabaram reinterpretando nosso som à maneira deles. Os mais interessantes foram os Buzzcocks e o Sham 69. Sei que o impacto foi maior por lá. Nos Estados Unidos é mais difícil. Existe uma quantidade enorme de rádios locais que poderiam ser trabalhadas, mas nunca quisemos nos comprometer com nenhuma delas.

BIZZ — *Como você analisa a evolução dos Ramones nesses 13 anos?*

Joey — Acima de tudo não queremos ser encaixados em molde nenhum. É um jogo de esconde-esconde com a crítica e o público. Onde vocês esperam uma banda punk chega um rock'n'roll puro. Onde vocês esperam hardcore vão levar qualquer coisa de heavy e speed na cabeça. Gosto desses estilos todos, mas não desses rótulos. Não consigo entender essas bandas que aparecem, fazem dois bons discos e caem em decadência. Nós conseguimos evoluir. O nosso som ficou cada vez mais metálico, incorporou mais elementos, ficou mais rico com o tempo.

BIZZ — *O que você acha de um grupo como os Dead Kennedys e do engajamento político no rock?*

Joey — "Too Tough to Die" *(do LP homônimo dos Ramones, lançado em 84)* e algumas outras composições nossas são engajadas. É uma mistura de denúncias sociais com reflexões sobre a condição humana que interessa a todos. É mais um aspecto que diferencia os Ramones de muitas bandas por aí que cantam um amontoado de asneiras e outras babas completamente alienadas. Em relação aos Dead Kennedys, nós nunca faríamos um disco inteiramente político como eles. Isso não passaria de oportunismo barato. Seria pegar a onda. Seria um disco que deveria agradar aos críticos — não ao nosso público. Em 74 a gente pegou o rabo do foguete das canções de protesto surgidas da guerra do Vietnã — Joan Baez, Bob Dylan, aquela coisa toda. Conseguimos escapar de toda aquela paranóia e não queremos cair nela de novo.

BIZZ — *O remédio para essa paranóia foi o humor?*

Joey — Sim. Muito humor. Mas um *sick humou,* bastante negro e corrosivo.

BIZZ — *Você tem medo de envelhecer?*

Joey — Não. Nem um pouco. Me sinto cada vez melhor. Mais feliz. Já experimentei o melhor e o pior na vida e no rock'n'roll.

BIZZ — *Cômo você vê o atual cenário do rock?*

Joey — Há algumas coisas interessantes, mas poucas. Não é mais o que era antes. O pessoal está mais interessado no dinheiro do que na música.

BIZZ — *O que você achou do público brasileiro?*

Joey — Ótimo. Muito receptivo. Infelizmente, os skinheads quiseram estragar a festa. Eles estão completamente por fora. Nada a ver.

BIZZ — *Fale um pouco do seu próximo disco...*

Joey — Vai ser realmente heavy, hard e metálico. Dessa vez nós mesmos estamos produzindo as faixas, junto com Danny Ray *(N. da R.: os Ramones nunca produziram seus álbuns antes).* Acho isso muito excitante. Dee Dee e eu estamos escrevendo as músicas. Já temos duas prontas: "Garden of Serenity" e "I'm Not Jesus".

BIZZ — *E o selo?*

Joey — Não sabemos ainda. Estamos em negociação com a WEA e a RCA.

BIZZ — *Você está sabendo que apenas dois de seus discos foram lançados no Brasil, e que estão fora de catálogo há muito tempo?*

Joey — Sei. Mas já foram assinados todos os contratos, e dentro de dois meses, no máximo, vários deles devem ser lançados, a começar por *Rocket to Russia* (o clássico da banda, lançado em 77).

BIZZ — *Vocês se consideram uma lenda e assumem esse papel?*

Joey — Sim. Somos uma lenda. Mas não temos nada a ver com *rock stars* do tipo Johnny Thunders, por exemplo, considerado uma lenda viva, mas completamente decadente. Por causa das drogas. É deprimente.

Joey Ramone: um humor negro e corrosivo

ENGENHEIROS DO HAWAII

INVADINDO AS CAPITAIS

Foto Eurico Salles/Azul

Eles foram ànunciados como o rock mais quente do verão. Mas nada mais distante do Hawaii do que estes falsos engenheiros — na verdade, ex-estudantes de Arquitetura. *Marcel Plasse* flagrou o baterista *Carlos Maltz* e o guitarrista vocalista *Humberto Gessinger* em Porto Alegre, jogando bombas na embaixada e fazendo *uou-uou*

BIZZ — *Como é fazer rock longe demais das capitais?*
Humberto — As pessoas perguntam muito sobre isso. Tão inventando um rótulo? É uma nova onda? Devem as pessoas de São Paulo morar em Cubatão?... Não. A gente sempre quis viver no velho mundo, na velha forma de morrer. E a ironia que se tem em cima disso não nos salva. Não é heróico falar que é difícil comprar disco importado em Porto Alegre. Entramos nessa porque é o que há de mais honesto pra nossa viagem.
BIZZ — *Quanto aos problemas de qualidade sonora dos palcos em que vocês se apresentavam no início da carreira — com contrato assinado, isto muda?*
Humberto — Continua. Mas a gente não acha que seja um problema. Pô, os índios não fazem isso, acabar com a própria existência por falta de uma coisa.
Carlos — A geração gaúcha dos anos 70 tinha o procedimento de se mandar pro Rio, e dançou. O negócio não é esse. É ficar aqui e fazer com o que se tem.
Humberto — *Longe Demais das Capitais* é assumir que você não depende do que falta. Tudo bem, cara, você só tem os discos bobocas de catálogo, e a coisa mais louca que você ouviu é um Floyd de 73. Mas você tem uma existência própria pra pôr pra fora.
Carlos — Às vezes, tocar num show em Bagé muda a tua vida. A banda pode até morrer, se jogarem uma garrafa no baixista. E depois tem o seguinte, as bandas que tão tocando lá no interior da Inglaterra querem a mesma coisa que nós. Querem tocar no Bagé deles.
BIZZ — *Mas, ao mesmo tempo, vocês tem um clip na MTV...*

Carlos — Eles devem ter um programa tipo "Los Cucarachas", de antropologia.
BIZZ — *...e música numa novela da Globo.*
Carlos — Quando a música entrou na novela foi uma surpresa. Pô, essa música nessa novela...?!
Humberto — Eu acho até que a novela ficou melhor com "Toda Forma de Poder". Fora uma rateada de vocal e uma má condução de prato, é uma grande música. Salvaria até filme do Godard (risos).
BIZZ — *Vocês ficaram com um público bastante diversificado.*
Humberto — Com música em novela, obviamente vai ter empregada no teu show. Não é uma coisa ruim, pra ser evitada. O problema é que esse papo que a gente tá tendo, longe das capitais, as pessoas também levam nas capitais, falsamente. O Evandro larga esse mesmo papo. Agora, será que não podemos bicar isso, que pra nós é sincero, porque tem gente picareteando? A gente sabe onde fez "Toda Forma de Poder", sabe onde ensaiou, sem microfone. Tudo bem, Leo Jaime tá batendo foto com violão de 12 cordas. Nós temos violão de 12 no disco, e se bater uma foto vão nos associar com ele que não tem p* nenhuma. E o Kiko Zambianchi, com guitarra semi-acústica...
BIZZ — *Como é a relação de vocês com a turma do rock nacional?*
Humberto — É preciso ser hedonista para se dar com eles. São Caetanos rejuvenescidos. Antes, eu acreditava que fossem mais conseqüentes. Mas eles estão apenas atrás do prazer.
BIZZ — *E vocês estão atrás do quê?*
Humberto — O que a gente quer é sepultar o papo *sexo, drogas e rock'n'roll*. Eu, como qualquer pessoa, transo sexo, drogas e rock'n'roll. Mas não vou ser porta-voz dessa ideologia e hedonismo babaca, baiano. Esta tríade há muito foi digerida. Aí, ficam as divas do rock nacional se insultando, porque fulano não fuma baseado, fulano é filho de diplomata... Qualé, cara? Que *handicap* tem esse tipo de coisa babaca?
BIZZ — *É verdade que a gravadora queria transformá-los em Paralamas do Sul?*
Humberto — É verdade. Inclusive, no *release* que a gravadora distribui pra todo o Brasil, fala que no nosso disco tem salsa, ska e reggae. Pô, tem dois esquemas de reggae no máximo.
BIZZ — *Aconteceu uma aventura e tanto na gravação deste disco, não?*
Humberto — A gravadora queria que a gente fosse pro Rio, ser produzido pelo Marcelo Sussekind, o cara do Herva Doce que produziu o primeiro disco dos Paralamas (pausa). Não nos deram meio-termo. Ou a gente ia pro Rio com o Sussekind, com o rancinho dos Paralamas na cabeça, ou pra São Paulo, com o Reinaldo Barriga, um guitarrista da Jovem Guarda que tava tocando com Amado Batista e fazendo aquela produção anônima que não sai na contracapa, tipo disco do Bozo etc. Ele também tava longe demais das capitais... E depois do nosso disco ficou supervalorizado. Tá gravando com Violeta de Outono, TNT, de Falla... e estava lá o tempo inteiro!
Carlos — Acontece que o estúdio de SP era um prédio onde se gravava Amado Batista e samba. Só o fato da gente ter escolhido este estúdio já nos fez perder pontos na visão da gravadora. Tanto que, durante a gravação, ninguém apareceu. Realmente, os caras não tinham a menor perspectiva de que a coisa pudesse ser interessante.

"Roberto Marinho é muito mais violento que Ratos de Porão e Mercenárias juntos"

BIZZ — *Se vocês gravassem agora, como seria?*
Humberto — O contrário de *Longe Demais...*
Carlos — *Longe Demais* é muito otimista.
Humberto — Se eu estivesse com um tênis diferente, o disco seria outro. E, depois, é extremamente difícil ter alguma sensação ufanista se você põe Piazzolla pra ouvir. O cara te põe *back to zero*. Pelo amor de Deus, você chega em casa e põe um disco deste cara, pô, você é um verme. Uma barata.
BIZZ — *Que direção vocês querem seguir, afinal?*
Carlos — Eu li uma crítica assim: "Mas qual é a desses caras? É jogar bombas na embaixada ou fazer uou-uou?" A gente não é *one-way*, não transa uma só linha de fogo (pausa). Essa linearidade de bandas que se chamam Explosão do Mundo, que cantam que o mundo vai acabar e se vestem com roupa de fim de mundo, isso é digerível pela mídia. Roberto Marinho é muito mais violento que Ratos de Porão e Mercenárias juntos.
BIZZ — *Como foi aparecer no Chacrinha?*
Carlos — O Chacrinha tem um determinado padrão estético. Pras pessoas aparecerem lá, têm de ir coloridas. Enfim, quase nos bateram porque estávamos de roupa branca. O simples fato de não estarmos produzidos era um inconveniente.
Humberto — Eles fizeram o mesmo jogo com o Plebe Rude e acabou indo ao ar, com o Chacrinha falando: "As calças não, as calças não!" Muito engraçado.
Carlos — Calça rasgada, alfinete, correntezinha, camisa furada, isso entra, porque é uma produção. Enrolado num plástico, de cueca, aparece. Agora, se você chegar com roupa comum, de rua, não.
Humberto — É necessário que as pessoas ouçam isso. Estes caras são fascistas! Imagina: um cara chega, olha tua roupa de cima a baixo, e — eles não falam direto contigo — chama o divulgador da RCA pra dizer que lá embaixo tem a camisaria da Globo, com uns blazerzinhos pra gente botar, senão não vai ao ar (pausa). Tava o maior calor, eu não ia pôr blazer.
BIZZ — *Vocês não têm medo que esse tipo de declaração traga inconvenientes?*
Humberto — No Brasil se morre de medo dessa coisa de jogar b* no ventilador. Mas isso é a melhor coisa que existe. Sacode tudo. E, depois, tô morrendo o ano que vem. No sexto minuto vou estar em cena escutando Piazzolla. Mas, nos cinco minutos que eu tenho pra jogar, vou jogar violento.
Carlos — Temos, inclusive, uma cláusula inédita no nosso contrato, que abre jurisprudência pros outros grupos, e prevê o caso da gente desmanchar o grupo. Estamos desobrigados de qualquer compromisso com a gravadora se isto acontecer. Nada de gravar disquinho póstumo ou solo.
BIZZ — *Então vocês não têm medo de nada.*
Humberto — A gente tem medo pra c* de Deus. A gente tem muito medo de Piazzolla. Temos medo das pessoas que estão nos vendo tocar. Eu tenho medo do Leo Fender.

Atenção, muita atenção, crianças do pesadelo, deprimidos de fim de semana, sonâmbulos, quirópteros, mártires em potencial e demais represen-

SIMPLY RED

O VERMELHO E O NEGRO

tantes da fauna notívaga: Manchester não é mais a meca da melancolia endógena. *Arthur G. Couto Duarte* assistente ao dissipar das brumas...

Foto: Anne Noubel/Stills

Como que violando o impenetrável negrume que pairava solene em suas ruas desde a morte de Ian Curtis, vigorosos raios de sol deflagram mudanças no clima musical da cidade — Pete Shelley, ex-Buzzcocks, recupera o tempo perdido trazendo um repertório popíssimo em *Heaven and the Sea;* o outrora maldito New Order caminha a passos largos para se tornar a banda mais dançante do planeta; grupos neofunk como Kalima e 52nd St. entopem as pistas de dança locais e até mesmo o último santuário, a Factory, viu-se profanado pelo pop convencional de seus novos afiliados The Railway Children e Happy Mondays. As sombras retrocedem.

Mas a maior esperança na manutenção deste novo tempo está depositada nos ombros de Mick Hucknall, um ruivo de 27 anos que, ao longo do ano passado, ascendeu meteoricamente ao firmamento da pop music junto a sua banda Simply Red. Em seu bojo, o espólio sépia da América — o *stax sound* em Memphis, Tennessee; Allen Toussaint e o funk lancinante dos estúdios de Cosimo Matassa em New Orleans; a corporação Motown e o sotaque sulista da Muscle Shoals. Preterida em favor dos esquálidos ritmos dos 80, a soul music ressurge com o Simply Red como sempre foi: direta, intensa e, sobretudo, sincera.

A esta altura, duvido que você ainda não os tenha ouvido no rádio via "Holding Back the Years", uma balada classuda, *catchy* como há muito não se via por aí. Após naufragar no paradão inglês no final de 85, ela empreendeu uma longa mas gloriosa escalada e, em junho de 86, reinava suprema em primeiro lugar entre os singles mais vendidos. Nada mais justo, diga-se de passagem. Afora seus habilidosos instrumentistas, a Simply Red tem em Hucknall não só um compositor acima da média, mas a voz mais instigante e preciosa a emergir da ilha do norte nos últimos 10 anos, pelo menos.

Para os céticos, registro duas referências: James Brown — é, o eterno *soul brother number one* — ficou de queixo caído ao ouvir Hucknall, e não se fez de rogado: exigiu que a Simply Red abrisse todos os shows de sua turnê inglesa. Já Lamont Dozier (do envenenado team Lamont-Dozier-Holland, que nos *sixties* produziu uma série de hits para gente do porte de Supremes e Marvin Gaye) tocou-se tanto com o carisma do rapaz que não pensou duas vezes para propor-lhe parceria num par de canções. Pura sedução.

Infelizmente, estes são dias de inveja e má-fé. Assim não faltaram setores da mídia para tecer comentários capciosos, acusando a banda de oportunista, ou mesmo de ser a pior coisa a surgir da entressafra gótica *(sic)*.

A esculhambação só cessou quando Hucknall revidou com chumbo grosso: "A maioria dos jornalistas com quem converso são egressos da cena punk e o punk foi, de forma geral, um movimento tão não-musical que você acaba falando com jornalistas que nem mesmo sabem o que é compor. Eles podem até ter ouvido o *Aretha Franklin Greatest Hits* mas, sinceramente, eles não sabem tanto assim. Há alguns anos havia jornalistas que realmente conheciam a coisa a fundo. Hoje, grosso modo, temos um bando de babacas esnobes que fingem conhecer todos as respostas para as questões do universo, quando — vamos encarar os fatos — muitos deles nem sabem o que estão falando".

Outra ala, um pouco mais bem-intencionada, procurou reduzir a questão a uma mera comparação, chamando o cantor de novo Al Green, de versão masculina de Nina Simone e outras barbaridades.

O fato é que Hucknall é simplesmente ele mesmo, um tenor personalíssimo que perspira tanto feeling quanto aqueles a quem insistentemente tem sido comparado. Mais: ele e o Simply Red encontraram-se anos-luz à frente dos possíveis rivais europeus — Love and Money, Savajazz, Blue Monkeys, Wet Wet Wet ou The Friday Club. Da nova safra, talvez só os Fine Young Cannibals possam lhes fazer frente, mas estes perdem pontos na falta de material próprio à altura da voz anasalada de Roland Gift.

Bem, a esta altura muitos deverão estar se perguntando: "Mas quem é esse cara, afinal?" Vejamos, então. Nascido a 8 de junho de 1960, aquele menininho sardento dava mostras de talento desde cedo — aos 6 anos, faz seu debut cantando "I Wanna Hold Your Hand" na recepção de casamento de uma tia.

A infância é cor-de-rosa, mas ao

ingressar na escola inicia uma experiência traumática. Huck não se adapta ao rigor do ensino inglês, sintetizado na medieval palmatória. As lembranças não são boas, obviamente: "Eu odiava ser tratado como um cão de estimação. Me revoltei contra aquilo tudo — ia mal na escola e tudo parecia desmoronar a meu redor".

As coisas pioram ainda mais quando chega a adolescência. A confusão é tanta que entre os 11 e os 13 anos Huck é atropelado três vezes nas ruas. Seu único consolo então é ouvir música, sem parar. Música — "come to my aid". Começa a colecionar discos: de jazz (Charlie Mingus, Coltrane e Miles), soul e rhythm'n'blues (Percy Sledge, Wilson Pickett e Otis Redding). E negras raízes calam fundo em seu coração, subvertendo determinismos geográficos e genéticos.

Aos 15, ele se torna um emérito bebedor de cerveja, tomando oito garrafas por noite. Sem grana para manter o hábito, rouba peças de chumbo dos telhados das casas, as quais revende a um ferro velho. Bêbado, se mete em brigas de rua, comete pequenos furtos e vadia a esmo pela região. Sua fase *rebel without a cause* dura dois anos e termina subitamente quando se matricula numa escola de arte. Demonstra aí certa aptidão para a pintura abstrata, mas não dá seqüência aos estudos, preferindo se empregar como DJ num clube local.

É 1976. *Anarchy in the U K* — e Manchester não é exceção. Contagiado pelo *do-it-yourself*, nosso inquieto amigo resolve formar seu primeiro grupo, o Frantic Elevators. Mesmo dentro dos parâmetros do punk, o Elevators era péssimo, "um grupo de rhythm'n'blues que não sabia tocar", segundo o cantor. De saco cheio e com o bolso vazio, ele desativa a banda e parte para o tudo ou nada.

A busca das pessoas certas leva um ano e meio, mas vale a pena. O primeiro recrutado é o pianista Fritz McIntyre, dono de um currículo sólido, com passagens por casas especializadas em jazz e um aficionado pelo gospel. Da formação inicial do conterrâneo Durutti Column, Hucknall surrupia a seção rítmica — Tony Bowers (baixo) e Chris Joyce (bateria). Dizem que Vinnie Reilly, guitarrista e mentor do DC, até hoje se ressente do fato. Após a

Tim Kellet, Tony Bowers, Chris Joyce, Mick Hucknall, Sylvan Richardson e Fritz MacIntyre

Foto Claude Gassian

admissão do guitarrista Sylvan Richardson, um músico da escola de Wes Montgomery, o toque final ficará por conta do trompete de Kim Kellet. Será esta a formação que registrará *Picture Book*, o primeiro LP do assim batizado Simply Red.

"Vejo meu trabalho mais como pop do que outra coisa — pop music que tem um pouco mais de classe"

Sofisticação sem pretensão, *Picture Book* é bem mais do que uma estréia bem-sucedida. Na verdade, ele surgiu fácil, fácil como o melhor álbum lançado em 86, graças a uma inspirada mescla de disco-funk, dub-beat, jazz, baladas pop, r'n'b e soul. A produção do experiente Stewart Levine (B.B.King, Crusaders) é limpa e correta, realçando toda a urgência emocional que as amígdalas cristalinas de Hucknall imprimem aos temas mais diversos.

Neste turbilhão de paixão e vísceras, como evitar o arrepio na espinha já na introdução da trôpega "Sad Old Red"? Bateria e baixo esparsos, um piano de cabaré e metais egressos de alguma big-band dos anos 40 criam a atmosfera cool para este lançamento de abandono e traição. "Heaven", uma música dos Talking Heads, fala também da solidão, mas ressurge aqui despojada do cinismo frio de *Fear of Music*, num andamento lento e intimista, quase um gospel clássico.

Os climas se sucedem: frustração, tédio, renúncia, paixão e dor. A isto costumavam se referir como *soul*, nos anos 60... E, neste item, não há dúvida de que estamos diante de um mestre, que transcende quaisquer limitações de espaço e tempo inerentes ao gênero. Com o Simply Red, o soul está vivo, mais forte e atual do que nunca.

Quem quiser provas que ouça "Money's Too Tight (To Mention)", a outra *cover* do disco, obra do duo funk Valentine Brothers, uma punhalada certeira na política econômica de Rambo Reagan. Ou "Jericho", onde o maniqueísmo capitalista funciona como *leitmotiv*. Doce ao início, a melodia segue em contínuo crescendo até desaguar num abrasivo refrão de protesto. Esta é a verdadeira política da dança.

Certamente *Picture Book* haverá de lhes proporcionar muitas outras emoções. Quanto a prováveis objeções de comercialismo, um aviso derradeiro de Hucknall: "No momento da gravação, eu queria fazer um álbum cheio de compactos, de forma que pudesse escolher qualquer música. Esta ainda é a minha filosofia. Eu vejo meu trabalho mais como pop music do que qualquer outra coisa — pop music que tem um pouco mais de classe". Simples, não?

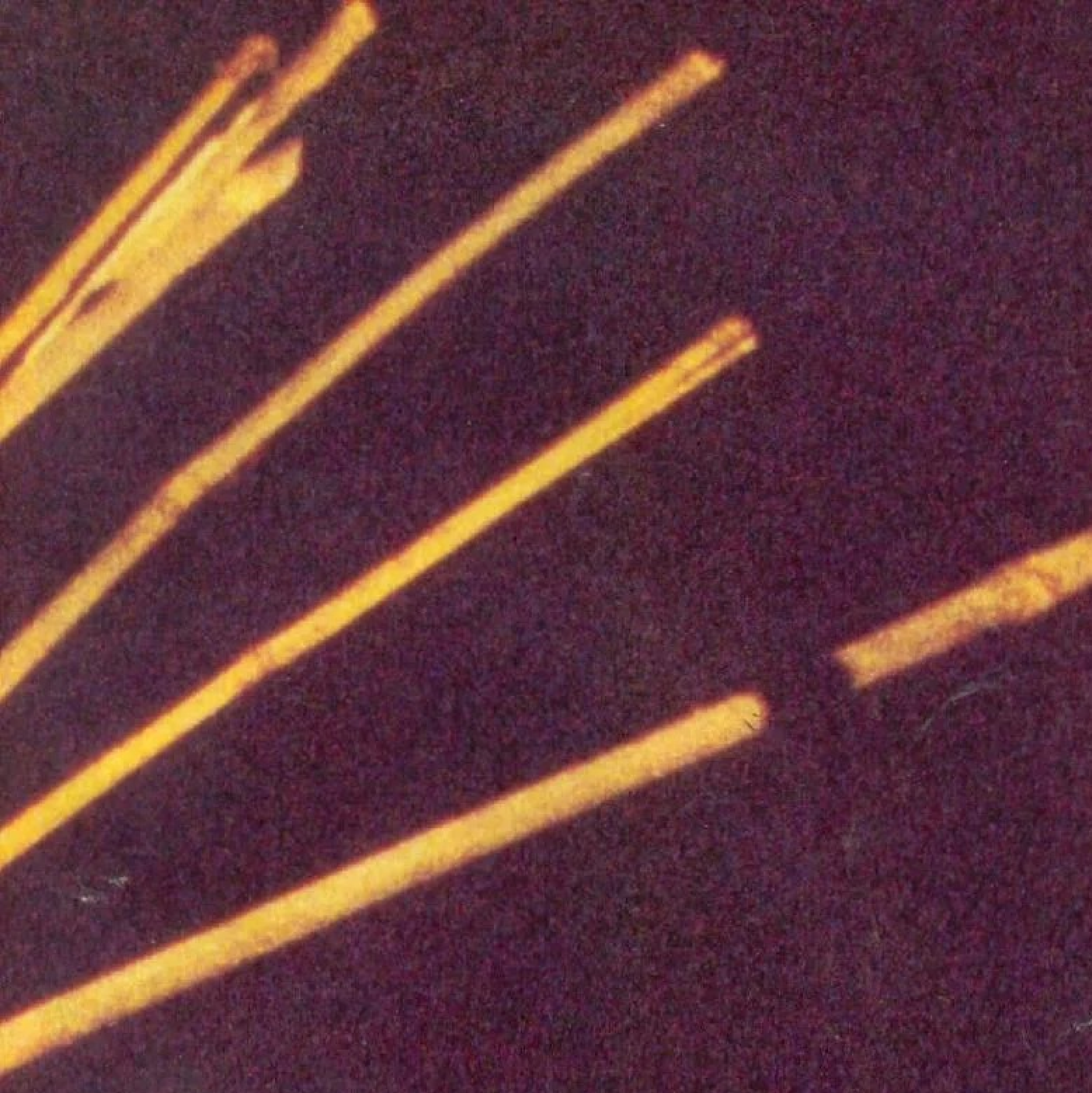
A adição de Janet Sewell como *baking vocal* fixo nos shows e o fechamento do festival de Montreux com o público presente de pé foram os destaques de fim de ano. Daí, foram para as Bahamas a fim de gravar o novo disco, *Men and Women*, que foi lançado lá fora em fevereiro passado. O futuro parece promissor para o Simply Red. Que o último trabalho não tarde por aqui, estaremos esperando.

Conheça nossos 9 modelos
de guitarras, 2 de contra baixo
e as cordas ALEXANDER de nossa
importação e distribuição
exclusivas.
Dolphin
Dolphin
Av. Nossa Senhora do Sabará,

ÁFRICA

Um choque de culturas ao som dos tam-tams

Foto R. Tucci/Azul



Em meio à evolução tecnológica mundial, inúmeras bandas africanas estão segurando firme o cipó que as leva do mato ao computador, sem escalas. *Hermano Viana* e *Jean-Yves de Neufville* entraram nessa selva, sobreviveram e contam tudo.

Foto Gamma / Sipa

Coitadinho do rock inglês! A imprensa brasileira já decretou: chegou a hora da "onda black". Do dia para a noite (ou vice-versa), todo o mundo passou a "adorar" hip hop, merengue e companhia. A mudança foi radical, saudada até com gritos de independência. Os darks perderam repentinamente seu mistério e seu charme. Não são mais novidade, nem notícia. Agora, faz mais sucesso um belo bronzeado, um rebolado sensual, qualquer música "caliente". As roupas pretas e os discos do Joy Division devem ser aposentados. Sem arrependimentos.

Mais um modismo? É claro que sim. As modas são absolutamente necessárias. Elas dão novo colorido ao espírito do tempo, afugentando o tédio e a poeira dos velhos uniformes. Mas tudo é superficial, sem maiores compromissos. Dá, passa e é bom enquanto dura. Só os tolos podem querer mais: são eles que levam o modismo a sério e acabam não percebendo que embarcaram numa canoa furada. Um final melancólico. Que o digam os hippies velhos.

A quantidade de "eventos culturais", publicações e programas de rádio que estão se dando bem em cima da "música negra" é espantosa. O oportunismo reina em todas as frentes. As gravadoras também entraram na dança e prometem pacotes e pacotes de discos afro-caribenhos (a mesma coisa que fizeram com a sombria "vanguarda inglesa"). Festa à vista! Nada contra. O Brasil começa finalmente a estreitar suas relações musicais com a África elétrica. Tem som para todos os gostos. O continente negro é generoso em matéria de novos ritmos e novas danças. E os novos músicos africanos (e caribenhos) parecem ter sido atacados pela mais criativa das epidemias antropofágicas: todas as fusões, todo o arsenal pop, todos os instrumentos eletrônicos estão sendo testados na procura do ritmo perfeito. Pelo que já está dando pra escutar, eles não estão longe de atingir esse objetivo. Mas um fato é certo: a melhor música ainda vem por aí. Por isso é bom se preparar.

As primeiras notícias sobre o novo pop africano chegaram por aqui no final dos anos 70. Gilberto Gil foi tocar na Nigéria em 77 e voltou para o Brasil falando maravilhas do afro-beat, da juju music e do highlife. Júlio Barroso, também em 77, escreveu um longo artigo para o *Jornal de Música* dando uma geral na moderna música africana, do Senegal a Madagáscar. No rádio, o programa mais eclético que os cariocas já ouviram, não por acaso chamado de *Geléia Geral* (e apresentado por Ana Maria Bahiana), mostrava em primeira mão discos de Fela Kuti e amigos. Não estou falando essas coisas para demonstrar erudição pop. É só para lembrar que o Brasil já tinha as informações básicas sobre o pop africano muito antes que os jornais ingleses e norte-americanos começassem a divulgar esse tipo de música como a "next big thing". Isto é, muito antes da moda.

A "moda" teve sua pré-história em 81, quando a Island, a gravadora que divulgou o reggae internacionalmente, lançou na Inglaterra e nos EUA o disco *Sound d'Afrique*, uma coletânea de bandas originárias de países de colonização francesa, como o Zaire e o Senegal. Era um teste de mercado. Se desse certo, vários artistas africanos iam ter a chance de tentar a sorte no primeiro mundo. A Island procurava um sucessor para Bob Marley, um músico ou estilo musical que pudesse garantir os lucros que o reggae tinha dado na década passada. A coletânea *Sound d'Afrique* só fez sucesso entre os iniciados. Mas os elogios da crítica internacional foram suficientes para novas contratações. Tudo feito com a maior lentidão possível. Tanto que King Sunny Adé só foi lançar seu primeiro disco com a Island no final de 82.

O "rei" Sunny Adé não precisava da carreira norte-americana e européia para sobreviver. Seu sucesso no primeiro mundo seria apenas uma extensão da carreira milionária que já estava bem fundamentada em quase todo o continente africano. A África não é um mercado qualquer: só a juju music, o estilo a que Adé está afiliado, vende anualmente cerca de 12 milhões de discos, sem contar as gravações piratas. Esses números não devem causar surpresas. O pop africano não é uma música primitiva, mas sim uma poderosa indústria que já tem décadas de existência. Seu mercado não depende de nenhuma ajuda externa para continuar produzindo os discos de ouro.

Apesar da auto-suficiência, os

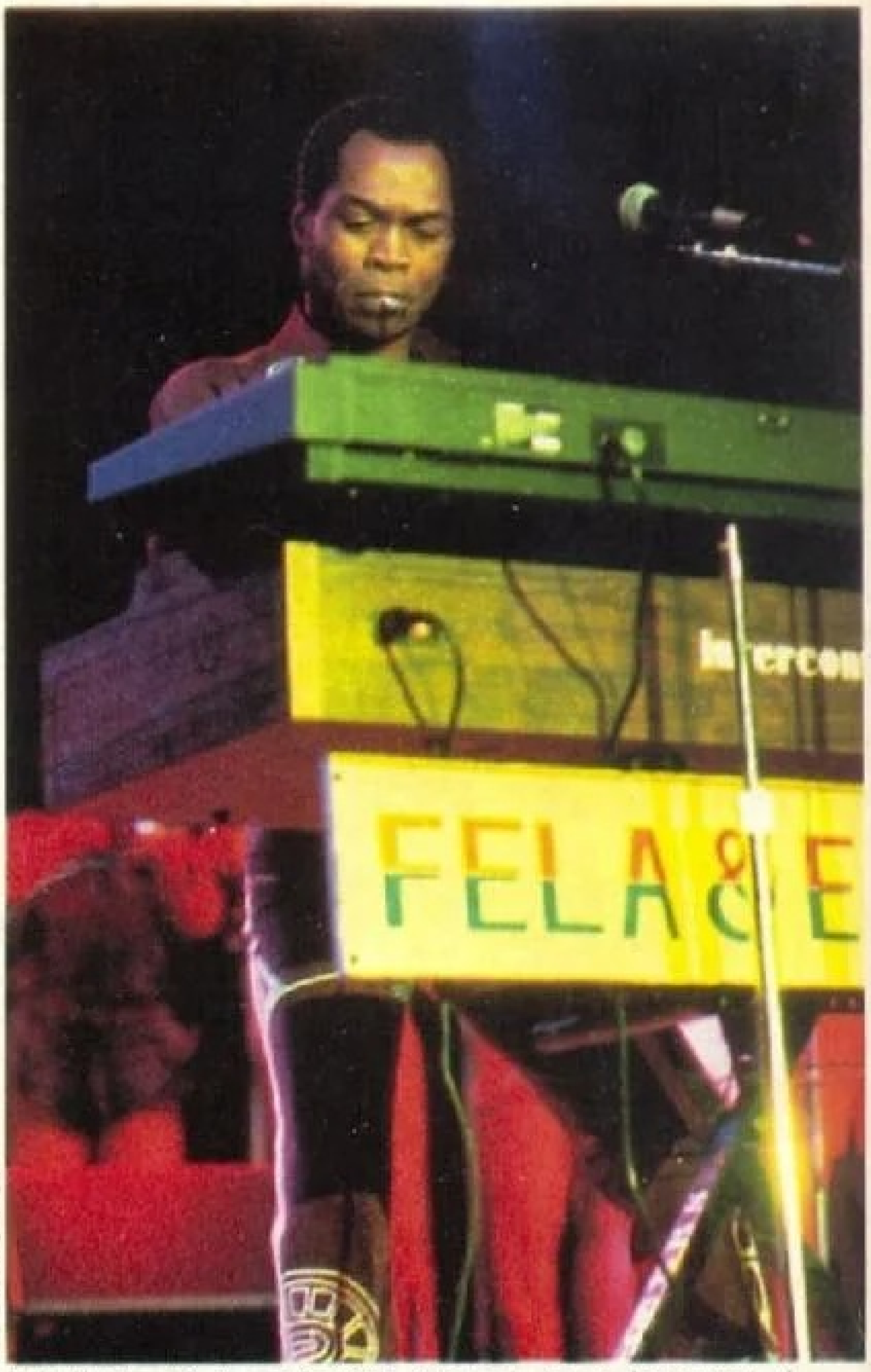


Foto Claudia Thompson

Fela Kuti, o afro beat nigeriano integrado à tecnologia musical

Foto P. Rene Worms

Do Senegal, o coquetel de raízes com modernidade de Youssou N'Dour

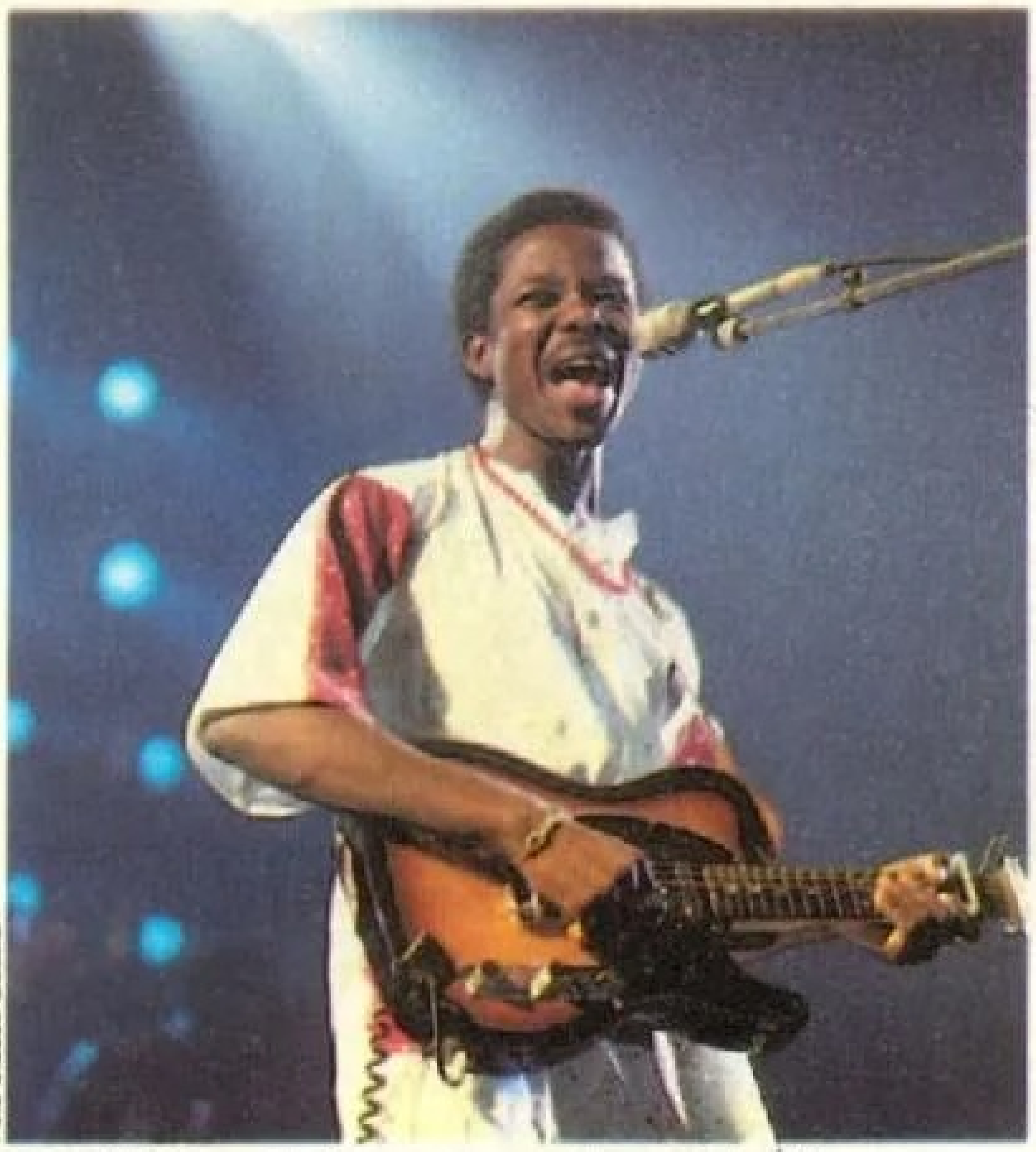


Foto Claude Gassian

Sunny Adé é o rei da juju music, popular em toda África

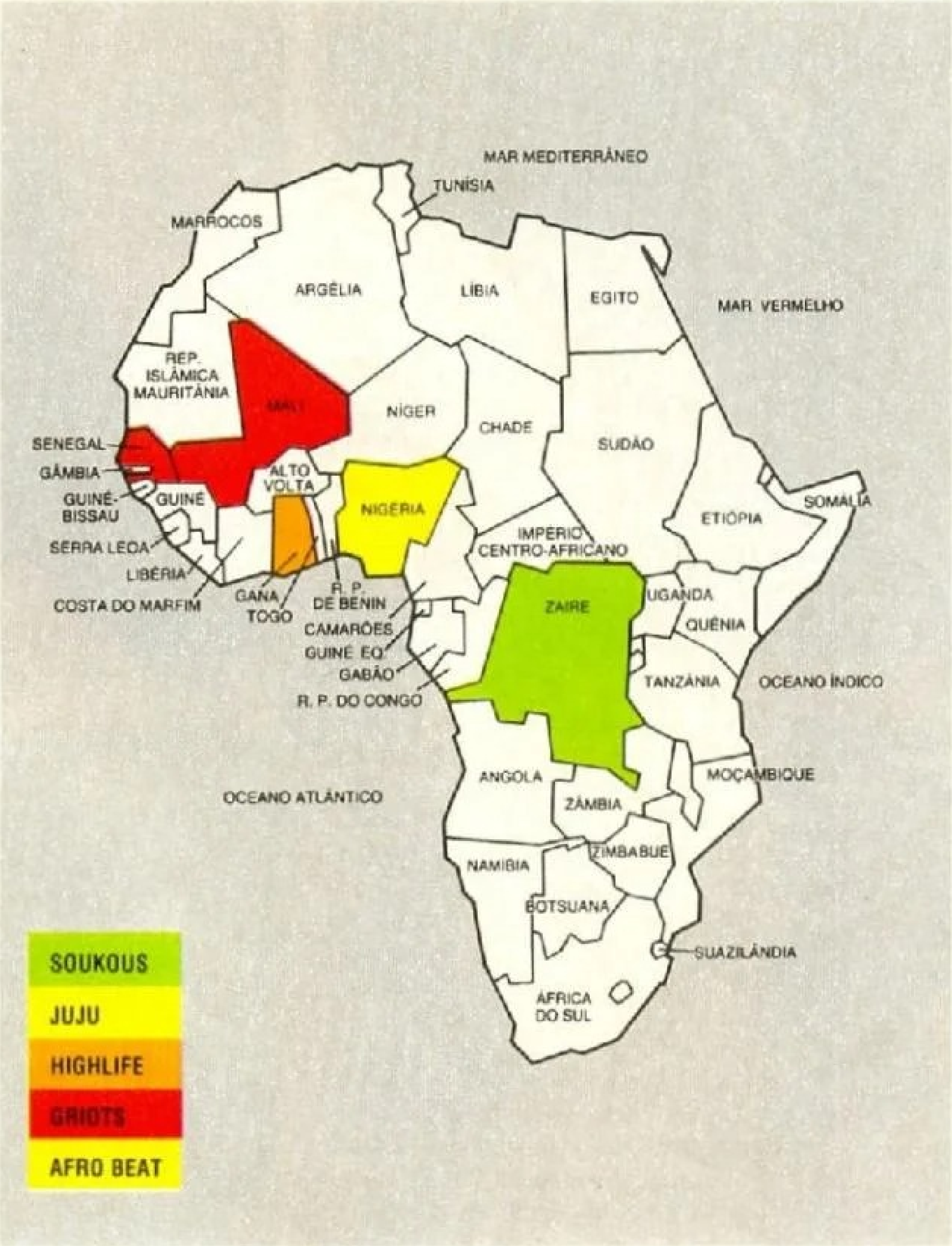
O *Soukous* encontra suas raízes nas bandas de rumba dos anos quarenta. Associa harmonias suaves, ritmos frenéticos e guitarras melódicas. Tabu Ley, Somo Somo.

A *Juju* é notável pela ampla utilização dos *talking drums* (tambores falantes), guitarras maciças (inclusive distorcidas) e vocais dialogados. Ebenezer Obey, Segun Adewale.

A *Highlife* é uma música dançante que dá muita ênfase aos naipes. African Brothers Band, Hi-Life International.

Na origem, os *Griots* eram os músicos dos reis do antigo império do Mali. Hoje é um estilo que valoriza as percussões e o uso do balafon e do kora nos trabalhos mais ligados à tradição. Toure Kunda, Youssou N'Dour.

Afro Beat: a mais moderna e eletrificada das músicas africanas, criada por Fela Kuti. Se baseia em percussões sincopadas, polirrítmicas com inclusão de funk.



O SISTEMA DESTRUTIVO DA MODA

Desde o ano passado, estamos assistindo a uma campanha intensiva dos meios de comunicação empenhados em demonstrar que, de repente, como se tivessem caído do céu, trazidos por ventos alíseos fora de rota, os ritmos africanos estariam revolucionando a música ocidental...

É bom sentar e relaxar. Na fria Europa branca, vá lá. A invasão dos tam-tams negros está trazendo, desde a virada dos anos 80, um sangue novo na velha tradição polifônica que já esgotou faz tempo todas as variantes possíveis de associações de notas numa partitura. Mas... nos Estados Unidos? E no Caribe? E, mais ainda, no Brasil?! Vamos ter de contar outra vez toda a história dos escravos negros trazidos quatro séculos atrás? Vamos ter de explicar de novo que todas as bases das músicas populares do mundo ocidental que surgiram no decorrer do século XX foram edificadas por mãos negras, do blues ao soul, do funk ao samba, do gospel ao reggae, e que TUDO começou com uma pele puxada sobre uma caixa de ressonância? Se isto for uma moda, então a própria existência da música não passa de uma moda passageira... o que pode ser um ponto de vista. Mas ainda sou daqueles que acham que nem tudo é relativo e que existem assuntos complexos demais para serem carimbados como simples modas. Uma moda, a música africana? Dê uma olhada nos tradicionais desfiles das escolas de samba ou nas cerimônias de candomblé. Se você não se convenceu, escute os primeiros discos de Jorge Ben ou Gilberto Gil, e pergunte a eles se acham que a Africa é uma moda.

Vamos falar a sério. A música africana não esperou por David Byrne, Brian Eno, Stewart Copeland, Peter Gabriel ou Paul Simon para influenciar profundamente a música deste século. O que há de novo, isso sim, é que muitos grupos oriundos do Caribe e vários países africanos estão tendo acesso aos fantásticos progressos tecnológicos oferecidos pelos estúdios ocidentais. Este acesso proporciona experiências fascinantes como a associação do primitivo com o moderno, a eletrificação de uma música tribal e sua sofisticação com os efeitos e os sintetizadores. J.Y.N.

ÁFRICA

Foto Ruy Teixeira

Miriam Makeba, um inédito sucesso internacional com "Pata Pata"

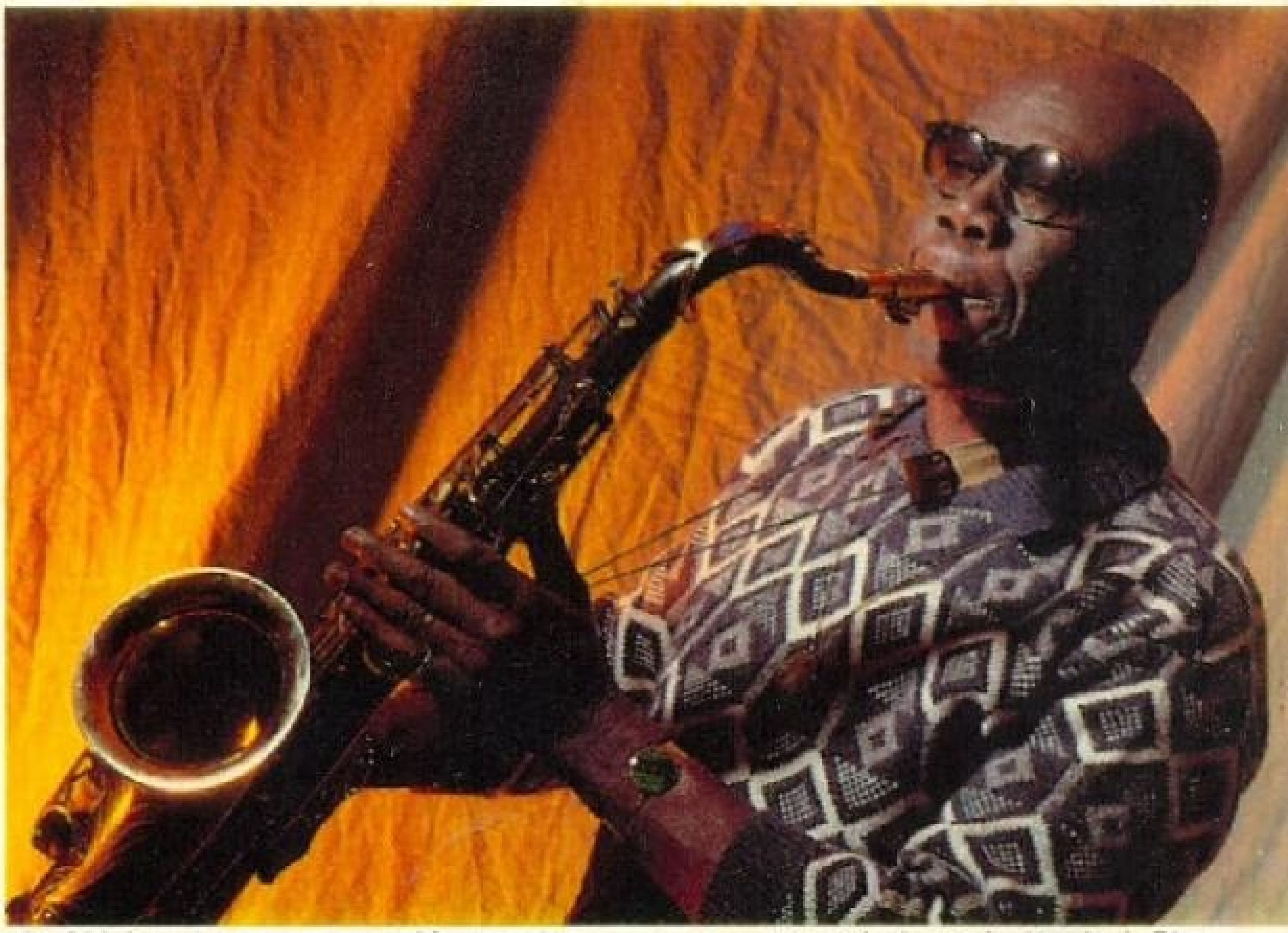


Foto Claude Gassian

"Soul Makossa", composta por Manu Di-bango, agitava as pistas de dança da década de 70

ÁFRICA

músicos africanos sempre estiveram dispostos a conquistar ouvintes em outros continentes. Alguns deles quase conseguiram atingir o estrelato. A sul-africana Miriam Makeba fez o mundo inteiro dançar o "Pata Pata" na década de 60. Manu Dibango compôs "Soul Makossa", uma das melhores músicas dos anos 70. As outras centenas de músicos nunca conseguiram seduzir os ouvidos dos donos das multinacionais de discos. Mesmo assim, permaneceram em estado de ebulição. Toda a informação pop (soul, funk, disco, reggae) foi rapidamente digerida e as novas tecnologias de gravação estão se implantando por toda a África. E, cada vez mais, os músicos africanos estão tendo acesso aos melhores estúdios internacionais (via gravadoras independentes) para darem continuidade às suas experiências polirrítmicas. Vale a pena ficar atento aos resultados.

Pra começar: falar em música africana é sempre uma simplificação. O que existe são *músicas africanas*, dos mais variados estilos e procedências, que muitas vezes não têm nada a ver umas com as outras. Os primeiros indícios de uma África pop apareceram nas décadas de 40/50, quando o continente negro foi bombardeado pelo mambo, pela rumba e pelo calipso, obrigando os músicos locais a imitarem o estilo de seus ídolos caribenhos (é uma besteira, hoje em dia, tentar encontrar a música africana pura, isso nunca existiu). O calipso, em Gana, acabou produzindo um outro estilo, o

OS COLONIZADORES COLONIZADOS

A circulação rápida das idéias e de todos os estilos musicais via satélite está aproximando os continentes. No caso da música africana, duas cidades têm um papel fundamental na sua difusão: Paris e Londres. Essas capitais, de onde partiram outrora tantos exércitos colonizadores, são hoje focos de difusão intensivos para inúmeros grupos africanos. Na origem, duas grandes fontes difusoras: a Radio France Internationale (RFI) e a British Broadcasting Corporation (BBC). A RFI, irradiando a partir de Paris, oferece uma programação variada e equilibrada, dando grande destaque à música africana moderna, o que permite sua propagação por todo aquele continente e incentiva os hits pan-africanos. Essa rádio ainda possui um dos arquivos mais completos e atualizados de música africana. Toda noite, o disc-jóquei Gilles — hoje muito famoso na África — apresenta um programa de grande sucesso chamado Canal Tropical. *Ainda na capital francesa inúmeros grupos africanos e caribenhos conseguem uma boa infra-estrutura promocional e têm acesso a vários estúdios.*

A Inglaterra é um caso um pouco diferente. O maior foco difusor de música pop do mundo reserva uma parte pequena — porém não desprezível — à música africana moderna. Na década de 70, existia apenas uma loja em Londres, na origem especializada em vender material elétrico. Com uma particularidade: num canto da loja, havia prateleiras carregadas de discos diferentes — em pouco tempo, a Stern's ficou conhecida como o único lugar onde era possível encontrar os mais recentes lançamentos de música africana. Esta combinação, pelo menos original, terminou em 1982, quando os primeiros donos da loja se retiraram. Foram-se lâmpadas, fiações e eletrodomésticos, entrou uma nova equipe para cuidar da maior seleção de discos de música africana que se possa encontrar na Europa. Além disso, a Stern's iniciou sua própria produção. A partir de 1983, foram lançados 14 álbuns sob o selo independente Stern's Africa, estrelados por alguns dos mais conceituados artistas daquele continente: Ebenezer Obey (Nigéria), Tabu Ley (Zaire), os African Brothers (Gana), M'Bilia Bel (Zaire), Segun Adewale (Nigéria) e bandas radicadas na Inglaterra como Hi-Life International e Somo Somo. Nesse catálogo, uma verdadeira pérola: o reggae hipnótico de Alpha Blondy, da Costa do Marfim. O diretor da Stern's, Robert Urbanus, esteve no Brasil em fevereiro deste ano e desenvolveu contatos junto às gravadoras. "O andamento das negociações é bastante promissor", assegurou Urbanus. Tudo indica que assistiremos aos lançamentos nacionais deste catálogo riquíssimo ainda este ano.

J.Y.N.

highlife, que imediatamente virou febre em vários outros países africanos. O ganense E.T. Mensha, o rei do highlife no começo dos anos 60, teve que passar o cetro para o nigeriano Victor Uwaifo, que por sua vez teve que render homenagens ao Prince Nico Mbarga, de Camarões, autor do LP *Sweet Mother* (lançado em 76), talvez o disco "made in Africa" mais vendido até hoje. Mas podemos encontrar a influência do highlife até na música contemporânea do Zimbabwe.

O nigeriano Fela Kuti foi, no início de sua carreira, um comportado líder de uma banda de highlife. Mas, depois dos anos que morou nos EUA (onde teve contato com os Panteras Negras), ele acabou inventando seu próprio estilo musical, muito mais pesado e "militante", o afro-beat. O público nigeriano já conhecia o soul através da música de Geraldo Pino, uma encarnação africana de James Brown, com mais percussão. Fela aprendeu a lição de Pino (que cantava músicas como "I'm a Black Man, I Was Born to Be Free") e radicalizou sua proposta política, se dizendo várias vezes candidato à presidência da Nigéria ou simplesmente se intitulando Black President.

Fela dá tudo por uma polêmica. Ao mesmo tempo em que construiu sua imagem de líder político com tendências esquerdizantes, ele defende ardorosamente a poligamia (já teve 27 esposas). Engraçado? Exótico? É preciso esquecer essas histórias para poder julgar "objetivamente" a música de Fela. Impossível resistir: a tempestade de ritmos iorubás coexiste com a metaleira funk e guitarras à la James Brown. As músicas duram todo o lado de um LP (às vezes os dois lados). Esqueça a objetividade: a música de Fela é pura hipnose.

Também nigeriana, também iorubá, a juju music tem pouca coisa a ver com o afro-beat. Os instrumentos que comandam as bandas de juju são os talk drums. Em cima de suas variações rítmicas, as guitarras (incluindo uma guitarra havaiana), os sintetizadores e as vozes (nunca os metais) vão construindo sutilíssimas teias harmônicas e melódicas. No afro-beat o que importa é o peso e o ataque dos arranjos instrumentais; na juju, o que importa é a leveza e a elegância.

A moderna juju music se aproxima cada vez mais do funk, utilizando baterias eletrônicas, sintetizadores e outros apetrechos hip hop (os grandes inovadores: King Sunny Adé e Ebenezer Obey). Mas existe um estilo musical derivado da juju, conhecido como fuji, que anda incendiando as noites de Lagos. Fuji é juju resumido ao básico: só percussão e voz (geralmente muçulmanas). Dizem que a dança fuji é muito parecida com o fricote baiano.

Deixando a Nigéria, e seguindo para o norte da África, vamos encontrar os estilos musicais derivados das músicas dos griots, tradicionais "cantadores" da etnia mandinga. Os griots recebiam hereditariamente seus ensinamentos musicais, inclusive o manejo da kora, uma harpa de 21 cordas. Hoje, músicos do Mali e do Senegal utilizam essas informações tradicionais mixadas com os vários estilos do pop internacional. A banda senegalesa Touré Kunda, que está de excursão marcada para o Brasil, mistura highlife, reggae e funk, mas nunca se esquece de convidar Mory Kanté, o maior exemplo de um griot pós-moderno, para tocar kora em seus discos. Depois de passar anos gravando para a Celluloid (tendo sido produzido até por Bill Laswell), o Touré Kunda acaba de assinar com a RCA francesa, por onde lançou seu último álbum, *Toubab Bi*.

Também influenciado pela tradição dos griots, o senegalês Youssou N'Dour é a estrela ascendente do pop africano no cenário internacional. Como Fela, Youssou também inventou seu próprio estilo musical, o mbalax. Característica principal: a utilização dos tambores tama (não confundir com a marca de bateria), que têm uma sonoridade reconhecível à distância. Youssou toca com a banda Super-Etoile de Dacar, com quem já lançou pelo menos dois discos imprescindíveis. O primeiro se chama *Immigrés* e foi lançado pela Celluloid. O segundo é o LP *Nelson Mandela*, eleito como o melhor disco africano de 86 pelos críticos do *NME*. Mais uma informação importante: Youssou N'Dour está atualmente abrindo a excursão norte-americana de Peter Gabriel. O garoto tem futuro.

Continuando nosso safári musical, vamos agora para o coração da África, mais precisamente para Kinshasa, a capital do Zaire e a capital do soukous. Kin, como a cidade é conhecida pelos íntimos, tem um bairro chamado Matonge, o ponto nevrálgico da vida noturna da África central. O Matonge é um território privilegiado para os que querem fazer a "ambiance", isto é, errar de boate em boate, dançando

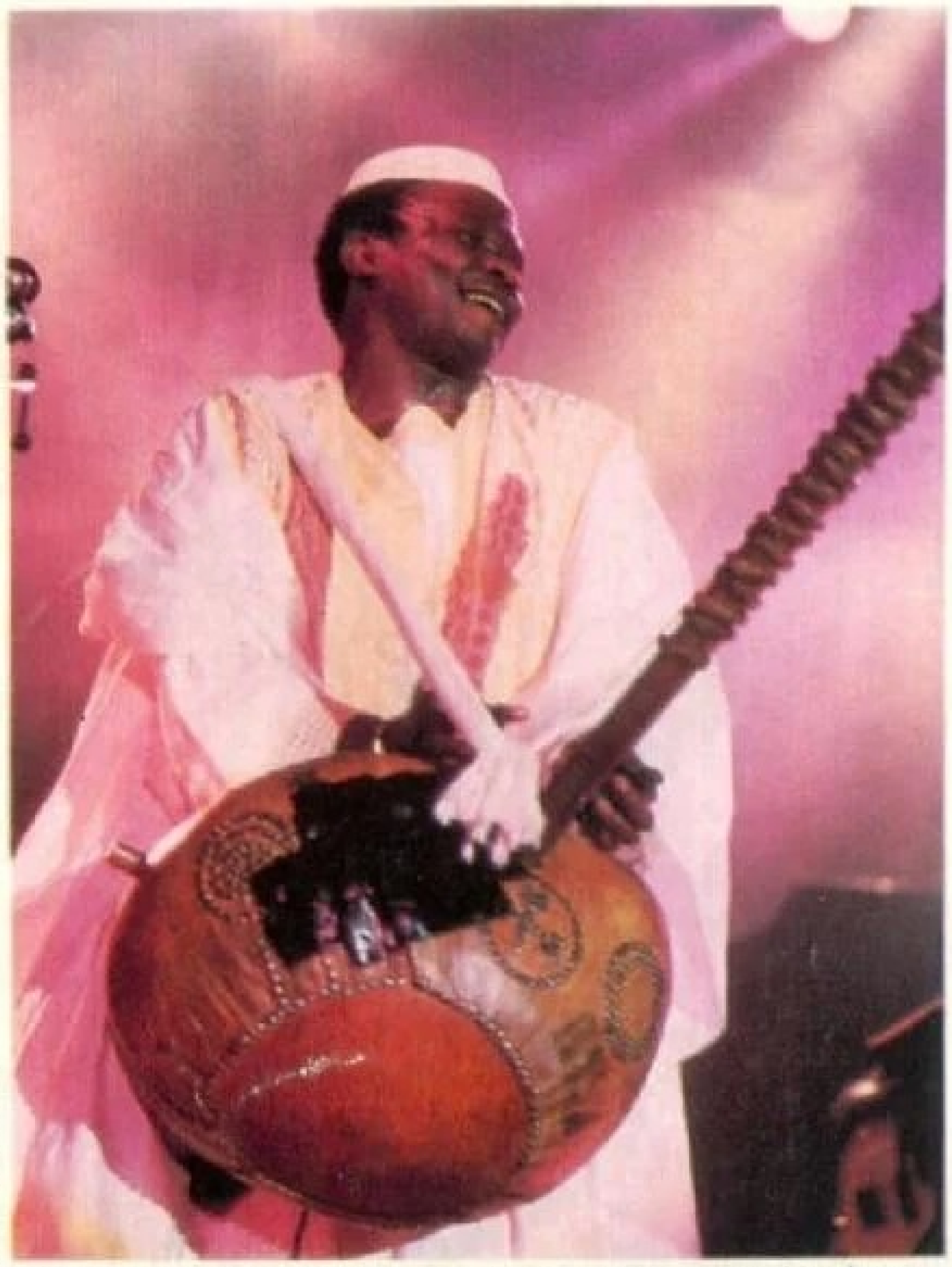


Foto P. Rene Worms

Mory Kanté herdou a tradição griot de tocar kora, uma exótica harpa

Foto P. Rene Worms

Tabu Ley Rochereau ao lado de M'bilia Bel: o melhor do soukous

ÁFRICA

CARIBE: A ÁFRICA DO OUTRO LADO DO MAR

Quase todo o pop africano atual tem influências diretas dos ritmos caribenhos, principalmente aqueles que, como a rumba e o calipso, foram transformados em modismos internacionais, via gravadoras norte-americanas, entre as décadas de 30 e 50. Mas a música do Caribe não estacionou nesse "momento de glória". Os ritmos de Trinidad e Tobago, República Dominicana, Cuba, Porto Rico, Antilhas Francesas e Jamaica não cessam de se modernizar, interferindo agressivamente no cenário pop do resto do mundo.

O reggae foi a primeira surpresa. Nos precários estúdios jamaicanos surgiram técnicas de gravação de discos, incluindo o dub, que hoje são conhecidas e utilizadas por qualquer produtor que se preze. Mas foi no final dos anos 70 que uma maré eletrônica tomou conta das ilhas caribenhas. Nessa época, apareceu a soca, em Trinidad, e o zouk na Martinica e em Guadalupe.

Soca é a abreviação de soul-calipso. O nome já diz tudo. O calipso, que desde o século passado domina o carnaval de Trinidad, foi submetido a um tratamento soul, acelerando o ritmo, incluindo um baixo funk, ferozes solos de guitarra, sintetizadores e metais. As inovações foram recebidas com euforia pelos dançarinos locais e todos os músicos aderiram. Nomes importantes: Might Sparrow, que grava desde 1955, Arrow, Lord Nelson e David Rudder.

O zouk é uma invenção da banda Kassav', que esteve se apresentando no Brasil em fevereiro. Trata-se da modernização da cadence (música das Antilhas Francesas derivada do infernal merengue dominicano, tendo como intermediário o leve compas, do Haiti), com pitadas de beguine, quadrilha e uma overdose eletro-funk. Crucial para o desenvolvimento do zouk foi o trabalho do produtor Didier Lozahic, dando um radicalismo sonoro aos últimos discos do Kassav', que a banda ainda não consegue reproduzir ao vivo.

No mais, outras surpresas estão sendo aprontadas hoje pelas charangas cubanas e pelas bandas de merengue de São Domingos. Quem pode prever o que está vindo por aí? H.V.

Foto P. Rene Worms

A banda Touré Kunda diz que virá ao Brasil para mostrar o que o Senegal tem de melhor

aqui e ali, escutando a melhor música, se divertindo como nunca. No Matonge reina o soukous (o estilo musical predominante em países como Zaire, Congo, Gabão, Quênia), uma palavra que, como o zouk das Antilhas Francesas, designa, além da música, uma maneira de se divertir, de festejar, de aproveitar a vida.

A música soukous é também conhecida como rumba zairense. Sua história é antiga. Talvez tenha nascido há 25 anos, quando Tabu Ley Rochereau, o "senhor" do soukous, lançou seu primeiro grande sucesso (Tabu Ley, até hoje, já gravou mais de 150 discos!). A principal característica do soukous é a utilização de várias guitarras (até cinco, às vezes), com afinações diferentes e solos supermelódicos. Nada pode ser melhor para dançar. Escute qualquer disco de Franco, Papa Wemba ou Pablo Porthos. Ou, então, pegue um avião para Kinshasa e se acabe num show de Emeneya Bubiala, o novo ídolo do Matonge.

Vamos mais para o sul? O jive sul-africano, ou mbaqanga, é provavelmente o estilo do pop africano mais conhecido pelo público "ocidental", pois foi devidamente "apropriado" por Malcolm McLaren — no LP *Duck Rock* — e por Paul Simon — no LP *Graceland*. É a música mais "convencional" das descritas até agora: geralmente, baixo, guitarra e bateria, que produzem um saltitante ritmo 8/8. A influência básica é mesmo o rhythm and blues, readaptado pelos zulus para atender às exigências — devidamente urbanizadas — de seus complexos arranjos vocais. Quem fez o melhor uso do jive? Simon ou McLaren? Forme sua própria opinião escutando a coletânea *The Indestructible Beat of Soweto*, lançada pelo selo Earthworks. Ou mude completamente de praia e vá "descansar" na Etiópia, escutando o "jazz" árabe-indonésio de Mahmoud Ahmed. Ou, então, entre com o pé direito no mundo árabe, através de Oran, Argélia, com a cabeça cheia do Rai de Cheb Khaled ou Cheb Mami. Ainda estamos na África. E a oferta ainda é variada.

Pena que sejam poucas as fontes de informação sobre todas essas músicas. São poucos os discos acessíveis (mesmo na Europa), são poucos os ouvintes "interessados". Os ritmos da África cruzaram o Atlântico, se mesclaram com as melodias européias, deram origem ao rock, ao samba, ao calipso, ao funk, ao reggae. E essas músicas já fizeram o caminho de volta à África, como o zouk à la Kassav' (ver box), que é a última sensação do continente africano, imitado por músicos de todos os países. A próxima "travessia do Atlântico" é iminente. E, dessa vez, nada de navios negreiros. A moda, agora, é música africana? Não há o que temer. Só nos resta aproveitar a onda black. Até a próxima ditadura dark.

H.V.

JEAN MICHEL JARRE
RENDEZ-VOUS
TELEX
POLYGRAM DO BRASIL
FROM: INTERNATIONAL DEPT/POLYGRAM DO BRASIL - 27.03.87
TO. : JEAN MICHEL JARRE
RE. : LP RENDEZ VOUS
ITS BEEN ABSOLUTELY CRAZY. RENDEZ VOUS IS HEADING TOWARDS PLATINUM, WITH MORE THAN TWO HUNDRED THOUSAND COPIES SOLD. EXPLAIN WHY? THERE'S NO NEED FOR EXPLANATIONS. YOUR TALENT IS OBVIOUS. CONGRATULATIONS JARRE, IN THE NAME OF TWO HUNDRED THOUSAND BRAZILIANS.
REGARDS, INTERNATIONAL DEPT'S STAFF POLYGRAM DO BRASIL
PS.: REGARDS TO DREYFUS AND PAPA
TRADUZINDO:
Tem sido uma verdadeira loucura. Rendez-Vous já está a caminho do Disco de Platina, com mais de 200 mil cópias vendidas.
Explicação? Você dispensa explicações. O seu talento, é lógico.
Em nome de 200 mil brasileiros, parabéns Jarre!
Deptº Internacional/Polygram do Brasil
P.S. Lembranças ao Dreyfus e ao Papa.
PolyGram

A-HA

MORTEN HARKET

LINHA DURA

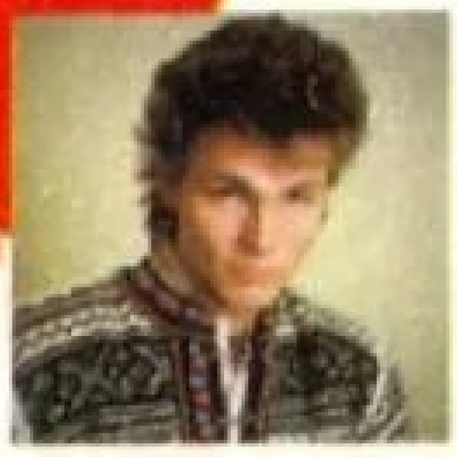
Os leitores de *BIZZ* escolheram a música e o clip "Take On Me", do A-ha, como melhores do ano em suas categorias, e certamente estão ávidos para conhecer um pouco mais sobre a vida e as idéias de Morten, Mags e Pal. Aqui, publicamos uma entrevista exclusiva feita por *Max Bell*, da agência Retna, com o cantor Morten Harket. Uma bomba! Morten fala do seu apoio a Margareth Tatcher, e explica por que o seu lema é "Ordem e Disciplina". Vejam só...

BIZZ — *Você gosta de aparecer em programas de televisão?*
Morten — Eu não penso mais sobre isto. Fizemos TV por tanto tempo que virou parte do nosso cotidiano. Estou mesmo é satisfeito em estar excursionando pela Inglaterra. Eu sempre quis fazer isso. De alguma forma, este lugar é a parte mais importante, é o nosso centro. Nós viemos para a Inglaterra quando estávamos começando, para acontecer aqui. Obviamente, outros países também são importantes, mas a Inglaterra é nosso lar. Tocar ao vivo na Inglaterra sempre foi a nossa principal ambição.
BIZZ — *Você está morando em Londres?*
Morten — Não realmente. Todos nós temos apartamentos em Londres, mas não temos tempo para ficar neles. Agora há pouco tive minha primeira pausa em anos — foram apenas dois dias, mas eu aproveitei para arrumar umas coisas no meu apartamento.
BIZZ — *O que acontecerá com o A-ha depois da turnê?*
Morten — Isso depende de um monte de coisas. Ainda não decidimos nossos planos. Cada coisa a seu tempo, e esse tempo passa tão rápido...
BIZZ — *Essa turnê está correndo de acordo com as suas expectativas?*
Morten — Eu não poderia imaginar tudo antecipadamente. Eu não tinha uma visão clara. Quando começamos foi um choque, as primeiras noites se sucederam com alguns vacilos, mas você acaba melhorando. Eu sabia que isso era um passo correto para a banda, assim como soube de antemão que deveríamos começar como banda de estúdio. O melhor jeito de começarmos foi através de discos, vídeos, promoções e revistas de música pop. Poderíamos ter insistido nessa fórmula, mas não estaríamos acrescentando nada de novo. Isso apenas nos tornaria um grupo de rotina.

Fotos LFI

BIZZ — *Isso seria chato?*
Morten — Bem, nós não queremos nos acostumar a ficar entrando e saindo de estúdios de TV e a ficar tirando fotos ou fazendo entrevistas sem parar. Eu só gosto disso quando tem alguma coisa que eu gostaria de dizer. De outro modo eu acho que você acaba perdendo o senso de direção, se esquecendo de você mesmo. É melhor voltar, ter uma atitude renovada e aprender a ser um pouco estúpido de novo. Nós nos acostumamos a excursionar, e hoje eu posso dizer "sim, nós somos uma boa banda ao vivo". Isso vai influenciar nosso próximo disco e nosso desenvolvimento no palco. Eu não quero que o A-ha fique linear demais.
BIZZ — *O que é mais desagradável em uma turnê longa como esta?*
Morten — Eu detesto a vida em hotéis, porque ela é igual em todos os lugares. A comida é a mesma. Estúdios de TV parecem iguais. Esses lugares não mudam em país ne-

MORTEN HARKET



nhum. O Japão foge desse esquema porque estivemos lá por um mês, o tempo suficiente para que sentíssemos o lugar, mas mesmo lá a nossa vida era ocidentalizada, e nossa rotina era em hotéis, saindo e entrando em aeroportos, entrando e saindo de ônibus — você pode imaginar. Você consegue se acostumar com isso quando diz "essa será minha vida por um ano". Este é o único jeito de achar prazer nisso tudo. É uma questão de atitude. Se eu achasse que toda a minha carreira fosse assim, então eu simplesmente não faria isso. Mas é só por um tempo, então tudo bem.

BIZZ — *O que é que faria você parar?*

Morten — Eu olho para mim e vejo que se isto começar a pesar eu vou fazer outra coisa. Esta é minha opção. Isso serve para qualquer carreira. Foi assim quando eu servi na Marinha norueguesa. Eu me senti realmente preso. Eu não achava nada para fazer. Agora estou enxergando o lado negro da coisa.

BIZZ — *E o lado bom?*

Morten — É quando você se entrega e faz o melhor para a sua vida no momento certo. Tocar ao vivo é um grande barato, só alguns detalhes é que acabam pesando. Eu estarei pronto um dia para olhar para as minhas memórias e encontrarei coisas que pouca gente já experimentou. Isso vai ser algo que me ocupará quando estiver velho.

BIZZ — *Você curte as atenções da fama?*

Morten — É uma questão e tanto... Sucesso é uma coisa que você quer, fama é algo que você nunca consegue imaginar. Você nunca sabe o que toda a papagaiada da mídia e das pessoas vai representar no seu dia-a-dia. Você é sempre o mesmo mas as pessoas em volta mudam. Você não encontra mais pessoas comuns. Você passeia por ruas familiares e tudo mudou depois de um ano. Você perdeu o contato com João Público. Ele não existe exceto como uma massa, um monte de gente. Ao vivo, pelo menos, o público é uma massa *viva* que curte fazer parte de algo que você gosta de fazer.

BIZZ — *Algumas reportagens deram a entender que o A-ha já está cheio com o berreiro...*

Morten — Não, de fato. Um show é um circo e não apenas a música. Isso depende do artista, mas para nós é um circo. Às vezes nós conseguimos tocar e ouvir o que estamos fazendo, mas na maioria das vezes não conseguimos. Mas as pessoas estão curtindo e então nós também. É divertido.

BIZZ — *Isso quer dizer que vocês não são levados a sério?*

Morten — Não! Você estaria enganando a si mesmo se esperasse ser levado a sério. Não vale a pena. Eu não posso dizer às pessoas como é que elas devem pensar. Um show significa algo para o indivíduo, e isso foge do meu controle. Eu tenho os meus sonhos e eles têm os deles. Se isso estimula algo precioso, que eles acham lindo, então tudo bem. Isso não pode ser mudado pela minha pessoa.

BIZZ — *Onde é que você passou o Natal?*

Morten — Em casa, na Noruega, com minha família. Nós comemoramos o mesmo Natal desde que o meu avô era jovem. Na Noruega nós celebramos na véspera do Natal. Os preparativos terminam na hora do almoço e todo mundo começa a relaxar. Às quatro da tarde

"Tatcher é boa para a Inglaterra. Sem alguém com uma moral forte, o país se desintegrará"

nós vamos todos à igreja e depois voltamos pra casa para um grande jantar. Quando todos se acalmam, nos juntamos e damos voltas na árvore de Natal cantando canções natalinas e segurando as mãos. Obviamente nós temos pinheiros adequados como árvores de Natal — eu nunca consegui me acostumar com as árvores inglesas, comparadas com as norueguesas. Aí depois nós abrimos os presentes, o que sempre é um grande acontecimento para as crianças. É engraçado notar que com o passar dos anos a gente começa a encarar o Natal como os nossos pais o fazem. As crianças detestam ir para a igreja porque elas não gostam de esperar. Esse Natal foi um grande barato, tinha um monte de gente.

BIZZ — *Você não é uma pessoa muito materialista?*

Morten — Não realmente, se bem que eu poderia ser uma. Eu me ligo muito às coisas e às vezes piro com isso. Como quando eu era fascinado em colecionar orquídeas e construía caixas de vidro para elas. Gastei muito dinheiro nisso. Eu tive um crocodilo durante um tempo, e construí uma piscina para ele. O nome dele era Acayoumana. *(N. da R.: do tipo caimão — um animal enorme com focinho pequeno e redondo.)* Eles são diferentes dos jacarés. Os ingleses costumam confundir as duas espécies.

BIZZ — *Você assistiu ao filme* Crocodilo Dundee?

Morten — Sim, eu o vi na Austrália e nos EUA. É um filme muito bom — leve mas com bons momentos. Eu gosto do jeito como Paul Hogan tira um sarro da sociedade americana e do ocidente em geral. Ele faz um bom trabalho. Eu gosto dele. Ele fez um filme de entretenimento que agrada aos adultos e às crianças, mas de modo diferente. É meu filme favorito do ano passado.

BIZZ — *Você gostou do que viu nos EUA?*

Morten — Eu me senti estranho lá. Eles estão seguindo uma trajetória ruim, e é um caminho que nós estivemos copiando por anos. Talvez a coisa melhore quando nos conscientizarmos do lado ruim disso tudo. A família americana está se dissolvendo completamente — eles a perderam, perderam sua direção. A América não é mais uma nação ambiciosa e individualista, onde você pode sentir o espírito do "vá e lute por isso". Isso tudo ficou muito relativo, muito egoísta. Existe uma linha muito fina entre a ambição e a voracidade, e eles a atravessaram. Dinheiro é o único objetivo. Crianças correm pelas ruas para achar seus familiares em gangs e envolvidos em drogas, e esses meios acabam envolvendo-as também. Eu sei porque é que isso acontece, mas é uma rampa perigosa de se estar.

BIZZ — *O que você acha da Inglaterra?*

Morten — Eu gosto deste país, ainda que ele tenha várias falhas. Mas apesar de tudo o que eu poderia dizer, eu acho que Thatcher é muito boa para a Inglaterra — acredite ou não. Ela é muito forte. Eu temo que se vocês não tiverem alguém com uma moral forte e que lute por determinados princípios, o país se desintegrará. Vocês podem questionar a direção que ela está impondo mas sem isto a Inglaterra estaria em apuros. Sob um controle mais rígido, as coisas entrarão nos eixos.

MANTRONIX

Arranhões & melodia

Astoria Theatre (Londres) 11/02/87

Drum machine barata. Criança gritando. Linha de baixo levantada de um velho rhythm'n'-blues. Anúncio de metrô. Tosse. Ruído de TV. Notas vocais remixadas. Metais tirados de um anúncio de rádio. Mix melódico de sons de big band com batidas pesadas de hip hop de rua. Coloque tudo em um sampler, passe por dois toca-discos e um fino ouvido de DJ, acrescente rap corrido, e está pronto o som de Mantronix.

Mantronix é Mantronik nos *gadgets* e M.C. Tee nos raps. Por enquanto, o *state of the art* no que concerne ao hip hop. Ínfima produção, pouca grandiloqüência, muita melodia. Menos pesado — e mais estetizado — do que Run/DMC e Beastie Boys. O passe doble depois do *scratching*. Ou, na linha de fuga da anarquia musical — e única saída para o som do futuro —, a abolição do conceito de propriedade. Mantronix, netos de Kraftwerk, surrupiam fragmentos de notas e ruídos de todas as fontes.

Mantronik e M.C. Tee são de famílias jamaicanas. Conheceram-se na Downtonwn Records, um buraquinho sensacional na Sexta Avenida nova-iorquina, especializado em dance music. Mantronik trabalhava na loja, M.C. era cliente. Fizeram uma demo, três singles, e terminaram estourando em Nova York e Londres com "Bassline", no meio do ano passado.

Metade da Londres *hip* aparece para este show no Astoria. E mais: os inevitáveis japs podres de chique, mini-gangs cripto-skin com macacões à la Beastie Boys, uma velhinha ensurdecida em uma mesinha entupindo-se de cerveja, uma *body builder* gostosérrima de colante preto e salto *stiletto*, coros de jamaicanas ondulantes, *B-Boys* a caráter, e até mesmo o DJ do Cais, aí de São Paulo (comprou um boné Mantronix, um apito e um mix. Só faltou a camiseta...).

O DJ residente ataca um master-mix interminável de hip hop pesado e *transformer scratching* (a última radicalização no ramo, onde certos sons gravados em disco são transformados em uma série de ruídos, semelhantes ao efeito produzido quando gira-se rapidamente o dial de um rádio). Campeã unânime pré-show: a remixagem hip hop de "Mr. Big Stuff", clássico New Orleans soul dos anos 60.

No palco, não há banda, guitarras, amplis, nada. Só uma mesa, com o equipamento de Mantronix (toca-discos, phasers, mini-synth, delays, tapes), e um microfone para M.C. Como rapista, Tee é suave. Na verdade, não consegue manter palco e platéia a nível "chamem os bombeiros". Mantronik é que arrepia, curvado em cima da mesa com o eterno fone no ouvido, scratchando com incrível velocidade, batendo com os dedinhos na sua Casio Drum machine, e soltando padrões rítmicos pesadíssimos. As cortadas dão pau nos raps: no caso do *hit* da banda, "Who is It?", o melhor são os *breaks* nas sincopadas de Mantronik.

O *conceito* de Mantronix, no final das contas — e de uma noite de suor dançante — é superior ao produto. Reciclagem constante de sons, aproveitando um mínimo de *hardware*

ROTA 87

Foto Eva Joory

O Sexo Explícito: cinco anos de rock em Belo Horizonte, agora visitando Sampa

Duas noites de Sexo

CCSP (SP) 25 e 26/02/87

O primeiro Rota aconteceu em 85, para homenagear o então recém-falecido Caito Camargo. Além de programador da Radioatividade, Caito era conhecido no meio underground pela força às bandas iniciantes. Dado o sucesso desse primeiro show, o Rota seguiu o rumo com o mesmo espírito — incentivar bandas emergentes. Os shows acontecem mensalmente no Centro Cultural Vergueiro (SP), com produção da Radioatividade, que mantém, ainda, dois horários na USP FM (93.7 no *dial*) de São Paulo: quartas, às 20 h, e sábados, às 19 h.

O Rota de fevereiro último foi chamado de Rota Nacional, pois abrigaria bandas não só de São Paulo como também de Brasília, Curitiba, Belo Horizonte e Rio de

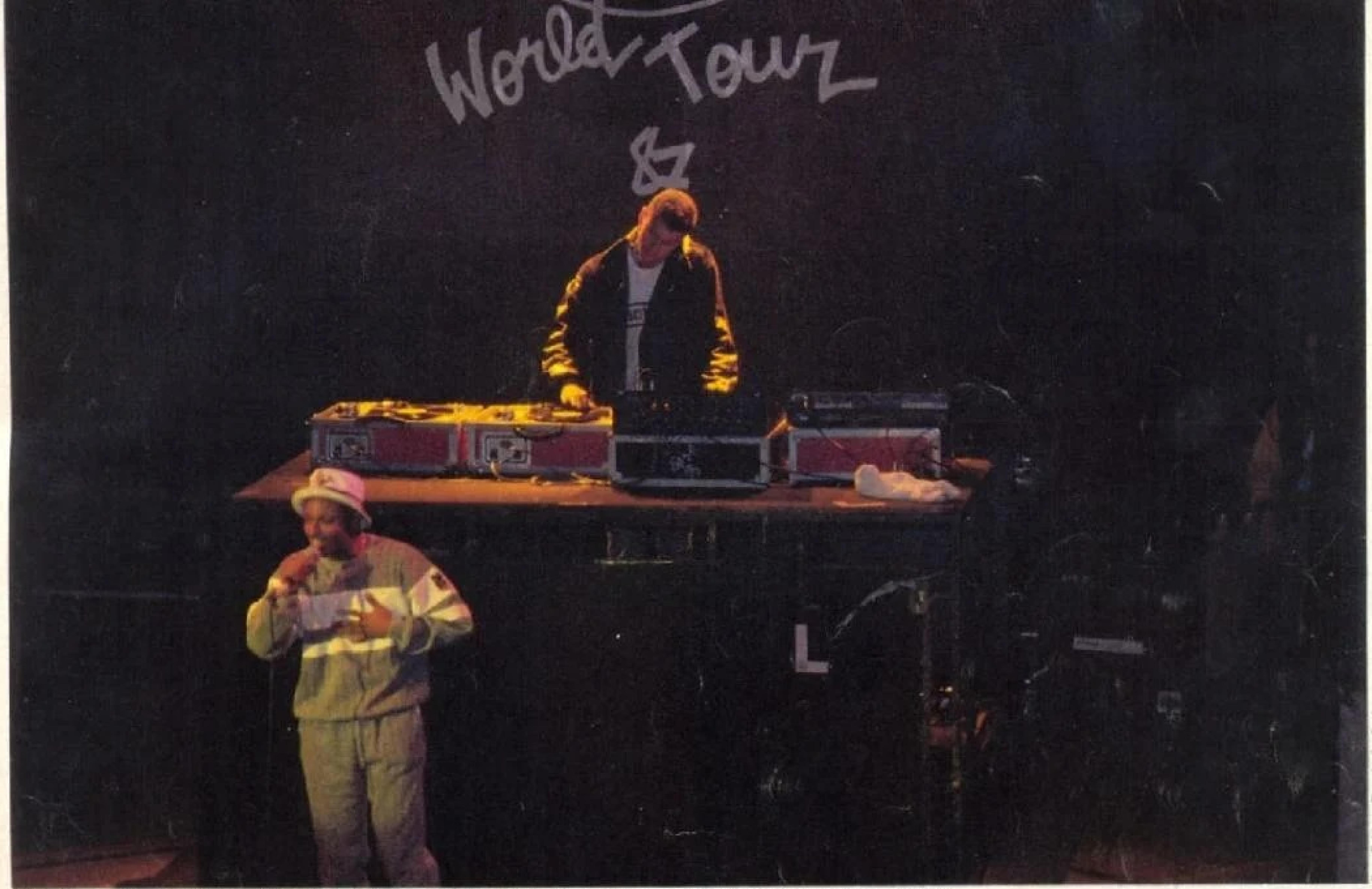


Foto Fabiana Figueiredo/ Azul

O duo Mantronix, com Mantronik no scratch'n'mix *pra valer e M.C. Tee nos* raps *— o hip hop atinge* seu state of the art

hig-tech. Quanto a Mantronik, vai longe: vem aí de álbum-solo, acabou de envenenar o som dos rapistas T-LA Rock e Just Ice, e deve atacar uma bombástica fusão: última geração de hip hop com o *cockney* reggae de Smiley Culture. Toca-discos de todo o mundo, tremei!

Pepe Escobar

Janeiro. Infelizmente, duas deixaram de comparecer: Beijo à Força, de Curitiba, e Black Future, do Rio. Das seis convidadas, restaram quatro: Sexo Explícito, de Belo Horizonte; Varsóvia, de São Paulo; Detrito Federal, de Brasília; e Kafka, também de São Paulo.

O Sexo abriu o primeiro dia. Uma banda que existe há cinco anos e trabalha basicamente fora do *eixo* só pode fazer música por puro prazer. O resultado é muito bom: Rubinho, poeta de mão-cheia, cantou entre o microfone e o "tecladinho" Casio, onde faz "percussão", como ele mesmo diz. Numa das músicas, John assumiu o vocal para cantar uma das pérolas do repertório do Sexo: "Todo Mundo Tem Pobrema". A letra: "Todo mundo tem pobrema/ E uns pobremas são piores que os outros/ Eu, por exemplo, tenho um pobreminha/ Mas pela sua cara o seu pobrema deve ser pior que o meu". John segura, também, uma guitarra personalizada — atrita com suavidade rascante e faz solos sutilíssimos. A bateria acompanhava o baixo firme e suingado de Mário. Enfim, rock tupiniquim maduro, a ser notado *mesmo*. E o mais importante: agradaram tanto aos presentes que a coordenadora Magali os convidou para uma canja no dia seguinte.

Para fechar o Rota Nacional, o Detrito Federal entrou cheio de pose. Até de mais, dado o trabalho instrumental e a performance de palco... Pô, várias pessoas já disseram nas entrevistas aqui registradas: "Música é música". A guitarra-base do Detrito era simplesmente inaudível. A solo se perdia entre ela mesma e a outra (?!) e, mais ainda, em relação ao baixo, que tentava marcar claro o suficiente para a baterista não atravessar... Como a performance era esfuziante, os punks presentes pularam, protestaram e, depois, foram tomar chope na esquina. Quem ganhou esta noite foi novamente o Sexo, na pessoa de Rubinho, que soltou, durante a canja, a frase do evento. Alguém gritou: "Hardcore!", numa referência óbvia ao Detrito. E ele respondeu: "O que é isso? Tocou ou vai tocar?"

O Kafka entrou logo após a canja do Sexo. Um grupo de idéias interessantes — usa o erudito com o caminho para o pop, com peso. E trabalha a sério! Mas existem dois problemas básicos: o sax de Renato, transformado em um repetitivo "sintetizador" pelo uso de *n* pedais, causa frustração. Sente-se falta do timbre próprio do instrumento ou das variações que a pedaleira oferece — e não são aproveitadas. O vocal de Abrão (também guitarra) tende demais para os agudos e é um tanto monocórdio. As melodias, bem construídas, dariam espaço para maiores variações.

Esquecível foi o Varsóvia. Eles fecharam a primeira noite com um instrumental que se perdia em referências "brasilienses", com o vocal muito distante do Renato Russo original... Imitação de rock nacional é barra! Fiquem com os próximos Rotas, que prometem ser cada vez melhores.

Sônia Maia

ULTRAJE
a rigor
apresenta
Sexo!!
FINALMENTE LIBERADO SEM CORTES
em Disco e Fita wea

PAUL SIMON

Foto Ruy Teixeira

Paul e o pessoal do Ladysmith Black Mambaso — ao lado de Makeba e Masekela, um time dos melhores da África do Sul... ou da África de Simon

Canto de luta

Palatrussardi (Milão) 07/02/87

O público saindo pelo ladrão. Dos *ragazzini* de dezesseis anos aos comportados casais de quarenta. Ingressos esgotados duas semanas antes. Assim se apresentou Paul Simon em Milão.

Desta vez ele não estava acompanhado de seu fiel companheiro Garfunkel, mas de um time formado pelos melhores músicos da África do Sul. Entre eles o exilado Hugh Masekela que com seu pistão pedia a liberdade de Mandela; Mirian Makeba, mito da música africana — quem não se lembra da inesquecível "Pata Pata" — cantando "Soweto Blues"; e o surpreendente Ladysmith Black Mambazo, um grupo formado por dez vocalistas-dançarinos com vozes mágicas que cantam uma espécie de mantra, transportando o público para o meio de um ritual africano.

No meio de tantos negros com roupas coloridíssimas, Paul Simon de tênis, camisa branca e jeans preto comandava o espetáculo. Seu último disco, *Graceland* — também nome do show —, é um dos mais vendidos em todo o mundo. Lançado em setembro do ano passado, foi alvo de muita crítica por ter sido gravado na África do Sul, quebrando o boicote ao governo do apartheid. No entanto ele não deixa dúvidas acerca de suas intenções. A aversão ao racismo de Pretória transforma o show num evento político de denúncia e exaltação à beleza da cultura negra.

No meio de tanta África, Simon em momento algum deixa de brilhar. Depois de alguns anos fora de cena, um dos grandes ídolos da geração rebelde dos anos sessenta retorna com força total. Não evocando um passado glorioso, mas como um músico maduro, moderno, e com uma incrível capacidade de renovação. Sua triste voz de *folk singer* usa e abusa da influência africana sem perder sua conhecida característica. Tímido e surpreso com o calor do público, que demonstrava conhecer intimamente suas canções e pedia seus sucessos antigos, ele cantou "Mother and Child" e "The Boxer", fazendo com que todos o acompanhassem de pé. Mas a noite não era de recordações.

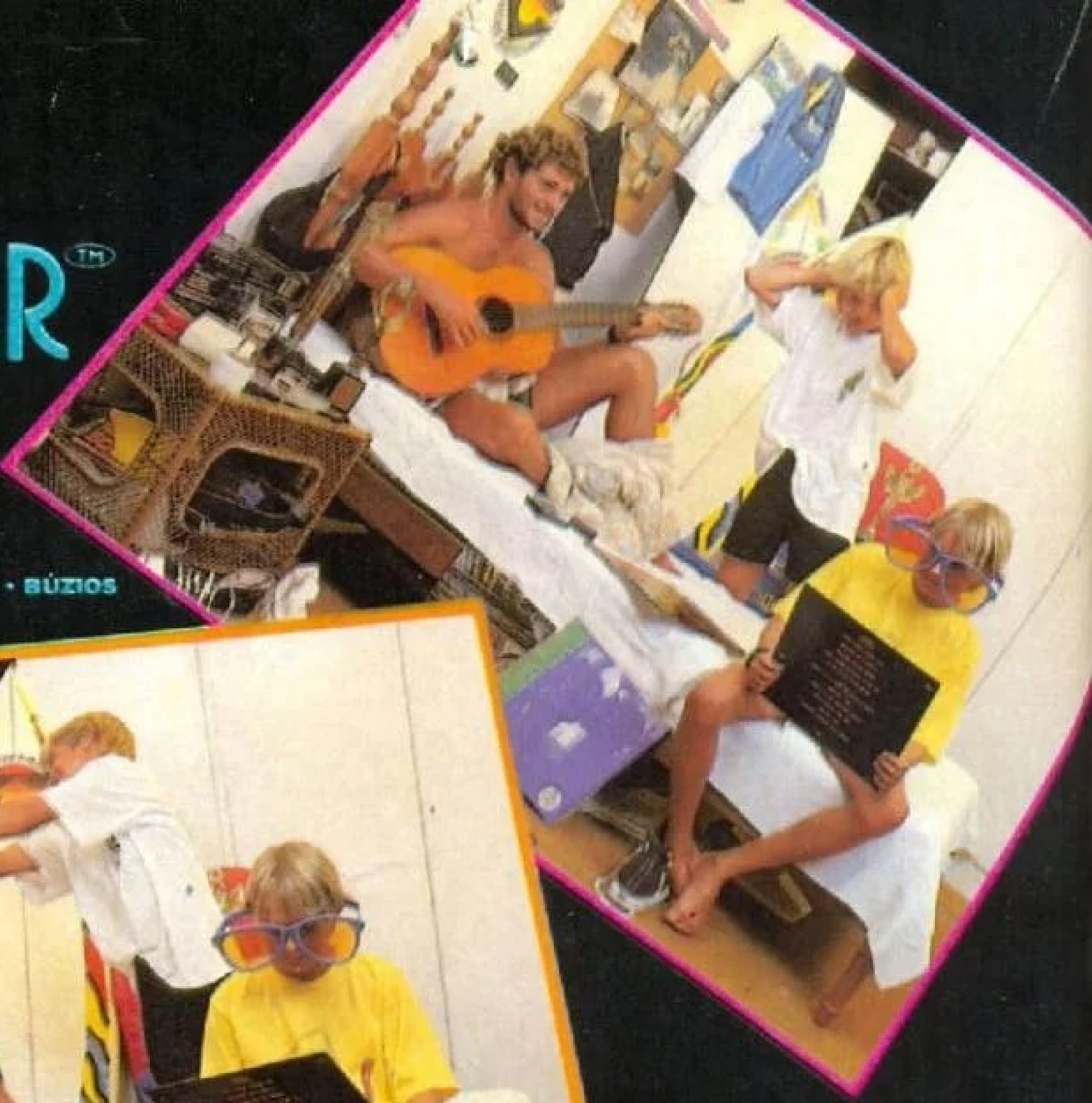
Um magnífico concerto, rotulado pela crítica como histórico, chega ao fim com dez minutos de aplausos, infelizmente sem bis. Ao sair, além de levar para casa a lembrança de tantos sons e tons, sentia-se o amor dedicado por um baixinho americano, que conhece a força da sua comunicação, a um povo que sofre e canta. E canta bem.

Ruy Teixeira

QUEBRA-MAR™

Surf Club

BARRASHOPPING · IPANEMA · RIO SUL · PLAZASHOPPING · BÚZIOS



DESIGN A. FRANCO FOTO L. RIBEIRO

Foto: Heloisa Raposo do Amaral

Egberto e o piano: entre os veteranos e os novos consagrados, a melhor noite na série do MIS

MEMÓRIAS DO PIANO BRASILEIRO

O museu já ouve

MIS (SP)
27/01 — 05/03/87

Através do apoio cultural de uma multinacional e patrocínio da Secretaria do Estado da Cultura, Ivan Ísola, ex-diretor do Museu da Imagem e do Som de São Paulo, pôde restaurar o auditório, que agora tem excelente acústica, e reunir onze dos melhores pianistas populares brasileiros, gravando seus depoimentos e apresentações para a posteridade. Os direitos autorais destas gravações foram cedidos ao MIS e, de acordo com sua coordenadoria, a fita faz parte do acervo acessível ao público que quiser ir ao museu e ouvi-la (a partir de uma data ainda não definida). Resumindo, pianistas como Luiz Eça, Laercio de Freitas e Moacyr Peixoto executaram músicas que traçaram a história da formação de seus estilos —, chorinhos, blues e jazz tradicional.

Maestro Gaó, de 77 anos, e Carolina Meneses, 70, tocaram chorinhos rápidos e complicados temas de jazz com ginga e força de dar inveja aos jovens aspirantes que sentavam atentos na platéia. Aliás, havia, sem dúvida, mais músicos na platéia que no palco, fato raro hoje em dia. Amilton Godoy tocou composições suas e de Jobim, sem o resto do Zimbo Trio — que o assistiu junto aos alunos do CLAM (sua escola de música), que compareceram em peso. O simpaticíssimo Guilherme Vergueiro (Gui-Gui) dedilhou chorinhos e contou passagens de sua vida durante três horas, mas as participações de cada músico tiveram durações diferentes. João Donato, por exemplo, ainda e para sempre odara, tocou apenas uma hora, dizendo "Não me lembro mais das músicas que eu sabia, por isso vou tocar as que eu não sei", e, sem arpejos mirabolantes, deu um show de harmonia e improvisação. Dick Farney fez uma apresentação genial e bem-humorada, finalizando com "Disparada" no estilo de Dave Brubeck. César Camargo Mariano demonstrou total integração com o instrumento acústico, tocando composições próprias e dando a "Carinhoso" mais uma versão das cinco tocadas durante o evento.

O melhor, porém, ficou com Egberto Gismonti (5/3), que começou com uma improvisação sobre o tema "Trenzinho Caipira", mas acabou desaguando em "Loro". E assim foi durante três horas, sem interrupção, tocando temas conhecidos — "Frevo", "Palhaço"—, bem como criando na hora novas músicas que tiravam gemidos e prantos da platéia, emocionalmente entregue à magia de Egberto. De acordo com Myriam Taubkin, coordenadora musical do museu, este foi um projeto-piloto, abrindo caminho para outros eventos de similar envergadura. Enfim o museu não é mais do som da imagem, agora é também do som. *It's about time.*

Vera Fonseca

ENTRE NA GIRAÇÃO E ENCON

TRE O SUCESSO NA CIDADE.

Giração é o movimento que vai agitar todo mundo. É troca, busca e encontro. Troca da mesmice. Busca do novo. Encontro com quem faz o sucesso. Pra entrar na giração é só girar. Não deixar o mundo acontecer sozinho: ficar atento e dar sempre um toque. Escolher o caminho, fazer estilo. Entra na giração quem está a fim de mudar. Agitar vinte e quatro horas por dia. Todos os dias. Cada momento tem seu clima. Nós estamos aqui. Você está aí. A gente se encontra na cidade.

RÁDIO CIDADE FM

A NOVA GIRAÇÃO DO SUCESSO.

AS VIDAS DE HARRISON FORD

O Han Solo da série *Guerra nas Estrelas*, o Rick Deckard de *Blade Runner*, o Indiana Jones — aos 44 anos (completos em julho próximo), ele é uma legenda do cinema americano e mundial...

Foto Weber Sipa Press

HARRISON FORD

...E, se o diretor australiano Peter Weir veio no último momento assumir a direção de A Testemunha, *a pedido de Ford, agora é a vez do astro ajudar a dar vida a um projeto em que Weir trabalhou nos últimos cinco anos,* Mosquito Coast. *Resultado: os fãs de Indiana Jones devem se armar de paciência (o herói de Lucas e Spielberg não voltará antes de um ano, pelo menos), mas os admiradores do ator Harrison Ford ficarão mais do que satisfeitos. É a* Donald Ranvaud, *da revista* Starfix, *que ele fala, em matéria exclusiva para a BIZZ.*

***

BIZZ — *Na sua carreira, você interpretou com freqüência papéis que não tinham sido escritos para você.* Indiana Jones *tinha sido oferecido a Tom Selleck. Era Kris Kristofferson quem devia atuar em* Hanover Street, *e* Mosquito Coast *tinha sido escrito para Jack Nicholson...*

Ford — E daí? Aconteceu com todos os atores, inclusive os mais famosos. A única diferença entre eles e eu é que eu não tenho medo de falar disso, porque acho interessante trabalhar sobre um papel que poderia ter sido interpretado por outro ator. Fica a pergunta sobre o que o outro poderia ter feito. A vaidade, o orgulho levam outros atores a evitar o assunto, mas, no conjunto, estou satisfeito com o que fiz até hoje. A única coisa que pode ferir meu orgulho é não dar tudo o que eu posso a um personagem.

BIZZ — *Você não daria preferência a um papel escrito especialmente para você, que lhe permitisse acompanhar um projeto desde a sua origem?*

Ford — Quando roteiristas escrevem para um ator em particular, escrevem em função dos limites desse ator, estabelecidos a partir dos filmes que ele já fez. Eles valorizam tudo o que consideram ser seus pontos fortes, tentando esconder suas fraquezas. Certos atores podem se sentir mais seguros com esse método. Eu, pelo contrário, me sentiria bastante constrangido. Prefiro trabalhar sobre um papel previsto para um ator muito diferente de mim — por exemplo, Dustin Hoffmann — e me moldar à dificuldade. Acho que assim eu posso enriquecer meu talento, desenvolver aspectos novos. Um roteiro deve se impor por si mesmo. Se vierem me propor um roteiro escrito para mim, eu vou ler, claro, mas vou ficar bastante desconfiado. Um roteiro que seria viável só se eu tivesse um papel no filme não poderia ser bom.

BIZZ — *Você faz poucos filmes...*

Ford — Dou importância de mais a minha vida pessoal para trabalhar em muitos filmes. Um filme só já toma cinco meses de minha vida. Quanto a me dedicar a um filme desde a redação do roteiro, para mim é impossível! Na hora de filmar terei perdido todo o interesse pelo filme ou, então, estarei assombrado pelas minhas primeiras impressões de leitura. Para mim, o trabalho de um ator consiste justamente em acrescentar uma visão nova ao filme. Com freqüência, o roteirista, o diretor e até o produtor, de tanto trabalharem em um filme, estabelecem limites que os impedem de superar dificuldades, por mais simples que elas sejam.

"Ter imaginação em Hollyood significa morrer jovem, ou viver rico mas cercado pelo ódio"

BIZZ — *O que representa para você a profissão de ator?*

Ford — É viver vidas por procuração, paralelamente à sua própria.

BIZZ — *Você nunca pensou em passar à direção?*

Ford — Não. Por duas razões. Primeiro, porque não tenho nem a experiência nem a formação necessárias. Depois, porque vi pessoas enlouquecerem ao montar seus projetos e, quando têm a sorte imensa de conseguir — o que raramente acontece —, trabalham vinte horas por dia, e não durante cinco meses, como é meu caso, mas durante três anos. Não, realmente, muito obrigado. Gosto demais da vida.

BIZZ — *E a produção?*

Ford — Vamos resumir um pouco as idéias que circulam em Hollywood. As pessoas dizem: "É só pegar cento e vinte páginas da lista de telefone e apresentá-las a Clint Eastwood. Se Clint Eastwood recusar, vamos propor o projeto a Sylvester Stallone. Depois disso, basta que o ator faça razoavelmente o seu trabalho, e o dinheiro cai do céu..." Ter imaginação em Hollywood significa morrer jovem ou então viver rico, mas cercado pelo ódio. Claro, há exceções como o Saul Zaentz, o produtor de *Estranho no Ninho* e *Amadeus*.

BIZZ — *Você nunca quis fazer teatro?*

Ford — Não, porque para fazer teatro seria preciso que eu fosse até Nova York. Em outras palavras, que eu me afastasse ainda mais de minha família e de minha fazenda no Wyoming. E isso ainda reduziria o tempo de reflexão de que preciso para escolher cada novo projeto.

BIZZ — *Em 1970, você não hesitou em abandonar sua profissão de ator para exercer a de carpinteiro...*

Ford — Eu estava cansado dos papéis fajutos em que me enfiavam feito um macaco.

BIZZ — *Diz a lenda que depois do seu primeiro papel no cinema — quando você interpretou, em 1964, um porteiro no filme intitulado* Death Heat on a Merry-Go-Round — *aconselharam-no ou a abandonar pura e simplesmente a profissão ou, então, a passar brilhantina no cabelo para ser dublê de Elvis Presley...*

Ford — Eu escolhi então o pseudônimo de Kurt Affair e tentei desenvolver meu trabaho aos poucos. Mas acabei achando que seria mais criativo trabalhar com madeira.

BIZZ — *Como podem coexistir em você o carpinteiro e o ator a quem oferecem quatro milhões de dólares até para fazer produções médias?*

Ford — Mas os meus negócios iam muito bem quando eu era carpinteiro, o que você pensa? Eu era muito feliz em ver que eu podia existir também nessa profissão. Na verdade, as duas coisas não são fundamentalmente diferentes. A carpintaria me dava a liberdade de não fazer o que eu não queria fazer. Hoje é o dinheiro que me dá essa liberdade. Mas, de uma maneira ou de outra, sempre fui livre.

BIZZ — *Que lembranças você tem de* Zabriskie Point, *no qual você trabalhou sob a direção de Antonioni?*

Ford — Realmente pouca coisa, pela simples razão que o essencial do que havia sido rodado comigo foi cortado na montagem. Eu interpretava o chefe de um grupo de estudantes que quebrava os bancos para defender uma causa política. A única cena da qual eu me lembro consistia num telefonema — porque essa, pelo menos, ficou no filme. Antonioni tinha jogado uma luz ofuscante em cima

de mim, e eu estava imobilizado entre uma coluna, a câmera e uma bandeira. Eu não podia nem mexer a cabeça se eu quisesse ser visto. Em resumo, eu parecia estar ditando um telegrama.

BIZZ — *Você dá muita importância às personagens que você interpretou sob a direção de Peter Weir (o John Book de* A Testemunha *e o Allie Fox de* Mosquito Coast*)? Por coincidência, essas duas personagens se dedicam — a certa altura — a trabalhos de carpintaria...*

Ford — Sim, dou muita importância a essas duas personagens, assim como sempre dei enorme importância a todas as personagens que interpretei. Não há dúvida de que Peter Weir e eu trabalhamos muito bem juntos, mas eu jamais escolheria um diretor que não me desse aquilo que eu preciso. Peter começou a trabalhar em *A Testemunha* apenas oito semanas antes do início da filmagem, mas ficou logo claro que eu me daria muito bem com ele. *Mosquito Coast* era um projeto sobre o qual ele trabalhava há cinco anos, em que eu me integrei no último minuto, mas eu queria isso.

BIZZ — *Após Indiana Jones, interpretar Book representava sem dúvida para você certos riscos. Interpretar Allie Fox representa sem dúvida um risco maior ainda...*

Ford — Essas escolhas não foram apostas, pois nunca tentei conceber uma estratégia global para a minha carreira. Passo de um projeto ao outro, é só. Essa liberdade vem do meu sucesso. Mas também não sou completamente louco — sei que o público sempre precisa de uma personagem em que possa se reconhecer ou que ele possa compreender. Só que *Mosquito Coast* foi realmente uma coisa à parte. O fato desse filme ter sido recusado por todos os estúdios teve um efeito positivo a partir do momento em que ele pôde ser feito: as pessoas que o fizeram se dedicaram a ele de corpo e alma.

BIZZ — *Não seria bastante difícil para você voltar hoje a Han Solo?*

Ford — De qualquer forma, Han Solo era apenas um terço da vedete em *Guerra nas Estrelas*. E eu certamente não teria tanto interesse em desempenhar esse papel hoje. Mas estou comprometido com o próximo *Indiana Jones*, que Spielberg deve rodar no ano que vem.

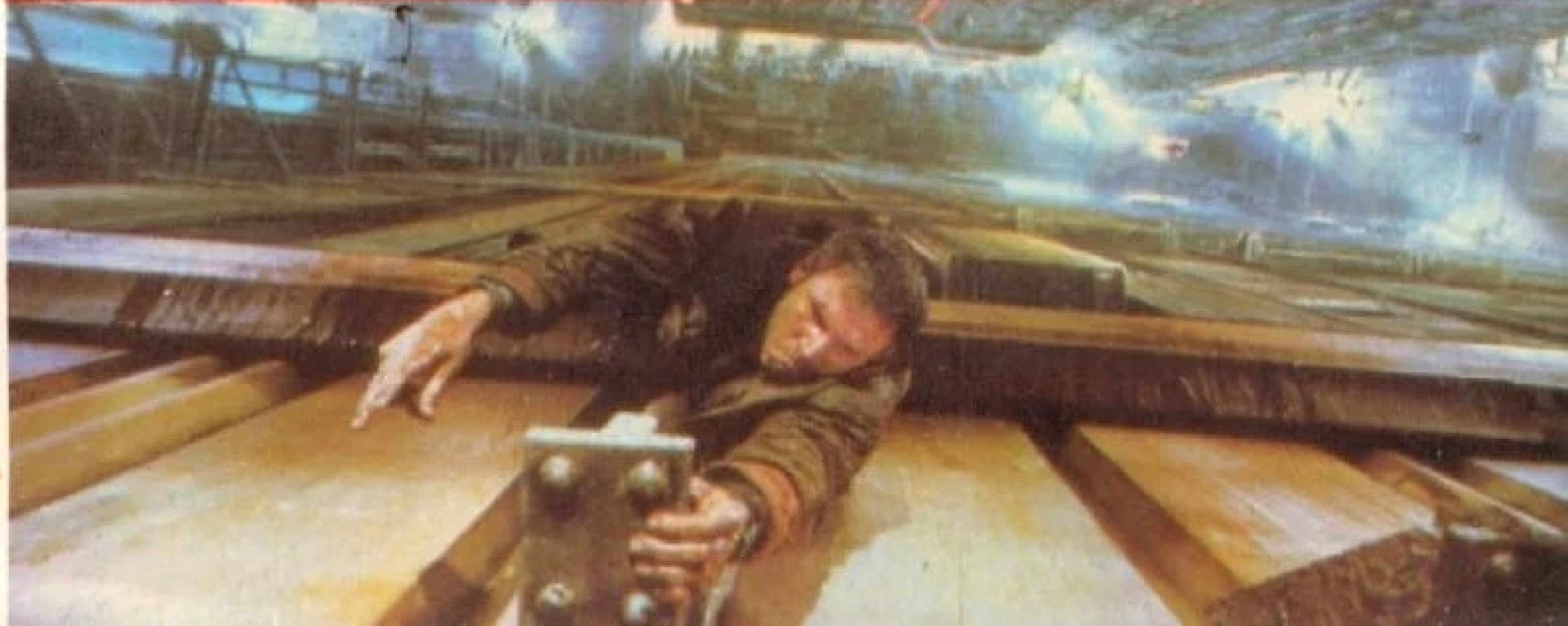
BIZZ — *Você concorda com a*

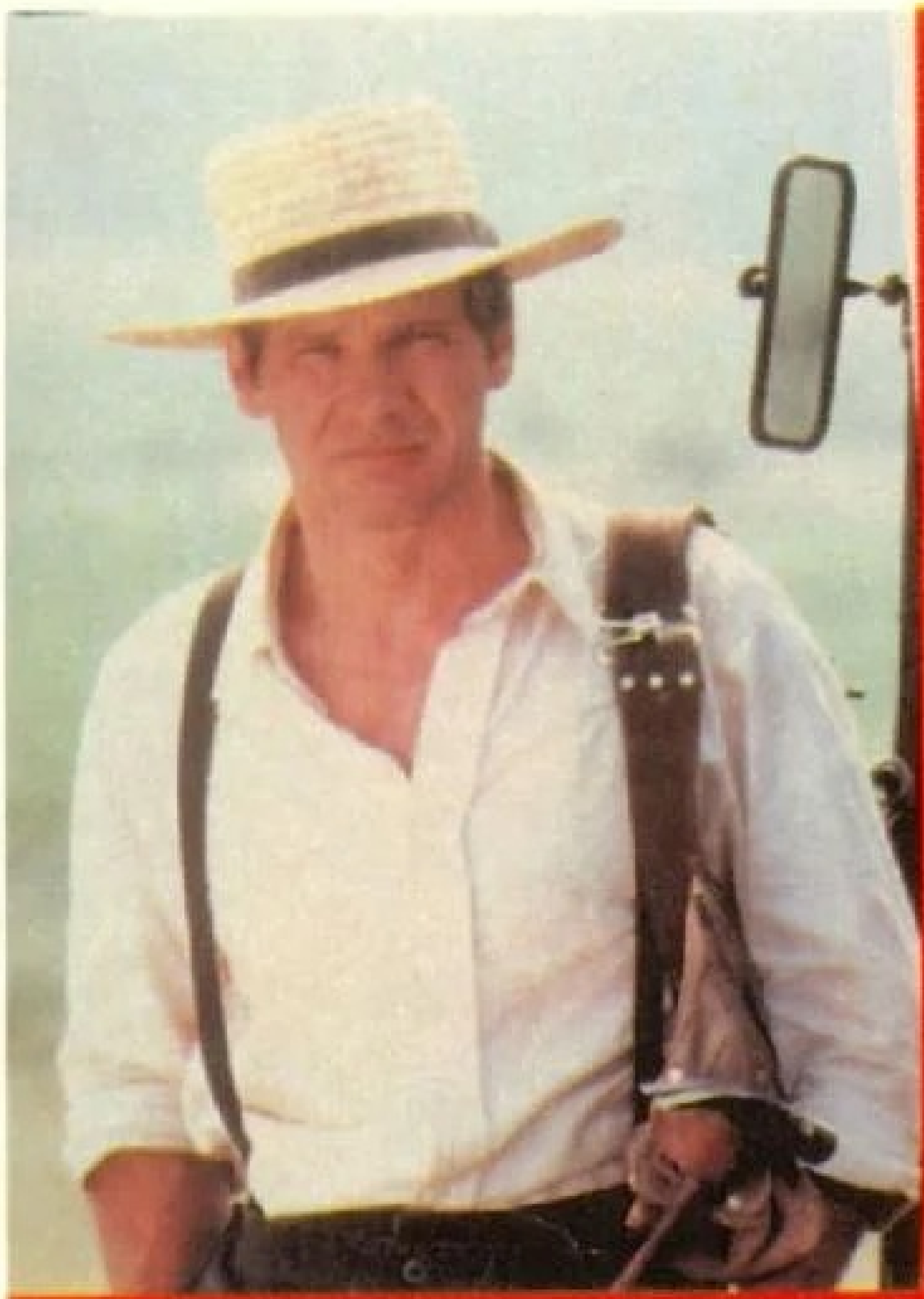
Foto Christophe L.

Allie Fox, entranhando a selva e a consciência em *Mosquito Coast*. Abaixo (esq.), a estréia em *Death Heat*...

Fotos Prod.DB

Acima (dir.), como Han Solo na série *Guerra nas Estrelas* (77/83). Abaixo, no eletrizante *Blade Runner* (82)





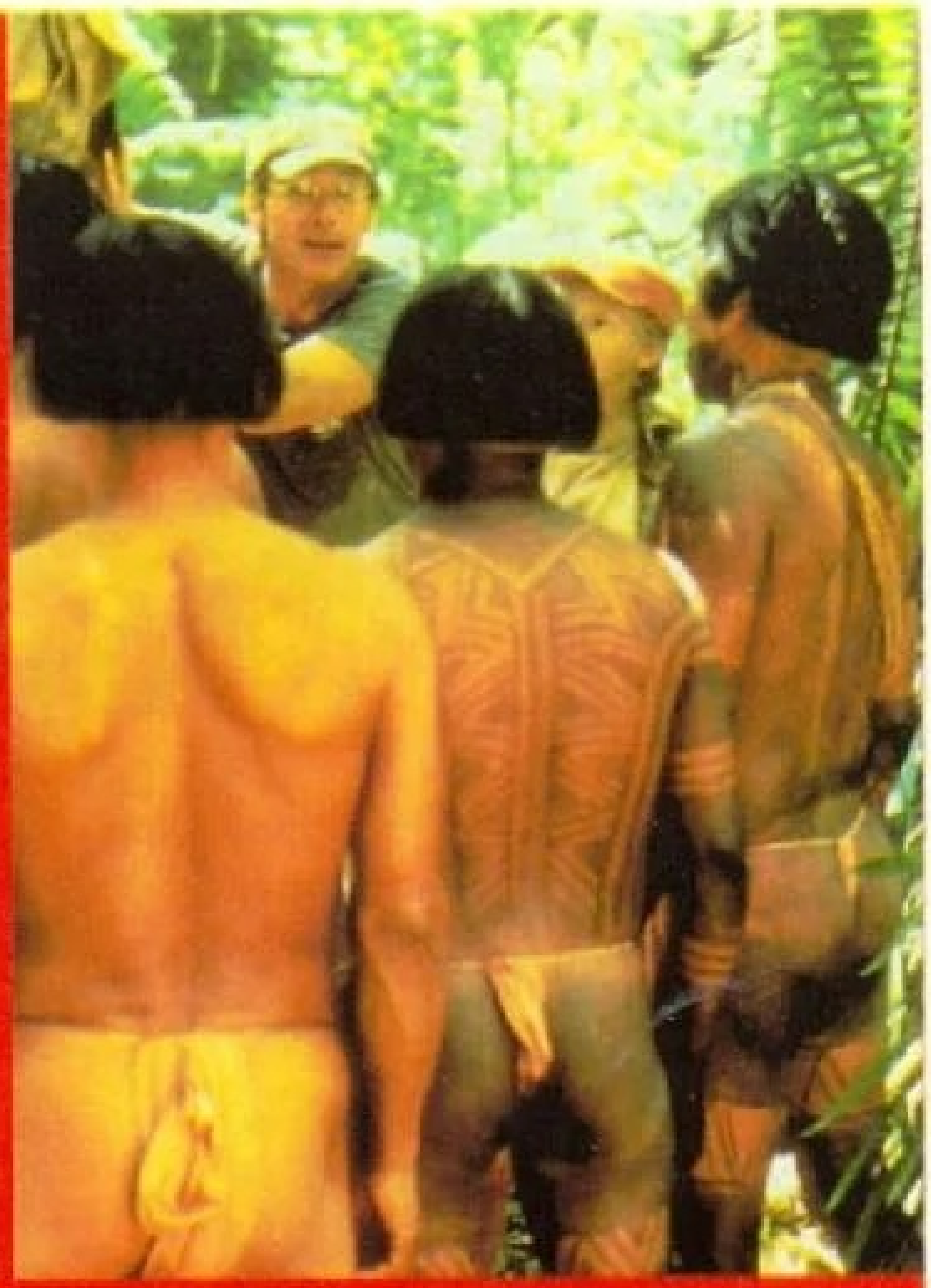


Foto Weber Sioa Press

O John Book de *A Testemunha* (85), primeira colaboração com Peter Weir, e os "índios" de *Mosquito Coast*

atitude de Allie Fox em relação à religião?

Ford — *Mosquito Coast* não pretende denunciar a religião e sim a hipocrisia. É esse princípio que está na base de sua construção dramática — o que não é nenhuma surpresa quando se trata de um roteiro assinado por Schrader. Essa construção conduz a uma reviravolta: Allie Fox percebe que está se comportando da mesma maneira que seu rival e começa a combater essa parte dentro dele mesmo, com risco de se autodestruir. Vou lhe contar um segredo: Allie é profundamente religioso. É uma coisa na qual eu quis acreditar quando elaborei a minha personagem.

BIZZ — *John Book era uma personagem antipática no início que se tornava simpática no decorrer da história. Allie Fox não seria o contrário?*

Ford — É uma forma de ver as coisas, mas não a minha. De qualquer

HARRISON FORD

UM FRACASSO NEO-COLONIALISTA

Borges, o Buda desta "civilização", costumava dizer que o fracasso é esteticamente superior ao sucesso. A constatação aplica-se a esta superprodução dirigida por Peter Weir (Gallipoli, O Ano em que Vivemos em Perigo, A Testemunha) *e com o ator/ícone de maior bilheteria na história do cinema, Harrison "I'm Going Back to Indiana" Ford. Na técnica, Weir entra na selva e deita e rola no mar: com uma equipe de feras deste tamanho e com recursos ilimitados de pós-produção, tudo fica uma maravilha. Ford até nos faz esquecer de Han Solo, do antológico* Blade Runner *e de Indiana. Ele não é apenas maior do que o filme: é* larger than life, *no melhor estilo americano.*

O problema — muito sério — é o conceito dessa história toda. O romance original é de Paul Theroux, americano de Massachussets, um aplicado (e não mais do que isso) fabricante de literatura-de-aeroporto. A adaptação foi roteirizada por uma reconhecida fera, Paul Schrader, o homem que botou Taxi Driver *no papel e filmou* Mishima. *É fidelíssima ao livro. O livro é chato. Muito. Weir filmou tudo ao pé da letra.*

Allie Fox (Ford) é um cientista desesperado com o lixo em que se transformou a América. Tem mulher e dois filhos. Vive das suas habilidades mecânicas e vende seus serviços a um fazendeiro. Depois do enésimo acesso de Rousseau/Robinson Crusoé, Allie empacota a família, alguns tubos, plásticos e químicas, e parte em estilo "neo-colonialista com consciência étnica" para a selva, no meio de Honduras. Só nesses primeiros quarenta minutos já se acumula um carnaval de bobagens, cortesia Theroux/Weir: índio falando inglês, mistura de índio da América Central vivendo junto com negro na linha rasta, uma "selva" onde Ford acha tudo para montar seus experimentos (esses caras deviam dar um pulo aí nas selvas pátrias...).

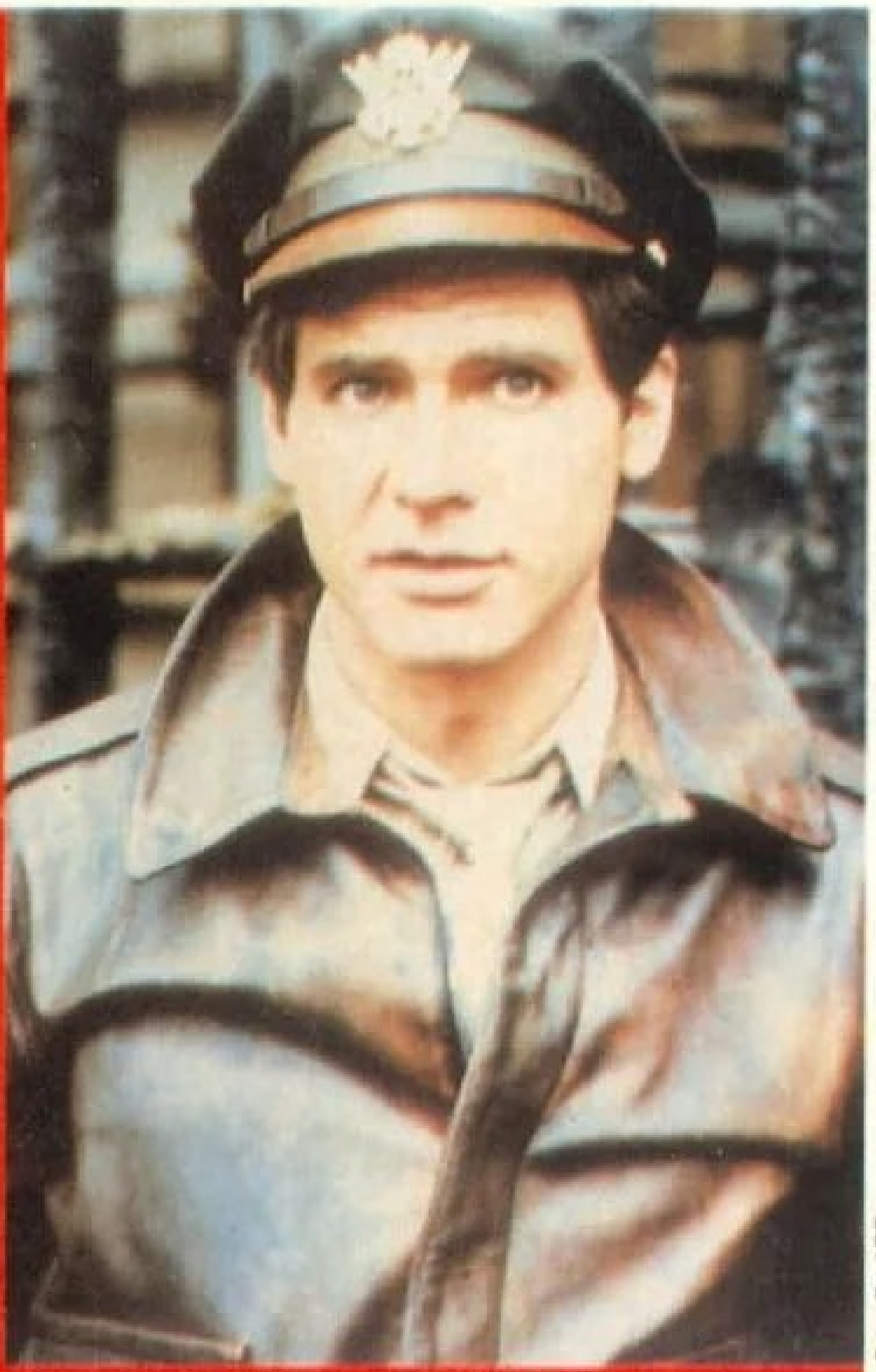
Allie Fox termina concretizando seu sonho: monta uma fábrica de gelo para os nativos ("Gelo é Civilização" é a palavra de ordem durante todo o filme). Aí começam as zebras novelescas: aparece um trio caricato de guerrilheiros (contras é que não são), Allie taca fogo na fábrica de gelo para matar as figuras, a família é obrigada a fugir, vagueia tortuosamente pelo rio à la Amargo Pesadelo *ou* Apocalypse Now, *enquanto a mente de Fox também fica cada vez mais tortuosa...*

Theroux e Weir gostariam de nos fazer crer que o sonho neo-colonial é possível. Esse só não foi porque o personagem central enlouquece (e começa a chamar todo mundo de bárbaro), revelando a sua própria veia racista e colonialista. Ou seja, Fox deveria, para a platéia, ser um vilão das Arábias (ou das Selvas). Afinal, tirou a família inteira do sossego, levou todo mundo para a lama e as picadas de mosquito, construiu, perdeu tudo, e reduziu o mini-clã a uma jangada sob uma tempestade.

O problema é que Harrison Ford é bom ator demais. E todos, na platéia, terminam ficando com pena de sua condição, mesmo não legitimando seu sonho pretensamente altruísta. Mosquito Coast *é a luxuosa crônica de um duplo fracasso: o de Allie Fox e o do próprio filme. Mas termina sendo, acima de tudo, a de um sucesso, o de um ator que transcende um personagem.*

Este é o primeiro filme em que o totem Ford enlouquece, e morre mesmo, como o emblema do Fitzcarraldo made in USA, *de camisinha florida e sorriso autocomplacente. Pirandello, lá da sua lasciva tumba, aplaude excitado.* Pepe Escobar

ENGENHEIROS DO HAWAII
LONGE DEMAIS DAS CAPITAIS
DISCO DE OURO



A consagração: Indiana Jones em *Caçadores da Arca Perdida* (81); o primeiro papel central veio em *Hanover Street* (79, à dir.)

Fotos Prod DB

HARRISON FORD

maneira, não cabe a mim dizer esse tipo de coisa. Meu trabalho é suscitar emoções a partir de construções metafóricas, e não o inverso.

BIZZ — *Os guerrilheiros mostrados no filme têm uma certa ambigüidade. O público americano deverá identificar neles guerrilheiros da Nicarágua, por exemplo, ou simplesmente um pessoal maluco?*

Ford — Não se sabe. São simplesmente pessoas perigosas, armadas num lugar onde a polícia está ausente. Quando Allie começa a combatê-las, ele perde o equilíbrio...

BIZZ — *Allie tem dois filhos. Você também tem dois filhos, do seu primeiro casamento...*

Ford — Sim, mas para esse papel me inspirei tanto na minha experiência com meu pai quanto na minha experiência com meus filhos (com os quais, aliás, tenho relações absolutamente diferentes das mantidas por Allie Fox com os dele). De fato, quando envelhecemos, descobrimos o quanto podemos parecer com nosso pai, o que não deixa de ser assustador, às vezes.

BIZZ — *Quais são os sentimentos de Peter Weir em relação aos EUA?*

Ford — Aqueles que todos têm... Sentimentos ambivalentes. Um fascínio pelo poder e a imaginação desse país. Repulsão pelo seu espírito mercenário de lucro. Mas Allie não é especialmente americano. Ele poderia muito bem vir de Sydney, Austrália, ou de qualquer outra grande cidade. O que acontece, e não somos responsáveis por isso, é que os Estados Unidos se tornaram, no espírito de todo o mundo, o símbolo da civilização ocidental. Allie *acredita* que não haveria lugar para um homem como ele nos Estados Unidos, mas nada indica que isso seja verdade. Aliás, o próprio Allie Fox é um produto de sua cultura e de sua civilização.

BIZZ — *Parece que na sua primeira parte* Mosquito Coast *ataca diretamente filmes como* Rambo II *ou* Top Gun...

Ford — Isso significaria que é preciso atribuir a *Rambo II* algum significado. De minha parte, estou pouco ligando para o significado que *Rambo II* pode ter. *Mosquito Coast* é o resultado de três coisas: o livro de um escritor visionário, Paul Theroux; o roteiro extremamente bem construído de Paul Scharader; e a direção lírica, mas perfeitamente controlada, de Peter Weir. Não tenho mais nada a dizer. Você tem toda a liberdade para ver em *Mosquito Coast* um anti-*Rambo II*, mas não vou acompanhar você nesse raciocínio. Porque se eu fizer isso vou sugerir que o gelo transportado através da montanha até o vilarejo é uma metáfora sobre a falência da civilização ocidental, já que ele derrete quando o vêem... Não sou um intelectual. E queira acreditar em mim quando falo isso.

BIZZ — *Como você explica que os resultados de* Mosquito Coast *nos Estados Unidos sejam relativamente decepcionantes?*

Ford — Ah, os estrangeiros! Vocês estão sempre prontos a comprar ur filme americano por quilo a partir momento em que vocês sabem qu. ele está dando altas receitas por aqui e, ao mesmo tempo, vocês condenam sistematicamente a política estrangeira dos EUA... E vocês só dão valor aos resultados dos filmes importantes. A bilheteria de *Mosquito Coast* pode não ser enorme, mas pelos índices de freqüência por sala o filme está colocado entre os três primeiros; e esses resultados estão em constante progresso. Em outras palavras, nada diz que *Mosquito Coast* não será, no final das contas, um grande sucesso. Estava fora de cogitação lançar esse filme em milhares de salas, porque o público não podia imaginar que estavam lhe oferecendo o novo *Indiana Jones*. *Mosquito Coast* é um filme cheio de ação, mas não é um filme de ação.

O BLACK DISPAROU!

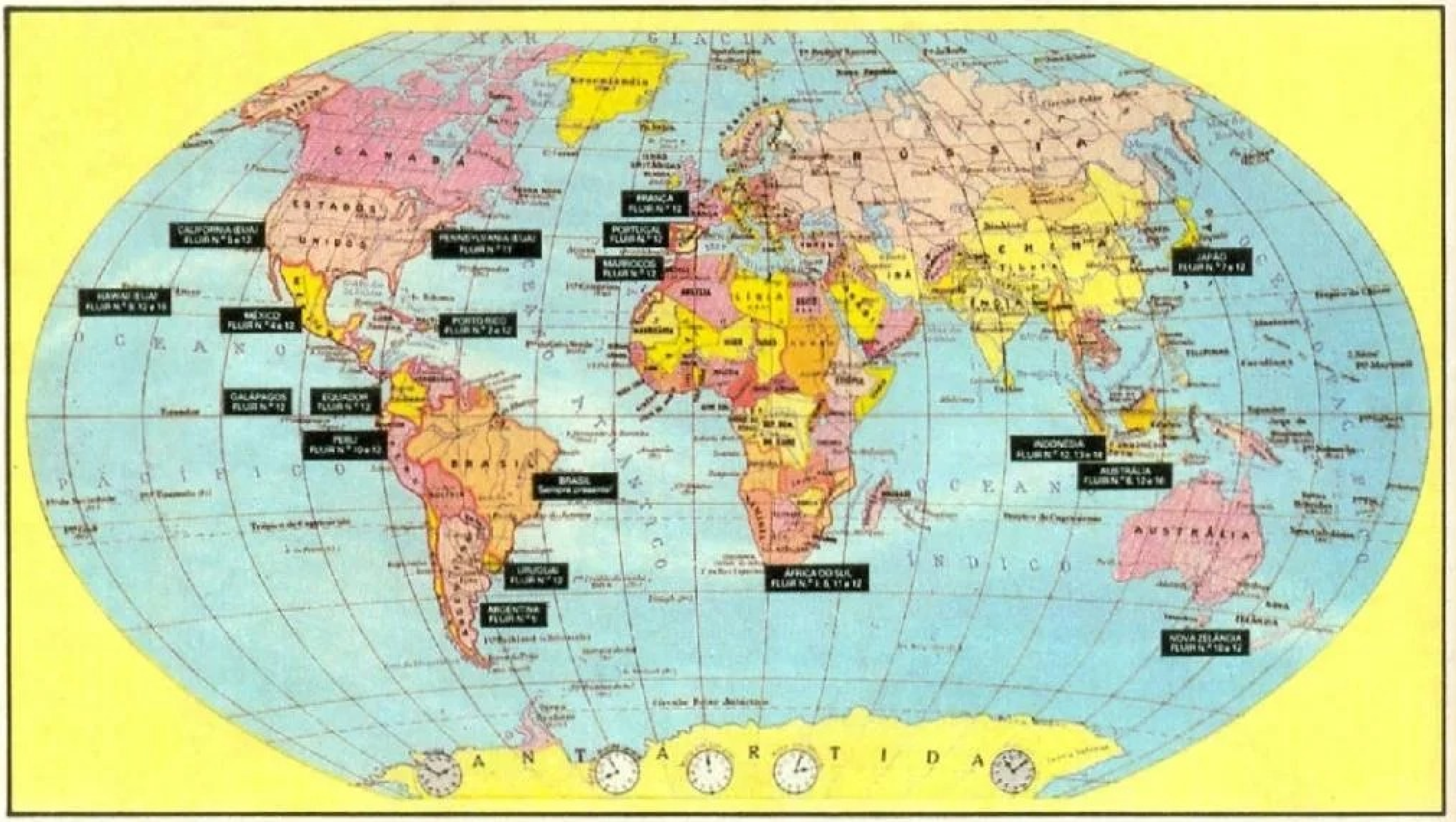
A música pop é negra.
Questão de lógica,
questão fechada.
Só que, hoje, a chamada *black music*
vem reconquistando seu espaço no Brasil
de forma surpreendente.
Via funk, reggae, ska, rap etc.
Agora, o black disparou de vez
com a chegada de mais 6 gigantes
às lojas de discos:
Run DMC, Jeffrey Osborne, Janet Jackson, Con funk shun, Gwen Guthrie e Cameo.
Ouça e tente ficar parado.

EM DISCOS E FITAS

PolyGram

OS SURFISTAS

A ÚLTIMA GRANDE TRIBO NÔMADE DO PLANETA



O Surf, mais que um esporte, é um estilo de vida. Viajar constantemente em busca de novas e mais perfeitas ondas é um componente essencial deste estilo. A FLUIR, a cada edição, leva seus leitores aos melhores points do Brasil e do mundo, mantendo sempre viva a mística da aventura, da exploração e da descoberta. Leia FLUIR, viaje, deixe fluir, faça parte da nossa tribo!

REVISTA FLUIR

SURF É FLUIR

O elenco — acima, Sheen e Berenger — fez um treinamento que incluía cavar trincheiras de verdade, marchas de 18 km e comida enlatada

PLATOON

É reconfortante ver *Platoon* depois de tantos Rambos. Reagan, com uma pequena ajuda de Stallone, estava quase conseguindo atirar para a lata do lixo da história a estrondosa derrota que os americanos sofreram no Vietnam. *Platoon* foi lançado nos EUA, mais ou menos na mesma época em que a popularidade de Ronnie descia em queda livre por conta do escândalo Irã/contras.

A coincidência histórica não pode ser computada como mérito do diretor Oliver Stone (*Salvador, O Martírio de um Povo*). Mas Stone conseguiu, isso sim, a façanha de tratar de um tema extremamente delicado e traumático para os EUA de uma forma bem americana. Daí o filme estar sendo recebido de braços abertos pela crítica e ameaçar levar pelo menos uma das estatuetas — das quatro indicações que recebeu — do Oscar.

A história se apóia no esquema — tão caro ao cinema americano — de um bem e um mal completamente definidos. Barnes (Tom Berenger) é um sargento cruel e inescrupuloso e Elias (Willem Dafoe), embora seja também um veterano, conserva alguns princípios humanistas. Entre eles, um bando de garotos aprendendo a sobreviver no inferno. Chris Taylor (Charlie Sheen) se alista como voluntário, mas nos dez primeiros minutos do filme percebe a besteira que fez. À medida que vai se confrontando com a guerra, oscila entre os dois pólos, representados por Barnes e Elias.

Apesar desta simplicidade que beira a estrutura de contos de fada, Stone consegue criar — ou recordar, uma vez que o filme é baseado em suas próprias experiências na guerra — a perplexidade, a solidão, a brutalidade e a crueza "como realmente foram". O realismo não chega a ponto de abusar de detalhes sórdidos e até revela um cuidado pouco comum nas produções americanas atuais, que tendem a esbanjar tinta vermelha. Há alguns personagens secundários muito bem caracterizados e alguns dos diálogos mais emocionantes são proferidos por eles.

Stone cai um pouco na tentação de induzir o espectador a participar de suas conclusões e sua amargura. A trilha sonora chega a ser sentimental. Mas o pior fica com a narração em voz off, que pontua toda a história. Através das cartas à avó, Chris vai tecendo considerações sobre a guerra que começam a soar artificiais, sobretudo as últimas. Nesse momento, fica impossível não lembrar de *Apocalypse Now* — outro dos poucos filmes que quebrou o silêncio feito ao redor do Vietnam. Uma curiosidade: Charlie é filho de Martin Sheen, o ator que fez o Cap. Willard em *Apocalypse* — que também conduz com seus comentários em voz off a ação... É o tipo de coincidência que deveria ser evitada, se não se queriam comparações entre os dois filmes. Mas isso não impede *Platoon* de ser um filme bem-feito, ao mesmo tempo amargo e comovente. B.A.

A COR DO DINHEIRO

Há 25 anos, Paul Newman fez o papel de Eddie Felson, um jogador de bilhar imbatível, no filme de Robert Rossen, *Desafio à Corrupção*. Martin Scorsese *(Depois de Horas)* retomou o tema, o personagem e o ator, só que os tempos mudaram. *Fast* Eddie trocou o pano verde pelo verde mais claro do papel-moeda, mas não abandonou os antros do bilhar. É num deles que conhece Vincent Lauria (Tom Cruise), um jovem jogador extraordinário e sua fria e calculista namorada (Mary Elizabeth Mastrantonio). Os três partem para uma jornada pelos salões de bilhar até o campeonato em Atlantic City.

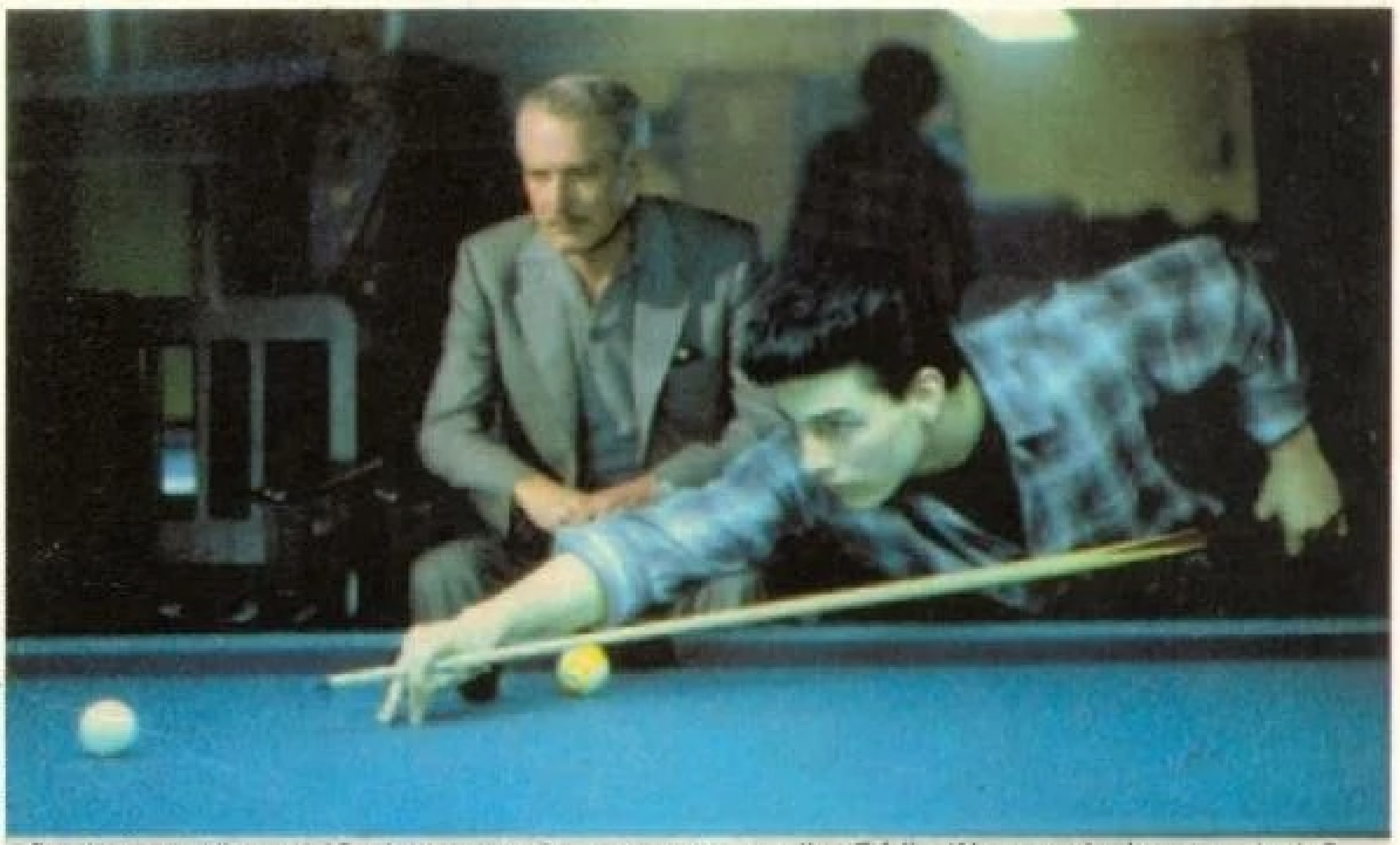


Foto Ron Phillips / Touchstone Films

O talentoso Vincent (Cruise) em ação, enquanto o velho Eddie (Newman) observa: rivais?

O começo parece um pouco com os *road movies*, com cenas de estrada, carros em alta velocidade, tipos durões. Mas o clima vai ficando cada vez mais sufocante, cenas cada vez mais obsessivas de mesas de jogo, ao ritmo da ótima trilha sonora. Prestem atenção, porque em um dos bares — todos se parecem — nada mais nada menos do que Iggy Pop aparece fazendo uma ponta.

Newman conduz com segurança e elegância o papel ambíguo de mestre e explorador do talento alheio. Cruise é um fanfarrão, mas é justamente o que o papel requer. A surpresa maior é Mastrantonio *(Scarface)*, ambiciosa, bela e indiferente. O triângulo vai chegando ao ponto de ruptura e aí é que o filme fica mais interessante. Eddie parte para a luta e o adversário, agora, é o antigo aluno... *B.A.*

FILHOS DO SILÊNCIO

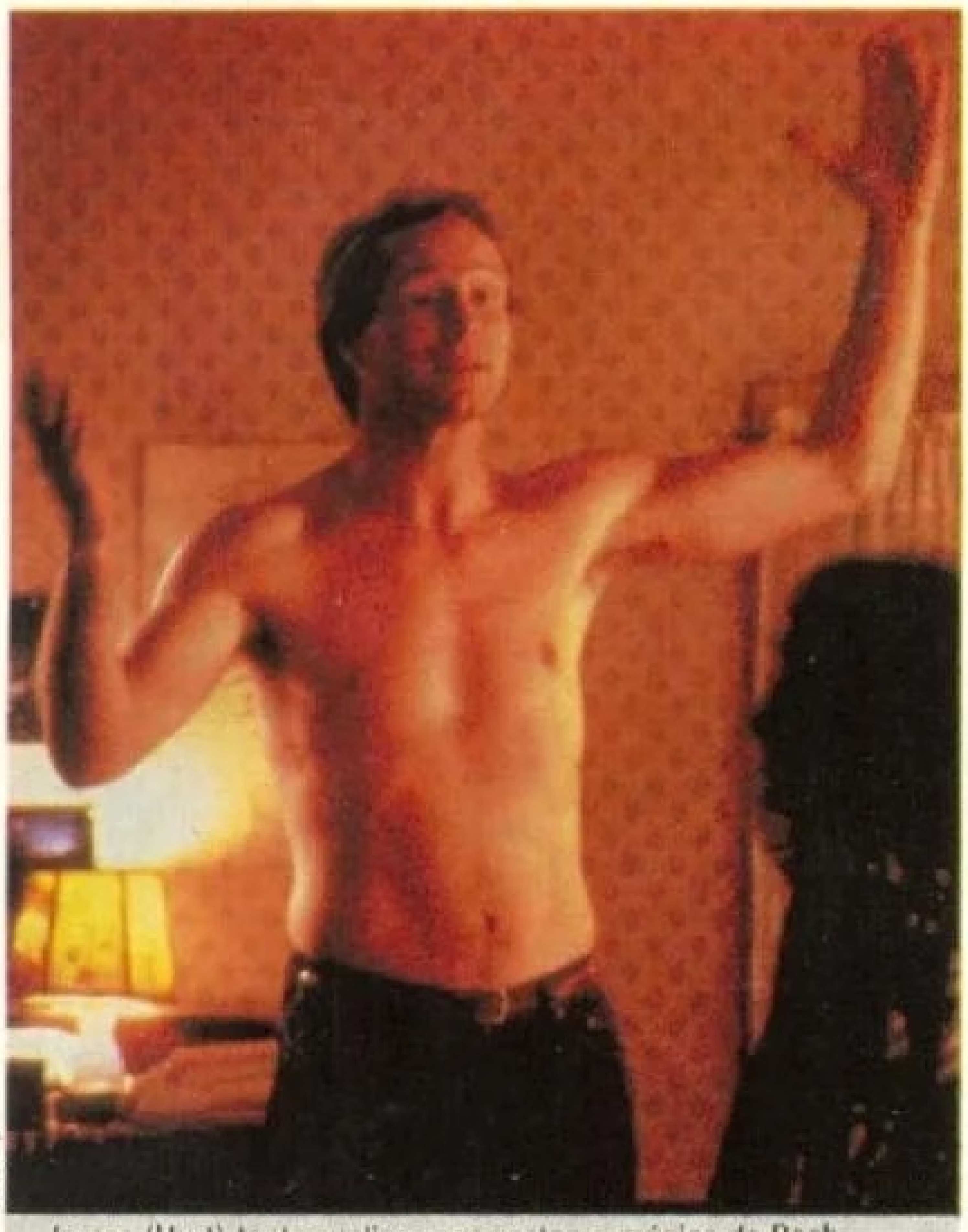


Foto Vip

James (Hurt) tenta explicar por gestos a música de Bach

Quando esta revista estiver nas bancas, William Hurt e Marlee Matlin, os protagonistas de *Filhos do Silêncio (Children of a Lesser God)* podem ter sido premiados com o Oscar. Só a indicação já é mais que merecida, neste filme fortemente apoiado no trabalho dos dois. Hurt interpreta James, um professor americano de surdos e mudos que vai para uma nova escola, procurando fazer um trabalho mais humano com seus alunos, aproximando-se da vida deles ou até dançando juntos um rockinho de sucesso, enquanto ensina-lhes a articulação certa das palavras. Logo ele conhece Sarah, aluna desde os cinco anos, surda-muda, que agora é servente da escola. Agressiva e decidida, ela repele as aproximações de James. Ao tentar ajudá-la, ele se apaixona por ela. A relação deles é uma mudança radical na vida dos dois, e o ponto inicial das diferenças é a deficiência dela e o seu medo de tentar falar. O fato dos atores serem realmente casados provavelmente facilitou a boa atuação, além de Marles ser de fato surda desde os dezoito meses de idade. Ela é de uma expressividade espantosa e Hurt torna James um personagem verdadeiro.

O filme é baseado na peça de Mark Medoff, também co-roteirista, em parceria com Hesper Anderson. A diretora Randa Haines escapou do pieguismo, o que aliás não combinaria com a personalidade de Sarah. Não há aura de compaixão em torno de sua surdez e ela não aceita a divinização do que costumamos chamar de normalidade. O final previsível e banal não esconde a intenção de fazer um filme popular, mas isso não chega a ser uma desvantagem...

C.G.L.

CLIP

LANÇAMENTOS

JANET JACKSON — CONTROL — THE VIDEOS — estéreo, hi-fi, 20 minutos, A&M — Enquanto o maluquete enluvado sai lentamente de sua hibernação, a mais célebre e prolífica voz da família Jackson é Janet. Esta compilação de videoclips comprime em menos de meia hora todo o fogo e a juventude de uma das principais artistas do pop-soul norte-americano. Os destaques aqui são "Nasty" — tão genialmente coreografado quanto "Thriller" — e "When I Think of You", clip assinado por Julian Temple, feito com apenas três imperceptíveis cortes de edição.

ROBERTA FLACK, WILSON PICKETT, THE STAPLE SINGERS, IKE & TINA TURNER, THE VOICES OF EAST HARLEM, EDDIE HARRIS & LES McCANN — SOUL TO SOUL — estéreo, hi-fi, 95 minutos, Atlantic — Foi em 1971 que alguns dos maiores astros do celeiro soul da gravadora Atlantic se reuniram para um show único em Ghana, na África. Pouca gente sabia que este concerto havia sido registrado, mas aqui está ele, ao vivo e em cores, mostrando ao mundo o melhor do soul e do rhythm and blues da virada dos anos 60 para 70. Um clássico que merece estar em qualquer videoteca que se preze.

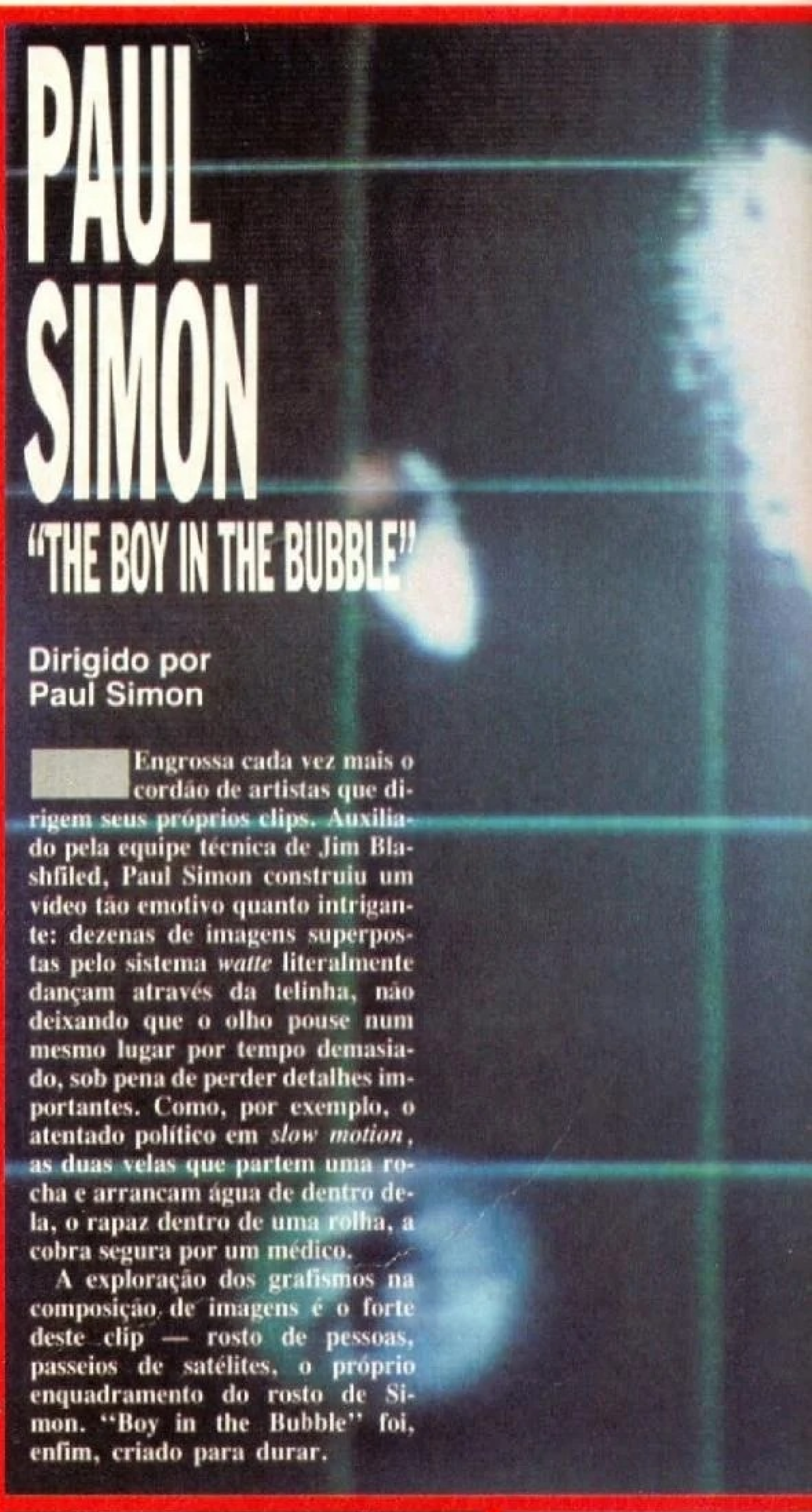
PACIFIC GAS AND ELETRIC, LOU RAWLS, SMOKEY ROBINSON, DIONNE WARWICK, BILLY PRESTON E THE FOUR TOPS — mono, 60 minutos, preto e branco, Video Late Show — Mais performances clássicas de craques do soul e do rhythm and blues, gravadas no auge das respectivas carreiras. Mais um pedaço de história. Mais uma gema imperdível.

ANDRAE CROUCH, THE EDWIN HAWKINS SINGERS, JENNIFER HOLLIDAY E LUTHER VANDROSS — A GOSPEL SESSION — estéreo, hi-fi, 60 minutos, Cinemax — O canal de cabo Cinemax realizou este especial, apresentado por Paul Simon. Agora ele está disponível em cassete: um petisco emocionante para os aficcionados dos tons religiosos do gospel.

NAZARETH, URIAH HEEP, UFO, WARLOCK E ROCK GODDESS — METAL MANIA — estéreo, hi-fi, 50 minutos, Sony — As primeiras gerações do metal, mais alguns novatos célebres. Pau puro!

PARADA

1 Control - The Videos — *Janet Jackson*
2 Every Breath You Take - The Videos — *The Police*
3 Uncensored — *Motley Crue*
4 Live Without a Net — *Van Halen*
5 David Lee Roth — *David Lee Roth*
6 Bon Jovi — *Bon Jovi*
7 The Number One Video Hits — *Whitney Houston*
8 My Name is Barbra — *Barbra Streisand*
9 Color me Barbra — *Barbra Streisand*
10 Staring at the Sea — *The Cure*



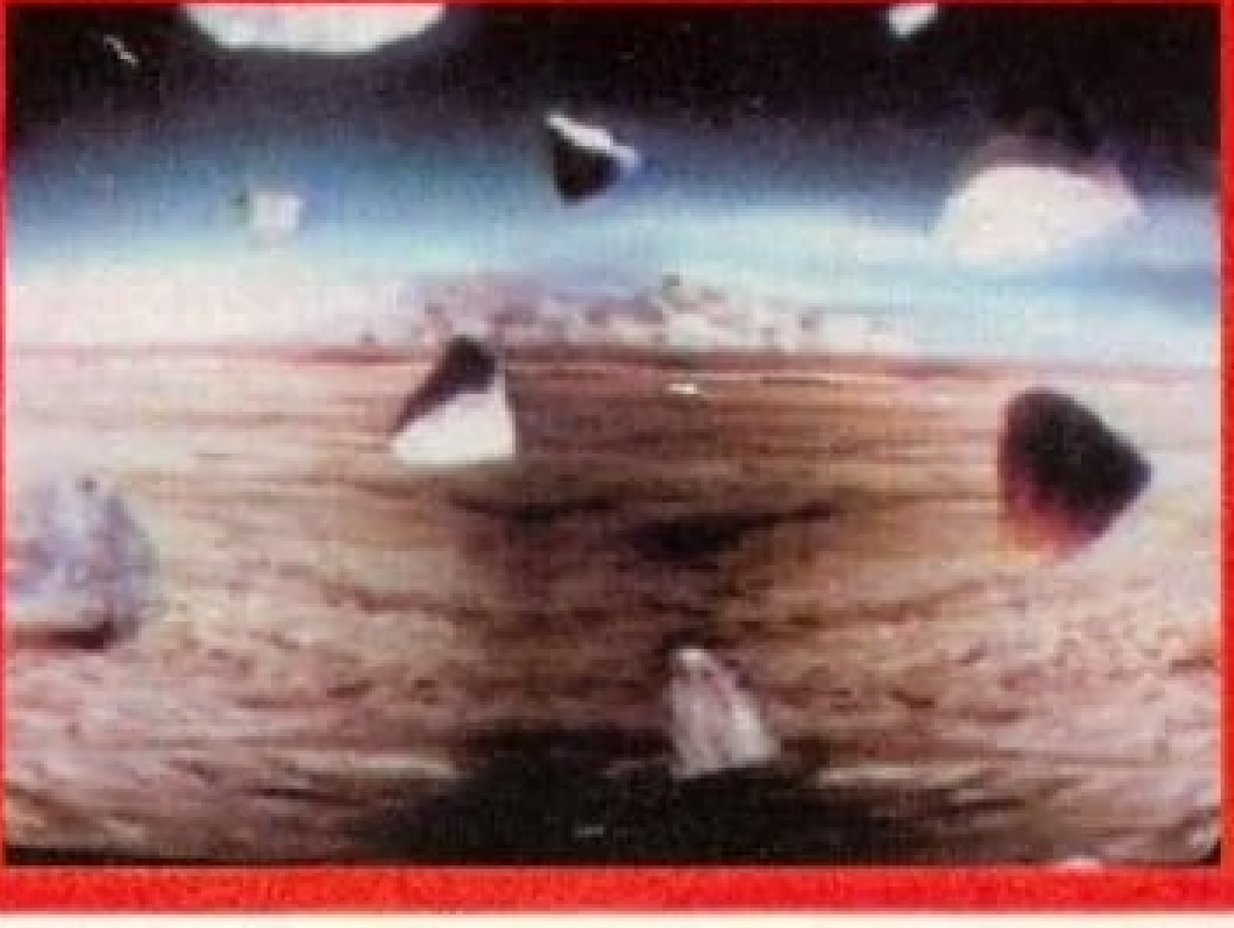
PAUL SIMON

"THE BOY IN THE BUBBLE"

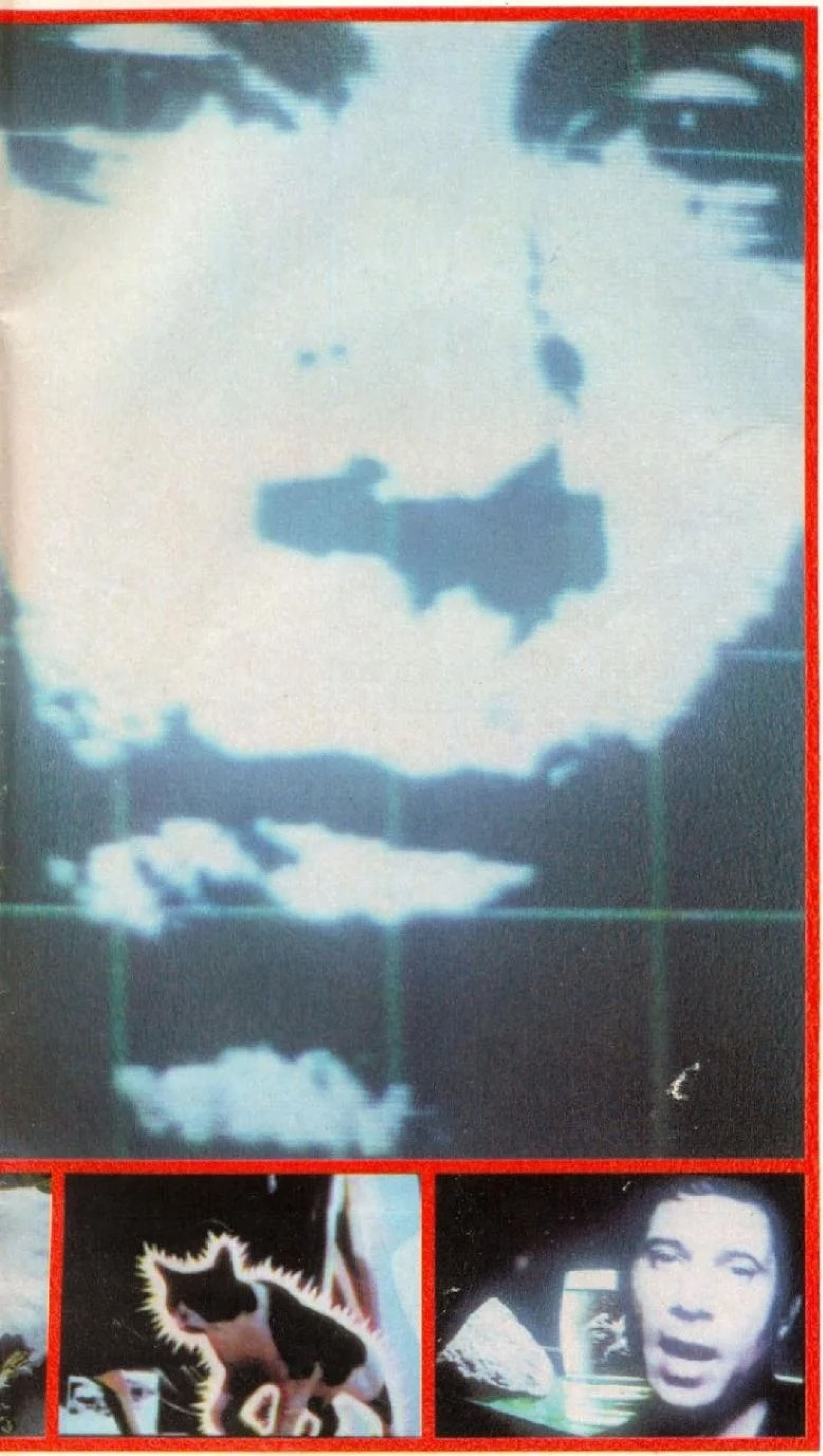
Dirigido por Paul Simon

Engrossa cada vez mais o cordão de artistas que dirigem seus próprios clips. Auxiliado pela equipe técnica de Jim Blashfiled, Paul Simon construiu um vídeo tão emotivo quanto intrigante: dezenas de imagens superpostas pelo sistema *watte* literalmente dançam através da telinha, não deixando que o olho pouse num mesmo lugar por tempo demasiado, sob pena de perder detalhes importantes. Como, por exemplo, o atentado político em *slow motion*, as duas velas que partem uma rocha e arrancam água de dentro dela, o rapaz dentro de uma rolha, a cobra segura por um médico.

A exploração dos grafismos na composição de imagens é o forte deste clip — rosto de pessoas, passeios de satélites, o próprio enquadramento do rosto de Simon. "Boy in the Bubble" foi, enfim, criado para durar.



Fotos D. Gustinini/ Azul



NOTAS

■ Vira e mexe, lá estão os **Beatles** de novo nas manchetes. Dessa vez eles voltam à baila por causa do tão esperado lançamento em vídeo de seu segundo filme, o hilariante *Help!*, dirigido em 1965 pelo mestre do humor inglês **Richard Lester.** A campanha atual do filme coincide com o lançamento em compact disc de todo o catálogo dos quatro de Liverpool e com o projeto de transposição para clip de todas as faixas do álbum *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, encomendada a gênios de plantão como **George Lucas, Steven Spielberg** e **Ken Russell.** Quem viver verá.

■ Lembram-se de **Max Headroom** (BIZZ 18), aquele personagem meio ator, meio efeito de vídeo? Pois bem: Max, ao que parece, estará de volta totalmente mudado. Fala-se de uma nova série, feita na Austrália, na qual Headroom aparecerá de short, cavalgando gigantescas ondas. Dá para acreditar?

■ A tempo: a faixa do novo álbum de **Michael Jackson** que foi transformada em clip por **Martin Scorsese** chama-se "Bad".

■ Por falar em **B.A.D.**, o novo clip do **Big Audio Dynamite**, "C'mon Every Beat Box", é tão simples quanto interessante: mostra, por exemplo, algumas seqüências em que são desvendados mistérios de edição, "sujeiras" que só são vistas (e eliminadas) pelo diretor e que foram agora aproveitadas a título de efeito. Ah: um determinado cidadão faz uma aparição especial — **Joe** "Clash" **Strummer.**

■ Enquanto os **Monkees** ressuscitavam, um integrante original, **Mike Nesmith,** prosseguia sua ultra bem-sucedida carreira de homem do vídeo. Depois de ter feito *Elephant Parts* — um clássico da história do vídeo —, ele agora lançou *Dr. Duck's Super Secret All-Purpose Sauce*, um musical experimental. Para seu governo, *Elephant Parts* ganhou o Grammy. É mole?

Foto Goldsmith/LGI Stills

Beastie Boys, fenômenos do rap metal (onde o Run D.M.C. se encontra com o Led Zeppelin). Da esq.: Mike D, MCA e — Nasi do Ira!? — King Ad-Rock

BEASTIE BOYS

Novidade: rap feito por três moleques brancos. Um barato retratado por *Thomas Pappon...*

Um dos temas prediletos dos Beastie Boys (talvez o *único* tema) é o sexo. Quase todas as letras do LP de estréia do grupo, assim como as do primeiro EP deles, se referem da maneira mais machista possível às garotas. "E vocês não levam em consideração a sensibilidade feminina?" perguntou certa vez um repórter esperto do New Musical Express aos três jovens integrantes do grupo. "A gente não dá a mínima pra isso" eles responderam. "A gente não liga pra nada. Se a gente não usou a palavra 'estupro' nas letras, foi por mero acaso..."

Uau! E isso veio da boca de um rapaz de 21 anos, Mike D (Michael Diamond). Mas é esse o espírito do rap brabo dos Beastie Boys. Quem levar isso a sério, merece zurrar e ter orelhas compridas.

Os Beastie Boys começaram como uma banda punk, em Nova York. Todos cresceram em Greenwich Village, em meio a gays e intelectuais (um dos integrantes é filho do dramaturgo Israel Horowitz). Os três rapazes — MCA (Adam Yauch), de 22 anos, e King Ad-Rock (Adam Horowitz), de 20 anos, completam o grupo — sacaram cedo que o rap tinha uma forte ligação com o punk. "São idênticos, só vieram de culturas diferentes" eles dizem, "são dois gêneros acessíveis para qualquer um." É fato: uma criança pode aprender a operar um equipamento de som (ou *sound system*) e aprender a tocar três notas num baixo ou três acordes numa guitarra. Em um show de rap ou de punk, a platéia em sua maioria é composta por gente que *também* tem uma banda. E reduzir o rap à manifestação da cultura negra é bobagem — os Beastie Boys são prova de que o rap é um gênero que está sempre aberto a mudanças e inovações.

A música dos Beastie Boys é de primeira. O EP de estréia deles tem o nome de *Cookie Puss (nota do Censor: intraduzível!)* e foi lançado em 83. O grande destaque do disco é uma faixa na qual entra um tape em que os rapazes fazem convites indecentes, pelo telefone, a funcionárias de uma sorveteria. Com isso, eles chamaram a atenção do produtor Rick Rubin (que mais tarde viria a ser produtor do Run DMC). Rubin fez com que eles aparecessem no filme *Krush Groove*, em que figuram quase todos os nomes do rap nova-iorquino. Em 85 eles abriram os shows do Run DMC e alguns da turnê americana de Madonna (!). Em 86 lançaram seu primeiro LP, *Licensed to Ill* (o nome original era *Don't Be a Faggot* — que pode ser traduzido como *Não Seja um Bicha* —, mas foi vetado pela gravadora), que em seis semanas vendeu mais de 700 mil cópias só nos EUA, um recorde. É o LP de estréia que vendeu mais rápido em toda a história da CBS americana.

Eles aparecem também no filme *Tougher than Leather*, protagonizado pelo Run DMC, e estão rodando um filme em que são os atores principais, *Scared Stupid*. Uma carreira meteórica para estes moleques maleducados, que foram proibidos de entrar nos escritórios da CBS: um deles foi acusado de ter roubado uma máquina fotográfica por lá.

SUAS HORAS DE FOLGA VALEM UMA FORTUNA!

APROVEITE-AS COM INTELIGÊNCIA. ESTUDE NO INSTITUTO RADIOTÉCNICO MONITOR
E APRENDA A GANHAR MUITO DINHEIRO, GARANTINDO UM FUTURO DOS MAIS PROMISSORES.

Garanta seu futuro estudando na mais experiente e tradicional escola por correspondência do Brasil.

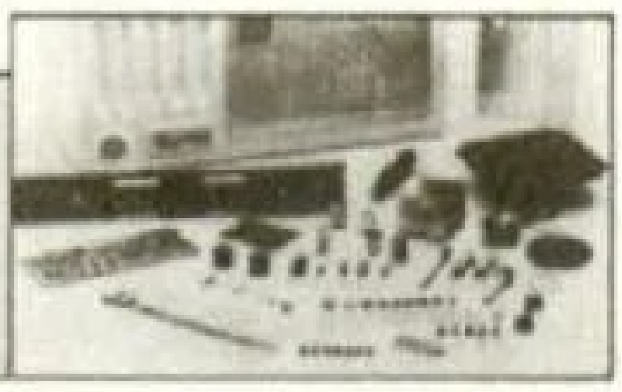
O monitor é pioneiro no ensino por correspondência no Brasil. Conhecido por sua seriedade, capacidade e experiência, desenvolveu ao longo dos anos técnicas de ensino, oferecendo um método exclusivo e formador de grandes profissionais, que atende às necessidades do estudante brasileiro. Este método chama-se "APRENDA FAZENDO". Prática e Teoria sempre juntas, proporcionando ao aluno um aprendizado integrado e de grande eficiência.

Temos vários cursos para você escolher.

- **Eletrônica, Rádio e Televisão**
- **Chaveiro**
- **Caligrafia**
- **Desenho Artístico e Publicitário**
- **Montagem e Manutenção de Aparelhos Eletrônicos**
- **Desenho Arquitetônico**
- **Eletricista Instalador**
- **Instrumentação Eletrônica**
- **Desenho Mecânico**
- **Eletricista Enrolador**
- **Programação de Computadores**

Todos os cursos são acompanhados por farto material inteiramente grátis.

GRÁTIS, no Curso de Eletrônica, Rádio e Televisão.



GRÁTIS, no Curso de Chaveiro.

GRÁTIS, no Curso de Caligrafia.

INSTITUTO RADIOTÉCNICO MONITOR

Rua dos Timbiras, 263 • Caixa Postal 30.277
Tel.: (011) 220-7422 • CEP 01051
São Paulo - SP

Peça catálogos informativos grátis. COMPARE: o melhor ensinamento, os materiais mais adequados e mensalidades ao seu alcance. Envie seu cupom ou escreva hoje mesmo. Caixa Postal 30277 - CEP 01051 - São Paulo. Se preferir, venha nos visitar. Rua dos Timbiras, 263, das 8:00 às 18:00 horas.
Aos sábados, das 8:00 às 13:00 horas. **Telefone: 220-7422.**

Sr. Diretor, gostaria de receber, **gratuitamente e sem nenhum compromisso,** o catálogo ilustrado do Curso: 560

(Indique o curso de sua preferência)

Nome: ______

End.: ______

CEP: ______ Bairro: ______

Cidade: ______ Est.: ______

BIZZ 21

III FEIRA UNIVERSAL DO JOVEM

UNIJOVEM 87

O lugar ideal para você se encontrar com quem quer comprar de tudo.

No RioCentro, em julho de 87, vai ser realizada a III Feira Universal do Jovem. Este evento caracteriza-se pela descontração e participação efetiva do público através das diversas atividades paralelas que são desenvolvidas durante a sua realização: shows musicais, apresentação de academias de ginástica, campeonatos esportivos, desfiles de moda, cinema e vídeo clips, jogos eletrônicos, sorteios e distribuição de brindes, etc.
Além da motivação natural e da distribuição de cerca de 120.000 convites aos lojistas e compradores, a UNIJOVEM terá uma completa estrutura de divulgação junto aos principais meios de comunicação.

Prevê-se igualmente, dentro do aspecto comercial, a reserva de horários fechados ao público para o encontro de fabricantes, lojistas e prestadores de serviços para mútua realização de negócios.
Por isso, se você fabrica ou oferece algum tipo de produto ou serviço voltado para o jovem prepare-se para encontrá-lo em julho no local mais indicado: a UNIJOVEM 87.
Consulte-nos pelo telefone (021) 263-3577.
Mas ande logo. Porque o jovem tem pressa de comprar.

Fibra
PROJETOS PROMOCIONAIS

13 A 19 DE JULHO
RIOCENTRO

HARRY

Entre o porto e a outra margem, a distância é de muitas milhas. *Bia Abramo* precisou de uma luneta para avistá-los

Foto R. Tucci

Cesar, Johnson, Denise e Hansen: estados alterados por distorções e vocal com efeitos...

Talvez seja a proximidade com o porto de Santos que explique tudo, talvez não. O fato é que o Harry não está nem um pouco preocupado com a música brasileira, da bossa-nova às suas manifestações menos populares. Hansen, o guitarrista/vocalista, é sumário neste ponto: "Qualquer coisa que se faz lá fora — de parafuso a pasta de dentes — é melhor". E conclui, com lógica irrefutável: "A música também".

A comparação com produtos fabris não é gratuita. Entre os prediletos da banda (Denise, vocal; Johnson, baixo/teclados/vocal; e Cesar, bateria/vocal) estão alguns dos grupos mais importantes entre o que se convencionou chamar de *rock industrial*, do patriarca Kraftwerk ao Cabaret Voltaire. A essas influências somam-se outras tão intensas como o grupo americano Chrome (cultores do pesadelo em ritmo de ficção científica) e o cavernoso Nick Cave. E com essas convicções eles foram à luta.

Deram alguns shows em Santos, outros em São Paulo. No fim de 86, procuraram a Wop Bop — mais uma loja de discos de São Paulo que parte para os lançamentos independentes, e que tinha acabado de realizar o primeiro: o mini-LP do Violeta de Outono. O resultado é que o segundo lançamento da Wop Bop Discos será o mini-LP do Harry.

São quatro músicas que, como define Hansen, "embora tenham elementos experimentais, têm linhas melódicas que tendem para o pop". O vocal é cheio de efeitos, os teclados criam climas claustrofóbicos — e são usados sem economia —, a guitarra é distorcida e áspera.

Muitas das canções da banda têm letras em inglês, o que garante ao Harry que — se o Brasil se mostrar tão cruel para eles quanto eles se mostram para o país — pelo menos seu idioma é o idioma universal do rock. *B.A.*

DENTS KENTS

As atividades extra-curriculares de ilustres brasilienses, segundo *Tom Leão*

Quando o som é rápido demais, a temperatura se eleva e até os dentes esquentam! Por isso o nome da banda é Dents Kents. Fred, *roadie* da Plebe Rude, nos vocais; Renato Rocha, baixista da Legião Urbana, no baixo; Ameba, guitarra-base da Plebe Rude, atacando feroz nas baquetas, e Fejão, guitarrista das bandas Escola de Escândalo e Anjos Caídos, de Brasília tocando sua guitarra cada vez mais veloz. É ou não trincante?

O Dents Kents é a continuação natural da banda Smegma ("não pergunte o que isso significa", avisa Renato), formada em 84. Só o guitarra do Smegma, Toninho Maia, é que saiu fora e formou o Artimanha. Na época, Renato estava às vésperas de entrar na Legião e Fred agitava no Mantenha Distância, da qual ele trouxe três ou quatro músicas para o repertório do DK. Ameba e Fejão também agiam em suas respectivas bandas, e a criação da Smegma foi para preencher os momentos de folga da turma.

Mas o que era para ser uma coisa descompromissada pode vir a tomar rumos mais sérios. Para suas recentes e surpreendentes apresentações no Rio (onde todos estão baseados, até o Fejão), a banda ensaiou nos estúdios da EMI-Odeon. Mayrton Bahia e Jorge Davidson viram e gostaram tanto, que propuseram a gravação de uma demo, que posteriormente pode virar LP. Mesmo com isso ocorrendo, o DK promete não abandonar sua idéia original; afinal, como diz Renato, "a melhor coisa do mundo é poder tocar para se divertir, por mero prazer, sem nenhum intuito comercial".

E, antes que alguém aponte para o fato, o nome Dents Kents também é uma deslavada homenagem à hoje extinta banda hardcore americana Dead Kennedys, uma paixão dos quatro, que nos shows incluem uma versão para "Nazi Punks Fuck-Off!", mantendo o refrão original, com letra adaptada.

O som que eles fazem? "Jazz rapidinho", como classificou Fred. O certo é que eles jogam poeira em muitas bandas que *acham* que tocam rápido. *T.L.*

Tem uma revista só de letras esperando por você nas bancas

BAD

Stamp your feet and rock your hips
king bandit has returned
shoot out helicopter crash
another six men burn
one in nine million
loves to play football
hijacked helicopter
helped him scale the wall

Took the hill from rivals
who preyed upon the poor
he don't sell bananas
wealthy visitors want to score
reigns supreme
the cops say he's no good
selling drugs to feed the poor
to us he's robin hood

Tourists have an appetite
for ganja and cocaine
he escaped just in time
supply their needs again
televised lust
a traditional rite
the sound of music ricochets
for three long nights

Pact in the sun
slum and skyscraper meet
million dollar penthouse
and people on the street
pact in the sun
shade by foreign debt
amnesia in the sambadrome
king bandit's gonna sweat

Ring the bell, our hero's back
our benefactor's found
at the foot of the hill
the police stand their ground
beer flows, drums pound
slum and skyscraper meet
revellers dance naked
and there's bodies in the street

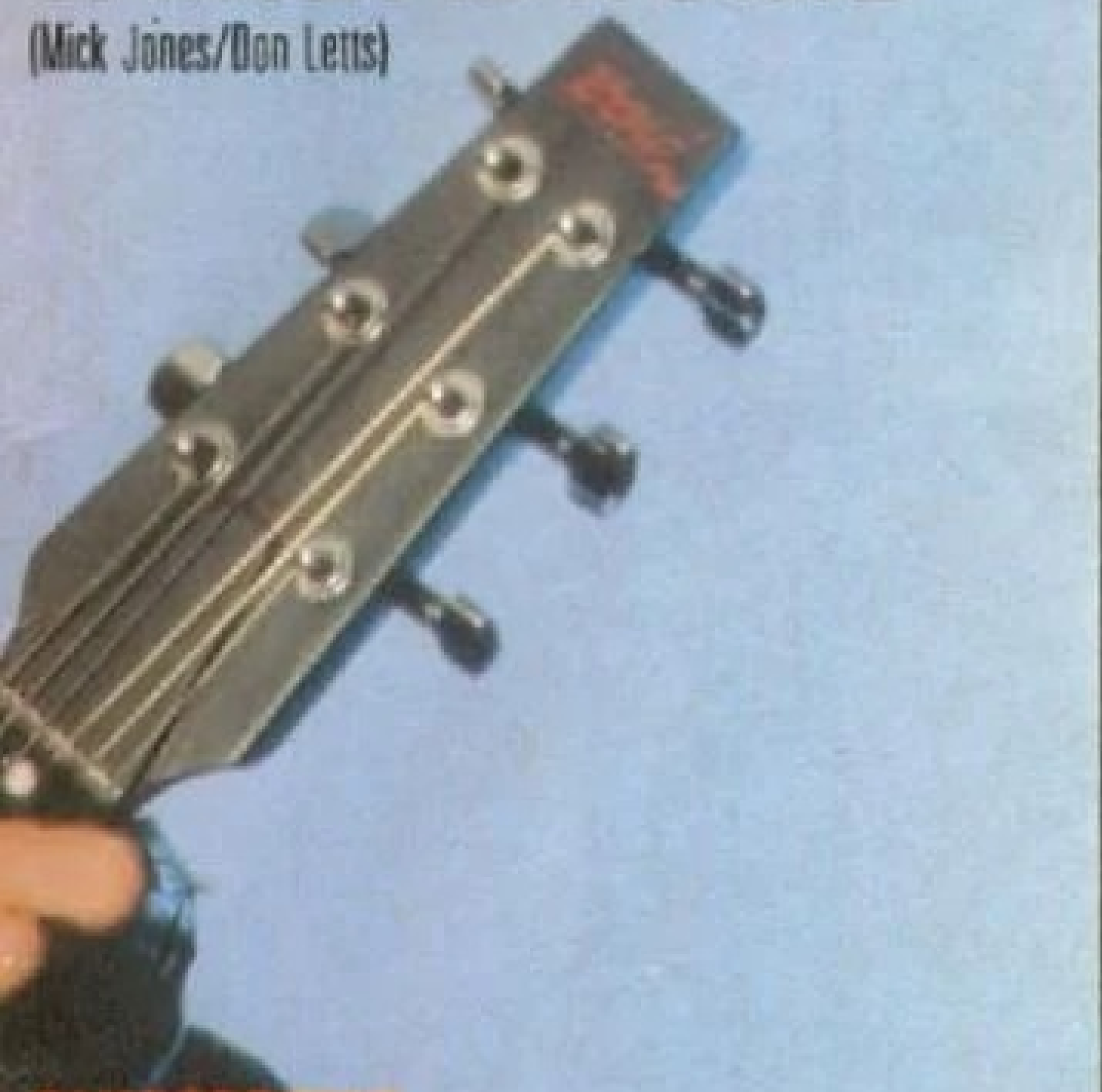
Three months of freedom
a fugitive from the law
got to take him alive
Che martyr no more
bless the little children
with nylon football shorts
fly their kites as warning
their king is never caught

Socialized by compassion
yeah, crime's his occupation
king bandit for presidente
of the sambadrome nation

Foto Adrian Boot/ Retna

SAMBADROME

(Mick Jones/Don Letts)



SAMBÓDROMO

Batam os pés e remexam os quadris
o rei bandido está de volta
tiros para cima, o helicóptero bate
mais seis homens pegam fogo
um em novo milhões
adora jogar futebol
um helicóptero sequestrado
o ajudou a escalar a muralha

Tomou o morro de seus rivais
que viam os pobres como presas
ele não vende bananas
visitantes cheios de grana querem descolar
ele reina supremo
os tiras dizem que ele não presta
vendendo drogas para dar de comer aos pobres
para nós, ele é robin hood

Os turistas têm um apetite
por maconha e cocaína
ele escapou na hora certa
para abastecer as necessidades deles outra vez
faxina televisada
um rito tradicional
o som de música ricocheteia
por três longas noites

Um pacto ao sol
favela e arranha-céu se encontram
coberturas de um milhão de dólares
e o povo nas ruas
pacto ao sol
sob a sombra da dívida externa
amnésia no sambódromo
o rei bandido vai suar

Toquem o sino, nosso herói está de volta
nosso benfeitor foi encontrado
no pé do morro
a polícia defende seu terreno
a cerveja corre solta, os tambores martelam
favela e arranha-céu se encontram
gente possuída dança nua
e há corpos na rua

Três meses de liberdade
um fugitivo da lei
precisam pegá-lo vivo
ninguém quer mais nenhum mártir como Che
abençoem as criancinhas
em seus calções de náilon de jogar futebol
colocam suas pipas no ar como aviso
seu rei nunca é pego

Socializando por compaixão
é, o crime é sua profissão
rei bandido para presidente
da nação do sambódromo

© Big Audio Dynamics Music In (BMI)

NEW ROCK

ENTREGA GARANTIDA

Como comprar:

1 - CHEQUE NOMINAL - Envie seu cupom devidamente preenchido e acompanhado do cheque nominal (cruzado) à ABRAHAM JACOB AFLALO e retire seu pedido no correio de sua cidade.

2 - VALE POSTAL - Peça no correio e preencha da seguinte maneira:
Agência pagadora: BAIRRO DE PINHEIROS - CEP 05499 - código: 405108 - São Paulo - SP - destinatário: ABRAHAN JACOB AFLALO.

OBS.: Não esqueça de colocar o VALE POSTAL no envelope, junto com seu pedido.

As formas de compra acima estão livres de despesas postais.

ABRAHAM JACOB AFLALO
Rua Capote Valente, 540 - Apto. 21
CEP 05409 - São Paulo - SP.

TAMANHOS 46, 48, 50 e 52

Estou enviando anexo ao cupom, pagamento à vista em ☐ cheque ☐ Vale Postal no valor de Cz$ ________
☐ Prefiro pagar ao recebê-lo(s), comprometendo-me a retirá-lo(s) no correio ao preço de Cz$ ________ mais despesas postais.

REF.	COR	TAM.	REF.	COR	TAM.

Nome: ____________
Endereço: ____________
CEP: ________ Cidade: ________ Estado: ________

Envie este cupom (ou xerox) para:
ABRAHAM JACOB AFLALO
Rua Capote Valente, 540 - Apto. 21
CEP 05409 - Pinheiros - São Paulo - SP.

Foto Angelo Pastorello/ Azul

"Saber que o berimbau era usado na senzala não influi na música, mas no músico"

MARÇALZINHO

Terceiro de uma orgulhosa linhagem de sambistas, o percussionista parte para um encontro com o jazz de Pat Metheny

Um dos mais apaixonados integrantes da tradicional bateria da Portela brilhando no mundo do jazz americano? Difícil de imaginar, mas foi exatamente o que aconteceu com Marçalzinho, filho e neto de veteranos percussionistas da escola de samba. Ele é o mais novo músico da banda do superstar Pat Metheny. "Toquei com ele no ano passado", recorda o brasileiro. "Mas ele tocou com muita gente, nunca pensei que seria chamado. É uma grande honra e um reconhecimento para meu trabalho."

Modesto, Marçalzinho talvez tenha sido escolhido por sua versatilidade e pela capacidade de imprimir uma assinatura de samba em qualquer padrão rítmico que crie. "Estilo de percussão é uma coisa muito ampla. Mas seja lá o que eu for tocar — funk ou rock — eu sempre penso no samba. Não vejo sentido em tentar tocar como um cubano. Da mesma forma que eu nasci no samba, ele nasceu na salsa. Imitar estilos é a mesma coisa que um grupo de rock brasileiro tocar na Inglaterra: ridículo!."

Armando Marçal Neto é daquelas pessoas que ouvem música — e apreciam — desde o nascimento. Filho do ex-diretor da bateria da Portela — Marçal, o pai — e neto do compositor Armando Marçal, esse carioca de 30 anos recebeu a música no sangue e na cabeça de forma definitiva. "Mas a minha primeira experiência musical foi engraçada. Aos 14 anos, roubei uma fantasia antiga de meu pai para poder desfilar, sem a permissão dele, na Império Serrano!" Depois disso, Marçalzinho dedicou-se à tarefa de conhecer melhor o mundo do ritmo: por conta própria e utilizando todas as panelas de sua mãe. Marçal, o pai, jamais ensinou percussão ao filho, mas o contato musical entre os dois sempre existiu. "Ele nunca me emprestou seus instrumentos, mas sempre me explicou coisas, foi dando toques. Comecei a acompanhá-lo em gravações na Rádio Nacional, até que entrei no meu primeiro conjunto de samba, aos 16 anos."

A partir daí, a carreira de Marçalzinho foi ganhando impulso, escorada num aprendizado crescente. "Nunca tive professor", garante, "mas pude observar e conversar com 'monumentos' do samba, como Wilson das Neves e Eliseu Doutor. Fui observando cada estilo, cada instrumento, procurando conhecer todos os usos, as histórias de cada um. Saber que o berimbau era usado nas senzalas não influi na música, mas torna o músico mais consciente."

Quando entrou para a banda de Emílio Santiago, Marçal passou a receber uma série de convites. Uma gorda porção da leva fonográfica do ano passado levou o carimbo de seu estilo; basta ver os créditos nas capas. Ao vivo, Marçalzinho acompanhou parte da turnê dos Paralamas do Sucesso.

Até que veio Pat, justamente no momento em que o percussionista era consagrado como um dos maiores talentos da nova geração de músicos de samba. E a fama de Marçalzinho já ultrapassou as fronteiras do Brasil, graças a seu trabalho e ao empenho de pessoas como o empresário David Hadjes, que o apresentou a Metheny. "O Pat ficou muito impressionado com a personalidade pessoal e musical de Marçalzinho", diz Hadjes. "E disse que, depois dos 'reinados' de Airto Moreira e Naná Vasconcelos, lá fora haverá apenas um nome, daqui a pouco: Marçalzinho." *A.D.*

FICHA TÉCNICA

DA TRADIÇÃO À ELETRÔNICA

Existem dois grupos principais de instrumentos, de acordo com Marçalzinho: a percussão mais leve e a mais pesada. Ele escolhe cada instrumento de acordo com o tipo de música que irá tocar. Seus instrumentos são todos da marca Latin Percussion, exceto os "objetos percussivos" — como sininhos —, que ele mesmo fabrica.

Nos EUA ele pretende flertar com os instrumentos eletrônicos, "mas só começarei a investigar esse campo porque já me acho um pouco apto com os instrumentos tradicionais".

Não dissemos que o rapaz era modesto?

VELOCIDADE

Os bastidores da Fórmula 1 com todos os seus segredos. Tudo sobre as máquinas, pilotos e equipes que vão acelerar o GP Brasil. E mais dicas para aproveitar a cidade do Rio antes e depois da corrida.

AVENTURA

A grande aventura do Camel Trophy. Lances do teste para ir a Madagascar. Toda a luta da equipe brasileira para conseguir passar a etapa contra a selva no Brasil.

TECNOLOGIA

No ano 2000 como será o trânsito? O combustível? As cidades? Os computadores de bordo? Uma reportagem completamente científica sobre esse futuro mais próximo do que se imagina.

E ainda: • Matéria completa sobre todos os tipos de picapes especiais • Escort e Voyage: escolha o melhor • 50.000km com a Belina 4×4

NAS BANCAS

Foto Estudio Abril

PINK FLOYD
THE DARK SIDE OF THE MOON (1973)

Polêmico, este disco. Gravita entre a absoluta adoração de seus fiéis e a crítica não menos feroz dos seus detratores. É bom sinal. Será mesmo a Grande Obra de Roger Waters (baixo, vocal), Rick Wright (teclados), David Gilmour (guitarra, vocal) e Nick Mason (bateria)? Alguns poderão preferir *The Piper at the Gates of Dawn*, de 1967, o primeiro LP da banda, quando seu líder era um louco iluminado e genial chamado Syd Barrett, ou ainda *Ummagumma*, de 1970, a soma definitiva do rock psicodélico. Quem sabe os mais de 20 milhões de cópias de *Dark Side*... vendidas no mundo inteiro e sua permanência por 630 semannas consecutivas nas listas dos mais vendidos da *Billboard* — recorde absoluto — possam ratificar essa escolha. Mesmo que as más-línguas digam que muitos o adquiriram apenas para testar a estéreo-quadrifonia de seu equipamento de som... o que não deixa de ser um elogio, de certa forma.

Foram oito meses de gestação nos famosos estúdios Abbey Road de Londres, em clima geral de renovação. A palavra de ordem: a música deveria ser mais amarrada, mais próxima à urgência do rock. Ao final de 1972, o material está pronto. Para fazer a mixagem, Roger Waters chama Chris Thomas, que já havia participado da mixagem do duplo álbum "branco" dos Beatles e produzido os LPs *Grand Hotel*, do Procol Harum, e *For Your Pleasure* , do Roxy Music. "Cada um tinha uma idéia diferente do que devia ser feito. Precisavam fazer a síntese de tudo isso." Todos concordavam com pelo menos uma coisa — a ordem dos títulos deveria transmitir uma idéia de progressão e variação em torno de um mesmo tema: "São todas as pressões da vida moderna que podem nos levar à loucura. Essas pressões têm por nome dinheiro, viagens, planejamento, que nós músicos sentimos muito mais que o homem da rua. Quando tudo vacila, chega-se ao estado patológico do lunático" (David Gilmour). Pela primeira vez o Pink Floyd aderia ao *concept album*.

Todas as faixas foram concebidas como filmes sonoros, feitos de bandas magnéticas preparadas por Nick Maison. Batidas de coração, respiração, passos, relógios, risos histéricos, gritos, moedas caindo e caixas registradoras não somente servem de ilustração como se integram à própria estrutura rítmica de cada composição, em particular na seqüência "Speak With Me"/ "Breathe"/ "On The Run" e em "Money", hit entre os hits. Se a força da evocação desses sons é extraordinária, eles não interferem com os momentos mais líricos do álbum, como em "The Great Gig in the Sky", onde, sobre fundo de piano e órgão Hammond, Clare Torry edifica uma interpretação vocal que ficará entre as mais pungentes e líricas da década. Em "Brain Damage", Roger Waters tece uma vibrante homenagem a Syd Barrett, numa reconstituição poética atormentada do universo poético da alienação.

Se *Dark Side*... parece trazer uma certa pasteurização do som da banda, se os caleidoscópios de cores que dominavam as longas viagens lisérgicas dos LP s precedentes se transformaram num prisma de onde as cores surgem ordenadas e limpas (uma metáfora certeira para descrever a nova importância do estúdio, agora transformado em espaço central de criação, o que torna a música mais articificial e deixa seus autores mais distantes), em compensação, os avanços técnicos primorosos exibidos por este álbum — em particular a tomada de som, a cargo de um certo Alan Parsons... — ajudaram a banda a alcançar uma força de expressão cósmica capaz de unir o passado à modernidade, que só encontra paralelo num disco lançado por coincidência no mesmo ano, a trilha sonora de *Laranja Mecânica*.

Levantando as barreiras que opunham até então as gerações musicais, Pink Floyd joga as bases para a criação de uma música ao mesmo tempo moderna e universal. *JYN*

EDITORA AZUL

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretoria
Angelo Rossi
Edgard de Silvio Faria
Roberto Civita

BIZZ

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor: Carlos Arruda
REDAÇÃO
Editoria: José Augusto Lemos, José Emilio Rondeau
Editoria Executiva: Roberto Wagner Pereira Perucci
Redação: Alex Antunes, Bia Abramo, Thomas Pappon
Reportagem: Sônia Maia
Chefe de Arte: Rodolfo Tucci
Chefe de Estudio: Jorge Toth
Diagramadores: Deise Bitinas, Maria Amélia de Azevedo, Paulo Fernando Zahorcsak
Atendimento ao Leitor: Marisa Adán Gil
Atendimento - Texto: Alexandre Dines, Alita Sá Rego, Ana Maria Bahiana, Arthur Geraldo Couto Duarte, Celso Salles Pucci, César Garcia Lima, Eva Joory (Londres), Jean Yves de Neufville, José Eduardo Mendonça, Leopoldo Rey, Luiz Antonio Giron, Marcel Plasse, Maria Luiza Fontenelle, Tom Leão; **Fotos:** Claudia Thompson (New York), D. Gusttinni, Eurico Salis, Eva Joory (Londres), Geraldo Luis Gomes, Irineu Barreto Filho, Maurício Valladares, Rui Mendes, Silvio Viegas, Tucci
Diretora Responsável: Liége de Lima Dória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Carlos Alberto F. de Araújo
Supervisor: Ricardo Côrte Real (São Paulo)
Contatos: Jandir Benetti, Márcia Andrade (São Paulo) e Lídia Camarate (Rio)
Produção Gráfica/Publicidade: Paulo Luchesi

SERVIÇOS EDITORIAIS
Abril Press: Judith Baroni (gerente); **Escritórios - Milão:** Rita de Luca, International Business Centre, Corso Europa 12, Phone: 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano, Telex 313585 e 332809; **Nova York:** Odilio Licetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex: 237670, Phone: (212) 557-5990/5993; **Paris:** Pedro de Souza, 33, av. Champs Elysées, 2.º Bureaux 213 bis 214, Paris 75008, Phone: 42 25 58 65, Telex ABRILPA 660731f
Departamento de Documentação - Dedoc - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115

COMERCIAL
Gerente de Publicidade: Alfredo Nastari
Promoções: Fernando Mendonça (Rio), Paulo Sérgio Vieira (SP)
Gerente de Circulação: Rogério Casale

EDITORA AZUL
Diretores: Carlos Arruda, Nivaldo Montingelli e Pedro Frazão
Diretor Escritório Rio: Carlos Alberto F. de Araujo

BIZZ é uma publicação da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência:** r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel.: (011) 826-6777, **Telegramas:** Editabril/Abrilpress. **Rio de Janeiro:** r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 295-5282. Telex: (021) 22674. Telegramas: Editabril/Abrilpress. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas; se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Esta revista vai às bancas mensalmente no dia 03. **Números atrasados:** ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

STAMP - Rua Emb. João Neves da Fontoura, 156 - CEP 02013 - Santana - São Paulo - SP.

Seu pedido será entregue na agência do correio mais próxima de sua casa.

PREÇOS ESPECIAIS PARA LOJISTAS

GRÁTIS

Enviando CHEQUE NOMINAL ou VALE POSTAL à Stamp no valor total de seu pedido, você retira sua encomenda no correio sem nenhuma despesa postal. Para enviar VALE POSTAL é só pedir um em qualquer agência do correio e preencher da seguinte maneira: Agência pagadora: Shopping Center Norte - CEP 02096 - código 403369 - São Paulo - SP - Destinatário: Stamp. Coloque o VALE POSTAL junto com seu pedido dentro do envelope, colocando por fora o endereço da Stamp (ver ender. ao lado).

CAMISETAS: Cz$ 200,00

Preço válido até a próxima edição

Horário: 2ª a 6ª das 8.00 às 17.30 hrs.
Telefone: (011) 299-7478

Estou enviando agora, junto com este cupom, pagamento à vista em
☐ cheque ☐ vale postal no valor de Cz$ ________
☐ Prefiro pagar ao recebê-lo(s), comprometendo-me a retirá-lo(s) no correio ao preço de Cz$ ________, mais despesas postais.

REF.	COR	TAM.	REF.	COR	TAM.

Nome: ________
End.: ________
Est.: ________ CEP: ________

Envie este cupom ou cópia para STAMP, Rua Emb. João Neves da Fontoura, 156 - CEP 02013 - Santana - São Paulo - SP.

CARTAS E SERVIÇOS

FORA DE SINTONIA

Não preciso falar que a revista está legal para puxar o saco. O que eu estou precisando, e rápido, é que chegue até a 89 FM o seguinte recado: depois de tanto tempo esperando o LP das Mercenárias, nada foi tocado ainda. Isso está certo? Foram anos lutando para conseguir gravar e agora essa puta mancada por parte da 89. E o segundo LP do Fellini? Também nada. E o segundo do Smack? Nada. Pô, esse pessoal se entope de qualidade até o pescoço para ganhar isso? Eles precisam de uma força, o que, conseqüentemente, incentivaria as novas bandas que estão vindo por aí. Concordam? Já escrevi para a rádio e nada. Quem sabe fazendo este apelo: quem concordar com o que foi publicado que telefone para eles e diga o mesmo. **Fabiano Allan Gandhi, São Paulo — SP**

O recado está aí e a BIZZ aproveita para estender a bronca a todas as rádios ditas "alternativas". Com raras exceções, apesar de se proclamarem independentes e prometerem uma programação diferenciada, acabam caindo nos mesmos vícios das FMs tradicionais, que vão desde o boicote explícito — como em um caso recente envolvendo o Ira! — até descasos mais ou menos implícitos. Em relação aos discos independentes, parece incoerente que uma rádio alternativa não seja um espaço para a divulgação de trabalhos igualmente alternativos. Vale lembrar que este tipo de mancada não se limita aos grupos citados na carta de Fabiano, já tendo ocorrido com várias outras bandas de gravadoras independentes. Que tal se os leitores inconformados com este estado de coisas apoiassem a proposta de Fabiano e começassem a se manifestar? Escrevam ou telefonem para as rádios que merecerem a dura. Quem sabe assim elas se tocam...

BLONDIE & DEBBIE

Gostaria de saber a discografia completa do Blondie, os títulos que foram lançados no Brasil, e saber se é verdade que a estonteante *bombshell* Debbie Harry lançou ou vai lançar um LP solo e se esse petardo vai sair aqui. **Flávio José Teixeira de Almeida, Rio de Janeiro — RJ**

O Blondie foi formado por Chris Stein (guitarra), Clem Burke (bateria), Gary Valentine (baixo), Jimmy Destri (teclados) e, claro, a bionda Debbie Harry (vocal) em 1975. Valentini não participou da gravação do primeiro álbum, Blondie *(76), e foi substituído por Frank Infante. Em 77, Valentine saiu da banda, Nigel Harrison entrou para o baixo e Infante assumiu a guitarra. Com essa formação, gravaram o LP* Plastic Letters *(77). Em seguida vieram* Parallel Lines *(78),* Eat to the Beat *(79) e* Auto American *(80). No mesmo ano em que foi lançada a coletânea de singles,* The Best of Blondie *(81), Debbie Harry trabalhava no seu primeiro LP solo,* Kookoo. *A banda se separou depois de* The Hunter *(82). Destri lançou neste mesmo ano um LP solo,* Heart on a Wall. *Burke e Harrison formaram, junto com o ex-Pistol Steve Jones, o Chequered Past, que tem só um disco,* Chequered Past *(84). Do Blondie, aqui no Brasil, saíram todos a partir de* Parallel Lines, *inclusive o solo da* bombshell. *O novo LP de Debbie já foi lançado lá fora, antecedido pelo single "French Kiss in the USA".*

DOORS COMPLETO

Gostaria de saber a discografia completa dos Doors. **Gilson Perez, São Paulo — SP**

O lendário grupo Doors — formado por Jim Morrison (vocal), Ray Manzarek (teclados), Robby Krieger (guitarra) e John Densmore (bateria) — apareceu pela primeira vez com o álbum The Doors *(67). O disco rapidamente alcançou os primeiros lugares na parada americana e, ainda nesse mesmo ano, eles lançaram outro disco,* Strange Days. *No ano seguinte,* Waiting for the Sun *seguiu o caminho de seus predecessores, novamente alcançando o primeiro lugar. Em 69 lançaram* The Soft Parade. *No superprodutivo ano que foi 1970, os Doors apresentaram a "modesta" quantia de três LPs —* 13, Morrison Hotel/Hard Rock Cafe *e* Absolutely Live. *O último disco que Morrison gravou foi* L. A. Woman *(71). Depois da gravação do LP, foi a Paris, onde morreu, de ataque cardíaco, numa banheira de hotel... Os Doors remanescentes continuaram juntos, e no mesmo ano foi lançado* Other Voices. *Em 72 foi a vez de* Full Circle *(Manzareck e, às vezes, Krieger assumiram os vocais nesses LPs). A primeira coletânea do grupo é* Weird Scenes Inside the Gold Mine *(72), seguida de* An American Prayer *(78),* The Doors Greatest Hits *(80) e* Alive She Cried *(83).*

FÃ-CLUBES

Evandro Mesquita *Fã-Clube Evandro Mesquita*, Caixa Postal 669, CEP 01051, São Paulo — SP

Tina Turner *Rock Lady — Tina Turner — Fan-Club*, A/C Marcio Valério, Caixa Postal 87, CEP 86710, Sabaudia — PR

MÊS QUE VEM NA BIZZ

TEM: EXCLUSIVAS COM *DAVID BOWIE, ERIC CLAPTON, THE CULT* E *MICKEY ROURKE* ϟ *CAZUZA* ϟ *JANET JACKSON*

RÁDIO PIRATA

AO VIVO EM VÍDEO HOME

R.P.M. Vídeo Av. Aclimação 774 - Aclimação - São Paulo
CEP 01531 - SP - Telefone: (011) 270-6633

RECORTE E MANDE JÁ O SEU CUPOM

Quero receber ☐ cópias VHS ☐ cópias Betamax pelo preço de Cz$ 1.790,00.

Valor total do pedido Cz$ ....

Estou enviando:

☐ ch. nominal

☐ vale postal ou autorizo o débito em meu cartão de crédito: ☐ ELO ☐ Credicard ☐ Dinners ☐ A. Express

Nome: ______________________ Fone: ______________

End.: ______________________________________

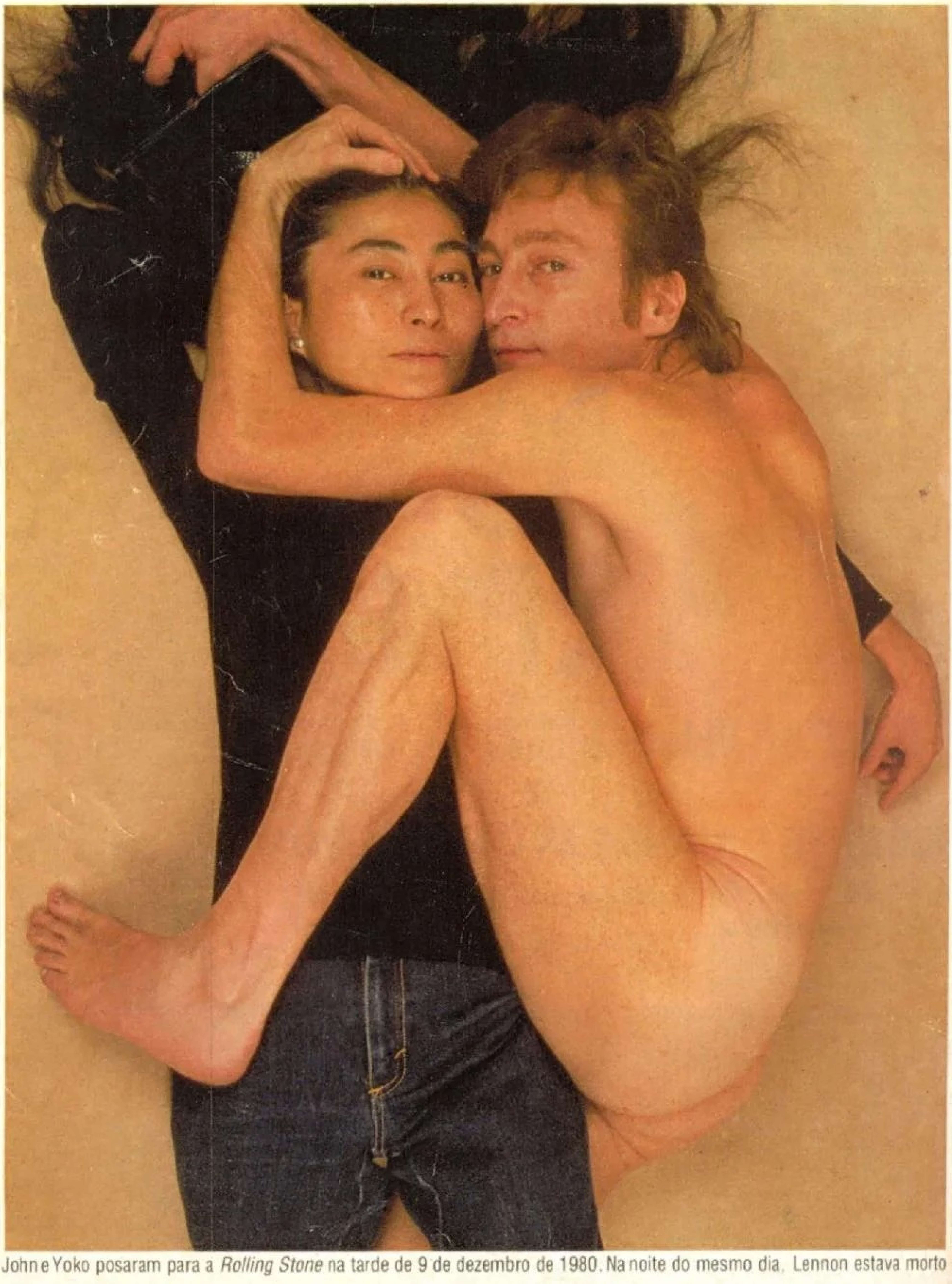
Cidade: ______________ Estado: ______________ CEP: ______________

Cartão nº: ______________

Data: ______________

____
Assinatura (igual a do cartão)

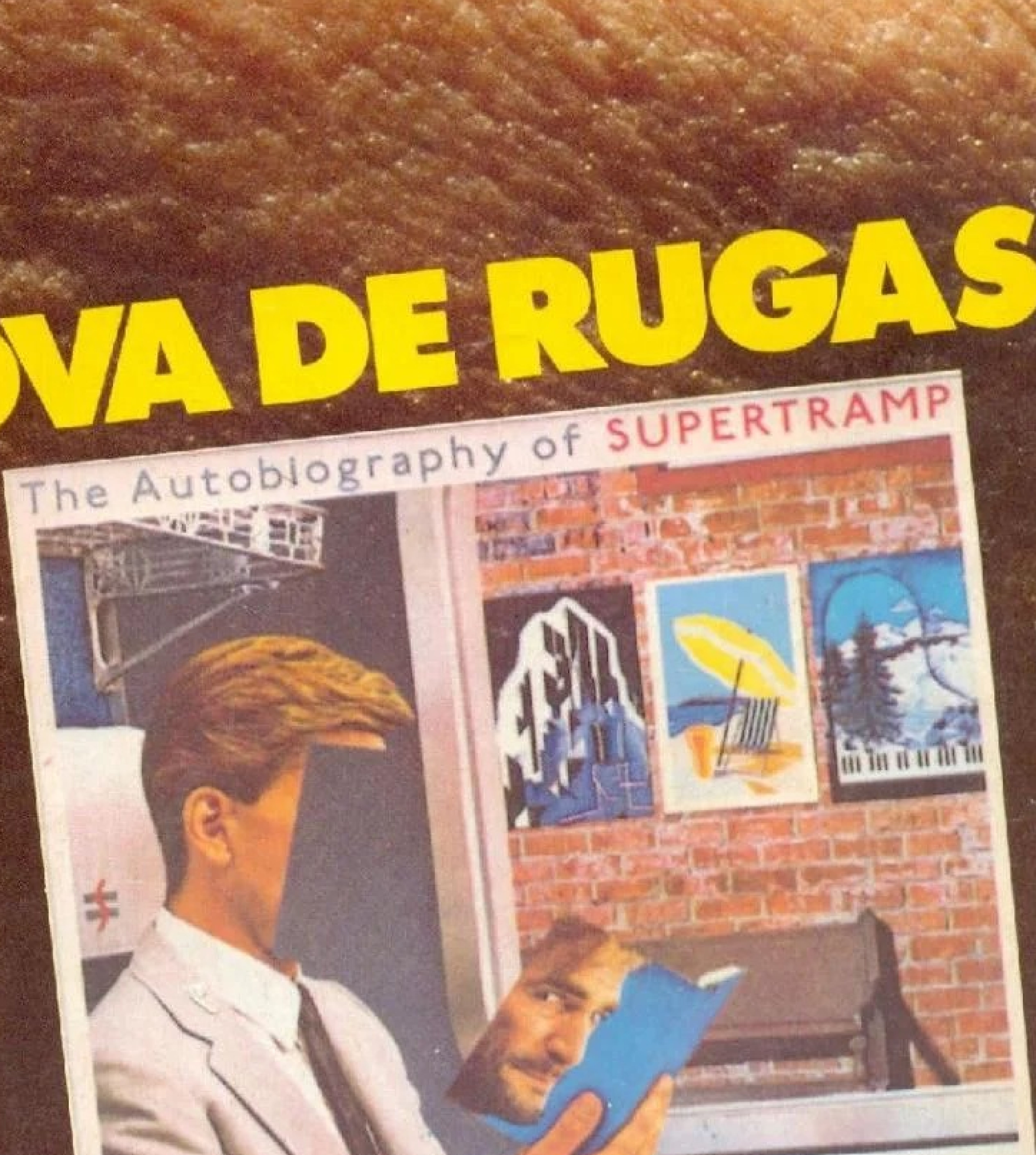
JOHN e YOKO



John e Yoko posaram para a *Rolling Stone* na tarde de 9 de dezembro de 1980. Na noite do mesmo dia, Lennon estava morto

SÓ SE FOR A 2
CAZUZA
SÓ SE FOR A 2 não é só um disco romântico. Traz no título e na ideologia o único modelo de relação humana que deu certo: a relação a 2. Mas imagine ainda tudo o que pode ser isto, cantado/vomitado com ironia, com deboche, com a inquietação de CAZUZA. Com sua dinamite poética. Imaginou? Mas SÓ SE FOR A 2.
Em disco e fita
PolyGram

À PROVA DE RUGAS



O *Supertramp* nasceu para ser eterno.
A prova disso são as 11 faixas do Lp *The Autobiography* que está chegando às lojas no Brasil.
Reunir os melhores momentos de uma banda que só tem grandes momentos foi uma tarefa árdua, mas não impossível.

PolyGram